

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

PARTE UM

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

PARTE UM

1

Lolita, luz da minha vida, fogo da minha carne. Minha alma, meu pecado. Lo-li-ta: a ponta da língua toca em três pontos consecutivos do palato para encostar, ao três, nos dentes. Lo. Li. Ta.

Ela era Lo, apenas Lo, pela manhã, um metro e quarenta e cinco de altura e um pé de meia só. Era Lola de calças compridas. Era Dolly na escola. Dolores na linha pontilhada. Mas nos meus braços sempre foi Lolita.

Teve uma precursora? Sim, admito que sim. A bem da verdade, não poderia ter havido Lolita se eu não tivesse amado, num verão, uma certa menina inicial. Num principado à beira-mar. Ah, quando? Mais ou menos o mesmo número de anos antes do nascimento de Lolita que assinalavam minha idade naquele verão. Sempre se pode contar com um homicida para uma prosa de estilo rebuscado.

Senhoras e senhores do júri, a prova número um é aquilo que os serafins, os próprios serafins desinformados e simplórios com suas asas preciosas, invejaram. Contemplai esse emaranhado de espinhos.

2

Nasci em 1910, em Paris. Meu pai era um homem gentil e cordial, uma salada de genes raciais: cidadão suíço, descendente de franceses e austríacos, com uma boa dose do Danúbio nas veias. Dentro de mais um minuto passarei para os senhores alguns lindos cartões-postais de um azul lustroso. Ele possuía um luxuoso hotel na Riviera. Seu pai e os pais dos seus pais vendiam vinho, joias e seda, respectivamente. Aos trinta anos ele se casou com uma jovem inglesa, filha de um certo Jerome Dunn, alpinista, e neta de dois párocos de Dorset, ambos especialistas em disciplinas herméticas — paleopedologia e harpas eólicas, respectivamente. Minha mãe muito fotogênica morreu num acidente aberrante (piquenique, raio) quando eu tinha três anos, e, além de um bolsão muito vago de calor no

passado mais obscuro, nada mais subsiste dela nos desvãos e fossos da memória, sobre os quais, se ainda suportam meu estilo (escrevo sob vigilância), o sol da minha primeira infância se pusera: decerto todos conhecem esses restos redolentes do dia que pairam suspensos, com os mosquitos diminutos, em torno de alguma sebe florida que o andarilho errante penetra e atravessa bruscamente, ao pé de uma colina, num fim de tarde de verão; um calor de pelagem, mosquitos de ouro.

A irmã mais velha da minha mãe, Sybil, que um primo de meu pai desposara e depois abandonara, servia na minha família imediata como uma espécie de zeladora e governanta sem paga. Alguém me contou mais tarde que ela fora apaixonada por meu pai, e que ele se dera à leviandade de aproveitar-se dela num dia de chuva e esquecer-se de tudo assim que o tempo melhorou. Eu gostava extraordinariamente dela, apesar do rigor — o rigor fatal — de algumas das suas regras. Talvez ela pretendesse fazer de mim, com o passar do tempo, um viúvo melhor que meu pai. Tia Sybil tinha os olhos azul-celeste orlados de um cor-de-rosa intenso, e um rosto de cera. Compunha poesia. Era poeticamente supersticiosa. Dizia saber que iria morrer pouco depois do meu décimo sexto aniversário, e de fato morreu. Seu marido, um grande caixeiro-viajante de perfumes, passava o tempo quase todo nos Estados Unidos, onde acabou fundando uma empresa e adquirindo alguns imóveis.

Cresci, menino satisfeito e saudável, num mundo muito claro de livros ilustrados, areia limpa, laranjeiras, cães amigos, vista para o mar e rostos sorridentes. À minha volta, o esplêndido Hotel Mirana girava numa espécie de universo à parte, um cosmo pintado de branco dentro de um cosmo azul mais vasto que resplandecia à sua volta. Das polidoras de panelas em seus aventais aos potentados vestidos de flanela, todos gostavam de mim, todos me mimavam. Idosas senhoras americanas apoiadas em suas bengalas pendiam na minha direção como torres de Pisa. Arruinadas princesas russas que não podiam pagar meu pai compravam-me bombons dispendiosos. Ele, *mon cher petit papa*, me levava para velejar e pedalar, ensinou-me a nadar, a mergulhar e andar de esqui aquático, leu para mim *Don Quixote* e *Les Misérables*, e eu o venerava e respeitava, e orgulhava-me dele toda vez que entreouvia os comentários dos criados sobre as várias senhoras suas amigas, criaturas lindas e dadivosas que me tinham em alta conta e regavam com preciosas lágrimas minha alegre falta de mãe.

Frequentei um externato inglês a poucos quilômetros de casa, onde jogava raquete e *fives*, tirava notas excelentes e vivia em perfeitos termos de entendimento com colegas e professores. As únicas ocorrências claramente sexuais de que me lembro antes do meu décimo terceiro aniversário (isto é, antes de ver pela primeira vez minha pequena Annabel) foram: uma conversa solene, decorosa e puramente teórica sobre as surpresas da puberdade no roseiral da escola com um menino americano, filho de uma atriz cinematográfica célebre na época, que ele raramente via no mundo tridimensional, e certas reações interessantes da parte do meu organismo a determinadas fotografias, pérola e umbra, com infinitas aberturas macias, no suntuoso livro *La beauté humaine*, de Pichon, que eu subtraíra quando servia de base a uma pilha de *Graphics* de encadernação marmorizada na biblioteca do hotel. Mais tarde, com sua encantadora atitude cortês, meu pai me deu toda a informação que julgava ser-me necessária sobre o sexo; e isto pouco antes de me enviar, no outono de 1923, para um *lycée* em Lyon (onde passaríamos três invernos); mas infelizmente, no verão daquele ano, ele percorria a Itália na companhia de Mme. de R. e a filha desta, e eu não tinha ninguém a quem pudesse me queixar, ninguém que pudesse consultar.

3

Annabel era, como o autor, de origem mista: meio inglesa e meio holandesa, no caso dela. Lembro-me dos seus traços muito menos distintamente hoje do que alguns anos atrás, antes de ter conhecido Lolita. Existem dois tipos de memória visual: um em que recriamos com a máxima perícia uma imagem no laboratório da nossa mente, mantendo os olhos bem abertos (e aqui vejo Annabel em termos bem gerais, como: “pele cor de mel”, “braços finos”, “cabelo castanho cacheado”, “cílios longos”, “grande boca clara”); e outro em que evocamos instantaneamente, de olhos cerrados, no forro escuro das pálpebras, a réplica objetiva e opticamente fiel de um rosto amado, um pequeno fantasma em cores naturais (e é assim que vejo Lolita).

Permitam então que, ao descrever Annabel, eu me limite meticulosamente a dizer que era uma criança adorável poucos meses mais nova que eu. Seus pais eram velhos amigos da minha tia, e tão aborrecidos

quanto ela. Alugavam uma *villa* a pouca distância do Hotel Mirana. O sr. Leigh, calvo e bronzeado, e a gorda e empoada sra. Leigh (*née* Vanessa van Ness). Como eu detestava os dois! No começo, Annabel e eu conversávamos sobre questões periféricas. Ela recolhia repetidos punhados de areia fina que deixava escorrer entre os dedos. Nossos cérebros tinham a mesma orientação dos pré-adolescentes europeus inteligentes das nossas época e origem, e não acho que se deva atribuir muito brilho individual ao nosso interesse pela pluralidade de mundos habitados, as competições de tênis, a infinitude, o solipsismo e assim por diante. A maciez e a fragilidade dos filhotes de qualquer animal nos causavam a mesma dor intensa. Ela queria ser enfermeira em algum país asiático assolado pela fome; eu, um espião famoso.

De uma hora para outra, descobrimo-nos loucamente, desajeitadamente, desavergonhadamente, torturantemente apaixonados um pelo outro; e inutilmente, devo acrescentar, porque aquele frenesi de posse mútua só poderia ter sido mitigado com o efetivo consumo recíproco e a assimilação de cada partícula da alma e da carne do outro; mas lá estávamos nós, incapazes sequer de nos acasarmos como as crianças dos cortiços logo teriam encontrado uma oportunidade de fazer. Depois de uma louca tentativa de encontro noturno no seu jardim (da qual falarei mais adiante), a única privacidade que nos era consentida era mantermo-nos fora do alcance dos ouvidos, mas não das vistas, na parte mais populosa da *plage*. Ali, na areia macia, a poucos metros dos adultos, passávamos as manhãs inteiras esparramados num paroxismo petrificado de desejo, aproveitando cada bendito desvio no espaço e no tempo para tocar-nos; a mão dela, semiculta na areia, arrastava-se lenta na minha direção, seus dedos finos e morenos num avanço de sonâmbulo cada vez mais próximo; então, seu joelho opalescente iniciava uma longa e cautelosa jornada; às vezes, um muro ocasional construído por crianças menores nos ocultava o suficiente para roçarmos os lábios salgados do outro; esses contatos incompletos levavam nossos corpos saudáveis e inexperientes a tal estado de exasperação que nem mesmo a água azul e fria, debaixo de cuja superfície ainda tentávamos agarrar-nos, conseguia nos trazer algum alívio.

Entre alguns tesouros que perdi nas peregrinações da minha vida adulta, estava um instantâneo tirado por minha tia mostrando Annabel, seus pais e o cavalheiro solene, idoso e manco, um certo dr. Cooper, que naquele

mesmo verão cortejava minha tia, reunidos em torno da mesa de um café de calçada. Annabel não saiu muito bem, surpreendida ao debruçar-se sobre seu *chocolat glacé*, e seus magros ombros nus e o repartido de seu cabelo eram mais ou menos tudo que se podia identificar (pelo que me lembro da foto) em meio ao borrão ensolarado no qual se esbatia sua beleza perdida; mas eu, sentado um tanto à parte dos demais, apareço na foto com uma conspicuidade um tanto dramática: um menino sorumbático de testa proeminente, vestindo uma camisa esporte escura e calças curtas claras bem cortadas, com as pernas cruzadas, sentado de perfil, olhando para a distância. Essa fotografia foi tirada no último dia do nosso verão fatídico, a poucos minutos apenas de fazermos nossa segunda e derradeira tentativa de contrariar o destino. Com o mais precário dos pretextos (era nossa última chance, e nada mais importava muito), fugimos do café para a praia, encontramos um trecho isolado de areia, e lá, à sombra violácea de penhascos avermelhados que formavam uma espécie de gruta, tivemos uma breve sessão de carícias ávidas, tendo por única testemunha um par de óculos escuros que alguém perdera. Eu estava de joelhos, e a ponto de possuir minha amada, quando dois banhistas barbados, o velho do mar e seu irmão, emergiram do oceano com exclamações de estímulo devasso, e quatro meses mais tarde ela morreu de tifo em Corfu.

4

Folheio e torno a folhear estas memórias desoladas, e sempre me pergunto se terá sido então, na cintilação desse verão remoto, que essa falha em minha vida se abriu; ou terá sido meu desejo excessivo por essa criança só a primeira manifestação de uma singularidade constitutiva? Quando tento analisar minhas ânsias, motivações, atitudes e assim por diante, rendo-me a uma espécie de imaginação retrospectiva que alimenta a faculdade analítica com alternativas ilimitadas e faz com que cada rota visualizada se bifurque e torne a bifurcar-se infundavelmente no panorama complexo e enlouquecedor do meu passado. Estou convencido, porém, de que de algum modo mágico e fatídico Lolita começou com Annabel.

Sei também que o choque da morte de Annabel, consolidando a frustração daquele verão de pesadelo, transformou-o num obstáculo

permanente a qualquer outro romance por todos os frios anos da minha juventude. O espiritual e o físico tinham-se mesclado em nós com uma perfeição que não há como explicar para os jovens de hoje, tão crus e prosaicos com seus cérebros padronizados. Muito depois da sua morte eu ainda sentia os pensamentos dela flutuando através dos meus. Muito antes de nos encontrarmos já tínhamos sonhos iguais. Comparamos nossas histórias e ideias. Descobrimos estranhas afinidades. No mesmo mês de junho do mesmo ano (1919), um canário extraviado entrara batendo as asas na casa dela e na minha, em dois países muito distantes. Ah, Lolita, se você tivesse me amado assim!

Reservei para a conclusão da minha fase “annabelina” o relato do nosso primeiro encontro frustrado. Uma noite, ela conseguiu evitar a viciosa vigilância da sua família. Numa nervosa vereda nos fundos da sua *villa*, em meio às delgadas folhas de um canteiro de mimosas, encontramos um apoio nas ruínas de um muro baixo de pedra. Através da escuridão e das ternas árvores víamos os arabescos de janelas acesas que, retocadas pelas tintas multicores da memória sensitiva, hoje me aparecem como cartas de baralho — possivelmente por ser um jogo de *bridge* que mantinha o inimigo entretido. Ela tremia e se retorcia enquanto eu beijava o canto de seus lábios separados e o lóbulo quente da sua orelha. Um aglomerado de estrelas brilhava fraco acima de nós, por entre as silhuetas de folhas longas e estreitas; aquele céu vibrante parecia tão nu quanto ela por baixo de sua leve camisola. Eu via o rosto dela no céu, estranhamente nítido, como se ele emitisse um tênue fulgor próprio. Suas pernas, suas pernas ágeis e adoráveis, não estavam muito cerradas, e quando minha mão localizou o que buscava, uma expressão sonhadora e misteriosa, em parte prazer e em parte dor, apoderou-se daqueles traços infantis. Ela estava sentada num ponto mais alto que eu, e sempre que em seu êxtase solitário era levada a me beijar, sua cabeça se inclinava com um movimento descendente sonolento e suave que era quase pesaroso, seus joelhos nus capturavam e comprimiam meu pulso, depois tornavam a afrouxar-se; e sua boca fremente, distorcida pela acrimônia de alguma poção misteriosa, com uma súbita aspiração sibilante aproximava-se da minha face. Ela se empenhou em aliviar a dor do amor primeiro friccionando com força seus lábios secos contra os meus; em seguida, minha querida se afastou jogando nervosa os cabelos para trás e logo se aproximou de novo na sombra deixando que eu

me alimentasse em sua boca aberta, enquanto com uma generosidade pronta a oferecer-lhe tudo, meu coração, minha garganta, minhas entranhas, entreguei-lhe para segurar no punho desajeitado o cetro da minha paixão.

Lembro-me do aroma de algum tipo de talco ou pó cosmético — que ela deve ter roubado da criada espanhola da mãe —, um perfume adocicado, vulgar, almiscarado. Mesclou-se ao cheiro de biscoito que lhe era próprio, e de repente meus sentidos ficaram repletos até a borda; uma comoção repentina num arbusto próximo impediu que extravasassem — e enquanto nos afastávamos um do outro, tentando divisar com as veias doloridas o que deve ter sido um gato à ronda, ergueu-se da casa dela a voz de sua mãe que a chamava, com um tom de crescente desvario — e o dr. Cooper desceu ao jardim mancando com gravidade. Mas aquele canteiro de mimosas, a névoa de estrelas, o zunido, a chama, o orvalho e a dor permaneceram comigo, e aquela menina com seus braços e pernas praianos e sua língua ardente assombrou-me desde então — até que finalmente, vinte e quatro anos mais tarde, quebrei seu feitiço ao encarná-la numa outra.

5

Os dias da minha juventude, sempre que os rememoro, parecem afastar-se de mim num alvoroço aéreo de raspas pálidas e repetitivas, como essas nevascas matinais de papel usado que um passageiro de trem vê erguerem-se no ar em rodopios no rastro do último vagão. Nas minhas relações sanitárias com mulheres eu era pragmático, irônico e vivaz. Ainda estudante universitário, em Londres e Paris, mulheres pagas me bastavam. Meus estudos foram meticulosos e intensos, embora não especialmente frutíferos. Num primeiro momento, cogitei obter um diploma em psiquiatria como ocorre a tantos talentos *manqués*; entretanto, eu era mais *manqué* ainda; uma exaustão peculiar, doutor, sinto-me tão oprimido, tomou conta; e mudei para literatura inglesa, onde tantos poetas frustrados terminam professores de *tweed* a fumar seus cachimbos. Paris me convinha. Eu discutia filmes soviéticos com os expatriados russos. Sentava-me com os uranistas no Deux Magots. Publicava ensaios tortuosos em revistas obscuras. Compunha pastiches:

...Fräulein von Kulp
pode aparecer, com a mão na porta;
Não a seguirei. Nem Fresca. Nem
aquela Gaivota.

Um artigo meu, intitulado “O tema proustiano numa carta de Keats a Benjamin Bailey”, suscitou risinhos abafados dos seis ou sete estudiosos que o leram. Empreendi uma *Histoire abrégée de la poésie anglaise* para uma proeminente casa editorial, e em seguida comecei a compilar o manual de literatura francesa para estudantes de língua inglesa (com comparações retiradas de escritores ingleses) que me ocuparia ao longo de toda a década de quarenta — e cujo derradeiro volume estava quase pronto para o prelo no momento em que fui preso.

Encontrei um emprego — ensinar inglês para um grupo de adultos em Auteuil. Em seguida, uma escola para rapazes contratou-me por alguns invernos. De tempos em tempos eu lançava mão do conhecimento que travara com assistentes sociais e psicoterapeutas para visitar na companhia deles diversas instituições, como orfanatos e reformatórios, onde era possível contemplar pré-adolescentes pálidas de cílios embaraçados na mais absoluta impunidade, semelhante à que desfrutamos em sonhos.

Agora quero apresentar a seguinte ideia. Entre os nove e os catorze anos de idade, ocorrem donzelas que, a certos viajantes enfeitiçados, duas ou muitas vezes mais velhos do que elas, revelam sua verdadeira natureza que não é humana, mas nínfica (isto é, demoníaca); e essas criaturas predestinadas proponho designar como “ninfetas”.

Deve-se notar que emprego termos temporais, e não espaciais. Na verdade, prefiro que o leitor visualize “nove” e “catorze” como os limites — duas praias espelhadas, com seus rochedos cor-de-rosa — de uma ilha encantada infestada dessas minhas ninfetas, tendo a toda volta um mar, vasto e nebuloso. Entre esses dois marcos etários, todas as meninas serão ninfetas? Claro que não. De outro modo, nós que conhecemos o segredo, os viajantes solitários, os adeptos da ninfoleptose, teríamos todos enlouquecido há muito tempo. A beleza tampouco é um critério; e a vulgaridade, ou pelo menos o que alguma comunidade definir assim, não prejudica necessariamente certas características misteriosas, a graça fatal, o sortilégio indefinível, volúvel, dilacerante e insidioso que distingue as ninfetas das suas coetâneas, que dependem incomparavelmente mais do mundo espacial

dos fenômenos sincrônicos que daquela ilha intangível do tempo em transe onde Lolita brinca com suas iguais. Dentro dos mesmos limites de idade, o número de ninfetas autênticas é marcadamente inferior ao das garotas essencialmente humanas — transitoriamente feias ou simplesmente simpáticas, ou “bonitinhas”, ou até “meigas” e “atraentes”, meninas comuns, um pouco cheias de corpo, sem formas e de pele fria, com suas barriguinhas e tranças curtas — que podem ou não transformar-se em adultas de grande beleza (basta ver as garotas feias e socadas, de meias pretas e chapéu branco, que se metamorfoseiam em estonteantes estrelas do cinema). Um homem normal a quem se entregue a foto de uma turma de meninas de escola ou um grupo de bandeirantes, pedindo-lhe que aponte a mais bonita, não irá necessariamente destacar a ninfeta. Você precisa ser um artista e um louco, uma criatura de infinita melancolia, com uma bolha de veneno escaldante no baixo-ventre e uma chama de volúpia extrema sempre ardendo em sua espinha sutil (ah, como precisa encolher-se e se esconder!), para discernir de imediato, por sinais inefáveis — o contorno ligeiramente felino do malar, a magreza de uma perna ou um braço cobertos de penugem e outras indicações que o desespero, a vergonha e o pranto enternecido me impossibilitam de tabular —, o pequeno demônio mortífero misturado às crianças sadias; *ela* não é reconhecida pelas demais, e tampouco tem consciência do seu fantástico poder.

Além disso, já que a ideia de tempo desempenha papel tão mágico na questão, o pesquisador não deve surpreender-se ao descobrir que precisa haver uma lacuna de muitos anos, nunca menos de dez, eu diria, geralmente trinta ou quarenta, até noventa em raros casos, entre donzela e homem para que este possa ser vitimado pelo feitiço de uma ninfeta. É uma questão de ajuste focal, de uma certa distância que o olho interior anseia por superar, e um certo contraste que a mente percebe com um arquejo de prazer perverso. Quando eu era menino e ela menina, minha pequena Annabel não era uma ninfeta para mim; eu era seu igual, eu próprio por minha vez um fauneto, habitante daquela mesma encantada ilha do tempo; mas hoje, em setembro de 1952, transcorridos vinte e nove anos, creio poder distinguir nela a primeira entidade fatídica da minha vida. Nós nos amávamos com um amor prematuro, marcado por uma ferocidade que muitas vezes destrói vidas adultas. Eu era um menino forte e sobrevivi; mas o veneno ficou na ferida, e a ferida sempre aberta, e logo me descobri amadurecendo no seio de uma

civilização que admite um homem de vinte e cinco anos cortejar uma garota de dezesseis, mas não uma menina de doze.

Não admira, então, que minha vida adulta, no período europeu de minha existência, tenha sido de uma duplicidade monstruosa. Até onde se podia ver, eu mantinha relações supostamente normais com uma série de mulheres terrestres dotadas de peras ou abóboras no lugar dos seios; internamente, era consumido por uma fornalha infernal de luxúria localizada, despertada por cada ninfeta que passava e que eu, poltrão respeitador das leis, jamais me atrevia a abordar. As fêmeas humanas que me era permitido manusear não passavam de paliativos. Tendo a acreditar que as sensações que a fornicção natural me rendia eram praticamente as mesmas conhecidas pelos machos normais adultos que se acasalam com suas parceiras normais adultas naquele ritmo rotineiro que mantém o mundo em seu balanço. O problema é que esses cavalheiros jamais tiveram, mas eu *sim*, qualquer vislumbre de uma bem-aventurança incomparavelmente mais pungente. O mais descorado dos meus sonhos polutivos era mil vezes mais deslumbrante que todos os adultérios que o mais viril dos escritores de gênio ou o mais talentoso dos impotentes pudesse imaginar. Meu mundo era partido em dois. Eu percebia não um, mas dois sexos, nenhum dos quais era o meu; ambos seriam rotulados de femininos pelo anatomista. Mas para mim, através do prisma dos meus sentidos, “eram tão diferentes quanto a nave e a névoa”. Tudo isso racionalizo agora. Quando tinha vinte ou trinta e poucos anos, não entendia meus tormentos com a mesma clareza. Enquanto meu corpo sabia o que desejava, minha mente rejeitava cada apelo do corpo. Num momento eu estava acabrunhado pela vergonha e o medo, no seguinte era tomado por um intrépido otimismo. Os tabus me estrangulavam. Psicanalistas me acenavam com a pseudoliberação da pseudolibido. O fato de que para mim os únicos objetos de trepidação amorosa fossem as irmãs de Annabel, suas pequenas aias ou damas de companhia parecia-me às vezes um prenúncio da insanidade. Noutros momentos, eu me dizia que tudo era uma questão de atitude, que na verdade não havia nada de errado em ser afetado à loucura por garotinhas. Devo lembrar ao leitor que na Inglaterra, com a aprovação da Lei da Criança e do Jovem em 1933, o termo “menina” é definido como “criança acima de oito mas com menos de catorze anos” (depois disso, dos catorze aos dezessete, a definição formal é “jovem”). Em Massachusetts,

nos Estados Unidos, por outro lado, uma “criança desencaminhada” é, tecnicamente, aquela que tem “entre sete e dezessete anos de idade” (e que, além disso, costuma privar com pessoas viciosas ou imorais). Hugh Broughton, polêmico escritor da época em que reinava Jaime I, provou que Raab já era uma prostituta aos dez anos de idade. Tudo muito interessante, e imagino que vocês já me vejam com a boca espumando, entregue a um acesso; mas não, não estou; limito-me a enumerar pensamentos felizes que recolho tilintantes numa taça. E eis mais algumas imagens. Eis Virgílio, que podia a ninfeta louvar em seu canto mas preferia possivelmente um períneo de menino. Eis duas das filhas pré-núbeis do Nilo, geradas pelo Rei Akhenaton e a Rainha Nefertiti (casal real que teve uma ninhada de seis), vestindo apenas vários colares de contas reluzentes, reclinadas em almofadas, intactas ao final de três mil anos, com seus corpos imaturos macios e castanhos, seus cabelos aparados e seus oblongos olhos de ébano. Eis aqui algumas noivas de dez anos compelidas a sentar-se no *fascinum*, o marfim viril dos templos da erudição clássica. O casamento e a coabitação anteriores à puberdade continuam a não ser incomuns em certas províncias das Índias Orientais. Velhos de oitenta anos do povo lepcha copulam com meninas de oito, e ninguém se importa. Afinal, Dante apaixonou-se loucamente por sua Beatriz quando ela tinha nove anos, uma menininha exuberante, pintada, adorável e coberta de joias, num vestido carmesim, e isso ocorreu em 1274, em Florença, num festim particular no ditoso mês de maio. E quando Petrarca se apaixonou loucamente por sua pequena Laura, ela era uma ninfeta loura de doze anos que corria contra o vento, no pólen e na poeira, uma flor em fuga, na linda planície que se divisa das colinas de Vaucluse.

Mas sejamos comedidos e civilizados. Humbert Humbert fez o possível para comportar-se bem. E é verdade que realmente tentou. Tinha o maior respeito pelas crianças comuns, com sua pureza e vulnerabilidade, e em circunstância nenhuma teria interferido com a inocência de uma se houvesse o mínimo risco de tumulto. Mas como seu coração batia quando, em meio à aglomeração de inocentes, divisava uma criança demoníaca, “*enfant charmante et fourbe*”, olhos turvos, lábios cintilantes, dez anos de cadeia se você apenas deixasse claro que olhava para ela. E assim seguia a vida. Humbert era perfeitamente capaz de relações carnis com Eva, mas era Lilith que ele desejava. O estágio inicial do desenvolvimento dos seios

aparece cedo (aos 10,7 anos) na sequência das mudanças somáticas que acompanham a puberdade. E o item seguinte na maturação é o surgimento de pelos pubianos pigmentados (11,2 anos). Minha taça está repleta de pensamentos tilintantes.

Um naufrágio. Um atol. A sós com a filha de um passageiro afogado, sacudida por calafrios. Querida, estamos só brincando! Como eram maravilhosas as aventuras que eu imaginava, enquanto fingia, sentado num duro banco de parque, estar imerso nas páginas trêmulas de um livro. Em torno do estudioso circunspecto, ninfetas brincavam à vontade, como se ele fosse uma estátua conhecida ou parte da sombra e do esplendor de uma velha árvore. Certa vez, uma pequena beldade perfeita de saia xadrez apoiou com estrépito a pesada blindagem do seu pé no banco, bem a meu lado, para afundar em mim seus braços delgados e nus e apertar a correia dos seus patins, e me dissolvi ao sol, com meu livro por folha de parreira, enquanto seus cachos acobreados despejavam-se sobre o joelho esfolado, e a sombra das folhas que eu compartilhava pulsava e se derretia em seu braço radioso bem ao lado do meu queixo de camaleão. Outra vez, uma escolar ruiva segurou-se na alça diante de mim no *métro*, e a ferruginosa revelação axilar que captei permaneceu no meu sangue por semanas. Eu poderia enumerar um grande número desses diminutos romances unilaterais. Alguns deles terminavam com um intenso sabor de inferno. Ocorreu-me por exemplo vislumbrar da minha sacada uma janela acesa do outro lado da rua e o que me pareceu uma ninfeta no ato de despir-se à frente de um providencial espelho. Assim isolada, assim remota, essa visão adquiriu um encanto especialmente agudo que me fez sair a toda velocidade em busca de gratificação solitária. Mas abruptamente, demoniacamente, o tenro relance de nudez que me despertara tanta adoração transformou-se no repulsivo braço nu de um homem de roupa de baixo lendo seu jornal à luz de um abajur junto à janela aberta numa noite quente, úmida e inútil de verão.

Pulando corda, jogando amarelinha. A velha senhora de negro que se sentou a meu lado em meu banco, o cavalete onde me torturavam minhas alegrias (uma ninfeta tateava abaixo de mim atrás de uma bola de gude perdida), e me perguntou se eu estava com dor de estômago, a megera insolente. Ah, deixem-me em paz no meu parque pubescente, meu jardim

de musgos. Deixem-nas brincar à minha volta para sempre. Não cresçam jamais.

6

A propósito: muitas vezes me perguntei o que era feito dessas ninfetas mais tarde. Neste férreo mundo em que causas e efeitos se entrecruzam, não poderia a palpitação oculta que eu lhes roubava afetar o futuro delas? Eu a possuía — e ela nunca soube. Está certo. Mas isso não se revelaria em algum momento posterior? Será que de algum modo eu não interferira no destino *delas* ao envolver sua imagem em minha *voluptas*? Ah, isso era, e continua a ser, fonte de intensas e terríveis cogitações.

Aprendi, entretanto, o que ocorria com a aparência delas, essas ninfetas adoráveis e enlouquecedoras de braços finos, quando cresciam. Lembro que caminhava por uma rua movimentada numa tarde cinzenta de primavera, nas proximidades da Madeleine. Uma garota baixa e esguia passou por mim num passo lépido e acelerado de salto alto, olhamos para trás ao mesmo tempo, ela parou e eu a abordei. Ela mal chegava à altura dos pelos do meu peito, e tinha o tipo de rostinho redondo com covinhas tão frequente entre as garotas francesas, e gostei dos seus cílios compridos e do vestido justo sob medida e bem cortado que embainhava de cinza-pérola seu jovem corpo que ainda conservava — e foi esse o eco nínfico, o estremecimento de delícia, o tranco em minha carne — algo de infantil mesclado ao *frétillement* profissional de suas ancas pequenas e ágeis. Perguntei seu preço, e ela respondeu de pronto, com melodiosa precisão argêntea (um pássaro, um passarinho!), “*Cent*”. Tentei regatear mas ela viu o tremendo desejo represado e solitário nos meus olhos baixos, tão abaixados para fitar sua testa redonda e seu chapeuzinho rudimentar (uma faixa, um ramalhete); e com um único batimento dos cílios: “*Tant pis*”, disse ela, e fez menção de seguir em frente. Talvez apenas três anos antes eu pudesse tê-la visto voltando da escola para casa! E essa evocação resolveu o negócio. Ela me conduziu pela estreita escada de sempre, com a campainha de sempre abrindo caminho para o *monsieur* que podia não querer deparar-se com outro *monsieur* naquela triste ascensão ao quarto abjeto, só cama e *bidet*. Como de costume, ela pediu logo seu *petit cadeau*, e como de costume eu

perguntei seu nome (Monique) e idade (dezoito). Eu já conhecia os modos banais das mulheres da rua. Todas respondem “*dix-huit*” — um breve gorjeio, uma nota de finalidade e logro tristonho que podem emitir dez vezes por dia, as pobres criaturinhas. Mas no caso de Monique não podia haver dúvida de que ela, pelo contrário, devia estar acrescentando um ou dois anos à sua idade. E isto deduzi de muitos detalhes de seu corpo compacto, bem-feito e curiosamente imaturo. Tendo-se despojado de suas roupas com fascinante rapidez, ela esperou um instante parcialmente envolvida na gaze exígua da cortina da janela ouvindo com um prazer infantil, e mais oportunamente ele não podia ter surgido, um realejo que soava no pátio interno coberto de poeira. Quando examinei suas mãos pequeninas e chamei sua atenção para as unhas encardidas, ela respondeu com um franzido ingênuo do rosto “*Oui, ce n’est pas bien*”, e dirigiu-se para a pia, mas eu disse que não tinha importância, não tinha importância alguma. Com seus cacheados cabelos castanhos, os luminosos olhos cinzentos e a pele muito clara, parecia-me perfeitamente encantadora. Seus quadris não eram mais largos que os de um moleque acorçado; na verdade, não hesito em dizer (e este é o real motivo pelo qual me demoro com a pequena Monique, agradecido, nesse quatinho da memória guarnecido de gaze) que, dentre as cerca de oitenta *grues* que deixei operarem sobre mim, ela foi a única que me proporcionou um espasmo de prazer genuíno. “*Il était malin, celui qui a inventé ce truc-là*”, comentou ela em tom amistoso, e reingressou em suas roupas com a mesma graciosa velocidade.

Quis marcar um encontro mais elaborado para a mesma noite, ela disse que estaria à minha espera no café da esquina às nove e jurou que jamais tinha *posé un lapin* em toda sua jovem existência. Voltamos ao mesmo quarto, e não pude me impedir de dizer-lhe o quanto era bonita, ao que ela me respondeu recatada: “*Tu es bien gentil de dire ça*” e então, percebendo o que eu também percebi no espelho que refletia nosso pequeno Éden — o horrendo esgar de ternura e dentes cerrados que deformava minha boca —, a aplicada e miúda Monique (ah, ela tinha sido mesmo uma ninfeta!) quis saber se devia remover o vermelho dos lábios *avant qu’on se couche*, para o caso de eu pretender beijá-la. Claro que eu pretendia. Abandonei-me mais completamente com Monique que com qualquer outra jovem antes dela, e minha última visão dela naquela noite, Monique dos longos cílios, vem temperada de uma jovialidade que raramente associo a qualquer ocorrência

da minha humilhante, sórdida e taciturna vida amorosa. Ela se mostrou tremendamente satisfeita com o bônus de cinquenta que lhe dei enquanto saía saltitante pela noite chuvosa de abril com Humbert Humbert arrastando-se em seu exíguo rastro. Parando diante de uma vitrine, ela declarou com grande entusiasmo: “*Je vais m’acheter des bas!*”, e jamais irei esquecer a maneira como seus lábios parisienses de menina explodiram em “*bas*”, pronunciando a palavra com um apetite que quase transformou o “a” no ribombo breve e brutal de um “o” fechado como em “*bot*”.

Tive um encontro com ela no dia seguinte às duas e quinze da tarde em meus próprios aposentos, só que menos bem-sucedido, ela parecia ter-se tornado menos juvenil, mais mulher de um dia para o outro. Um resfriado que peguei dela me levou a cancelar um quarto encontro, mas não deplorei ter interrompido uma série emocional que ameaçava sobrecarregar-me de fantasias dilacerantes e depois desfazer-se em tediosa decepção. Deixemos então que permaneça a esbelta e esguia Monique que foi por um ou dois minutos: uma ninfeta delinquente cujo brilho se deixava perceber através da jovem prostituta trivial.

Meu breve contato com ela iniciou um encadeamento de ideias que pode parecer bastante óbvio ao leitor que entende do riscado. Um anúncio numa revista pornográfica levou-me, num dia de bravura, à sala de uma certa Mlle. Edith, que começou me propondo a escolha de uma alma irmã a partir de uma coleção de fotografias bastante formais reunidas num álbum muito manchado (“*Regardez-moi cette belle brune!*”). Quando empurrei o álbum para a frente e consegui revelar-lhe de algum modo meus desejos criminosos, ela pareceu ter ficado a ponto de pôr-me para fora; entretanto, depois de perguntar-me que preço eu me dispunha a desembolsar, admitiu pôr-me em contato com uma pessoa *qui pourrait arranger la chose*. No dia seguinte, uma mulher asmática, o rosto coberto por maquilagem grosseira, cheirando a alho e muito loquaz com um sotaque provençal quase farsesco e um bigode negro sobre um lábio arroxeadado, levou-me até o que parecia ser seu próprio domicílio e lá, depois de um beijo explosivo nas pontas reunidas de seus dedos gordos para assinalar a deleitável qualidade de botão de sua mercadoria, afastou teatralmente uma cortina para revelar o que julguei ser a parte do aposento onde uma família extensa e pouco exigente costumava dormir. Naquele momento estava vazia, salvo por uma rapariga de pelo menos uns quinze anos monstruosamente gorda, descorada e de

uma feiura repulsiva, com grossas tranças negras amarradas por fitas vermelhas, sentada numa poltrona fingindo acalentar uma boneca sem cabelos. Quando sacudi a cabeça e tentei desvencilhar-me da armadilha, a mulher, falando muito depressa, começou a remover o surrado suéter de lã que cobria o torso da jovem gigante; e então, vendo a minha determinação em partir, exigiu *son argent*. Uma porta na extremidade do cômodo se abriu, e dois homens que jantavam na cozinha se juntaram ao tumulto. Tinham o corpo malformado e eram muito morenos, traziam os colarinhos abertos e um deles usava óculos escuros. Atrás deles apareceram um menino pequeno e um bebê que mal andava, com as pernas tortas e o nariz escorrendo. Com a lógica insolente de um pesadelo, a proxeneta enraivecida, indicando o homem de óculos, declarou que ele tinha trabalhado na polícia, *lui*, de maneira que convinha eu obedecer. Andei até junto de Marie — pois era este o nome artístico da estrela —, que a essa altura transferira em silêncio suas amplas ancas para o assento de um banco junto à mesa da cozinha e recomeçara sua sopa interrompida enquanto o bebê se apropriava da boneca. Com um surto de piedade que só tornava mais dramático meu gesto idiota, enfiei uma nota em sua mão indiferente. Ela entregou minha dádiva ao ex-detetive, depois do que me foi dada a permissão de partir.

7

Não sei se o álbum da cafetina não terá sido mais um elo nessa guirlanda de flores entrelaçadas; mas logo depois, preocupado com a minha segurança, decidi casar-me. Ocorreu-me que horários regulares, refeições caseiras, todas as convenções do casamento, a rotina profilática de suas atividades reservadas e, quem sabe, o florescimento posterior de certos valores morais, de alguns sucedâneos espirituais, poderiam ajudar-me, se não a purgar-me de meus desejos degradantes e danosos, pelo menos a mantê-los sob um controle sem esforço. Um pouco de dinheiro que me chegara às mãos depois da morte do meu pai (nada de muito notável — o Mirana já fora vendido muito antes), somado à minha boa aparência considerável, embora um tanto brutal, permitiu-me encetar minha busca com equanimidade. Ao cabo de consideráveis deliberações, minha escolha recaiu na filha de um

médico polonês, que já vinha me tratando de ataques de vertigem e taquicardia. Jogávamos xadrez: sua filha costumava olhar para mim de trás do seu cavalete, e inseria olhos ou falanges que copiava de mim no lixo cubista que as senhoritas prendadas daquele tempo tendiam a produzir, em lugar de crisântemos e carneiros. Permitam-me repetir com uma energia serena: eu era, e ainda sou, apesar de *mes malheurs*, um homem de excepcional boa aparência; alto, com gestos pausados, sedosos cabelos escuros e traços um tanto tristes mas por isso mesmo mais sedutores. A virilidade excepcional muitas vezes estampa nos traços do homem algo de congestionado e taciturno pertinente ao que tenta ocultar. E este era o meu caso. Eu sabia bem, ai de mim, que poderia conseguir com um estalar dos dedos qualquer mulher adulta que escolhesse; na verdade, já se tornara praticamente um hábito meu não olhar com muita atenção para as mulheres para que elas não acabassem caindo, rubras e maduras, no meu colo indiferente. Fosse eu um *français moyen* com gosto por senhoras de carnes fartas, poderia ter facilmente encontrado, dentre as muitas beldades ensandecidas que insistiam em fustigar meus penhascos implacáveis, criaturas bem mais fascinantes que Valeria. Minha escolha, contudo, foi motivada por considerações cuja essência, como só percebi tarde demais, era uma deplorável acomodação. O que só faz demonstrar o quão terrivelmente estúpido o pobre Humbert sempre foi em matéria de sexo.

8

Embora eu me dissesse que tudo que procurava era uma presença reconfortante, um *pot-au-feu* glorificado, uma peruca pubiana com vida própria, o que realmente me atraiu em Valeria foi a imitação que ela fazia de uma garotinha. E não porque tivesse adivinhado alguma coisa em mim; era simplesmente o estilo dela — e me conquistou. Na verdade, ela tinha pelo menos vinte e muitos anos (nunca descobri sua idade verdadeira, pois até seu passaporte mentia), e vira-se despojada da virgindade em circunstâncias que costumavam variar conforme seu estado de espírito na hora do relato. Eu, pelo meu lado, fui ingênuo como só um perverso consegue ser. Ela tinha um ar fofo e folgazão, vestia-se *à la gamine*, exibia uma extensão generosa de pernas lisas, sabia enfatizar o branco da sola do

pé descalço com o preto de um chinelinho de veludo, e fazia beijo, e exibia covinhas, e era traquinas, e rodava a saia, e sacudia seus curtos e cacheados cabelos louros da maneira mais graciosa e gasta que se possa imaginar.

Depois de uma cerimônia breve na *mairie*, levei-a para o apartamento novo que eu tinha alugado e, um pouco para surpresa dela, pedi-lhe que vestisse, antes de tocá-la, uma camisola simples de menina que eu conseguira subtrair do armário de roupas de um orfanato. Derivei algum prazer daquela noite de núpcias, e levei a idiota à histeria antes de o sol nascer. Mas a realidade reafirmou-se em pouco tempo. O cacho descolorido revelou a melanina da raiz, a penugem transformou-se em espinhos na perna raspada; a boca úmida e móvel, por mais que eu a sufocasse de amor, revelava a ignomínia de sua semelhança com a parte correspondente num retrato muito valorizado de sua mãezinha morta, que entretanto lembrava um sapo; e logo, no lugar de uma pálida menina abandonada, Humbert Humbert tinha nas mãos uma camponesa crescida e inchada, com pernas curtas, seios grandes e cérebro praticamente nenhum.

Esse estado de coisas durou de 1935 a 1939. O único trunfo de Valeria era uma natureza contida que ajudava a produzir uma atmosfera de estranha comodidade em nosso esqualido apartamento: duas peças, uma vista embaçada numa das janelas e uma parede de tijolos na outra, uma cozinha diminuta, uma banheira em forma de sapato, imerso na qual eu me sentia como um Marat mas sem dama de colo branco a me apunhalar. Passamos várias noites confortáveis na companhia um do outro, ela mergulhada em seu *Paris-Soir*, eu trabalhando numa mesa de equilíbrio instável. Íamos ao cinema, a corridas de bicicleta e a lutas de boxe. Muito de raro em raro eu recorria à sua carne cediça, só em casos de grande urgência ou desespero. O merceiro do outro lado da rua tinha uma filhinha cuja sombra me levava à loucura; mas com a ajuda de Valeria eu encontrava afinal dentro da lei alguns escoadouros para o tormento das minhas fantasias. Quanto a cozinhar, abandonamos tacitamente o *pot-au-feu* e fazíamos a maior parte das nossas refeições num restaurante concorrido da rue Bonaparte onde as toalhas das mesas tinham manchas de vinho e ouvia-se muita conversa em língua estrangeira. E, bem ao lado, um *marchand* de quadros expunha em sua vitrine apinhada uma esplêndida *estampe* americana antiga, extravagante, verde, vermelha, dourada e azul-marinho — uma locomotiva com uma chaminé gigantesca, grandes faróis barrocos e um limpa-trilhos

imenso, puxando seus vagões cor de malva através da noite tempestuosa da pradaria e misturando seus rolos de fumaça negra salpicada de fagulhas à pelagem densa de nuvens de tempestade.

E esta desaba. No verão de 1939, *mon oncle d'Amérique* morreu deixando-me de herança uma renda anual de alguns milhares de dólares, à condição de que eu viesse morar nos Estados Unidos e demonstrasse algum interesse por seus negócios. A perspectiva me pareceu extremamente bem-vinda. Minha vida precisava de mudança drástica. E outra coisa também: buracos de traça vinham surgindo na pelúcia do conforto marital. Durante as últimas semanas, eu toda hora percebia que minha gorda Valeria estava muito diferente; tinha adquirido uma inquietação fora do comum; e até demonstrava algo semelhante à irritação de vez em quando, o que destoava muito do personagem estereotipado que se esperava dela. Quando lhe informei que deveríamos embarcar para Nova York em breve, mostrou-se perturbada e confusa. Houve algumas aborrecidas dificuldades com seus papéis. Ela tinha um passaporte Nansen, melhor dizendo um passaporte *Nonsense*, fato que por algum motivo o compartilhamento da sólida cidadania suíça do marido não conseguiu superar com facilidade; e imaginei que fosse a necessidade de fazer fila na *préfecture*, além de outras formalidades, que a intranquilizava, apesar do quanto eu persistia em descrever-lhe pacientemente a América, país das crianças coradas e árvores imensas, onde a vida podia ser tão melhor que naquela Paris embotada e encardida.

Estávamos saindo de alguma sede de repartição um dia pela manhã, com os papéis dela quase em ordem, quando Valeria, enquanto bamboleava a meu lado, começou a balançar vigorosamente a cabeça de *poodle* sem dizer palavra. Esperei algum tempo e depois lhe perguntei se ela achava que estava sentindo alguma coisa. E ela respondeu (traduzo o francês dela que era, imagino, tradução por sua vez de alguma platitude eslava): “Existe outro homem na minha vida.”

Palavras desagradáveis para qualquer marido. E admito que me deixaram transtornado. Mas surrá-la na rua, naquele momento, como qualquer plebeu honesto podia ter feito, não era praticável. Anos de sofrimentos secretos tinham-me ensinado um autocontrole sobre-humano. De modo que a enfiei num táxi que já vinha se arrastando convidativo ao longo do meio-fio havia algum tempo e, na relativa privacidade do veículo,

sugeri em voz baixa que me explicasse aquelas loucuras. Uma fúria crescente me sufocava — não porque eu tivesse qualquer afeto especial pela figura francamente ridícula de *Mme. Humbert*, mas porque as questões de conjunção legal e ilegal eram de minha alçada exclusiva, e ali estava ela, Valeria, a esposa de opereta, ousando preparar-se para dispensar, por iniciativa própria, meu conforto e meu sustento. Exigi o nome do amante. Repeti a pergunta; mas ela insistia numa parolagem burlesca, discorrendo sobre o quanto era infeliz comigo e anunciando seus planos de um divórcio imediato. “*Mais qui est-ce?*”, gritei finalmente, esmurrando seu joelho com o punho fechado; e ela, sem pestanejar, fitou-me como se a resposta fosse simples demais para palavras. Em seguida, encolheu rapidamente os ombros e apontou para a grossa nuca do chofer do táxi. Ele encostou o carro junto a um pequeno café e apresentou-se. Não me lembro do seu nome grotesco, mas depois de todos esses anos ainda consigo vê-lo com razoável clareza — um corpulento ex-coronel russo branco com um bigode denso e cabelos cortados muito rentes; havia milhares deles entregues àquele ofício idiota em Paris. Sentamo-nos a uma das mesas do café; o czarista pediu vinho; e Valeria, depois de aplicar um guardanapo úmido no joelho, continuava falando — mais *para dentro* de mim do que comigo; despejava as palavras neste nobre receptáculo com uma volubilidade de que eu jamais suspeitara que fosse capaz. E de tempos em tempos ainda lançava um jorro eslávico na direção do amante imperturbável. A situação era ridícula, e mais absurda ainda ficou quando o coronel-taxista, interrompendo Valeria com um sorriso possessivo, começou a expor os planos e opiniões que *ele* cultivava. Com um sotaque atroz a entrar seu francês cuidadoso, delineou o mundo do amor e do trabalho no qual se propunha a ingressar de mãos dadas com Valeria, sua mulher-menina. Que a essa altura se embelezava, postada entre mim e ele, passando batom nos lábios franzidos, triplicando o queixo para endireitar a blusa na altura do peito e assim por diante, enquanto ele falava como se ela não estivesse ali e, de qualquer maneira, não passasse de uma espécie de criança tutelada em pleno processo de transferência, para seu próprio bem, de um guardião judicioso a outro mais sensato ainda; e embora minha cólera incontrolável possa ter exagerado e desfigurado algumas impressões, sou capaz de jurar que ele chegou de fato a me fazer perguntas sobre a dieta de Valeria, suas regras mensais, seu guarda-roupa e os livros que já lera ou deveria ler. “Creio”, disse ele, “que

ela vai gostar de *Jean Christophe*?”. Ah, era um verdadeiro erudito, o senhor Táksovitch.

Pus um paradeiro a essas tolices sugerindo que Valeria arrumasse de imediato seus poucos pertences, ao que o coronel tão empenhado em proferir suas banalidades teve a elegância de oferecer-se para transportá-los em seu carro. Revertendo à sua condição profissional, conduziu o sr. e a sra. Humbert até a respectiva residência, e durante todo o trajeto Valeria falava, e Humbert o Terrível deliberava com o Pequeno Humbert se Humbert Humbert deveria matá-la, matar seu amante, matar o casal ou não matar nenhum dos dois. Lembro que certa vez tive nas mãos uma automática pertencente a um colega de turma, nos dias (não falei deles, acho eu, mas não importa) em que cogitava deliciar-me com sua irmã mais nova, uma ninfeta das mais diáfanas com um arco negro nos cabelos, e depois suicidar-me com um tiro. E agora me perguntava se Valetchka (como era chamada pelo coronel) seria mesmo merecedora de ser estrangulada, afogada ou abatida a tiros. Tinha pernas muito vulneráveis, e decidi que me limitaria a deixá-la coberta de horríveis hematomas assim que ficássemos a sós.

Mas nunca ficamos. Valetchka — que a essa altura derramava torrentes de lágrimas tingidas por vestígios borrados de sua maquilagem multicolor — começou a encher de qualquer maneira um baú, duas malas e mais um caixote repleto, e minha ideia de calçar minhas botas de alpinista, tomar um bom impulso e desferir-lhe um formidável pontapé no traseiro era evidentemente impossível de pôr em prática com o maldito coronel a gravitar em torno dela o tempo todo. Não posso dizer que ele tenha se comportado com insolência ou coisa parecida; pelo contrário, ele exibia, como um pequeno espetáculo à parte na produção teatral precária em que eu figurava a contragosto, uma discreta civilidade do Velho Mundo, pontuando cada movimento com todo tipo de desculpas mal pronunciadas (*j'ai demande pardonne* — desculpe — *est-ce que j'ai puis* — será que posso — e assim por diante), e tendo a delicadeza de virar-se de costas quando Valetchka removeu, com um gesto floreado, sua calcinha cor-de-rosa da corda estendida acima da banheira; mas dava a impressão de ocupar todos os cantos da casa ao mesmo tempo, *le gredin*, ajustando sua compleição à anatomia do apartamento, lendo na minha poltrona o meu jornal, desatando o nó de um barbante, enrolando um cigarro, contando as colheres de chá, visitando o banheiro, ajudando sua comparsa a embrulhar o

ventilador elétrico que o pai dela lhe dera e carregando sua bagagem para a rua. Permaneci imóvel de braços cruzados, um dos quadris encostado no peitoril da janela, morrendo de ódio e enfado. Finalmente os dois deixaram a atmosfera agitada do apartamento — a vibração da porta que eu batera com força atrás deles ainda ressoava em cada nervo do meu corpo, um sucedâneo bem inferior à bofetada de costas da mão que eu deveria ter desferido no rosto dela, em consonância com as regras observadas no cinema. Desempenhando sem muito jeito o meu papel, precipitei-me até o banheiro para verificar se teriam subtraído minha colônia inglesa; não tinham; mas percebi, com um espasmo de asco feroz, que o ex-Conselheiro do Czar, depois de aliviar completamente sua bexiga, não puxara a descarga da privada. Aquele laguinho solene de urina alheia, onde uma ponta de cigarro encharcada e escurecida se desintegrava, pareceu-me o cúmulo do insulto, e pus-me à procura desesperada de alguma arma. Na verdade, acho mais provável que tenha sido a simples cortesia russa de classe média (com um toque oriental, possivelmente) que sugeriu ao bom coronel (Maxímovitch! seu nome retorna de repente ao ponto), uma pessoa muito formal como todos eles, encobrir sua necessidade particular com um silêncio decoroso a fim de não realçar a pequenez do domicílio de seu anfitrião com o rumor de uma torrente violenta sucedendo ao gorgolejo de seu discreto filete. Mas isso não me passou pela cabeça naquele momento e, bufando de raiva, revirei a cozinha em busca de coisa melhor que uma vassoura. Depois, desistindo da procura, disparei para fora de casa com a decisão heroica de atacá-lo a socos; apesar do meu vigor natural, não sou um bom pugilista, enquanto Maxímovitch, baixo mas de ombros largos, parecia feito de ferro-gusa. O vazio da rua, em que nenhum vestígio restava da partida da minha esposa além de um botão de falso cristal que ela deixara cair na lama depois de preservá-lo inutilmente por três anos numa caixa quebrada, pode ter-me poupado uma fratura no nariz. Mas não importa. Obtive minha modesta vingança no devido tempo. Um homem de Pasadena me contou um dia que a sra. Maxímovitch *née* Zborovski tinha morrido de parto em torno de 1945; de algum modo o casal chegara à Califórnia e lá se deixara usar, em troca de um excelente salário, na experiência de um ilustre etnólogo americano. A experiência, de um ano de duração, lidava com as reações humanas, segundo a raça, a uma dieta de tâmaras e bananas numa posição permanente de quatro. Meu informante,

um médico, jurou que tinha visto com seus próprios olhos a obesa Valetchka e seu coronel, àquela altura com os cabelos brancos e também consideravelmente corpulento, engatinhando diligentemente pelo chão bem varrido de uma série de aposentos muito iluminados (frutas no primeiro, água em outro, colchões num terceiro e assim por diante) na companhia de vários outros quadrúpedes sob contrato, originários de vários grupos de indigentes e desvalidos. Tentei encontrar o resultado dessas pesquisas na *Review of Anthropology*; mas parece que ainda não foram publicados. Naturalmente, esses produtos científicos levam algum tempo para amadurecer. Espero que venha acompanhado de boas fotografias quando finalmente for levado a público, embora não seja muito provável que obras de tamanha erudição acabem vindo parar nas prateleiras de um presídio. Aquelas a que me encontro limitado nos dias que correm, a despeito dos esforços do meu advogado, são um bom exemplo do ecletismo insensato que rege a seleção dos livros nas bibliotecas das prisões. Reúnem a Bíblia, claro, e Dickens (uma coleção antiga de suas obras, NY, G. W. Dillingham, ed., MDCCCLXXXVII); e a *Enciclopédia das crianças* (com algumas boas fotografias de bandeirantes de short com os cabelos ensolarados), e *Convite para um homicídio*, de Agatha Christie; mas também reúne ninharias coruscantes como *Um vagabundo na Itália*, de Percy Elphinstone, autor de *Veneza revisitada*, Boston, 1868, e um relativamente recente (1946) *Quem é quem na ribalta* — reunindo atores, produtores, dramaturgos e fotos de cena. Folheando este último volume, aconteceu-me ontem à noite uma dessas coincidências espantosas que os lógicos detestam e os poetas adoram. Transcrevo a maior parte da página:

Pym, Roland. Nascido em Lundy, Mass., 1922. Formação teatral na Elsinore Playhouse, Derby, NY. Estreou em *Erupção solar*. Participou, entre muitas outras, de *A dois quartos daqui*, *A menina de verde*, *Maridos trocados*, *O estranho cogumelo*, *Por um fio*, *Adorável John*, *Estive sonhando contigo*.

Quilty, Clare. Dramaturgo americano. Nascido em Ocean City, NJ, em 1911. Estudou na Columbia University. Começou uma carreira no comércio, mas trocou-a pela dramaturgia. Autor de *A pequena ninfa*, *A mulher que adorava relâmpagos* (em colaboração com Vivian Darkb loom), *Idade das trevas*, *O estranho cogumelo*, *Amor paterno* e outras. Suas muitas peças infantis são notáveis. *A pequena ninfa* (1940) percorreu mais de 20.000 quilômetros e foi representada 280 vezes em turnê ao longo do inverno, antes de encerrar sua carreira em Nova York. *Hobbies*: carros velozes, fotografia, bichinhos de estimação.

Quine, Dolores. Nascida em 1882, em Dayton, Ohio. Estudou teatro na Academia Americana. Apresentou-se pela primeira vez em Ottawa, no ano de 1900. Sua estreia em Nova York ocorreu no ano de 1904, em *Nunca fale com desconhecidos*. Depois disso, desapareceu em [segue-se uma lista com cerca de trinta peças].

Como a visão do nome do meu querido amor, mesmo afixado a uma gasta atriz de segunda, ainda me faz cambalear com uma dor sem remédio! Ela também, talvez, poderia ter sido atriz. Nascida em 1935. Apareceu (percebi o lapso da minha pena no parágrafo anterior, mas por favor não corrija, Clarence) em *O dramaturgo assassinado*. Quine, suína assassina. Culpada, *guilty*, da morte de Quilty. Oh, minha Lolita, só tenho as palavras para brincar!

9

Os trâmites do divórcio atrasaram minha viagem, e a sombra de mais uma Guerra Mundial já se espalhara pelo globo quando, ao final de um inverno de tédio e pneumonia em Portugal, cheguei finalmente aos Estados Unidos. Em Nova York, aceitei de imediato o brando emprego que o destino me proporcionava: consistia basicamente em conceber e editar anúncios de perfume. Gostei de seu caráter um tanto vago e de seus aspectos sublimerários, e dedicava-me a ele sempre que não tinha nada de melhor a fazer. Por outro lado, fui instado por uma universidade nova-iorquina em tempos de guerra a concluir minha história comparada da literatura francesa para estudantes de língua inglesa. O primeiro volume me tomou um par de anos, durante os quais eu raramente trabalhei menos de quinze horas por dia. Quando rememoro esses dias, vejo-os nitidamente divididos entre luz ampla e sombra estreita: a luz associada ao refrigério da pesquisa em esplêndidas bibliotecas, a sombra a meus torturantes desejos e insônias, dos quais já falei o suficiente. Conhecendo-me a esta altura, o leitor pode facilmente imaginar como me expus à poeira e ao calor na tentativa de captar algum vislumbre de ninfetas (sempre remotas, ai de mim) brincando no Central Park, e quanta repulsa me despertavam as cintilações das desodorizadas moças trabalhadeiras que um animado subalterno do escritório não parava de me encaminhar. Mas vamos deixar isso de lado. Um colapso pavoroso confinou-me num sanatório por mais de um ano; retornei ao meu trabalho — só para ser novamente internado.

Uma vida rija ao ar livre parecia prometer-me algum alívio. Um dos meus médicos prediletos, um sujeito cínico e sedutor com uma barbicha castanha, tinha um irmão, e esse irmão vinha preparando uma expedição ao Ártico canadense. Liguei-me a ela, encarregado do “registro das reações psíquicas”. Com dois jovens botânicos e um velho carpinteiro, compartilhava de vez em quando (e jamais com muito sucesso) os favores de uma das nossas nutricionistas, a dra. Anita Johnson — que logo, felizmente, foi posta num avião de volta. Eu tinha uma noção muito vaga da finalidade da expedição. A julgar pela quantidade de meteorologistas alistados, podíamos estar tentando localizar o covil (em algum ponto da Ilha do Príncipe de Gales, pelo que entendi) do vacilante e volúvel polo norte magnético. Um grupo, juntamente com os canadenses, instalou uma estação de controle do clima na Ponta Pierre, no Estreito de Melville. Outro grupo, igualmente desgarrado, recolhia plâncton. Um terceiro estudava a tuberculose na tundra. Bert, fotógrafo de cinema — um sujeito inseguro com quem a uma certa altura fui obrigado a dividir inúmeras tarefas subalternas (também ele tinha os seus problemas psíquicos) —, afirmava que os figurões da nossa equipe, os verdadeiros chefes que nunca chegávamos a ver, tinham como missão principal avaliar a influência das mudanças climáticas sobre a qualidade da pelagem da raposa do Ártico.

Vivíamos em cabanas pré-fabricadas de madeira, em meio a um granítico mundo pré-cambriano. Dispúnhamos de montes de suprimentos — a *Readers’ Digest*, máquina de bater sorvete, banheiros químicos, gorros de papel para a festa de Natal. Minha saúde melhorou muitíssimo, apesar ou por causa de todo o tédio e desinteresse. Cercado por uma vegetação desoladora de plantas baixas e líquens; permeado e, imagino, purificado por ventos sibilantes; sentado num penhasco sob um céu completamente translúcido (no qual, entretanto, nada de importância se mostrava), eu me sentia curiosamente afastado de mim mesmo. Tentações alguma me enlouquecia. As rechonchudas e lustrosas garotinhas esquimós, com seu cheiro de peixe, seus pavorosos cabelos cor de corvo e seus rostos de porquinho-da-índia, evocavam ainda menos desejo em mim do que antes a dra. Johnson. Ninfetas não ocorrem nas regiões polares.

Deixei aos melhores que eu a tarefa de analisar a deriva glacial, os *drumlins*, *gremlins* e *kremlins*, e por algum tempo tentei anotar o que decidi classificar de “reações” (percebi, por exemplo, que os sonhos sob o sol da

meia-noite tendiam a ser intensamente coloridos, o que foi confirmado por meu amigo fotógrafo). Também me cabia interrogar meus vários companheiros sobre várias questões da maior importância, como a saudade de casa, o medo de animais desconhecidos, as fantasias culinárias, as emissões noturnas, os passatempos, a escolha de programas de rádio, as mudanças de aparência e assim por diante. Todos acabaram tão fartos das minhas perguntas que logo abandonei totalmente o projeto, e só perto do final dos meus vinte meses de trabalho a frio (como brincou um dos botânicos) produzi um relatório perfeitamente espúrio e muito vigoroso que o leitor poderá encontrar nos *Anais de psicofísica adulta* de 1945 ou 1946, bem como no número da revista *Explorações árticas* dedicado àquela expedição em particular; que, em conclusão, não estava na verdade muito interessada no cobre da ilha Victoria nem em nada do tipo, como meu jovial doutor me revelaria em seguida; pois sua verdadeira finalidade era de natureza altamente secreta, de modo que me limitarei a arrematar dizendo que, qualquer que fosse, essa meta foi admiravelmente atingida.

O leitor irá certamente deplorar que, pouco depois do meu retorno à civilização, eu tenha tido mais um embate com a insanidade (se é que à melancolia e a uma sensação de opressão intolerável cabe de fato aplicar esse termo cruel). E devo minha plena recuperação a uma revelação que tive enquanto me tratava num sanatório particular especialmente dispendioso. Descobri que existia uma fonte inesgotável de intenso entretenimento em zombar dos psiquiatras: fornecer-lhes ardilosas pistas falsas; jamais deixar que percebessem o quanto conhecemos os truques do seu ofício; criar em seu benefício sonhos elaborados, clássicos no estilo (que faziam com que *elas*, os extorsionários de sonhos, acordassem aos gritos com seus pesadelos); espicaçá-los com “cenas primais” forjadas; e nunca permitir que tivessem o mais ligeiro vislumbre de nossos verdadeiros conflitos sexuais. Subornando uma enfermeira, adquiri acesso a certos arquivos e encontrei, para meu grande regozijo, fichas que me definiam como “potencialmente homossexual” e “totalmente impotente”. A diversão era tamanha, e seus resultados — no meu caso — tão estimulantes que permaneci internado por mais um mês depois de plenamente recuperado (dormindo admiravelmente e comendo como uma escolar). E depois ainda fiquei mais uma semana só pelo prazer do confronto com um poderoso recém-chegado, uma celebridade deslocada (e, sem dúvida, delirante),

conhecido por seu talento de fazer os pacientes crerem que tinham testemunhado sua própria concepção.

10

Assim que tive alta, saí à procura de alguma localidade rural da Nova Inglaterra, ou alguma cidadezinha sonolenta (olmos, igreja branca), onde eu pudesse passar um verão diligente alimentado por uma caixa repleta de anotações acumuladas, e nadando em algum lago das proximidades. Meu trabalho voltava a me interessar — estou falando, claro, dos meus esforços acadêmicos; o resto, minha participação ativa nos perfumes póstumos do meu tio, fora a essa altura reduzido a um mínimo.

Um dos ex-empregados dele, rebento de família ilustre, sugeriu que eu passasse alguns meses hospedado na residência de uns primos seus empobrecidos, um certo sr. McCoo, aposentado, e sua esposa, que estavam dispostos a alugar o segundo andar, onde uma finada tia residira delicadamente. Contou-me que o casal tinha duas filhas, uma ainda bebê e a outra uma menina de doze anos, e um lindo jardim, não muito distante de um belo lago, e respondi que a ideia me soava perfeitamente perfeita.

Troquei cartas com essas pessoas, convencendo-as de que era domesticado, e passei uma noite fantástica no trem imaginando com todos os detalhes possíveis a ninfeta enigmática a quem eu daria aulas de francês e apalparia em humbertês. Ninguém estava à minha espera na miniatura de estação em que desembarquei com minha mala nova e cara, e ninguém atendeu o telefone; depois de algum tempo, entretanto, um desolado McCoo de roupas encharcadas apresentou-se no único hotel da rosa e verde Ramsdale com a notícia de que sua casa acabara de ser consumida pelo fogo — devido possivelmente à conflagração sincrônica que ardera em minhas veias a noite toda. A família, contou ele, refugiara-se numa fazenda que possuía, levando seu carro, mas uma amiga da sua mulher, excelente pessoa, a sra. Haze, moradora do número 342 da Lawn Street, oferecera-se para me acomodar. Uma senhora que residia em frente à sra. Haze emprestara sua limusine a McCoo, um magnífico veículo antigo de teto reto, conduzido por um negro bem-humorado. No entanto, como o motivo único da minha vinda tinha desaparecido, o referido arranjo pareceu-me

despropositado. Certo, a casa dele precisava ser totalmente reconstruída, mas e daí? Ele não tinha um seguro no valor suficiente? Fiquei irritado, decepcionado e aborrecido, mas por ser um europeu bem-educado não tive como recusar o traslado até a Lawn Street a bordo daquele carro fúnebre, sentindo que de outro modo McCoo acabaria arquitetando um meio ainda mais elaborado de livrar-se de mim. Vi-o afastar-se rapidamente, e meu chofer apertou-lhe a mão com um riso abafado. A caminho, jurei a mim mesmo que nem em sonhos ficaria em Ramsdale, quaisquer que fossem as circunstâncias, e que ainda aquele dia iria voar para as Bermudas, as Bahamas ou a Boca do Inferno. Possíveis deleites em praias tecnicoloridas já vinham fazendo cócegas na minha espinha havia algum tempo, e o primo de McCoo, na verdade, tinha desviado bruscamente esse encadeamento de ideias com sua sugestão bem-intencionada mas, como agora ficava claro, totalmente idiota.

E por falar em guinadas súbitas: quase atropelamos um agressivo cão dos subúrbios (desses que ficam à espreita dos carros) quando dobramos a esquina para entrar na Lawn Street. Um pouco mais adiante, a residência Haze, um horror sobre vigas brancas, apareceu, com um ar velho e encardido, mais acinzentada do que branca — o tipo de lugar que teria evidentemente um tubo de borracha ajustado à bica da banheira para servir de chuveiro. Dei uma gorjeta ao chofer e esperei que ele fosse embora de imediato, para que eu pudesse dar meia-volta na mesma hora e regressar despercebido para o meu hotel e minha mala; mas o homem se limitou a atravessar para o outro lado da rua, onde uma velha senhora o chamava da entrada de sua casa. O que mais eu poderia fazer? Apertei a campainha.

Uma empregada de cor me disse para entrar — e me deixou de pé no capacho enquanto corria de volta para a cozinha, onde queimava alguma coisa que não devia queimar.

A entrada da casa estava adornada com um carrilhão de tubos, alguma coisa de madeira com olhos brancos e origem comercial mexicana, e uma cópia da favorita mais frequente da classe média com alguma pretensão artística, a *Arlésienne*, de Van Gogh. Uma porta escancarada à direita proporcionava a visão de uma sala de estar, com mais amostras de lixo mexicano numa estante de canto e um sofá listrado encostado à parede. Havia uma escada ao final do hall de entrada, e enquanto eu enxugava a testa (só agora percebi o calor que fazia fora) e fitava, só para ter o que fitar,

uma velha bola de tênis acinzentada largada em cima de um baú de carvalho, soou no andar de cima a voz de contralto da sra. Haze, que, debruçando-se na balaustrada, perguntou melodiosamente, “É Monsieur Humbert?”. Um pouco de cinza de cigarro também despencou do alto seguindo o som de suas palavras. E em seguida, a dama em pessoa — sandálias, calça marrom, blusa de seda amarela, rosto quadrado, nessa ordem — desceu os degraus da escada, ainda desferindo pancadinhas no cigarro com o dedo indicador.

Acho melhor descrevê-la de uma vez, livrando-me logo da tarefa. A pobre senhora teria entre trinta e quarenta anos, uma testa oleosa, sobrancelhas muito aparadas e traços bastante simples mas não sem atrativos — um tipo que poderia ser definido como uma solução muito diluída de Marlene Dietrich. Ajeitando seu coque de um castanho acobreado, ela me conduziu à sala de estar e conversamos por um minuto sobre o incêndio da casa de McCoo e o privilégio que morar em Ramsdale representava. Seus olhos muito separados de um verde oceânico tinham um modo curioso de percorrer todo o interlocutor, mas sempre tomando o cuidado de evitar os olhos deste. Seu sorriso era apenas a elevação irônica de uma das sobrancelhas e, desenroscando-se às vezes do sofá durante a conversa, desferia estocadas espasmódicas contra três cinzeiros e o guarda-fogo da lareira próxima a ela (sobre o qual se equilibrava o miolo escurecido de uma maçã), depois das quais tornava a afundar no assento, com uma perna dobrada debaixo de si. Era, obviamente, uma dessas mulheres cujas palavras corteses podem refletir um clube de leitura ou de *bridge*, ou qualquer outra convencionalidade fatídica, mas nunca a sua alma; mulheres totalmente desprovidas de senso de humor; mulheres no fundo indiferentes por completo aos dez ou doze temas possíveis de uma conversa de salão, mas muito rigorosas quanto às regras desse tipo de conversa, através de cujo celofane cintilante frustrações não muito apetitosas podiam ser claramente percebidas. Eu tinha perfeita consciência de que, se por um acaso remoto eu viesse a me tornar seu inquilino, ela se dedicaria metodicamente a agir em relação a mim da maneira que admitir um inquilino devia significar para ela desde o início, e logo eu me veria novamente enredado num desses casos enfadonhos que já conhecia tão bem.

Mas não havia a menor possibilidade de eu me hospedar ali. Eu jamais poderia sentir-me bem naquele tipo de residência com revistas amarfanhadas em cada poltrona e uma espécie de hibridação horrenda entre a comédia da chamada “móvel funcional moderna” e a tragédia de cadeiras de balanço decrépitas e abajures periclitantes com a lâmpada queimada em cada mesinha. Fui conduzido ao andar de cima, e à esquerda — na direção do “meu” quarto, que inspecionei através da névoa da minha recusa peremptória. Mas tive o tempo de discernir, acima da “minha” cama, a “Sonata Kreutzer”, de René Prinet. E ela chamava aquele quarto de criada de “semiapartamento”! Vamos embora daqui agora mesmo, disse-me eu com firmeza enquanto fingia deliberar sobre o preço absurda e assustadoramente baixo que minha volúvel anfitriã pedia pela hospedagem com pensão completa.

Os bons modos do Velho Mundo, todavia, obrigavam-me a continuar suportando a provação. Atravessamos o patamar do piso superior até o lado direito da casa (onde “eu e Lo temos os nossos quartos” — Lo devia ser a criada), e o morador-namorado mal conseguiu conter um estremecimento de horror quando a ele, homem muito exigente, foi facultada uma visão preliminar do único banheiro da casa, uma pequena peça oblonga situada entre o patamar e o quarto de “Lo”, onde coisas úmidas e informes pendiam acima da banheira duvidosa (o ponto de interrogação de um fio de cabelo colado a uma das paredes internas); e lá estavam os anéis antevistos da serpente de borracha, e seu complemento — a capa cor-de-rosa cobrindo com recato a tampa da privada.

“Estou vendo que o senhor não teve uma impressão muito boa”, disse a mulher, deixando a mão algum tempo na minha manga; ela combinava uma solicitude contida — o extravasamento do que creio ser conhecido como “compostura” — com uma timidez e uma tristeza que tinham como resultado seu modo distante de escolher as palavras, que soavam tão pouco naturais como a entonação de um professor “de fala”. “A casa não é muito organizada, admito”, prosseguiu a pobre condenada, “mas eu lhe asseguro [e olhou para os meus lábios] que o senhor vai se sentir muito confortável, muito confortável mesmo. Deixe eu lhe mostrar o jardim” (as últimas palavras com mais brilho, com uma espécie de projeção irresistível da voz).

Relutante, voltei a acompanhá-la ao piso térreo; atravessei em seguida a cozinha ao final do hall, do lado direito da casa — o lado onde também

ficavam a sala de jantar e a sala de visitas (debaixo do “meu” quarto, do lado esquerdo, só havia a garagem). Na cozinha, a empregada negra, mulher jovem e rechonchuda, disse, enquanto pegava a bolsa preta grande e lustrosa que pendia da maçaneta da porta que dava para os fundos: “Estou indo, sra. Haze.” “Está bem, Louise”, respondeu a sra. Haze com um suspiro. “Acerto com você na sexta-feira.” Atravessamos uma pequena despensa e entramos na sala de jantar, paralela à sala de visitas que já tínhamos admirado. Percebi uma meia branca no chão. Com um grunhido depreciatório, a sra. Haze abaixou-se sem se deter e atirou a meia para dentro de um armário embutido ao lado da despensa. Inspecionamos superficialmente a mesa de mogno, onde a fruteira do centro continha apenas o caroço ainda úmido de uma ameixa. Apalpei meu bolso à procura da tabela de horários da estrada de ferro e sub-repticiamente puxei-a para fora, disposto a encontrar um trem o quanto antes. Ainda caminhava atrás da sra. Haze pela sala de jantar quando, para além dela, revelou-se uma súbita efusão verdejante — “a *piazza*”, anunciou minha guia, e então, sem qualquer aviso, uma onda azul ergueu-se por baixo do meu coração e, sobre uma esteira de palha numa poça de sol, seminua, ajoelhada, girando sobre os joelhos, lá estava meu amor da Riviera a me examinar por cima dos seus óculos escuros.

Era a mesma criança — os mesmos ombros magros cor de mel, as mesmas costas nuas sedosas e elásticas, os mesmos cabelos castanhos. Um lenço preto de bolinhas brancas amarrado em torno do seu tórax ocultava da minha espreita de primata idoso, mas não dos olhos da memória de moço, os seios em botão que eu acariciara num dia imorredouro. E, como se eu fosse a aia de uma princesinha de conto de fadas (perdida, sequestrada, descoberta em farrapos de cigana através dos quais sua nudez sorria para o rei e seus cães de caça), reconheci a pequena pinta escura no seu flanco. Maravilhado e radiante (o rei chorando de alegria, os clarins entoando fanfarras, a aia embriagada), vi novamente o adorável abdômen retraído onde minha boca pousara de passagem rumando para o sul; e aquelas ancas pueris em que eu beijara o relevo crenulado deixado pelo elástico dos seus shorts — naquele último dia louco e imortal, atrás das “Roches Roses”. Os vinte e cinco anos que eu vivera desde então foram encolhendo até reduzir-se a um ponto palpitante, e em seguida desapareceram.

Acho de suprema dificuldade exprimir com a devida força aquele clarão, aquele frêmito, o impacto daquele reconhecimento apaixonado. No transcurso do momento ensolarado que meu olhar demorou coleando sobre a menina ajoelhada (seus olhos piscavam por cima dos austeros óculos escuros — a pequena Herr Doktor que iria curar-me de todas as dores) enquanto eu passava ao lado dela envergando meu disfarce de adulto (um belo e alto exemplar de hombridade hollywoodiana), o vácuo da minha alma conseguiu de alguma forma capturar todos os detalhes de sua brilhante beleza, que cotejei por sua vez com os traços da minha prometida morta. Logo logo, claro, ela, essa *nouvelle*, essa Lolita, *minha* Lolita, eclipsaria totalmente o protótipo. Só quero enfatizar aqui que minha descoberta dela foi uma consequência fatal daquele “principado à beira-mar” em meu passado atormentado. Tudo entre esses dois acontecimentos fora apenas uma série de tropeços e malogros, e falsos rudimentos de felicidade. Tudo que elas tinham em comum as transformava numa só.

Não tenho ilusões, entretanto. Meus juízes haverão de encarar tudo isso como a pantomima encenada por um demente com uma torpe inclinação pelo *fruit vert*. *Au fond, ça m'est bien égal*. Só sei que, enquanto a mãe Haze e eu descíamos os degraus para a calmaria do jardim, meus joelhos pareciam os reflexos de joelhos na água ondulante, meus lábios pareciam areia, e —

“Aquela era a minha Lo”, disse ela, “e estes são os meus lírios”.

“Sim”, disse eu, “sim. Todos lindos, lindos, lindos!”.

11

A prova número dois que lhes exhibo é uma agenda de bolso, encadernada em imitação de couro preto, com um ano gravado em dourado, 1947, *en escalier*, no canto superior esquerdo da capa. Falo desse digno produto da Blank Blank Co., de Blankton, Mass., como se o tivesse realmente diante de mim. Na verdade, foi destruída cinco anos atrás, e a que examinamos agora (por cortesia de uma memória fotográfica) é apenas uma breve materialização sua, uma insignificante fênix implume.

Lembro-me dela com tanta exatidão porque na verdade eu a escrevi duas vezes. Primeiro eu rascunhava cada entrada a lápis (com muitas

rasuras e correções) nas folhas do que se chama comercialmente de “bloco estenográfico”; em seguida, copiava o texto com abreviações óbvias, na minha caligrafia mais miúda e satânica, no livrinho preto que acabo de mencionar.

O dia 30 de maio é um Dia de Jejum por Proclamação em New Hampshire, mas não nas Carolinas do Norte e do Sul. Nesse dia, uma epidemia de “gripe abdominal” (seja lá isso o que for) obrigou Ramsdale a fechar suas escolas e antecipar as férias de verão. O leitor pode verificar os dados climáticos nos *Anais* de Ramsdale relativos a 1947. Poucos dias antes disso mudei-me para a residência da família Haze, e o pequeno diário que agora me proponho a apresentar (quase como um espião que revela de memória o conteúdo do bilhete que engoliu) cobre a maior parte do mês de junho.

Quinta-feira. Dia muito quente. De um bom ponto de observação (janela do banheiro) vi Dolores recolhendo coisas do varal à luz verde maçã por trás da casa. Saí. Ela usava uma blusa xadrez, calças jeans e sapatos de lona. Cada movimento que fazia à luz salpicada do sol despertava o acorde mais secreto e sensível do meu corpo abjeto. Depois ela sentou-se a meu lado no primeiro degrau da varanda dos fundos e começou a catar pedrinhas entre os seus pés — pedrinhas, meu Deus, e em seguida um caco curvo de garrafa de leite que lembrava uma boca sorridente — e arremessá-las para dentro de uma lata. *Ping.* Duvido que você consiga outra vez — duvido que acerte — que agonia — outra vez. *Ping.* Uma pele maravilhosa — oh, maravilhosa: bronzeada e macia, sem a menor mancha. *Sundaes* causam acne. O excesso de sebo, a substância gordurosa que nutre os folículos pilosos da pele, cria, quando muito profuso, uma irritação que abre caminho para o processo infeccioso. Mas as ninfetas nunca têm acne, embora se empanzinem de alimentos ricos em gordura. Deus, que agonia esse fulgor sedoso no alto de sua testa, transformando-se aos poucos no brilho acobreado dos cabelos. E o ossinho que estremece na lateral do seu tornozelo coberto de pó. “A filha dos McCoo? Ginny McCoo? Ah, ela é medonha. E malvada. E manca. Quase morreu de pólio.” *Ping.* Um rendilhado cintilante de penugem que lhe desce pelo antebraço. Quando ela se levantou para levar a roupa limpa para dentro, tive a oportunidade de idolatrar de longe o assento desbotado dos seus jeans de bainhas enroladas. Vindo do gramado, a afável sra. Haze, equipada com sua câmera, emergiu

como um ramo da árvore falsa de um faquir e, ao cabo de algum alvoroço heliotrópico — erguer olhos tristes, baixar olhos felizes —, teve o desprazer de tirar meu retrato ali sentado piscando muito no degrau, Humbert le Bel.

Sexta-feira. Eu a vi indo para algum lugar com uma menina escura chamada Rose. Por que a maneira como ela anda — uma criança, vejam bem, uma simples criança! — me deixa tão abominavelmente excitado? Analisemos. Uma ligeira sugestão de pontas dos pés viradas para dentro. Uma espécie de desprendimento ondulante da perna logo abaixo do joelho, prolongando-se até a ponta de cada pisada. O fantasma de um arrastar de pés. Muito infantil, infinitamente espúrio. Humbert Humbert sente-se também infinitamente enternecido pela fala da pequena, coalhada de gírias, por sua vozinha aguda e rouca. Mais adiante eu a ouvi despejando obscenidades sem sentido para Rose por cima da cerca. Ressoando através de mim num ritmo cada vez mais rápido. Pausa. “Está na minha hora, garota.”

Sábado. (Começo talvez emendado.) Sei que é loucura manter este diário, mas sinto uma estranha emoção em escrever aqui; e só uma esposa muito amorosa conseguiria decifrar minha caligrafia microscópica. Quero apenas assinalar com um soluço que hoje minha L. tomava banho de sol na chamada “*piazza*”, mas sua mãe e outra mulher ficaram por perto o tempo todo. Claro, eu podia ter-me instalado lá na cadeira de balanço, fingindo ler. Por via das dúvidas, mantive-me à distância, pois temi que o tremor horrível, insano, ridículo e deplorável que me acometia pudesse impedir-me de fazer minha *entré*e com a mínima aparência de casualidade.

Domingo. A onda de calor continua; dias muito favônios. Dessa vez assumi uma posição estratégica, munido de jornal obeso e cachimbo novo, na cadeira de balanço da *piazza* antes de L. chegar. Para minha intensa decepção, ela chegou com a mãe, as duas vestindo maiôs de duas peças, pretos, novos como o meu cachimbo. Minha querida, minha adorada aproximou-se de mim por um momento — queria o caderno de quadrinhos — e cheirava quase exatamente como a outra, a da Riviera, só que mais intensamente, com sugestões mais vigorosas — um aroma tórrido que no mesmo instante espicou minha masculinidade —, mas ela já arrancara de mim a seção cobiçada e se retirara para sua esteira, ao lado da mamãe focídea. E ali minha beldade estendeu-se de braços, exibindo para mim, exibindo aos mil olhos arregalados no meu sangue, suas omoplatas

ligeiramente soerguidas, a floração ao longo da curvatura de sua espinha, e as protuberâncias de suas nádegas tensas e estreitas cobertas de negro, e o litoral de suas coxas de escolar. Em silêncio, a aluna do sétimo ano lia seus quadrinhos impressos em verde, vermelho e azul. Era a ninfeta mais adorável que o próprio Príapo em três cores poderia imaginar. Enquanto eu a fitava, através de camadas prismáticas de luz, com os lábios secos, concentrado em minha luxúria e fazendo a cadeira oscilar de leve sob o meu jornal, senti que minha simples percepção dela, submetida à concentração necessária, poderia bastar para me fazer atingir de imediato um êxtase à distância; no entanto, como um predador que prefere a presa em movimento ao alimento inerte, planejei fazer esse triste triunfo coincidir com um dos vários movimentos infantis que ela produzia de quando em quando enquanto lia, como tentar coçar o meio das costas e revelar uma axila pontilhada — mas a gorda Haze estragou tudo de repente virando-se para mim e pedindo-me fogo, e encetando uma conversa inventada sobre o mais recente plágio inconfesso publicado por algum vigarista de nome.

Segunda-feira. Delectatio morosa. Passo meus dias desolados em dores e desalento. Nós (mãe Haze, Dolores e eu) pretendíamos ir ao lago hoje à tarde, nadar e mais nada; mas o nácar da manhã degenerou em chuva ao meio-dia, e Lo fez uma cena.

A média de idade para o advento da puberdade entre as meninas foi calculada em treze anos e nove meses em Nova York e Chicago. A idade varia, de indivíduo para indivíduo, dos dez, ou até menos, aos dezessete. Virginia ainda não tinha catorze anos quando Harry Edgar a possuiu. Ele lhe dava aulas de álgebra. *Je m’imagine cela.* Passaram a lua de mel em Petersburg, na Flórida. “Monsieur Poe-poe”, como aquele rapaz de uma das turmas de Monsieur Humbert Humbert em Paris chamava o poeta-poeta.

Tenho todas as características que, segundo os autores que tratam dos interesses sexuais nas crianças, costumam despertar uma excitação rudimentar entre as meninas mais novas: queixo bem definido, mãos poderosas, voz grave e sonora, ombros largos. Além disso, dizem que lembro um certo cantor ou ator que Lo adora.

Terça-feira. Chuva. Lago das Chuvas. Mamãe saiu para as compras. L., eu sabia, estava em algum lugar bem próximo. Em decorrência de certas manobras sorrateiras, deparei-me com ela no quarto da sua mãe. Segurando o olho esquerdo bem aberto para tentar livrar-se de um cisco ou coisa assim.

Vestido xadrez de corte simples. Embora eu sinta um amor genuíno pela intoxicante fragrância bronzeada que ela emana, acho que de vez em quando ela realmente devia lavar o cabelo. Por um instante, encontramos ambos no mesmo banho morno e verde do espelho que refletia a copa de um choupo e nós dois no céu. Eu a segurei com força pelos ombros, depois mais suavemente pelas têmporas, e a virei de frente para mim. “Está bem aqui”, disse ela, “estou sentindo”. “Uma camponesa suíça usaria a ponta da língua.” “Para tirar o cisco lambendo?” “É. Posso tentar?” “Claro”, disse ela. Com delicadeza fiz correr meu ferrão fremente por seu globo ocular salgado e giratório. “Que delícia”, disse ela pestanejando. “Saiu mesmo.” “Agora o outro?” “Seu bobo”, começou ela, “não tem na —”, mas então percebeu o pagueado dos meus lábios cada vez mais próximos. “Está bem”, disse ela em tom cooperativo e, debruçando-se sobre seu cáldo rosto sardento virado para o alto, o soturno Humbert pressionou sua pálpebra trêmula com a boca. Ela riu, e roçou em mim ao sair correndo do quarto. Meu coração parecia estar em toda parte ao mesmo tempo. Nunca na minha vida — nem mesmo quando passava as mãos na minha menina amada na França —, nunca —

Noite. Nunca experimentei agonia igual. Gostaria de descrever o rosto dela, seus gestos — e não consigo, porque meu desejo por ela me cega quando ela está por perto. Desgraçadamente, não estou acostumado à companhia de ninfetas. Se fecho meus olhos tudo que vejo é apenas uma fração imóvel de seu corpo, um fotograma ampliado, um súbito relance de adorável ífera maciez quando, com um dos joelhos erguido debaixo da saia escocesa, ela se instala sentada para amarrar o sapato. “Dolores Haze, *ne montrez pas vos chambes*” (esta é a mãe dela que julga saber francês).

Poeta *à mes heures*, compus um madrigal aos cílios negros de fuligem dos seus olhos vagos de um cinza-claro, às cinco sardas assimétricas de seu nariz arrebitado, à penugem loura de seus braços e pernas bronzeados; mas rasguei-o e hoje não consigo mais me lembrar dele. Só nos termos mais estritos (retornando ao diário) consigo descrever os traços de Lo. Posso dizer que seus cabelos são de um castanho acobreado, e seus lábios tão vermelhos quanto uma bala vermelha bem lambida, o inferior consideravelmente carnudo — ah, se eu fosse uma escritora mulher e pudesse pedir-lhe para posar nua à luz de uma lâmpada nua! Mas em vez disso sou o ossudo e desengonçado Humbert Humbert, com o peito lanoso,

espessas sobrelhas negras e um sotaque estranho, além de toda uma fossa de monstros putrescentes por trás do seu sorriso vagaroso e jovial. E nem ela é a criança frágil de um romance feminino. O que me leva à loucura é a natureza dúplice dessa ninfeta — de toda ninfeta, talvez; essa mistura na minha Lolita de uma infantilidade terna e sonhadora com o mesmo tipo assustador de vulgaridade emanado pelas beldades de nariz miúdo das ilustrações de anúncios e revistas, pelo rubor indistinto das criadas adolescentes da Inglaterra (cheirando a margaridas esmagadas e suor); e pelas meretrizes muito jovens que se disfarçam de crianças nos bordéis de província; e mais uma vez, tudo isso misturado à extraordinária ternura imaculada que insiste em percolar através da lama e do almíscar, da maldade e da morte, oh Deus, oh Deus. E o mais singular é que ela, *essa* Lolita, a *minha* Lolita, individualizou a velha luxúria do escritor, de modo que por cima e acima de tudo está — Lolita.

Quarta-feira. “Escute, faça a minha mãe levar você e a mim ao lago amanhã.” Foram as palavras textuais que me foram ditas por minha paixão de doze anos num sussurro voluptuoso, quando nos esbarramos por acaso na varanda da frente da casa, eu saindo, ela entrando. O reflexo do sol da tarde, um refulgente diamante branco com inúmeras emanações iridescentes, tremulava na traseira redonda de um carro estacionado. A folhagem de um olmo volumoso lançava sua sombra sensual sobre as tábuas superpostas que revestem a parede da casa. Dois choupos estremeciam e se sacudiam. Era possível distinguir os sons sem forma do tráfego distante; uma criança chamando “*Nancy, Nan-cy!*”. Dentro de casa, Lolita tinha posto seu disco predileto, *Pequena Carmen*, disco que eu costumava chamar de “Carmelita Baixinha”, fazendo-a bufar de pretensa zombaria em resposta a minha pretensa piada.

Quinta-feira. Ontem à noite ficamos sentados lado a lado no jardim, a mãe Haze, Lolita e eu. O morno crepúsculo se aprofundara em amorosa escuridão. A mais velha das garotas finalmente acabara de relatar em grande detalhe o enredo de um filme a que ela e L. tinham assistido num dia do inverno. Um boxeador decaíra muito até encontrar o bondoso e velho padre (que também lutara boxe no vigor da juventude e ainda era capaz de espancar um pecador). Estávamos sentados em almofadas espalhadas pelo chão, e L. estava entre mim e a mulher (ela própria se insinuara ali, adorável tesouro). Quando chegou a minha vez, prorrompi num relato

hilariante de minhas aventuras no Ártico. A musa da invenção pôs-me um fuzil nas mãos e alvejei um urso polar que desabou sentado e fez: Ah! O tempo todo eu tinha uma consciência acentuada da proximidade de L. e, enquanto eu falava, gesticulava na escuridão providencial e me aproveitava desses gestos invisíveis para encostar na mão dela, em seu ombro e numa bailarina de lã e gaze com que ela estava brincando e que toda hora acomodava no meu colo; e finalmente, quando acabei de envolver completamente minha radiante querida nessa teia de carícias etéreas, atrevi-me a acariciar sua perna nua ao longo da penugem eriçada da canela, e ria à socapa das minhas próprias piadas, e tremia, e escondia meus tremores, e uma ou duas vezes senti com meus lábios rápidos o calor dos seus cabelos enquanto mergulhava o nariz neles de passagem, ao mesmo tempo que fazia alguma engraçada digressão e acariciava seu brinquedo. Ela também se agitava bastante, tanto que por fim a mãe lhe disse energicamente que parasse com aquilo e atirou a boneca longe no escuro, e eu ri e me dirigi a Haze por cima das pernas de Lo para deixar minha mão insinuar-se pelas costas magras da minha ninfeta e sentir a sua pele através da camiseta de menino.

Mas eu sabia que aquilo jamais daria em nada, e adoecia de desejo, e minhas roupas me pareciam miseravelmente apertadas, e fiquei quase grato quando a voz baixa da mãe dela anunciou no escuro: “E agora todos achamos que está na hora de Lo ir para a cama.” “E eu acho você nojenta”, respondeu Lo. “O que significa que o piquenique de amanhã está cancelado”, disse Haze. “Este é um país livre”, disse Lo. Quando Lo furiosa foi embora, pondo a língua para fora e produzindo um ruído obsceno com os lábios pressionados, continuei lá por pura inércia, enquanto Haze fumava seu décimo cigarro da noite e queixava-se da filha.

Ela já era maldosa, veja o senhor, desde a idade de um ano, quando costumava jogar os brinquedos para fora do berço só para obrigar a pobre mãe a catá-los, bebê diabólico! Agora, aos doze anos, comportava-se sistematicamente mal, disse Haze. Tudo o que queria da vida era um dia tornar-se baliza, girando seu bastão à frente da banda aos saltos e piruetas, ou passar as noites dançando *swing*. Tirava notas baixas, mas estava mais bem ajustada à escola nova que à de Pisky (Pisky era a cidade natal de Haze no Meio-Oeste. A casa de Ramsdale pertencera à sua falecida sogra. E as duas tinham-se mudado para Ramsdale havia menos de dois anos). “Por que

ela não gostava de lá?” “Ah”, respondeu Haze, “eu até devia saber, pobre de mim, porque também passei por isso quando era menina: os meninos torcendo seu braço, dando-lhe encontrões com pilhas de livros, puxando o seu cabelo, esbarrando com força nos seus seios, levantando a sua saia. Claro que mudanças de humor costumam acompanhar o crescimento, mas Lo passa da conta. Emburrada e evasiva. Grosseira e desafiadora. Espetou Viola, uma colega italiana, nas nádegas com uma caneta-tinteiro. Sabe do que eu gostaria? Se o senhor, *monsieur*, por acaso ainda estivesse aqui no outono, eu lhe pediria para ajudar com os deveres de casa dela — o senhor parece saber tudo, geografia, matemática, francês”. “Ah, tudo”, respondeu *monsieur*. “Quer dizer”, acrescentou rapidamente Haze, “que o senhor *vai* estar aqui!”. Pensei em exclamar que ficaria para sempre se pelo menos pudesse ter a esperança de acariciar de vez em quando minha pupila incipiente. Mas Haze me inspirava cautela. De maneira que me limitei a resmungar e esticar braços e pernas de maneira desconcomitante (*le mot juste*), e em seguida retirei-me para o meu quarto. Ficou óbvio, entretanto, que a mulher ainda não estava pronta a encerrar as atividades do dia. Eu já estava deitado em minha cama fria com as duas mãos pressionando contra o rosto o fantasma fragrante de Lolita quando ouvi minha infatigável hospedeira aproximar-se sorradeira da minha porta e sussurrar através dela — só para saber, perguntou, se eu já acabara de ler a revista *Glance and Gulp* que eu pegara emprestada outro dia. Do seu quarto, Lo berrou que a revista estava com *ela*. Funciona uma verdadeira biblioteca de empréstimos nesta casa, com mil demônios.

Sexta-feira. Eu me pergunto o que meus editores acadêmicos diriam se eu citasse em meu tratado “*la vermeillette fente*”, como diz Ronsard, ou para Rémy Belleau “*un petit mont feutré de mousse délicate, tracé sur le milieu d’un fillet escarlatte*” e assim por diante. O mais provável é que eu acabe tendo um novo colapso mental se ficar mais tempo nesta casa, submetido à tensão constante dessa tentação intolerável, ao lado da minha querida — minha querida —, minha vida e minha prometida. Já terá sido iniciada pela mãe natureza ao Mistério da Menarca? A sensação de intumescência. A Maldição das Irlandesas. A Queda do Telhado. A Visita da Avó. A Chegada do Vapor. “O sr. Útero [cito uma revista para moças] começa a revestir-se de uma nova camada espessa e macia para a

possibilidade de vir a abrigar um bebê.” O minúsculo maluco em sua cela acolchoada.

Incidentalmente: se eu jamais vier a cometer um homicídio sério... Atentem para o “se”. O impulso precisaria ser bem maior que o tipo de coisa que me ocorreu envolvendo Valeria. E cuidem de atentar que *na época* eu era muito inepto. Se e quando um dia decidirem fritar-me na cadeira, lembrem-se que só um acesso de insanidade poderia conferir-me a energia simples da brutalidade (tudo isto emendado, talvez). Às vezes tento matar em meus sonhos. Mas sabem o que acontece? Por exemplo, tenho uma arma nas mãos. Por exemplo, faço pontaria em um inimigo afável, que me encara com um interesse sereno. Ah, claro que puxo o gatilho, mas as balas, uma atrás da outra, despencam sem força no chão da ponta acanhada do cano. Nesses sonhos, minha única preocupação é esconder meu fiasco do rival, que aos poucos vai ficando mais e mais contrariado.

No jantar de hoje à noite a velha gata me disse com um olhar enviesado de mofa materna dirigido a Lo (eu acabara de descrever, numa veia zombeteira, o delicado bigodinho em escova que ainda não me convencera a deixar crescer): “Melhor desistir, senão alguém vai perder totalmente o juízo.” No mesmo instante Lo empurrou para longe seu prato de peixe cozido, quase derrubando seu copo de leite, e deixou a sala de jantar num arranco. “O senhor se incomodaria muito”, indagou Haze, “de vir amanhã nadar conosco no lago, se Lo pedir desculpas pelos maus modos?”.

Mais tarde, ouvi portas batendo com força e outros sons que vinham das cavernas convulsas onde as duas rivais travavam uma rusga ruidosa.

Ela não pediu desculpas. Nada de ida ao lago. Podia ter sido divertido.

Sábado. Por alguns dias eu já vinha deixando a porta escancarada, enquanto escrevia em meu quarto; mas só hoje a armadilha funcionou. Com grande excesso de hesitação adicional, delongando e arrastando os pés — de modo a disfarçar o quanto ficava encabulada de vir visitar-me sem convite —, Lo entrou e depois de explorar um pouco à sua volta interessou-se pelos arabescos de pesadelo que eu traçara numa folha de papel. Oh, não: não eram o produto da pausa inspirada do beletриста entre dois parágrafos; eram os horrendos hieróglifos (que ela não foi capaz de decifrar) do meu desejo fatídico. Quando ela reclinou os cachos castanhos sobre a mesa a que eu estava sentado, Humbert o Rouco passou o braço à sua volta numa triste imitação de familiaridade; e sempre examinando, com uma certa miopia, o

pedaço de papel que tinha nas mãos, minha pequena e inocente visita assumiu aos poucos uma posição meio sentada sobre meu joelho. Seu adorável perfil, seus lábios separados, seus cabelos mornos estavam a menos de dez centímetros do meu canino à mostra; e eu sentia o calor de seus braços e pernas através das suas roupas ásperas e masculinizadas. Na mesma hora percebi que poderia beijar seu pescoço ou o canto de sua boca com perfeita impunidade. Sabia que ela não iria resistir, e até fecharia os olhos como ensina Hollywood. Um sorvete duplo de baunilha com calda quente de caramelo — só um pouco mais incomum que isso. Não tenho como dizer a meu duto leitor (cujas sobrancelhas, suspeito, a essa altura já devem ter ultrapassado o topo da sua calva), não tenho como dizer-lhe de que modo essa certeza me ocorreu; pode ser que minha audição de símio tenha captado inconscientemente alguma ligeira alteração no ritmo de sua respiração — pois agora ela não estava mais propriamente fitando os meus rabiscos, e sim esperando, curiosa e composta — ó, minha límpida ninfeta! —, que o glamoroso inquilino fizesse o que morria de vontade de fazer. Uma garota moderna, leitora ávida de revistas de cinema, especialista em *close-ups* lentos como sonhos, podia não achar muito estranho, pensei, que um amigo adulto, bem-apanhado e intensamente viril — tarde demais. A casa vibrava subitamente com a voz da volúvel Louise contando à recém-chegada senhora Haze que ela e Leslie Tomson tinham encontrado alguma coisa morta no porão, e a pequena Lolita jamais iria perder uma história como aquela.

Domingo. Volúvel, mal-humorada, alegre, desajeitada, graciosa com a graça mordente de sua corcoveante pré-adolescência, insuportavelmente desejável da cabeça aos pés (típica da Nova Inglaterra para a pena de uma escritora!), do laçarote preto pronto e dos grampos que prendiam seus cabelos à pequena cicatriz na parte inferior de sua canela lisa (onde fora atingida por um patinador de Pisky), alguns centímetros acima de suas meias soquete ásperas e brancas. Foi com a mãe à casa dos Hamilton — uma festa de aniversário ou coisa assim. Vestido xadrez de saia comprida. Suas pequenas pernas já me parecem bem formadas. Portento precoce!

Segunda-feira. Manhã chuvosa. “*Ces matins gris si doux...*” Meu pijama branco tem um desenho em lilás nas costas. Sou como uma dessas aranhas pálidas e infladas que frequentam velhos jardins. Pousada no centro de uma teia luminosa e sacudindo de leve um ou outro de seus fios. A

minha teia está espalhada por toda a casa enquanto acompanho tudo da cadeira onde me sento como um astuto feiticeiro. Estará Lo em seu quarto? Suavemente, puxo o cordão de seda. Não está. Acabo de ouvir o rolo de papel higiênico produzir seu som *staccato* enquanto gira; e o longo filamento que lancei não capta passo algum de volta do banheiro para o quarto dela. Ainda estará escovando os dentes (a única atividade sanitária a que Lo se entrega com autêntico entusiasmo)? Não. A porta do banheiro acaba de bater, de maneira que precisamos sondar outras paragens da casa à procura da linda presa de cores quentes. Lancemos um fio de seda escada abaixo. E por meio dele verifico que ela não está na cozinha — nem batendo com estrondo a porta da geladeira nem berrando com a mãe que detesta (e que, imagino, deve estar entregue à terceira jubilosa, arrulhante e contidamente animada conversa telefônica da manhã). Bem, limitemo-nos a sondar e esperar. Como uma arraia, deslizo em pensamento até a sala e encontro o rádio calado (e mamãe ainda em conversa com a sra. Chatfield ou a sra. Hamilton, falando muito baixo, ruborizada, sorridente, cobrindo o fone com a mão em concha, sugerindo que nega tudo que se diz, esse diz-que-diz sobre o inquilino, sussurrando em tom íntimo, como nunca faz, esta senhora franca, em conversas frente a frente). De maneira que minha ninfeta não está em casa de todo! Saiu! O que tomei por um tecido prismático revela-se apenas uma gasta e grisalha teia de aranha, a casa está vazia, está morta. E então escuto o doce riso abafado de Lolita através da minha porta entreaberta. “Não conte à minha mãe, mas comi *todo* o seu *bacon!*” Some quando me atiro para fora do quarto. Lolita, onde está você? A bandeja do meu café da manhã, preparada com amor pela dona da casa, fita-me de soslaio sem os dentes, pronta a ser carregada para dentro. Lola, Lolita!

Terça-feira. As nuvens mais uma vez interferiram no piquenique naquele lago inatingível. Será uma trama do Destino? Ontem experimentei diante do espelho um par novo de calções de banho.

Quarta-feira. Durante a tarde, Haze (sapatos sensatos, vestido sob medida) me diz que vai de carro até o centro da cidade comprar um presente para a amiga de uma amiga, e se por favor eu não poderia ir com ela devido a meu extremo bom gosto em matéria de texturas e perfumes. “E o senhor escolhe a sua sedução predileta”, ronrona ela. O que poderia Humbert, estando na indústria dos perfumes, responder? Ela me encurralara

entre o patamar de entrada da casa e o carro dela. “Depressa”, disse ela enquanto eu dobrava laboriosamente o corpo alto para caber no carro (ainda procurando em desespero algum meio de escapar). Ela dera a partida no motor, e praguejava cordialmente contra um caminhão que dava a ré descrevendo uma curva à frente dela depois de ter trazido para a velha inválida Srta. Defronte uma cadeira de rodas novinha em folha, quando a voz aguda da minha Lolita se fez ouvir da janela da sala: “Ei! Aonde vocês estão indo? Eu também vou! Esperem!” “Não lhe dê ouvidos”, ladrou Haze (desligando o motor); infelizmente para a minha bela motorista, Lo já abria a porta do meu lado. “Isto é intolerável”, começou Haze, mas Lo se instalara no banco, trêmula de triunfo. “Chegue esse seu traseiro para lá”, disse Lo. “Lo!”, exclamou Haze (olhando-me de esguelha na esperança de que eu pusesse a desbocada para fora). “E cuidado”, disse Lo (não pela primeira vez), ao mesmo tempo que sua cabeça era atirada para trás, minha cabeça era atirada para trás e o carro dava um salto para a frente. “É intolerável”, disse Haze, engatando com violência uma segunda, “uma garota com esses modos horríveis. E que ainda assim insiste. Quando sabe que não foi convidada. E está precisando de um banho”.

Os nós dos meus dedos roçavam os jeans da garota. Ela estava descalça; as unhas dos seus dedos dos pés exibiam restos de esmalte vermelho-cereja e ela trazia um pedaço de esparadrapo preso ao dedão; e, Deus, o que eu não teria dado para beijar ali mesmo e naquela hora aqueles pés de ossos delicados e dedos longos, quase como um pé de macaco! E de repente a mão dela escorregou para dentro da minha sem que a nossa vigia pudesse ver, eu segurei, e acariciei, e apertei aquela patinha quente até chegarmos à loja. As ventas do marlenesco nariz da motorista brilhavam muito, tendo derramado ou consumido sua ração de pó de arroz, e ela sustentava um elegante solilóquio suscitado pelo tráfego local, sorria de perfil, fazia beicinho de perfil e batia os cílios pintados de perfil, enquanto eu rezava para nunca chegarmos à tal loja, mas chegamos.

E nada mais tenho a relatar, salvo, primeiro: que a mãe Haze obrigou a Haze menor a voltar para casa sentada no banco de trás, e, segundo: que a dama decidiu acatar a Escolha de Humbert para o reverso de suas bem torneadas orelhas.

Quinta-feira. Estamos pagando com granizo e ventos fortes pelo começo tropical do mês. Dentro de um dos volumes da *Enciclopédia dos*

jovens, encontrei um mapa dos Estados Unidos que um lápis de criança começara a copiar numa folha de papel fino do outro lado da qual, no avesso do contorno inacabado da Flórida e do Golfo do México, havia uma lista mimeografada de nomes que se referia, evidentemente, à sua turma na escola de Ramsdale. É um poema que já aprendi de cor.

Angel, Grace
Austin, Floyd
Beale, Jack
Beale, Mary
Buck, Daniel
Byron, Marguerite
Campbell, Alice
Carmine, Rose
Chatfield, Phyllis
Clarke, Gordon
Cowan, John
Cowan, Marion
Duncan, Walter
Falter, Ted
Fantasia, Stella
Flashman, Irving
Fox, George
Glave, Mabel
Goodale, Donald
Green, Lucinda
Hamilton, Mary Rose
Haze, Dolores
Honeck, Rosaline
Knight, Kenneth
McCoo, Virginia
McCrystal, Vivian
McFate, Aubrey
Miranda, Anthony
Miranda, Viola
Rosato, Emil

Schlenker, Lena
Scott, Donald
Sheridan, Agnes
Sherva, Oleg
Smith, Hazel
Talbot, Edgar
Talbot, Edwin
Wain, Lull
Williams, Ralph
Windmuller, Louise

Um poema, um poema, por Deus! Tão estranho e doce foi descobrir aquele “Haze, Dolores” (ela!) no meio do seu canteiro de nomes, com sua guarda pessoal de rosas — uma princesa das fadas ladeada por duas damas de honra. Tento analisar o calafrio de delícia que me transmite esse nome entre todos os outros. O que nele me leva quase às lágrimas (as lágrimas mornas, grossas e opalescentes que derramam os poetas e os amantes)? O que será? O terno anonimato desse nome com seu véu (“Dolores”) e a transposição abstrata de nome e indistinção do sobrenome, *Haze*, “névoa” ou “turvamento”, os dois vistos como um par novo de luvas claras ou um simulacro de máscara? Será “máscara” a palavra-chave? Será porque sempre encontramos deleite no mistério semitranslúcido, nas dobras do *charshaf*, através do qual a carne e o olho que só você tem o privilégio de conhecer sorriem de passagem só para você? Ou talvez porque consigo imaginar com tamanha clareza o resto da turma variada em torno de minha amada dolorosa e turva: Grace e suas espinhas maduras; Ginny e sua perna aleijada; Gordon, o onanista exaurido; Duncan, o palhaço malcheiroso; Agnes e suas unhas roídas; Viola, com os cravos no rosto e o busto balouçante; a bonita Rosaline; a morena Mary Rose; a adorável Stella, que se deixa tocar por estranhos; Ralph, que intimida e rouba; Irving, de quem sinto pena. E lá está ela, perdida no meio, mordiscando um lápis, detestada pelos professores, os olhos de todos os meninos em seus cabelos e em sua nuca, *minha* Lolita.

Sexta-feira. Anseio por alguma tremenda calamidade. Terremoto. Explosão espetacular. A mãe é eliminada produzindo grande estrago, mas de modo instântaneo e permanente, na companhia de todo mundo num raio

de vários quilômetros. Lolita soluça em meus braços. Libertado, eu a desfruto em meio às ruínas. A surpresa dela, as minhas explicações, demonstrações, ululações. Idílios idiotas e vãos! Um Humbert destemido teria brincado com ela da maneira mais repulsiva (ontem, por exemplo, quando ela entrou novamente em meu quarto para mostrar-me seus desenhos, coleção de arte escolar); ele poderia suborná-la — e escapar impune. Um sujeito mais simples ou pragmático ater-se-ia sobriamente a sucedâneos comerciais diversos — caso soubesse onde procurar; eu não sei. Apesar da minha máscula beleza, sou de uma terrível timidez. Minha alma romântica fica toda suarenta e trêmula só de pensar na possibilidade de algum horrível imprevisto desagradável e indecente. Aqueles devassos monstros marinhos. “*Mais allez-y, allez-y!*” Annabel pulando num pé só para enfiar seu short, eu mareado de raiva, tentando impedir que a vissem.

Mesma data, mais tarde, bem tarde. Acendi a luz para anotar um sonho. Com um antecedente bem óbvio. Durante o jantar Haze tivera a benevolência de proclamar que, como o departamento de meteorologia prometia um fim de semana de sol, iríamos ao lago no domingo depois da igreja. Deitado na cama, entregue a rumações eróticas antes de tentar adormecer, ocorreu-me um esquema final para aproveitar o piquenique vindouro. Eu sabia que a mãe Haze detestava minha amada porque esta era carinhosa comigo. E então planejei meu dia lacustre tendo em vista deixar a mãe satisfeita. Só com ela eu falaria; mas em algum momento oportuno diria que tinha deixado meu relógio de pulso ou meus óculos escuros naquele arvoredo logo ali — e mergulharia com minha ninfeta no bosque. A realidade a essa altura se apagava, e a Procura dos Óculos se transformava numa pequena orgia discreta com uma Lolita que, singularmente prestativa, escolada, corrupta e complacente, procedia de um modo que, bem sabia a razão, não tinha como comportar-se. Às três da manhã engoli um sonífero e, em seguida, um sonho que não era uma continuação, mas uma paródia, revelou-me, com uma clareza especialmente significativa, o lago que até então eu jamais visitara: estava coberto de uma camada de gelo esmeraldino, e um esquimó de rosto bexiguento tentava em vão quebrá-lo com uma picareta, embora mimosas e oleandros importados florescessem em suas margens pedregosas. Tenho certeza de que a dra. Blanche Schwarzmann me teria pagado um saco de dinheiro para poder acrescentar sonho tão libidinal aos seus arquivos. Infelizmente, o resto dele era

francamente eclético. As duas Haze cavalgavam em torno do lago, e eu também, o corpo a subir e descer devidamente, as pernas arqueadas e bem abertas embora não tivessem um cavalo entre elas, só o ar elástico — uma dessas pequenas omissões devidas à desatenção do agente do sonho.

Sábado. Meu coração ainda bate forte. Ainda me contorço e emito gemidos surdos de vergonha rememorada.

Vista dorsal. Vislumbre de pele reluzente entre camiseta e shorts brancos de ginástica. Debruçada a um parapeito do andar de cima, no ato de arrancar as folhas de um choupo, absorvida numa conversa torrencial com um entregador de jornais abaixo dela (Kenneth Knight, desconfio eu) que acabara de arremessar o *Journal* de Ramsdale com um baque muito preciso na varanda da frente. Comecei a avançar para ela como uma sombra, ou como um corcunda de pantomima. Meus braços e pernas eram superfícies convexas entre as quais — mais que sobre as quais — eu avançava lentamente graças a algum meio neutro de locomoção: Humbert o Aracnídeo Ferido. Devo ter levado horas para chegar a ela: tinha a impressão de vê-la pelo lado errado de um telescópio, e rumo a seu tenaz traseiro eu me deslocava como algum paralítico, sobre pernas contorcidas e sem firmeza, numa concentração terrível. Finalmente eu estava bem atrás dela quando tive a infeliz ideia de simular uma brincadeira — agarrá-la pela nuca ou bobagem parecida para encobrir meu verdadeiro *manège*, e ela exclamou numa lamúria aguda e breve: “Pare já!” — no tom mais áspero, a vadiazinha, e com os dentes desagradavelmente arreganhados Humbert o Humilde bateu em triste retirada enquanto ela continuava fazendo graça na direção da rua.

Mas vejam só o que ocorreu em seguida. Depois do almoço instalei-me recostado numa cadeira baixa tentando ler. Subitamente, duas mãozinhas ágeis cobriram meus olhos: ela se aproximara por trás como se replicasse, numa sequência de balé, minha manobra da manhã. Seus dedos eram de um carmim luminoso enquanto tentavam bloquear o sol e ela emitia um riso soluçante, saltando de cá para lá sempre que eu estendia meu braço para os lados ou para trás sem de outro modo abandonar minha posição reclinada. Minha mão roçava suas pernas ágeis e alegres, o livro como um trenó deslizou do meu colo e a sra. Haze se aproximou, dizendo indulgente: “Pode lhe dar uma palmada se ela atrapalhar suas eruditas meditações. Como eu gosto desse jardim [sem ponto de exclamação no tom]. Não é

mesmo divino ao sol [sem ponto de interrogação tampouco].” E com um suspiro de satisfação fingida, a detestável mulher deixou-se cair na grama e ergueu o rosto para o céu enquanto se inclinava para trás apoiada nas palmas das mãos, e em seguida foi atingida por uma velha bola de tênis cinza, e a voz de Lo ouviu-se ativa de dentro de casa: “*Pardonnez, Mamãe.* Não era *você* que eu queria acertar.” Claro que não, minha amada fofa e fogosa.

12

E este acabou sendo o último de uns vinte registros. Pode-se ver a partir deles que, não obstante toda a inventividade do demônio, o esquema continuava dia a dia o mesmo. Primeiro ele me tentava — e depois me frustrava, deixando-me com uma dor surda na própria raiz da minha existência. Eu sabia exatamente o que queria fazer, e como fazê-lo, sem violar a castidade de uma criança; afinal, eu já tivera *alguma* experiência de pedoerotismo na minha vida; já possuía visualmente ninfetas salpicadas de sol nos parques; já conseguira penetrar, à força bestial e bruta, nos cantos mais quentes e apertados de um ônibus lotado de escolares presas às alças do teto. Mas por quase três semanas eu vinha sendo interrompido em todas as minhas patéticas maquinações. A agente dessas interrupções era geralmente a mãe Haze (que, como o leitor haverá de perceber, temia mais que Lo encontrasse algum prazer comigo do que meu eventual desfrute de Lo). A paixão que eu desenvolvera por essa ninfeta — a primeira ninfeta da minha vida que podia ser alcançada afinal por minhas garras inábeis, doloridas e medrosas — ter-me-ia certamente devolvido a algum sanatório caso o diabo não percebesse finalmente que precisava conceder-me algum alívio se quisesse conservar-me como joguete por mais algum tempo.

O leitor também terá reparado na curiosa Miragem do Lago. Teria sido lógico da parte de Aubrey McFate (como eu gostaria de batizar esse meu demônio) proporcionar-me algum rápido deleite na praia prometida ou no bosque presumido. Na verdade, porém, a promessa da sra. Haze era mentirosa: ela não me disse que Mary Rose Hamilton (por sua vez uma pequena beldade morena) também viria, e que as duas ninfetas ficariam trocando sussurros entre si, brincando entre si e divertindo-se só as duas

enquanto a sra. Haze e seu inquilino de bela estampa conversavam serenamente seminus, longe de olhos intrometidos. Incidentalmente, houve olhos que se intrometeram e línguas que deram nos dentes. Como a vida é estranha! Apressamo-nos a desviar de nós o próprio destino que pretendíamos atrair. Antes de minha chegada, minha hospedeira planejara convocar uma velha solteirona, a srta. Phalen, cuja mãe fora cozinheira da família da sra. Haze, para vir ficar na casa com Lolita e comigo, enquanto a sra. Haze, interessada antes de tudo numa carreira, procurava algum emprego adequado na cidade mais próxima. A sra. Haze antevira a situação com toda clareza: Herr Humbert, um homem de óculos e costas curvas, chegando com seus baús centro-europeus, pronto para acumular poeira em seu canto detrás de uma pilha de livros velhos; a filhinha feia e mal-amada supervisionada pela srta. Phalen, que uma vez já tivera minha Lo sob suas asas de abutre (Lo recordava aquele verão de 1944 com um estremecimento indignado); e a própria sra. Haze contratada como recepcionista numa cidade grande e elegante. Mas um acontecimento não muito complicado interferiu nessa programação. A srta. Phalen fraturou o quadril em Savannah, Georgia, no mesmo dia em que cheguei a Ramsdale.

13

O domingo seguinte ao sábado que já descrevi foi tão ensolarado quanto dissera a previsão do tempo. Quando eu punha a bandeja do café da manhã de volta na cadeira fora do meu quarto, para minha boa hospedeira remover quando mais lhe conviesse, pude compilar a seguinte situação que ouvi do patamar de cima, através do qual eu me esgueirara em silêncio até a balastrada nos meus velhos chinelos — as únicas coisas velhas em mim.

Outra briga tinha ocorrido. A sra. Hamilton telefonara dizendo que sua filha “estava febril”. E a sra. Haze informou à respectiva filha que o piquenique precisaria ser adiado. A esquentada pequena Haze informou à gélida mãe Haze que, nesse caso, não iria acompanhá-la à igreja. A mãe respondeu muito bem e saiu de casa.

Eu rumara para o alto da escada com a barba recém-feita, os lóbulos das orelhas ensaboados, ainda de pijama branco com o desenho azul-claro (e não o lilás) nas costas; limpei a espuma, perfumei meus cabelos e axilas,

vesti um roupão de seda roxa e, cantarolando nervoso de boca fechada, desci as escadas à procura de Lo.

Quero que meus doutos leitores participem da cena que estou prestes a reexibir; quero que examinem cada um dos seus detalhes e constatem por si mesmos como foi cauteloso, como foi casto, todo esse momento de rara doçura quando visto com o que meu advogado chamou, numa conversa particular que tivemos, de “compaixão imparcial”. Comecemos, então. Tenho uma tarefa difícil pela frente.

Personagem central: Humbert o Murmurante. Hora: manhã de domingo em junho. Local: sala ensolarada. Objetos de cena: velho sofá, listrado de cores fortes, revistas, vitrola, badulaques mexicanos (o falecido sr. Harold E. Haze — que Deus abençoe o bom homem — engendrara minha amada em plena hora da *siesta* num quarto pintado de azul, durante a viagem de lua de mel a Vera Cruz, e os souvenirs do passeio, entre eles Dolores, espalhavam-se pela casa toda). Naquele dia, ela usava um bonito vestido estampado que eu só a vira usar antes uma vez, amplo na saia, justo no corpete, cor-de-rosa e quadriculado de rosa mais escuro, e, para completar o esquema de cores, ela pintara os lábios e segurava nas mãos em concha uma bela e banal maçã, de um vermelho Édén. Não estava calçada, porém, para a igreja. E sua bolsinha branca de domingo repousava perto da vitrola.

Meu coração batia como um bumbo quando ela se instalou, a saia fresca inflando e depois assentada, no sofá a meu lado, brincando com sua fruta reluzente. Arremessou-a no ar polvilhado de sol, estendeu a mão para ela — e o pomo produziu um som seco, côncavo e lustroso.

Humbert Humbert o interceptara.

“Devolva aqui”, pediu ela, exibindo o rubor marmóreo das palmas. Apresentei-lhe a Delícia. Ela agarrou-a, deu-lhe uma mordida e meu coração parecia de neve sob uma pele fina e carmesim, e com a agilidade simiesca tão típica daquela ninfeta americana ela arrancou da minha guarda distraída a revista que eu abrira (pena que nenhuma película tenha registrado o curioso padrão, o encadeamento monogrâmico de nossos movimentos simultâneos ou superpostos). Rapidamente, pouco atrapalhada pela maçã desfigurada que segurava, Lo folheou furiosamente as páginas à procura de algo que desejava mostrar a Humbert. E finalmente encontrou. Simulei interesse e aproximei tanto minha cabeça que sentia seus cabelos em minha têmpera e seu braço roçou meu rosto quando ela limpou os lábios

com o pulso. Devido à névoa refulgente em meio à qual eu vislumbrava a figura, fui lento em reagir, e seus joelhos nus esfregavam-se e chocavam-se de impaciência. E vagamente fui percebendo: um pintor surrealista relaxando, deitado de costas, numa praia, e ao lado dele, igualmente estendida, uma réplica em gesso da Vênus de Milo, semienterrada na areia. Imagem da Semana, dizia a legenda. E afastei de lado aquela coisa obscena. No momento seguinte, num pretense esforço para recuperá-la, ela lançou-se sobre mim. E eu a segurei pelo pulso fino e nodoso. A revista voou para o chão como uma ave alvoroçada. Ela soltou-se com uma torção do braço, retrocedeu e recostou-se no canto direito do sofá riscado. E em seguida, com uma simplicidade perfeita, a impudente menina esticou as pernas e pousou-as em meu colo.

A essa altura, eu me encontrava num estado de excitação que beirava a loucura; mas também me valeu a sagacidade dos loucos. Sentado no sofá, consegui concatenar, por meio de uma série de movimentos sorrateiros, minha luxúria encoberta às suas pernas inocentes. Não foi fácil manter desviada a atenção da pequena donzela enquanto eu executava os obscuros ajustes necessários para o sucesso da manobra. Falando muito depressa, vez por outra quase perdendo o fôlego que em seguida recuperava, simulando uma repentina dor de dente para explicar as paradas no meu palavrório — e o tempo todo mantendo um olho interior de maníaco fixo em minha distante meta dourada, acelerei com cautela a mágica fricção que ia abolindo aos poucos, num sentido ilusional mas quase concreto, a textura fisicamente irremovível mas psicologicamente muito friável da fronteira material (pijama e robe) entre o peso de duas pernas bronzeadas, atravessadas no meu colo, e o tumor oculto de uma paixão inconfessável. Tendo, no decurso de minha parolagem, chegado a algum ponto satisfatoriamente mecânico, comecei a recitar, embaralhando um pouco as palavras, a letra da canção idiota que fazia sucesso na época — ó minha Carmen, pequena Carmen, alguma coisa pelas estrelas, de carro até os mares e os bares da nossa vida, Carmen querida; e tornava a repetir tudo automaticamente a fim de mantê-la sob o feitiço peculiar dessas palavras (encantatórias porque embaralhadas), tomado o tempo todo pelo medo mortal de que algum ato de Deus pudesse interromper-me, privar-me da carga preciosa em cuja sensação todo o meu ser parecia concentrado, ansiedade que me obrigou a operar, pelo primeiro minuto ou coisa assim, bem mais depressa do que

convinha a um prazer modulado pela vontade. As estrelas que faiscavam, os carros que coruscavam, os bares e mares que marejavam logo foram retomados por ela, numa voz que assumiu e corrigiu a música que eu vinha mutilando. Ela era muito afinada; sua voz, doce como uma fruta. Suas pernas tremiam um pouco, estendidas de través sobre o meu colo; eu as acariciava; e lá esparramou-se ela no canto direito do sofá, braços e pernas quase abertos, Lola com suas meias soquete, devorando seu fruto imemorial através de cujo suco continuava a cantar, perdendo o chinelo, esfregando o calcanhar do pé agora descalço, com sua meia pouco limpa, contra a pilha de velhas revistas acumulada à minha esquerda no sofá — e cada movimento que fazia, cada deslocamento ou ondulação do seu corpo, ajudava-me a encobrir e aperfeiçoar o sistema secreto de correspondência tátil entre a fera e a bela — entre minha besta amordaçada a ponto de explodir e a beleza do jovem corpo encrespado em seu inocente vestidinho de algodão.

Sob as pontas oblíquas dos meus dedos, senti os pelos diminutos que se eriçavam muito de leve ao longo de suas canelas. Perdi-me no calor pungente mas saudável que pairava em torno da pequena Haze como uma turva névoa de verão. Fique mais, fique mais... Quando ela se esticou para pousar o núcleo de sua maçã consumida na grade da lareira, seu jovem peso, suas desavergonhadas tíbias inocentes e nádegas redondas deslizaram em meu colo tenso, torturado, entregue a trabalhos sub-reptícios; e subitamente uma mudança misteriosa tomou os meus sentidos. Ingressei num plano da existência em que nada importava além da infusão de júbilo que se preparava dentro do meu corpo. O que começara como uma deliciosa distensão das minhas raízes mais profundas transformara-se num candente formigamento que *agora* chegava àquele estado de absoluta certeza, segurança e confiança que não ocorre em nenhuma outra ocasião da vida consciente. Com a doçura cálida e profunda assim estabelecida e bem a caminho da convulsão suprema, senti que poderia refrear-me a fim de prolongar aquela incandescência. Lolita fora solidamente solipsizada. A luz do sol implícito pulsava nos choupos expostos; estávamos fantástica e divinamente a sós; eu olhei para ela, corada, salpicada de ouro em pó, para além do véu do meu deleite controlado, sem percebê-lo, a ele alheia, e o sol estava em seus lábios, e seus lábios pareciam ainda formar as palavras da letra em que Carmen se mesclava a carros e bares, só que não chegava mais

à minha consciência. Tudo agora estava pronto. Os nervos do prazer tinham sido postos a nu. Os corpúsculos de Krause ingressavam no estágio do frenesi. A mais leve pressão seria suficiente para provocar o extravasamento de todo o paraíso. Eu deixara de ser Humbert o Sabujo, o vira-lata degenerado de olhos tristes aferrado à bota que se apronta para desferir-lhe um pontapé final. Eu estava acima das tribulações do escárnio, fora do alcance das possibilidades de represália. Em meu serralho de criação própria, eu era um turco exultante, vigoroso e deliberado, em plena consciência de sua liberdade, adiando o momento em que desfrutaria até o fim a mais jovem e frágil de suas escravas. Suspenso à beira daquele abismo de volúpia (uma proeza fisiológica de controle e manutenção do equilíbrio comparável a certas técnicas das artes plásticas), eu continuava a repetir-lhe palavras ao acaso — não alarmem não desarmem minha Carmen, e aáhem, ahahámem —, como alguém que fala e ri no sono enquanto meus ditosos dedos subiam por sua perna ensolarada até onde permitia a sombra da decência. Na véspera ela colidira com uma arca pesada no corredor e — “Olhe só, olhe só” — arquejei — “olhe só o que você fez, ah, olhe só”; pois havia, eu juro, um hematoma de um roxo amarelado em sua adorável coxa de ninfeta que minha mão imensa e muito peluda massageava e aos poucos envolveu — e, como suas roupas de baixo eram muito precárias, não parecia haver nada que impedisse meu poderoso polegar de alcançar o oco quente de seu ventre — do mesmo modo como se pode fazer cócegas e carícias numa criança desfeita em riso — só isso — e: “Ora, não é nada”, exclamou ela com uma súbita nota muito aguda na voz, e contorceu-se, e revirou o corpo, e jogou a cabeça para trás, e seus dentes pousaram em seu reluzente lábio inferior enquanto ela dava um meio giro para trás, e minha boca que tanto gemia, senhores do júri, quase alcançou seu pescoço exposto, enquanto eu esmagava com força contra sua nádega esquerda o último espasmo do êxtase mais prolongado que homem ou monstro jamais experimentou.

Imediatamente depois (como se antes estivéssemos lutando mas agora eu afrouxasse a chave com que a imobilizava) ela rolou para fora do sofá e levantou-se de um salto — num pé só, a bem da verdade — a fim de atender o telefone formidavelmente barulhento que, até onde eu sabia, já podia vir tocando havia séculos. Lá estava ela de pé, piscando muito, o rosto em chamas, os cabelos tortos, os olhos passando por mim tão depressa

quanto pela mobília, e enquanto escutava ou falava (com a mãe que a chamava para vir almoçar com ela na casa dos Chatfield — nem Lo nem Hum sabiam ainda o que a buliçosa Haze vinha planejando), dava pancadinhas na beira da mesa com o chinelo que segurava na mão. Deus seja louvado, ela não percebera nada!

Com um lenço de seda multicolorida, em que os cintilantes olhos dela pousaram de passagem, enxuguei o suor da testa e, imerso numa euforia de alívio, rearrumei minhas roupas reais. Ela continuava ao telefone, negociando com a mãe (queria que ela viesse buscá-la de carro, minha pequena Carmen), quando, cantando em voz cada vez mais alta, subi com ímpeto as escadas e fiz um dilúvio de água fumegante começar a trovejar para dentro da banheira.

A essa altura, posso copiar aqui a letra integral dessa canção de sucesso — até onde me lembro dela, pelo menos —, mas não acho que jamais a tenha entendido direito. E aqui vai:

Ó minha Carmen, pequena Carmen!
Alguma coisa, pelas estrelas
De carro até os mares e os bares da nossa vida —
É tanto o charme das nossas brigas.
E alarme na cidade onde ontem, alegremente,
Nós dois saímos, e foi para sempre,
A arma com que te matei, ó Carmen,
A arma que ainda trago em minha mão.

(Sacou de sua automática .32, acredito, e atravessou o olho da amásia com um balaço.)

14

Almocei na cidade — fazia anos que não sentia tanta fome. A casa ainda estava des-lolada quando cheguei de volta caminhando. Passei a tarde pensando, maquinando, digerindo bem-aventurado minha experiência da manhã.

Sentia-me orgulhoso. Conseguira roubar o mel de um espasmo sem fazer mal à moral de uma menor. Absolutamente mal algum. O feiticeiro derramara leite, melado, champanhe borbulhante, na bolsinha branca e nova

de uma jovem; e alô, eis que a bolsa permanecera intacta. Assim eu arquitetara com delicadeza meu sonho ignóbil, ardente e pecaminoso; e ainda assim Lolita permanecia a salvo — e eu estava a salvo. O que eu possuía loucamente não era ela, mas uma criação minha, outra Lolita, imaginária — talvez mais real que Lolita; superpondo-se a ela, contendo-a em si; pairando no ar entre mim e ela, e desprovida de vontade, de consciência — na verdade, desprovida de vida própria.

A menina não sabia de nada. Eu não lhe fizera nada. E nada me impedia de repetir uma performance que a afetara tão pouco quanto se ela fosse uma imagem fotográfica ondulando numa tela e eu um humilde corcunda abusando de mim mesmo no escuro. A tarde prosseguiu numa deriva interminável, num silêncio suculento, e as árvores altas e repletas de seiva pareciam saber de tudo; e o desejo, mais forte do que antes, começou a afligir-me novamente. Que ela volte logo, rezei, dirigindo-me a um Deus de empréstimo, e enquanto mamãe estiver na cozinha, que uma repetição do episódio do sofá possa ser reencenada, eu suplico, minha adoração por ela é tão horrível.

Não: “horrível” é a palavra errada. A exaltação que me invadiu com a visão de novas delícias não era horrível, mas patética. Eu a qualifico de patética. Patética — porque a despeito do ardor insaciável do meu apetite venéreo, eu pretendia, com um olho no futuro e a força mais fervorosa, proteger a pureza daquela criança de doze anos.

E vejam só como meus esforços foram recompensados. Lolita não voltou para casa — fora ver um filme com os Chatfield. A mesa estava posta com mais elegância que de costume: luz de velas, nada menos. Nessa aura adocicada, a sra. Haze desferia toques delicados nos talheres dos dois lados de seu prato como se dedilhasse as teclas de um piano, e despejava um sorriso em seu prato vazio (estava de dieta), dizendo esperar que eu gostasse da salada (receita furtada de uma revista feminina). E esperava também que eu gostasse dos frios. O dia tinha sido perfeito. A sra. Chatfield era adorável. Phyllis, a filha dela, partia amanhã para uma colônia de férias. Por três semanas. Lolita, estava decidido, partiria na quinta-feira. Em vez de esperar até julho, como fora inicialmente planejado. E ainda ficaria lá depois de Phyllis voltar. Até o reinício das aulas. Que futuro fabuloso, meu coração.

Ah, quanta decepção — pois aquilo não significava a perda da minha amada, bem no momento em que eu a tornara minha em segredo? Para explicar meu humor sombrio, precisei usar a mesma dor de dente que já simulara pela manhã. Devia ser um molar imenso, com um abscesso do tamanho de uma cereja ao marasquino.

“Pois temos aqui”, declarou Haze, “um excelente dentista. Na verdade nosso vizinho. O dr. Quilty. Tio ou primo, creio eu, do dramaturgo. Acha que vai passar? Bom, como quiser. No outono vou encomendar o aparelho para ela. Pode ser que isso refreie um pouco Lo. Imagino que ela venha incomodando bastante o senhor esses dias. E ainda teremos alguma agitação até ela partir. Ela se recusa totalmente a ir, e confesso que a deixei com os Chatfield porque temia me ver a sós com ela neste momento. Pode ser que o cinema a suavize. Phyllis é uma garota muito calma, e não existe no planeta motivo nenhum para Lo não gostar dela. A verdade, *monsieur*, é que estou muito penalizada com esse seu dente. Seria tão mais razoável o senhor me deixar entrar em contato com Ivor Quilty amanhã de manhã cedo, se ele ainda estiver doendo. E sabe, acho que uma colônia de férias é muito mais saudável, e — bem, muito mais *razoável*, como eu digo sempre, do que ficar atirada num gramado de subúrbio, usar o batom da mãe, perturbar toda hora um cavalheiro discreto e estudioso, e ficar dando ataques ao menor pretexto”.

“Tem certeza”, disse eu afinal, “de que ela vai ser feliz por lá?” (que pergunta, que pobreza de pergunta!).

“Pois acho bom que ela fique satisfeita”, disse Haze. “E nem tudo por lá é brincadeira. A diretora da colônia é Shirley Holmes — sabe, que escreveu o livro *Garotas em volta da fogueira*. A colônia vai ensinar Dolores Haze a crescer em muitas coisas — saúde, conhecimento, temperamento. E especialmente em matéria de senso de responsabilidade perante as outras pessoas. O que acha de pegarmos essas velas e levarmos para a *piazza*, ou prefere ir logo para a cama por causa do dente?”

Levar o dente para a cama.

No dia seguinte, as duas foram ao centro da cidade comprar o necessário para a colônia de férias: qualquer peça nova de roupa operava prodígios com Lo. E ela já recuperara seu sarcasmo habitual à mesa do jantar. Imediatamente depois, subiu para seu quarto e mergulhou nas revistas em quadrinhos adquiridas para os dias de chuva na colônia de férias chamada Campo Q (na quinta-feira, já tinham sido tão exploradas por antecipação que acabou preferindo deixá-las para trás). Eu também me refugiei no meu covil, onde escrevi cartas. Meu plano agora era partir rumo ao litoral e então, assim que as aulas recomeçassem, retomar minha existência no endereço das Haze; pois já sabia que não podia viver sem essa menina. Na terça-feira elas voltaram às compras, e fiquei encarregado de atender o telefone se a diretora da colônia ligasse durante sua ausência. Ela ligou; e mais ou menos um mês mais tarde tivemos a oportunidade de rememorar nossa agradável conversa. Naquela terça-feira, Lo jantou no seu quarto. Estava chorando depois de um rotineiro arranca-rabo com a mãe e, como já ocorrera em ocasiões anteriores, não queria que eu visse seus olhos inchados: tinha um desses rostos muito sensíveis que depois de um choro intenso fica todo borrado e inflamado, e morbidamente irresistível. E eu deplorava intensamente seu equívoco quanto à minha preferência estética, pois simplesmente adoro esse toque de cor-de-rosa botticelliano, esse rústico rubor em torno dos lábios, esses cílios úmidos e embaraçados; e, naturalmente, seu teimoso acanhamento privou-me de muitas oportunidades de consolo espúrio. Entretanto, havia bem mais motivo do que eu achava. Quando nos sentamos lado a lado na varanda (uma rude rajada de vento apagara suas velas vermelhas), Haze, com uma áspera risada, disse-me que contara a Lo que seu amado Humbert era amplamente favorável a toda a ideia da colônia de férias, “e aí”, acrescentou Haze, “a garota deu um ataque; pretexto: nós dois queremos ver-nos livres dela; verdadeira razão: eu disse a ela que amanhã iríamos trocar, por coisas mais simples, algumas roupas de noite elegantes demais que ela me obrigou a comprar. O senhor entende, *ela* acha que é uma estrela de cinema; e *eu* acho que é uma criança forte e saudável, mas certamente um tanto sem graça. E isto, acho eu, é o que está na origem de todos os nossos problemas”.

Na quarta-feira consegui encurralar Lo por alguns segundos: ela estava no patamar do alto da escada, de camiseta comprida e short branco com manchas verdes, remexendo num baú. Eu disse alguma coisa com a

intenção de me mostrar carinhoso e engraçado, mas ela se limitou a emitir um sopro curto e ruidoso de ar pelo nariz, sem sequer olhar na minha direção. Desesperado, moribundo, Humbert deu-lhe uma pancadinha desajeitada no cóccix, e ela o golpeou em resposta, produzindo uma dor considerável, com uma forma de sapato do falecido sr. Haze. “Traidor”, disse ela enquanto eu me arrastava escada abaixo, esfregando meu braço e ostentando um imenso pesar. Ela não concordou em jantar com Mamãe e Hum: lavou seu cabelo e foi para a cama com seus ridículos quadrinhos. E na quinta-feira a silenciosa sra. Haze a conduziu de carro ao Campo Q.

Como escritores maiores do que eu já disseram: “Procurem os leitores imaginar” etc. Pensando bem, talvez seja melhor eu dar um pontapé nos fundilhos dessas imaginações. Eu sabia que me apaixonara por Lolita para sempre; mas também sabia que nem sempre ela iria ser Lolita. Completaria treze anos em primeiro de janeiro. Dali a mais ou menos dois anos deixaria de ser uma ninfeta e se transformaria numa “jovem” e, em seguida, numa “universitária” — esse horror dos horrores. As palavras “para sempre” referiam-se apenas à minha paixão, à Lolita eterna que via refletida em meu próprio sangue. A Lolita cujas cristas lilases nunca haviam desprendido labaredas, a Lolita que hoje eu podia tocar e cheirar e ver, a Lolita da voz estridente e dos cabelos de um castanho intenso — mechas soltas, ondas dos lados e cachos na nuca, e do pescoço quente e pegajoso, e do vocabulário vulgar: “asqueroso”, “super”, “delicioso”, “brutamontes”, “chato” —, *essa* Lolita, a *minha* Lolita, o pobre Catulo havia de perder para sempre. E como eu poderia me dar ao luxo de deixar de vê-la por dois meses de noites insones de verão? Dois meses inteiros subtraídos aos dois anos que lhe restavam de ninfica existência! Devia eu disfarçar-me de sombria moça fora da moda — a apalermada Mlle. Humbert — e armar minha barraca nos arredores do Campo Q, na esperança de que suas ninfetas arruivadas pudessem clamar: “Adotemos essa estrangeira de voz grossa”, e arrastar a triste Berthe de sorriso tímido *au Grand Pied* até a beira do fogo rústico que frequentavam? Berthe dormirá com Dolores Haze!

Sonhos secos e vãos. Dois meses de beleza, dois meses de ternura, ficariam malbaratados para sempre, e não havia nada que eu pudesse fazer, nada, *mais rien*.

Uma gota de mel raro, entretanto, aquela quinta-feira ainda continha em sua casca de noz. Haze planejava levá-la de carro até a colônia de manhã cedo. Quando me chegaram ruídos variados de partida, rolei para fora da cama e debrucei-me à janela. Debaixo dos choupos o carro já pulsava. Na calçada, Louise de pé protegendo os olhos com a mão em concha, como se a pequena viajante já estivesse rumando na direção do sol baixo da manhã. Mas o gesto era prematuro. “Vamos logo!”, gritou Haze. Minha Lolita, que já estava meio embarcada e a ponto de bater a porta do carro, abaixar o vidro da janela, acenar para Louise e os choupos (a qual e os quais ela jamais tornaria a ver), interrompeu a marcha do destino: ergueu os olhos — e voltou correndo para dentro de casa (Haze gritando por ela furiosa). Um momento mais tarde ouvi minha querida subir as escadas correndo. Meu coração expandiu-se com tanta força que quase acabou comigo. Puxei para cima as calças do pijama, escancarei a porta: e instantaneamente Lolita chegou, em seu vestido de domingo, pisando duro, respirando forte, e logo estava nos meus braços, sua boca inocente dissolvendo-se sob a pressão feroz de sombrios maxilares masculinos, minha palpitante querida! No momento seguinte eu a ouvi — viva, indeflorada — descendo a escada com estrépito. A marcha do destino retomou seu curso. A perna alourada desapareceu, a porta do carro bateu — tornou a bater — e a motorista Haze ao volante violento, lábios vermelhos como borracha contorcendo-se ao sabor de um discurso colérico e inaudível, levou minha querida para longe, enquanto despercebida por elas ou por Louise, a velha Srta. Defronte, uma inválida, acenava de leve mas ritmadamente em meio à vasta vegetação da varanda.

16

A cavidade da minha mão ainda estava cheia do marfim de Lolita — cheia da sensação de suas costas arqueadas de pré-adolescente, aquela sensação lisa e deslizante do marfim de sua pele através do vestido fino que eu erguera e abaixara enquanto a abraçava. Entrei em seu quarto revirado, escancarei a porta do armário e mergulhei numa pilha de coisas amassadas que tinham estado em contato com ela. Havia especialmente uma textura cor-de-rosa, delicada, rasgada, com um aroma levemente acre nas costuras.

Envolvi nela o imenso e ingurgitado coração de Humbert. Um caos pungente avultava dentro de mim — mas eu precisava largar aquelas coisas e recuperar depressa a minha compostura, pois percebera a voz aveludada da empregada que me chamava baixinho da escada. Tinha um recado para mim, disse ela; e, respondendo a meu agradecimento automático com um gentil “de nada”, a boa Louise entregou uma carta sem selo e de aparência curiosamente limpa em minha mão trêmula.

Isto é uma confissão: estou apaixonada pelo senhor [assim começava a carta; e por um momento distorcido confundi os rabiscos histéricos que continha com os garranchos de uma escolar]. Domingo passado na igreja — como o senhor é mau, e recusou-se a vir ver nossos lindos vitrais novos! —, só no domingo passado, meu querido, quando perguntei ao Senhor o que devia fazer, tive a resposta de que devia agir como estou agindo agora. O senhor vê, não tenho alternativa. Apaixonei-me pelo senhor no momento em que o vi. Sou uma mulher apaixonada e solitária, e o senhor é o amor da minha vida.

Agora, meu querido, *mon cher, cher monsieur*, o senhor já leu estas palavras; agora o senhor sabe. Assim, eu lhe peço, *agora mesmo*, faça as malas e vá embora. É a ordem da sua senhoria. Estou dispensando um hóspede. Estou pondo o senhor para fora. Vá logo! Suma daqui! *Partez!* Estarei de volta na hora do jantar, se eu dirigir a cento e vinte na ida e na volta e não sofrer nenhum acidente (mas faria alguma diferença?), e não quero encontrá-lo em casa. Por favor, por favor, vá embora agora mesmo, *já*, e nem leia este bilhete absurdo até o fim. Vá. *Adieu*.

A situação, *chéri*, é muito simples. Claro que sei com *certeza absoluta* que não represento nada para o senhor, absolutamente nada. Ah sim, o senhor aprecia conversar comigo (e zombar da minha pessoa, pobre de mim), o senhor adquiriu algum carinho por nossa casa hospitaleira, pelos livros de que gosto, por meu adorável jardim, até mesmo pelos modos barulhentos de Lo — mas não sou nada para o senhor. Não é? É. Absolutamente nada para o senhor. *Mas* se, depois de ler minha “confissão”, o senhor decidiu a seu modo europeu, reservado e romântico que sou atraente o bastante para o senhor aproveitar a ocasião da minha carta e me fazer alguma proposta, então estará cometendo um crime — pior que um raptor que violenta uma criança. Entenda, *chéri*. Se o senhor decidiu ficar, *se* eu encontrá-lo em casa (o que sei que não vai acontecer — e é por isso que consigo continuar falando assim), o *fato* da sua permanência só pode significar uma coisa, que o senhor me quer tanto quanto eu o quero: como um companheiro para a vida toda; e que está pronto a unir sua vida à minha para todo o sempre, e ser um pai para a minha garotinha.

Deixe que eu continue a delirar por mais um pouquinho, meu querido, pois sei que a essa altura esta carta já foi rasgada, e seus pedaços (ilegível) no vórtice da privada. Meu muito querido, *mon très, très cher*, que mundo de amor por si construí ao longo desse junho milagroso! Sei como o senhor é comedido, como é “britânico”. Sua reticência europeia, seu senso de decoro podem ficar chocados ante a ousadia de uma moça americana! O senhor que esconde seus sentimentos mais fortes deve me ver como uma idiota desavergonhada por escancarar assim meu pobre coração maltratado. Em anos passados, muitas decepções ocorreram no meu caminho. O sr. Haze era uma pessoa

excelente, uma alma sem jaça, mas ocorre que era vinte anos mais velho que eu, e — bem, não vamos trocar inconfidências sobre o passado. Meu querido, a sua curiosidade deve estar bem satisfeita se ignorou meu pedido e leu esta carta até seu amargo fim. Mas não importa. Queira destruí-la e ir embora. Não se esqueça de deixar a chave em cima da mesa do seu quarto. E algum endereço para que eu possa lhe fazer o reembolso dos doze dólares que lhe devo pelo resto do mês. Adeus, meu caro. Reze por mim — se alguma vez o senhor reza.

C.H.

O que apresento aqui é o que lembro da carta, e o que lembro da carta lembro *verbatim* (inclusive seu francês horrendo). Era pelo menos duas vezes mais longa. Deixei de fora uma passagem lírica que mais ou menos também pulei na ocasião, dizendo respeito ao irmão de Lolita que morrera com 2 anos quando ela tinha 4, e do quanto eu teria gostado dele. Vejamos, o que mais posso dizer? Ah. Há uma boa chance de que o “vórtice da privada” (onde a carta de fato foi parar) seja uma trivial contribuição minha. O mais provável é que ela me tenha pedido para fazer uma fogueira especial e queimá-la.

Meu primeiro movimento foi de repulsa e retirada. Meu segundo foi como a mão calma de um amigo pousando no meu ombro e recomendando-me paciência. E foi o que fiz. Saí do meu torpor e me vi ainda no quarto de Lo. Um anúncio de página inteira arrancado de uma revista de papel brilhante estava afixado à parede acima da cama, entre o rosto de um cantor e os cílios de uma estrela de cinema. Representava um jovem marido de cabelos escuros com uma expressão como que esgotada nos olhos de irlandês. Posava para a foto vestindo um roupão da Loja Tal e segurando uma bandeja em forma de ponte da Loja Qual, em que se via café da manhã para dois. A legenda, tirada da obra do reverendo Thomas Morell, chamava-o de “conquistador vitorioso”. A dama (invisível) que ele derrota e conquista devia estar se preparando para fazer jus à sua metade da bandeja. De que maneira seu companheiro de cama iria conseguir enfiar-se ele também debaixo da bandeja sem produzir algum acidente e muita sujeira não ficava claro. Lo desenhara uma seta jocosa apontando para o rosto despenteado do amante e escrevera, em letras de imprensa: H. H. E de fato, descontada a diferença de alguns anos, a semelhança era notável. Debaixo deste recorte havia outra figura, também de um anúncio colorido. Um célebre dramaturgo aparecia fumando um Drome. Ele só fumava Dromes. A semelhança era superficial. E debaixo de tudo isso o casto leito

de Lo, coalhado de histórias em quadrinhos. A tinta descascara da cabeceira, produzindo manchas negras e mais ou menos redondas na superfície branca. Convencido de que Louise tinha ido embora, deitei-me na cama de Lolita e reli a carta.

17

Senhores do júri! Não posso asseverar que certos movimentos do problema que eu tinha nas mãos — se me permitem a má palavra — jamais me tivessem ocorrido ao espírito. Minha mente não os conservara de forma lógica, ou associados a qualquer ocasião de que eu me lembrasse com clareza; mas não posso jurar — repito — que essas possibilidades não se tenham desdobrado (mais uma vez pedindo perdão pela expressão) em certas zonas de sombra dos meus pensamentos, nas trevas da minha paixão. Pode ter havido ocasiões — deve ter havido ocasiões, se bem conheço meu Humbert — em que destaquei para exame desapaixonado a ideia de me casar com uma viúva madura (por exemplo, Charlotte Haze) sem qualquer outro parente em todo nosso mundo cinzento, apenas para adquirir acesso livre à sua filha (Lo, Lola, Lolita). Disponho-me até a admitir para meus carrascos que numa ou noutra ocasião eu talvez tenha lançado um olhar de avaliador frio aos lábios de coral, aos brônzeos cabelos e ao decote perigosamente baixo de Charlotte, tentando vagamente encaixá-la em algum devaneio diurno plausível. Isto confesso sob tortura. Tortura imaginária, talvez, mas por isso mesmo ainda mais horrível. Queria poder entregar-me à digressão e contar-lhes mais sobre o *pavor nocturnus* que me atormentava horrendamente à noite sempre que algum termo ocasional me impressionava nas leituras aleatórias da minha juventude, como *peine forte et dure* (que Gênio da Dor há de ter inventado a expressão!) ou as misteriosas, terríveis e insidiosas palavras “trauma”, “ocorrência traumática” e “patíbulo”. Mas minha narrativa já vem sendo suficientemente incôndita.

Ao fim de algum tempo, destruí a carta, fui para o meu quarto e ruminei, desarrumei o cabelo, enverguei meu roupão roxo, gemi entre os dentes cerrados e de repente — de repente, senhores do júri, senti que um sorriso dostoievskiano forçado (através do próprio esgar que retorcia meus

lábios) brotava em mim como um sol distante e implacável. Imaginei (em condições de nova e perfeita visibilidade) todas as carícias casuais que o marido da mãe poderia prodigalizar à sua Lolita. Eu poderia abraçá-la três vezes por dia, todo dia. Todos os meus problemas bateriam em retirada, e eu me tornaria um homem saudável. “Pousar-te levemente em meu gentil joelho e estampar em teu rosto macio um beijo de pai...” Humbert, homem muito lido!

Então, com toda cautela possível, na ponta dos pés da mente por assim dizer, conjurei Charlotte como possível companheira. Por Deus, eu bem podia convencer-me a trazer-lhe aquele *grapefruit* economicamente bipartido, aquele café da manhã sem açúcar.

Humbert Humbert, transpirando à feroz luz intensa, depois de submetido a muitos berros e ao pisoteio de policiais suarentos, agora está pronto a acrescentar mais uma coisa a seu “depoimento” (*quel mot!*), após revirar a consciência do avesso e arrancar com as unhas seu forro mais íntimo. Não planejei casar-me com a pobre Charlotte movido pela intenção de eliminá-la de alguma forma vulgar, sanguinolenta e perigosa como matá-la acrescentando cinco pastilhas de bicloreto de mercúrio a seu xerez pré-prandial ou coisa parecida; mas algum pensamento delicado da mesma índole farmacopáica de fato tiniu em meu cérebro trovejante e tumultuado. Por que me limitar à modesta carícia mascarada que eu já experimentara? Outras versões do culto a Vênus se me apresentaram, pairando sorridentes no ar. Vi-me administrando uma poderosa poção sonífera tanto à mãe quanto à filha, de maneira a poder afagar esta última, noite adentro, em perfeita impunidade. A casa era tomada pelos roncamentos de Charlotte enquanto Lolita mal respirava em seu sono, tão imóvel quanto uma menina pintada numa tela. “Mamãe, juro que Kenny nunca *tocou* em mim.” “Ou você está mentindo, Dolores Haze, ou foi algum incubo.” Não, eu não iria tão longe.

E assim Humbert o Recumbente tramava e sonhava — e o sol vermelho do desejo e da decisão (as duas coisas que criam um mundo vivo) erguia-se cada vez mais alto, enquanto numa sucessão de varandas uma sucessão de libertinos, taça cintilante na mão, brindava à bem-aventurança de noites passadas e futuras. E então, figurativamente falando, eu quebrei o vidro, e ousei imaginar (pois a essa altura estava embriagado com essas visões e subestimava o quanto minha natureza era delicada) que depois de algum tempo eu poderia chantagear — não, a palavra é forte demais —,

pressionar a maior das Haze a permitir-me o conúbio com a menor, ameaçando de deserção a pobre e extremosa pomba-mãe caso ela tentasse impedir-me de brincar com minha enteada aos olhos da lei. Numa palavra, diante de tal Oferta Irresistível, diante de tanta vastidão e variedade de vistas, senti-me tão sem escolha como Adão na pré-estreia dos primórdios da história oriental, ofuscado pela miragem em seu pomar de macieiras.

E agora anotem a seguinte observação fundamental: concedi ao artista em mim a primazia sobre o cavalheiro. É com grande esforço da vontade que nestas memórias consegui ajustar meu estilo ao tom do diário que mantinha quando a sra. Haze para mim não passava de um obstáculo. Esse diário meu não mais existe, mas julguei ser do meu dever artístico conservar suas inflexões, por mais mentirosas e brutais que hoje me possam parecer. Felizmente, minha narrativa agora chegou a um ponto em que posso parar de insultar a pobre Charlotte em prol da verossimilhança retrospectiva.

Decidido a poupar a pobre Charlotte de duas ou três horas de suspense numa estrada sinuosa (e evitar, quem sabe, uma colisão frontal que despedaçaria nossos sonhos tão diversos), fiz uma atenciosa mas baldada tentativa de alcançá-la na colônia de férias pelo telefone. Ela partira meia hora antes e, pedindo então para falar com Lo, eu lhe contei — trêmulo e radiante com meu controle sobre o destino — que ia me casar com a mãe dela. Precisei repetir duas vezes, porque alguma coisa a impedia de me dar toda a atenção. “Ora, que bacana”, disse ela rindo. “E quando é o casório? Espere um instante, o cachorrinho — o cachorrinho daqui pegou a minha meia. Escute — ” e acrescentou que achava que ia se divertir muito... e eu percebi ao desligar que poucas horas naquela colônia tinham bastado para obliterar com novas impressões a bela estampa de Humbert Humbert no espírito da pequena Lolita. Mas o que isso importava agora? Eu a teria de volta assim que um lapso decente de tempo tivesse transcorrido depois do casamento. “As flores de laranjeira mal teriam murchado sobre a tumba”, como poderia ter dito um poeta. Mas nada tenho de poeta. Sou apenas um escriba muito consciencioso.

Depois que Louise saiu, passei a geladeira em revista e, achando-a puritana demais, caminhei até a cidade e comprei os alimentos mais substanciais que encontrei. Comprei também algumas boas bebidas e dois ou três tipos de vitaminas. Estava convencido de que, com a ajuda desses

estimulantes e mais meus recursos naturais, conseguiria prevenir qualquer embaraço que minha indiferença pudesse produzir quando eu fosse convocado a demonstrar uma chama vigorosa e indócil. Vezes sem conta o ardiloso Humbert evocava Charlotte em condições adequadas a figurar no espetáculo de variedades da imaginação de um homem. Ela se cuidava e tinha uma boa silhueta, isso eu podia dizer a seu favor, e era a irmã mais velha da minha Lolita — e essa ideia eu talvez pudesse sustentar contanto que evitasse visualizar com muito realismo seus quadris fartos, seus joelhos redondos, o busto pesado, a pele rosada e áspera do pescoço (“áspera” em comparação com a seda e o mel) e todo o resto daquela coisa triste e tediosa: uma mulher bonita.

O sol fez sua ronda costumeira da casa à medida que a tarde se adensava em noite. Tomei uma bebida. E outra. E outra mais. Gim com suco de abacaxi, meu coquetel favorito, sempre duplica a minha energia. Resolvi dedicar-me ao gramado abandonado. *Une petite attention*. Estava coalhado de dentes-de-leão, e algum maldito cachorro — tenho horror a cães — poluíra as pedras chatas onde antes ficava um relógio de sol. A maioria dos dentes-de-leão se convertera de sóis em luas. O gim e Lolita dançavam em mim, e quase desabei por cima das espreguiçadeiras que tentava deslocar. Zebras encarnadas! Certas eructações soam como aplausos — pelo menos era o caso das minhas. Uma velha cerca nos fundos do jardim separava-nos das lixeiras e dos lilases da garagem do vizinho, mas não havia nada entre a parte dianteira do nosso gramado (a partir da qual este se estendia em declive ao longo de um dos lados da casa) e a rua. De maneira que eu poderia ver (com o sorriso afetado de quem pratica uma boa ação) a volta de Charlotte: esse dente precisa ser extraído de uma vez. Enquanto eu pilotava o cortador de grama em investidas e guinadas, fazendo os fragmentos de folhas trilarem visualmente à luz do sol baixo, não tirava o olho daquele trecho de rua residencial. Ela descrevia uma curva depois de emergir da sombra de um arco de árvores imensas, e depois acelerava em nossa direção, descendo, descendo cada vez mais depressa, passando junto à porta da casa de tijolos envolta em hera e ao gramado em encosta (muito mais bem aparado que o nosso) da velha Srta. Defronte e em seguida desaparecendo por trás da nossa varanda da frente, que eu não tinha como ver lá de onde arrotava no meu afã. Os dentes-de-leão sucumbiam. Um aroma de seiva misturava-se ao abacaxi. Duas meninas, Marion e

Mabel, cujas idas e vindas eu acompanhava mecanicamente nos últimos tempos (mas quem poderia substituir minha Lolita?), seguiram na direção da avenida (da qual nossa Lawn Street descia em cascata), uma levando uma bicicleta e a outra se alimentando com o conteúdo de um saco de papel, as duas falando o mais alto que lhe permitiam suas vozes luminosas. Leslie, o jardineiro e chofer da velha Srta. Defronte, um negro muito atlético e amigável, sorriu para mim de longe e gritou, tornou a gritar e comentou com gestos que hoje eu estava cheio de energia. O cachorro idiota do nosso próspero vizinho negociante de sucata saiu correndo atrás de um carro azul — não o de Charlotte. A mais bonita das duas meninas (Mabel, acho eu), *short* e *bustier* com muito pouco a cobrir, cabelos claros — uma ninfeta, por Pã! —, voltou correndo rua abaixo amarrotando seu saco de papel e acabou oculta das vistas deste Bode Verde pela fachada da residência do sr. e sra. Humbert. Uma caminhonete brotou da sombra das copas da avenida, trazendo um pouco dela em seu teto antes que a mancha de sombra conseguisse desprender-se, e fez a curva à minha frente a uma velocidade cretina, o motorista de camiseta sustentando o teto do carro com a mão esquerda e o cachorro do dono do ferro-velho disparado ao lado dele. Houve uma pausa sorridente — e então, com um alvoroço em meu peito, testemunhei o retorno do Sedã Azul. Acompanhei-o com os olhos enquanto deslizava ladeira abaixo e desaparecia por trás do canto da casa. Tive um vislumbre do perfil dela, pálido e contido. Ocorreu-me que até chegar ao segundo piso ela não tinha como saber se eu partira ou não. Um minuto mais tarde, com uma expressão de grande angústia em seu rosto, ela baixou os olhos para mim da janela do quarto de Lo. Disparando escada acima, consegui chegar ao quarto antes que ela o deixasse.

18

Quando a noiva é viúva e o noivo é viúvo; quando a primeira viveu menos de dois anos em Nossa Maravilhosa Cidadezinha, e o segundo praticamente nem um mês; quando Monsieur quer acabar com essa palhaçada o mais depressa possível, e Madame acede com um sorriso tolerante; nesses casos, leitor, o casamento é geralmente um evento “discreto”. A noiva pode prescindir da grinalda de flor de laranjeira para sustentar seu longo véu, e

nem leva nas mãos uma orquídea branca acompanhando seu livro de orações. A filhinha da noiva poderia ter acrescentado à cerimônia que uniu H. a H. um toque de vermelho vivo; mas eu sabia que não podia atrever-me a ser carinhoso demais com a encurralada Lolita àquela altura, e portanto concordei que não valia a pena arrancar a criança de seu adorado Campo Q.

Minha *soi-disant* apaixonada e solitária Charlotte era na vida cotidiana sensata e gregária. Além disso, descobri que embora não tivesse controle sobre o seu coração ou seus gritos, era mulher de princípios sólidos. Imediatamente depois de se ter tornado mais ou menos minha amante (a despeito dos estimulantes, seu “*chéri* ávido e nervoso” — um *chéri* heroico! — teve alguma dificuldade inicial, a qual, todavia, compensou amplamente com uma fantástica demonstração de afagos à moda do Velho Mundo), a boa Charlotte interrogou-me sobre minhas relações com Deus. Eu poderia ter respondido que a esse respeito procurava manter a mente aberta; mas preferi declarar, em vez disso — prestando meu tributo à devoção ordinária —, que acreditava num espírito cósmico. Baixando os olhos para as unhas, ela me perguntou também se não haveria na minha família uma certa tendência espúria. Retruquei inquirindo se ela ainda aceitaria casar-se comigo se o avô materno de meu pai fosse, digamos, turco. Ela respondeu que isso não importava nem um pouco; mas que, se ela algum dia descobrisse que eu não acreditava em Nosso Deus Cristão, recorreria ao suicídio. Declarou essa intenção em tom tão solene que me deu calafrios. Foi então que descobri que se tratava de uma mulher de princípios.

Ah, ela era muito distinta: dizia “perdão” sempre que algum arrote ligeiro interrompia o fluxo de suas palavras, chamava restaurante de restorante e, em suas conversas com as amigas, só se referia a mim como o sr. Humbert. Achei que ela ficaria contente se eu ingressasse na comunidade arrastando atrás de mim um certo *glamour*. No dia do nosso casamento, uma rápida entrevista comigo foi publicada na Coluna Social do *Journal* de Ramsdale, exibindo uma fotografia de Charlotte, com uma sobancelha erguida e o nome grafado com erro (“Hazer”). Apesar desse contratempo, a publicidade aqueceu o fundo de porcelana do seu coração — e deixou-me agitando meu chocalho com uma triste satisfação. Envolvendo-se nas obras da igreja, além de entrar em contato com as melhores mães das colegas de Lo, Charlotte no decorrer de mais ou menos vinte meses conseguira converter-se numa habitante, se não proeminente, pelo menos aceitável da

cidade, mas nunca antes ela se vira sob aquela emocionante *rubrique*, e ali só chegou graças a mim, o sr. Edgar H. Humbert (acrescentei o “Edgar” nem sei por quê), “escritor e explorador”. O irmão de McCoo, enquanto anotava minhas palavras, perguntou-me o que eu tinha escrito. E a resposta que dei soou-lhe como “vários livros sobre Peacock, Rainbow e outros poetas”. O texto também assinalava que Charlotte e eu nos conhecíamos havia vários anos, e que eu era um parente distante de seu falecido marido. Sugeri que tivera um caso com ela treze anos antes, mas isto não saiu no texto. Para Charlotte, eu disse que toda coluna social *precisava* apresentar o bruxuleio de alguns erros.

Prossigamos com esta curiosa narrativa. Quando convocado a desfrutar de minha promoção de hóspede a amante, senti eu apenas amargura e dissabor? Não, o sr. Humbert admite uma certa corte à sua vaidade, uma tênue ternura, e até uma sugestão de remorso a toldar de leve a têmpera de sua adaga de conspirador. Nunca me ocorrera que a certamente ridícula embora medianamente formosa sra. Haze, com sua fé cega nos critérios de sua igreja e seu clube do livro, seus maneirismos de elocução, sua atitude ríspida, fria e desdenhosa em relação a uma adorável menina de doze anos com os braços cobertos de penugem, jamais poderia transformar-se numa criatura tão tocante e desamparada no momento em que lhe pus minhas mãos, o que ocorreu no umbral do quarto de Lolita, para onde ela recuara trêmula repetindo “não, não, por favor, não”.

A transformação melhorou sua aparência. Seu sorriso que sempre havia sido uma coisa tão forjada converteu-se a partir de então no brilho radioso da adoração absoluta — um brilho com uma certa qualidade mole e úmida e no qual, com espanto, reconheci alguma semelhança com a expressão adorável, perdida e vazia que Lo exibia quando se entusiasmava com algum novo tipo de preparado servido na lanchonete ou quando admirava em silêncio minhas roupas caras, sempre parecendo recém-chegadas do alfaiate. Profundamente fascinado, eu observava Charlotte sempre que ela comparava os tormentos da maternidade com alguma outra senhora e produzia aquela expressão nacional da resignação feminina (olhos virados para cima, boca entortada para baixo) que, em sua forma infantil, eu vira a própria Lo fazer. Tomávamos *highballs* antes de nos deitarmos e, com a ajuda deles, eu conseguia evocar a filha enquanto acariciava a mãe. Aquela era a barriga branca dentro da qual minha ninfeta tinha sido um peixinho

curvado em 1934. Aquele cabelo meticulosamente tingido, tão estéril aos meus dedos e ao meu olfato, adquiria em poucos momentos à luz do abajur na cama de dossel um matiz, mas não a textura, dos cachos de Lolita. E eu me repetia, enquanto manobrava minha mulher recente e em tamanho real, que biologicamente aquilo era o mais perto que eu poderia chegar de Lolita; que, quando tinha a idade de Lolita, Lotte havia sido uma escolar tão desejável quanto hoje era a filha, e quanto um dia a filha de Lolita também viria a ser. Fiz minha mulher desencavar do fundo de uma coleção de sapatos (pelos quais o sr. Haze tinha paixão, ao que tudo indica) um álbum de trinta anos antes, para que eu pudesse ver como Lotte tinha sido quando criança e, muito embora a iluminação fosse desfavorável e os vestidos desgraciosos, fui capaz de distinguir uma vaga primeira versão da silhueta de Lolita, suas pernas, seus malares, o nariz arrebitado. Lottelita, Lolitchen.

E assim consegui espiar por cima da sebe dos anos, olhando através de pequenas janelas esbranquiçadas. E quando, por meio de carícias deploravelmente ardorosas e ingenuamente lascivas, ela com seu mamilo majestoso e sua coxa imensa conseguia deixar-me pronto para desincumbir-me de meu dever noturno, era ainda um resto do aroma de ninfeta que meu faro em desespero tentava capturar, enquanto eu atravessava aos uivos a vegetação rasteira da mata escura e decadente.

Não tenho simplesmente como lhes dizer o quanto minha pobre mulher se mostrava dedicada e tocante. Ao café da manhã, na cozinha de claridade deprimente com seu brilho cromado, a folhinha da Hardware and Co. e a copa muito arrumada (simulando aquela Leiteria Antiga onde, em seus tempos de universitários, Charlotte e Humbert trocavam arrufos), ela se instalava, de robe vermelho, o cotovelo apoiado no tampo plástico da mesa, o rosto pousado no punho, e me fitava com uma ternura intolerável enquanto eu consumia meus ovos com presunto. O rosto de Humbert podia sofrer seus espasmos nevrálgicos, mas aos olhos dela competia em beleza e vivacidade com a luz do sol e as sombras das folhas que dançavam na geladeira branca. Minha solene exasperação era para ela o silêncio do amor. Minha pequena renda, somada a seus rendimentos ainda menores, causava-lhe a impressão de uma reluzente fortuna, não porque a soma resultante agora bastasse para a maioria das necessidades da classe média, mas porque mesmo o meu dinheiro refulgia a seus olhos com a magia da minha masculinidade, e ela via nossa conta conjunta como um desses largos

bulevares do sul ao meio-dia, com uma sombra inteiriça de um lado e a suave luz do sol do outro, estendendo-se até um horizonte onde assomavam montanhas cor-de-rosa.

Nos cinquenta dias de nossa coabitação Charlotte conseguiu espremer as atividades do mesmo número de anos. A pobre mulher ocupava-se com inúmeras coisas de que desistira muito antes ou pelas quais nunca se interessara muito, como se (para prolongar essas entonações proustianas) ao casar-me com a mãe da criança que eu amava eu tivesse permitido à minha esposa recuperar por procuração uma abundância de juventude. Com o empenho de uma jovem noiva banal, ela se pôs a “glorificar o lar”. Conhecendo como eu conhecia cada recanto da residência de cor — desde os dias em que, instalado em minha cadeira, mapeava mentalmente o trajeto de Lolita pela casa —, eu já travara havia muito uma espécie de relação emocional com ela, mesmo com sua feiura e sua sujeira, e agora quase sentia a retração daquela coisa desventurada que relutava em submeter-se ao banho de tecido cru, ocre e creme, camurça e flanela que Charlotte planejava lhe dar. Ela jamais conseguiu, graças a Deus, mas despendeu um volume impressionante de energia lavando as cortinas das janelas, polindo cada lâmina das venezianas, comprando cortinas e persianas novas que em seguida devolvia à loja e substituía por outras e assim por diante, num constante *chiaroscuro* de sorrisos e caretas, dúvidas e amuos. Chafurdava em cretones e chintzes; mudou as cores do sofá — o sacrossanto sofá onde certa vez uma bolha de paraíso estourara em câmera lenta dentro de mim. Rearrumou os móveis da casa — e ficou satisfeita quando descobriu, num tratado sobre o lar, que “é admissível desfazer um par de mesinhas laterais de sofá com seus respectivos abajures”. Acompanhando a autora de *Seu lar é você*, desenvolveu horror por cadeirinhas delicadas e mesinhas de pernas finas. Acreditava que um aposento dotado de uma generosa extensão de vidraças e revestido de ricos lambris de madeira era um exemplo de aposento do tipo masculino, enquanto o tipo feminino se caracterizava por janelas de ar mais leve e portas de aparência mais quebradiça. Os romances que eu a encontrara lendo quando lá me instalei foram substituídos por catálogos ilustrados e guias de decoração. A uma firma localizada no número 4.640 do Roosevelt Boulevard, na Filadélfia, ela encomendou para nossa cama de casal um “colchão de 312 molas forrado de damasco” —

embora o colchão antigo ainda me parecesse de uma firmeza e uma durabilidade à plena altura de qualquer prova.

Natural do Meio-Oeste, assim como o falecido marido, ela não vivera na recatada Ramsdale, a joia de um estado do leste, tempo suficiente para conhecer todas as pessoas certas. Conhecia superficialmente o dentista jovial que morava numa espécie de dilapidado *château* de madeira atrás do nosso gramado. Fora apresentada num chá da igreja à “esnobe” mulher do dono do ferro-velho da cidade, proprietário da casa branca “colonial” na esquina da avenida. De tempos em tempos, “fazia uma visita” à velha Srta. Defronte; mas as mais aristocráticas das matronas que frequentava, ou aquelas que encontrava em festividades ao ar livre, ou com quem travava conversas ao telefone — damas requintadas como a sra. Glave, a sra. Sheridan, a sra. McCrystal, a sra. Knight e outras —, raramente pareciam procurar minha desdenhada Charlotte. De fato, o único casal com quem ela mantinha relações de genuína cordialidade, desprovidas de qualquer *arrière-pensée* ou cálculo de ordem prática, eram os Farlow, que chegaram de uma viagem de negócios ao Chile bem a tempo de comparecer ao nosso casamento, juntamente com os Chatfield, os McCoo e alguns outros (mas não a sra. Sucata ou a ainda mais orgulhosa sra. Talbot). John Farlow era um tranquilo negociante de meia-idade, tranquilamente atlético, de artigos esportivos, com um escritório em Parkington, a sessenta e cinco quilômetros dali; foi ele quem me conseguiu os cartuchos para a pistola Colt e me ensinou a usá-la, durante um passeio pela mata num domingo; ele também se autodefinia, sorrindo, como um advogado de meio expediente, e cuidava de alguns interesses de Charlotte. Jean, sua mulher mais nova do que ele (e sua prima em primeiro grau), era uma jovem de pernas compridas e óculos gatinho munida de dois boxers, dois seios pontudos e uma boca larga e vermelha. Ela pintava — retratos e paisagens — e lembro-me nitidamente de ter elogiado, entre um drinque e outro, o retrato que ela pintara de uma sobrinha, a pequena Rosaline Honeck, uma rosa cor de mel de uniforme de bandeirante, com boina verde de feltro, cinto de lona verde, cachos encantadores que lhe caíam pelos ombros — e John tirou o cachimbo para dizer que era uma pena que Dolly (minha Dolita) e Rosaline trocassem tantas críticas na escola, mas que esperava que elas fossem dar-se melhor depois que voltassem de suas respectivas colônias de férias. Conversamos sobre a escola. Tinha seus pontos fracos, mas também suas

virtudes. “Claro que a maioria dos comerciantes locais é de italianos”, disse John, “mas por outro lado ainda não nos aconteceu de —”. “Eu queria”, disse Jean rindo, “que Dolly e Rosaline passassem o verão juntas”. De repente imaginei Lo voltando da colônia de férias — bronzeada, quente, sonolenta, drogada — e estive a ponto de chorar de paixão e impaciência.

19

Algumas palavras mais sobre a sra. Humbert enquanto é tempo (um acidente grave irá acontecer muito em breve). Eu sempre tivera consciência do seu temperamento possessivo, mas jamais julgara que ela fosse mostrar-se tão ensandecidamente enciumada de tudo que não fosse ela em minha vida. Demonstrava uma curiosidade insaciável por meu passado. Desejava que eu ressuscitasse todos os meus amores para permitir que me obrigasse a insultá-los, pisoteá-los e revogá-los apostática e completamente, destruindo assim o meu passado. Fez-me contar meu casamento com Valeria, que foi certamente muito engraçado; mas também precisei inventar, ou inflar da maneira mais atroz, uma longa série de amantes para o deleite mórbido de Charlotte. Para mantê-la satisfeita, precisei apresentar-lhe um catálogo ilustrado de todas, cada uma devidamente diferenciada, segundo as regras desses anúncios americanos em que as crianças da escola são representadas numa sutil gradação de raças até chegar a um — um só, embora lindo a mais não poder — menino de olhos redondos e pele cor de chocolate, quase no centro exato da primeira fila. E foi assim que apresentei as minhas mulheres, fazendo cada uma sorrir e curvar-se — a loura langorosa, a morena ardente, a ruiva sensual — como num desfile de bordel. Quanto mais corriqueiras e concorridas eu as tornava, mais a sra. Humbert aprovava o espetáculo.

Nunca em minha vida eu confessara tanto, ou ouvira tantas confissões. A sinceridade e a falta de imaginação com que discorria sobre o que chamava de sua “vida amorosa”, dos primeiros beijos ao vale-tudo matrimonial, contrastavam notavelmente, do ponto de vista ético, com minhas fluentes composições, mas tecnicamente os dois conjuntos eram congêneres, pois nós dois éramos afetados pelo mesmo material (as novelas radiofônicas, a psicanálise e os romances baratos), em que eu me baseava

para criar meus personagens e ela, o seu modo de expressão. Divertiam-me consideravelmente certos hábitos sexuais notáveis cultivados pelo bom Harold Haze segundo Charlotte, que achava imprópria a minha hilaridade; mas afora isso sua autobiografia era tão desprovida de interesse quanto teria sido a sua autópsia. Nunca vi mulher mais saudável que ela, a despeito das dietas de emagrecimento.

Da minha Lolita ela raramente falava — mais raramente, na verdade, que do menino louro e embaçado cuja fotografia de bebê, à exclusão de todas as outras, adornava nosso árido quarto. Num de seus devaneios de mau gosto, ela chegou a prever que a alma do bebê morto haveria de voltar à terra na forma da criança que ela havia de gestar em seu presente matrimônio. E embora eu não sentisse o menor impulso de suprir a linhagem dos Humbert com uma réplica da produção de Harold (Lolita, com um arrepio incestuoso, eu passara a considerar *minha* filha), ocorreu-me que um confinamento prolongado, com uma bela cirurgia cesariana e outras complicações na ala de maternidade de uma clínica isolada em algum momento da primavera seguinte, poderia dar-me uma oportunidade de estar a sós com minha Lolita até por semanas — e faltar de soníferos a ninfeta inerte.

Ah, mas ela simplesmente odiava a filha! O que me parecia especialmente maldoso era ela ter-se desdobrado para responder com grande diligência ao questionário de um manual elementar que possuía (*Guia do desenvolvimento de seus filhos*), publicado em Chicago. A conversa mole abordava ano a ano de vida, e a mãe devia preencher uma espécie de relatório a cada aniversário da criança. No décimo segundo de Lo, em 1^o de janeiro de 1947, Charlotte Haze, *née* Becker, sublinhara os seguintes epítetos, dez de quarenta, relativos à “Personalidade de sua criança”: agressiva, turbulenta, crítica, desconfiada, impaciente, irritável, inquisitiva, apática, negativa (sublinhado duas vezes) e teimosa. Ignorara os trinta adjetivos restantes, entre os quais estavam alegre, cooperativa, animada e assim por diante. Era realmente enlouquecedor. Com uma brutalidade que de outro modo jamais aparecia na natureza comedida de minha amantíssima esposa, ela investiu e desalojou todos os pequenos pertences de Lo que se tinham extraviado para várias partes da casa, onde se imobilizaram como coelhos hipnotizados. E mal sabia a boa senhora que

certa manhã em que uma indisposição do estômago (resultado de minhas tentativas de melhorar o tempero dela) me impediu de acompanhá-la à igreja, eu a enganei com uma das soquetes de Lolita. E mais: a atitude dela diante das cartas de minha condimentada querida!

QUERIDOS MAMÃE E HUMMY,

Espero que estejam bem. Muito obrigada pelos doces. Eu [riscado e escrito novamente] eu perdi meu suéter novo no mato. Vem fazendo frio aqui nos últimos dias. Aqui está sendo muito. Com amor.

DOLLY

“Como é burrinha”, disse a sra. Humbert, “esqueceu de uma palavra depois de ‘muito’. Esse suéter era de lã pura, e eu preferia que você não mandasse doces para ela sem me consultar”.

20

Havia um lago no meio do bosque (e se chamava *Hourglass Lake*, Lago da Ampulheta; e não como eu achava que se escrevia, *Our Glass Lake* — Nosso Lago de Cristal) a poucos quilômetros de Ramsdale, e tivemos uma semana de muito calor no final de julho, e todo dia íamos de carro até lá. E agora fico obrigado a descrever com detalhes um tanto tediosos a última vez que fomos juntos ao lago para nadar, numa tropical manhã de terça-feira.

Tínhamos deixado o carro na área de estacionamento, não muito longe da estrada, e avançávamos por uma trilha aberta na mata de pinheiros até o lago, quando Charlotte comentou que Jean Farlow, à procura de efeitos luminosos mais raros (Jean se filiava à escola tradicional de pintura), vira Leslie mergulhar “ao ébano natural” (como brincara John) às cinco da manhã do domingo anterior.

“A água”, disse eu, “devia estar bem fria”.

“Mas não se trata disso”, disse a sempre lógica prezada condenada. “Ele não chega a ser propriamente normal, você entende. E”, prosseguiu ela (naquele seu cauteloso modo muito articulado que já começava a afetar minha saúde), “tenho uma impressão muito clara de que a nossa Louise está apaixonada pelo cretino”.

Impressão. “Temos a impressão de que Dolly não está indo muito bem” etc. (de um antigo boletim escolar).

O casal Humbert seguiu adiante, de sandália e roupão.

“Sabe de uma coisa, Hum: tenho um sonho muito ambicioso”, pronunciou Lady Hum, baixando a cabeça — acanhada por ter aquele sonho — e comungando com a terra escura do chão. “Eu adoraria conseguir uma verdadeira criada bem treinada, como aquela moça alemã de que os Talbot falaram; e que ela morasse em casa.”

“Falta espaço”, respondi.

“Ora”, disse ela com seu sorriso enigmático, “certamente, *chéri*, você subestima as possibilidades do lar da família Humbert. Ela podia ficar no quarto de Lo. De qualquer maneira, eu estava pensando em transformar aquele buraco num quarto de hóspedes. É o aposento mais frio e desconfortável de toda a casa”.

“Mas do que você está falando?”, perguntei, tensionando a pele dos malarres (e isto só me dou o trabalho de assinalar porque a pele da minha filha fazia igual quando ela se sentia do mesmo jeito: incredulidade, dissimulação, irritação).

“São as Associações Românticas que incomodam?”, perguntou minha esposa — aludindo à sua primeira entrega.

“De maneira alguma”, disse eu. “Só me pergunto onde você pretende enfiar sua filha quando for receber um hóspede ou a sua criada.”

“Ah”, declarou sonhadora a sra. Humbert, sorrindo, pronunciando o “Ah” ao mesmo tempo que erguia uma das sobancelhas e deixava escapar uma suave exalação. “A pequena Lo, veja bem, não entra no quadro de todo, de maneira alguma. A pequena Lo vai diretamente da colônia de férias para um bom internato com uma disciplina rígida e uma boa formação religiosa. E em seguida — Beardsley College. Já planejei tudo, você não tem com que se preocupar.”

E prosseguiu dizendo que ela, a sra. Humbert, precisaria superar sua preguiça habitual e escrever para a irmã da srta. Phalen, que ensinava na escola de St. Algebra. O lago ofuscante emergiu. Aleguei que tinha esquecido meus óculos escuros no carro e que depois a alcançaria.

Eu sempre achara que torcer as mãos fosse um gesto fictício — derivação obscura, talvez, de algum ritual da Idade Média; mas, quando enveredei pelo bosque, para alguns minutos de desespero e meditação

furiosa, esse gesto (“contemplai, Senhor, estas correntes!”) era o que mais se aproximava da expressão muda dos meus sentimentos.

Se Charlotte fosse Valeria, eu saberia como atacar a situação; e “atacar” é exatamente a palavra que procuro. Nos bons tempos de outrora, bastava-me torcer o pulso quebradiço da gorda Valetchka (aquele sobre o qual ela caíra andando de bicicleta) para fazê-la mudar instantaneamente de ideia; mas qualquer coisa do tipo era impensável em relação a Charlotte. Comedida e americana, Charlotte me metia medo. Meu sonho otimista de usar sua paixão por mim para controlá-la estava totalmente equivocado. Eu não me atrevia a fazer nada que pudesse causar prejuízo à minha imagem, que ela decidira idolatrar. Eu a tratara com adulação quando ainda era a governanta implacável da minha querida, e algo de abjeto ainda persistia em minha atitude. O único ás que me restava era sua ignorância do meu amor monstruoso pela sua Lo. Ela se mostrava incomodada com o fato de Lo gostar de mim; mas os *meus* sentimentos ela não tinha como adivinhar. A Valeria, eu provavelmente teria dito: “Escute aqui, gorda idiota, *c’est moi qui décide* o que convém a Dolores Humbert.” A Charlotte, não consegui sequer dizer (com uma calma insinuante): “Desculpe, minha cara, mas discordo. Vamos dar outra chance à nossa filha. Posso dar-lhe aulas particulares por mais ou menos um ano. Uma vez você mesma me disse —” Na verdade, não havia nada que eu pudesse dizer a Charlotte sobre a menina sem revelar meu segredo. Ah, os senhores não podem imaginar (como eu jamais tinha imaginado) como são essas mulheres de princípios! Charlotte, que não percebia a falsidade sistemática das convenções cotidianas, das regras de comportamento, da comida, dos livros e das pessoas que tanto admirava, detectaria de imediato uma entonação falsa em qualquer coisa que eu pudesse dizer com o intuito de manter Lo por perto. Ela parecia um músico que na vida normal pode ser de uma vulgaridade odiosa, totalmente desprovido de tato e bom gosto; mas que na música percebe qualquer nota falsa com uma precisão diabólica. Para dobrar a vontade de Charlotte, eu precisaria partir seu coração. E se eu partisse seu coração sua imagem de mim também se esfacelaria. Se eu lhe dissesse, “Ou você me deixa fazer o que quero com Lolita, e me ajuda a manter tudo em silêncio, ou nos separamos agora mesmo”, ela teria empalidecido como uma estatueta de vidro leitoso, respondendo lentamente: “Se é assim,

acrescente ou retire você qualquer coisa ao que disse, chegamos ao fim.” E o fim de fato haveria de ser.

Era essa, portanto, a enrascada. Lembro-me de ter chegado à área do estacionamento e bombeado para a mão em concha uma água com sabor de ferrugem que bebi avidamente, como se por mágica ela pudesse me conferir sabedoria, juventude, liberdade e uma pequena concubina. Por algum tempo, de roupão roxo e balançando os pés, fiquei sentado à beira de uma das mesas rudimentares montadas sob os pinheiros sussurrantes. A meia distância, duas pequenas donzelas de shorts e frente-única saíram de um banheiro sarapintado de sol, com uma tabuleta na porta dizendo “Mulheres”. Mascando chicletes, Mabel (ou a substituta de Mabel) laboriosamente, distraidamente, montou no selim de uma bicicleta, e Marion, sacudindo os cabelos para espantar as moscas, instalou-se atrás dela, as pernas muito afastadas; e cambaleando, elas aos poucos, distraidamente, mesclaram-se à luz e à sombra. Lolita! Pai e filha desaparecendo naquele bosque! A solução natural era destruir a sra. Humbert. Mas como?

Não existe homem capaz do crime perfeito; o acaso, porém, consegue perpetrá-lo. Houve o famoso assassinato de Mme. Lacour em Arles, no sul da França, ao final do século passado. Um homem não identificado de barba e com um metro e oitenta que, mais tarde conjeturou-se, fora o amante secreto da senhora aproximou-se dela enquanto caminhava por uma rua movimentada, pouco depois que ela se casara com o coronel Lacour, e a apunhalou mortalmente nas costas três vezes, enquanto o coronel, um homem baixo mas forte como um buldogue, agarrava-se ao braço do assassino. Por uma bela e milagrosa coincidência, bem no momento em que o criminoso estava a ponto de desprender-se das mandíbulas do furioso maridinho (enquanto vários passantes se aproximavam do grupo), um italiano desajeitado na casa mais próxima à cena detonou acidentalmente algum tipo de explosivo que vinha manipulando, e imediatamente a rua se transformou num pandemônio de fumaça, chuva de tijolos e transeuntes correndo. A explosão não feriu ninguém (afora ter derrubado o intrépido coronel Lacour); mas o vingativo amante da mulher saiu correndo quando os outros correram — e viveu feliz para todo o sempre.

E agora vejam o que acontece quando o próprio perpetrador planeja uma supressão perfeita.

Voltei andando até o lago. O ponto no qual nós e mais alguns casais “de gente de bem” (os Farlow, os Chatfield) nos instalávamos para nadar era uma espécie de pequena enseada; minha Charlotte preferia aquele local porque era quase uma “praia privativa”. As instalações de banho (ou “instalações de afogamento”, como o *Journal* de Ramsdale tivera a ocasião de dizer) regulares ficavam na parte esquerda (leste) da ampulheta, e não podiam ser vistas de nossa estreita angra. À nossa direita, os pinheiros davam lugar a uma curva de terreno pantanoso que tornava a transformar-se em floresta na margem oposta.

Sentei-me ao lado de minha mulher tão silenciosamente que ela se assustou.

“Vamos entrar?”, perguntou ela.

“Daqui a um minuto. Só quero acabar uma linha de raciocínio.”

Pensei. Mais de um minuto se passou.

“Pronto. Vamos lá.”

“Eu estava nessa linha?”

“Estava, sem dúvida.”

“Espero mesmo que sim”, disse Charlotte entrando na água, que logo chegou à pele arrepiada de suas coxas grossas; e então, juntando as mãos estendidas, fechando bem a boca, muito feia com sua touca de borracha preta, Charlotte arremessou-se para a frente levantando muita água.

Lentamente pusemo-nos a nadar na cintilação do lago.

Na margem oposta, a pelo menos mil passos de distância (se alguém pudesse atravessar as águas a pé), distinguiam-se as figuras diminutas de dois homens que trabalhavam como castores em seu trecho de praia. Eu sabia exatamente quem eram: um ex-policia de origem polonesa e o bombeiro aposentado a quem pertencia a maior parte da madeira daquele lado do lago. E sabia também que estavam empenhados em construir, só pela escassa diversão da coisa, um embarcadouro. As pancadas que chegavam a nós pareciam muito desproporcionais aos movimentos aparentes dos braços e ferramentas desses dois anões; na verdade, tinha-se a impressão de que o produtor desses efeitos acrossônicos estava em desacordo com o titereiro, especialmente porque a pesada explosão de cada minúscula pancada nos chegava bem depois de sua manifestação visual.

A estreita faixa de areia da “nossa” praia — da qual a essa altura já nos tínhamos afastado bastante em busca de águas mais profundas — ficava

sempre vazia nas manhãs dos dias úteis. Não havia mais ninguém nas cercanias além daquelas duas figuras diminutas muito entretidas do outro lado, e de um avião particular vermelho-escuro que roncou sobrevoando nossas cabeças e em seguida desapareceu no azul. A cena era perfeita para um crime brusco e borbulhante, e aqui estava o motivo sutil: o homem da lei e o homem das águas estavam próximos o bastante para testemunharem um acidente, mas distantes demais para observarem um crime. Estavam próximos o bastante para ouvirem um banhista transtornado espadanando na água e pedindo aos berros ajuda para a mulher que se afogava; mas distantes demais para distinguirem (se por acaso levantassem os olhos antes da hora) que o nadador nada transtornado continuava a segurar sua mulher debaixo d'água. Eu ainda não chegara a esse ponto; quero apenas dar uma ideia da facilidade do ato, do quanto o cenário era propício. Ali tínhamos então Charlotte a nadar com sua peculiar falta de graça (era uma sereia muito medíocre), mas não sem um certo prazer solene (pois não tinha a seu lado o seu tritão?); e enquanto eu contemplava, com a rematada lucidez de uma lembrança futura (sabem como é — quando tentamos ver as coisas como nos lembraremos de tê-las visto), a mancha branca e lustrosa do seu rosto molhado tão pouco queimado de sol a despeito de todos os seus esforços, e seus lábios pálidos, e sua testa nua e convexa, e a touca preta apertada, e a nuca ensopada e gorda, eu sabia que só precisava ficar um pouco para trás, encher os pulmões de ar, depois agarrá-la pelo tornozelo e mergulhar rapidamente com meu cadáver cativo. Digo cadáver porque a surpresa, o pânico e a inexperiência a fariam engolir de imediato vários litros letais de água do lago, enquanto eu conseguiria manter-me pelo menos um minuto inteiro debaixo d'água com os olhos abertos. O gesto fatal atravessou como a cauda de uma estrela cadente o negror do crime contemplado. Lembrava um terrível balé sem música em que o dançarino segurava a bailarina pelo pé e imergia em velocidade através de um lusco-fusco aquoso. Poderia ser que eu subisse para tomar algum ar enquanto ainda a mantinha submersa, mergulhando em seguida quantas vezes fosse necessário, e só quando a cortina descesse para ela de uma vez por todas é que eu me permitiria gritar por socorro. E quando uns vinte minutos mais tarde os dois bonecos cada vez maiores finalmente chegassem a bordo de um bote a remo pintado de novo só pela metade, a pobre sra. Humbert Humbert, vítima de uma câimbra ou oclusão coronariana, ou de ambas, já

estaria enterrada de cabeça no lodo escuro, uns dez metros abaixo da superfície sorridente do Lago da Ampulheta.

Simples, não? Mas imaginem só, amigos — não fui capaz de convencer-me a cometer o crime!

Ela nadava bem a meu lado, uma foca desgraciosa e confiante, e toda a lógica da paixão berrava em meu ouvido: a hora é esta! Mas, amigos, fui simplesmente incapaz! Em silêncio fiz meia-volta na direção da margem e com gestos graves, como lhe cabia, ela também virou; o inferno ainda me berrava sua recomendação, mas ainda assim não consegui fazer-me afogar a pobre criatura volumosa e escorregadia. O grito foi ficando cada vez mais remoto enquanto eu percebia o triste fato de que nem amanhã, nem na sexta-feira nem em nenhum outro dia ou noite, eu seria capaz de provocar sua morte. Ah, eu me via desfazendo a tapa o alinhamento dos seios de Valeria, ou causando-lhe dor de outros modos — e me via, com clareza equivalente, desferindo um balaço no baixo-ventre de seu amante, fazendo-o gritar “akh!” e desabar sentado no chão. Mas não seria capaz de matar Charlotte — especialmente quando no todo as coisas ainda não estavam tão perdidas, talvez, quanto me pareceram à primeira vista naquela manhã infeliz. Se eu a agarrasse pelo pé forte e agressivo; se eu contemplasse sua expressão de espanto e escutasse sua voz horrível; se eu insistisse em levar adiante o sacrifício, o fantasma dela haveria de me assombrar pelo resto da vida. Se o ano fosse 1447 em vez de 1947, talvez eu pudesse ter logrado minha natureza cordata, administrando-lhe algum veneno clássico de um anel oco de ágata, algum fino filtro letal. Mas em nossa era da classe média enxerida isso não teria o resultado de outrora, em meio aos brocados de pretéritos palácios. Hoje, para ser assassino, você precisa ser cientista. E eu não era nenhum dos dois. Senhoras e senhores do júri, a maioria dos criminosos sexuais que anseiam por alguma relação latejante, envolta em doces gemidos, física mas não necessariamente coital, com uma menina, é de homens estranhos e inócuos, inadequados, passivos e acanhados, que só esperam da comunidade que lhes permita prosseguir com seu comportamento tido como aberrante mas praticamente inofensivo, seus pequenos, quentes e úmidos atos secretos de desvio sexual, sem que a polícia e a sociedade caiam sobre eles. Não somos monstros sexuais! Não estupramos, como tantos soldados estupram. Somos cavalheiros infelizes e contidos, de olhos caninos, suficientemente bem integrados para controlar

nossos impulsos na presença de adultos, mas prontos a trocar anos das nossas vidas por uma única oportunidade de acariciar uma ninfeta. Enfaticamente, não somos assassinos. Poetas nunca matam. Oh, minha pobre Charlotte, não me odeie em seu céu eterno, envolta numa alquimia eterna de asfalto e borracha, metal e pedra — mas, graças a Deus, não água, não água!

Ainda assim, estivemos muito perto, objetivamente falando. E agora vem a conclusão da minha parábola do crime perfeito.

Sentamo-nos em nossas toalhas ao sol sequioso. Ela olhou em volta, desafiou o sutiã e deitou-se de bruços para dar às suas costas a oportunidade de provocar o deleite alheio. Disse que me amava. Deu um profundo suspiro. Esticou um dos braços e enfiou a mão no bolso do roupão à procura de seus cigarros. Sentou-se para fumar. Examinou o ombro direito. Deu-me um beijo pesado com a boca aberta e defumada. Subitamente, pelo barranco de areia que atrás de nós descia da área coberta de plantas e pinheiros, uma pedra rolou, e mais outra.

“Esses garotos nojentos que se escondem para olhar”, disse Charlotte, levantando o avantajado sutiã contra o peito e tornando a deitar-se de barriga para baixo. “Vou ter de conversar sobre isso com Peter Krestovski.”

Do trecho final da trilha ouviu-se um farfalhar, um passo, e Jean Farlow chegou à praia com seu cavalete e suas coisas.

“Você nos assustou”, disse Charlotte.

Jean disse que estava ali em cima, refugiada num esconderijo verde, para espionar a natureza (espões geralmente são fuzilados), tentando terminar uma paisagem do lago, mas não adiantava, não tinha o menor talento mesmo (o que não deixava de ser verdade) — “E você, Humbert, nunca tentou pintar?” Charlotte, que tinha um certo ciúme de Jean, quis saber se John também estava vindo.

Estava. Hoje ele vinha almoçar em casa. Ele a deixara lá a caminho de Parkington e devia passar para pegá-la a qualquer momento. A manhã estava linda. Ela sempre sentia que estava traindo Cavall e Melampus quando os deixava presos nesses dias tão lindos. Sentou-se na areia branca entre mim e Charlotte. Usava shorts. Suas pernas compridas e bronzeadas eram mais ou menos tão atraentes para mim quanto as de uma égua alazã. E mostrava as gengivas quando sorria.

“Quase incluí vocês dois no meu lago”, disse ela. “E até reparei numa coisa que vocês não perceberam. Você [dirigindo-se a Humbert] entrou na água sem tirar o relógio de pulso, sim senhor.”

“À prova d’água”, disse baixinho Charlotte, fazendo boca de peixe.

Jean apoiou meu pulso em seu joelho e examinou o presente de Charlotte, depois devolveu a mão de Humbert à areia, com a palma para cima.

“Desse jeito você podia ver qualquer coisa”, observou Charlotte em tom provocante.

Jean suspirou. “Uma vez eu vi”, disse ela, “duas crianças, um menino e uma menina, ao crepúsculo, aqui mesmo, se amando. As sombras dos dois estavam gigantescas. E também já falei do sr. Tomson ao romper do dia. Na próxima, espero ver o velho Ivor exibindo sua alvura. O homem é realmente muito estranho. Da última vez ele me contou uma história absolutamente indecente sobre o sobrinho dele. Parece —”.

“Olá a todos”, disse a voz de John.

21

Meu hábito de me calar quando contrariado ou, mais precisamente, a qualidade fria e escamosa do meu silêncio contrariado, costumava deixar Valeria com muito medo. Ela gemia e se amuava, dizendo, “*Ce qui me rend folle, c’est que je ne sais à quoi tu penses quando tu es comme ça*”. Tentei o silêncio com Charlotte — e ela simplesmente continuava a falar pelos cotovelos, ou fazia um afago no queixo do homem calado. Que mulher espantosa! Eu me retirava para o meu antigo quarto, agora transformado em “escritório”, murmurando que no final das contas eu tinha uma grande obra a escrever, e a prestimosa Charlotte entregava-se ao embelezamento da casa, a conversas telefônicas ou às suas cartas. Da minha janela, através da agitação laqueada das folhas de choupo, eu a vi atravessar a rua e pôr contente na caixa de correio sua carta para a irmã da srta. Phalen.

A semana de chuvas esparsas e sombrias que transcorreu depois da nossa última visita às areias imóveis do Lago da Ampulheta foi uma das mais soturnas de que tenho memória. E então despontaram dois ou três raios de esperança — antes da erupção solar.

Ocorreu-me que eu tinha um belo cérebro em boas condições de funcionamento, e que talvez fosse o caso de usá-lo. Se eu não me atrevia a interferir nos planos da minha esposa para sua filha (que ficava mais quente e bronzeada a cada dia, exposta ao bom tempo da distância irremediável), sem dúvida poderia ainda assim imaginar algum meio geral de afirmar a minha autoridade que, mais tarde, pudesse ser dirigido a uma finalidade particular. Uma noite, Charlotte me propiciou uma abertura.

“Tenho uma surpresa para você”, disse ela, fitando-me com olhos afetuosos por cima de uma colher cheia de sopa. “No outono, nós vamos à Inglaterra.”

Engoli *minha* colherada, limpei os lábios com papel cor-de-rosa (Ah, os linhos frescos e portentosos do Hotel Mirana!) e disse:

“Também tenho uma surpresa para você, minha cara. Nós dois não vamos à Inglaterra.”

“Por quê, qual é o problema?”, perguntou ela, olhando — mais surpresa do que eu imaginava — para as minhas mãos (involuntariamente, dobrei, rasguei, amarrotei e tornei a rasgar o inocente guardanapo cor-de-rosa). Meu rosto sorridente, entretanto, deixou-a um pouco mais confortável.

“O problema é muito simples”, respondi. “Mesmo no mais harmonioso dos lares, como é o nosso, nem todas as decisões são tomadas pela parte feminina. Certas coisas é o marido que deve decidir. Bem posso imaginar a animação que você, uma americana saudável, deve sentir diante da ideia de atravessar o Atlântico no mesmo navio que a senhora Bumble — ou Sam Bumble, o Rei da Carne Congelada, ou alguma dessas meretrizes de Hollywood. E não duvido que você e eu pudéssemos até figurar num belo anúncio para a Agência de Viagens retratados a contemplar — você, francamente encantada, eu, controlando minha admiração invejosa — as Sentinelas do Palácio, ou os Guardas Escarlates, ou os *Beaver Eaters*, ou seja lá o nome que tiverem. Mas ocorre que sou alérgico à Europa, inclusive à velha e alegre Inglaterra. Como você bem sabe, guardo apenas as mais tristes associações com o Velho Mundo quase decomposto. E nem todos os anúncios coloridos das suas revistas poderiam mudar esse estado de coisas.”

“Meu querido”, disse Charlotte. “Eu realmente —”

“Não, espere um minuto. A questão em pauta é incidental. O que me preocupa é uma tendência de ordem mais abrangente. Quando você queria

que eu passasse as minhas tardes tomando banho de sol no lago em vez de trabalhar, cedi sem hesitar e me transformei num verdadeiro modelo bronzeado por você, em vez de prosseguir em minha vida de estudioso e, bem, um educador. Quando você me chama para um *bridge* com *bourbon* na companhia encantadora do casal Farlow, saio humildemente com você. Não, espere um pouco. Quando você decora a casa, não interfiro nos seus planos. Quando você decide — quando você decide questões de todo tipo, posso estar, digamos, em desacordo completo, ou parcial —, mas não digo nada. Prefiro ignorar os detalhes. Mas não posso ignorar o quadro geral. Adoro ser comandado por você, mas todo jogo tem as suas regras. Não estou aborrecido. Não estou nem um pouco aborrecido. Não faça isto. Mas sou metade desta casa, e tenho uma voz, distinta apesar de fraca.”

Ela viera para o meu lado e se pusera de joelhos enquanto lentamente, mas com grande veemência, sacudia a cabeça e se aferrava às minhas calças. Declarou que nunca tinha percebido. Que eu era seu governante e seu deus. Disse que Louise tinha ido embora, vamos nos amar agora mesmo. Disse que eu precisava perdoá-la, caso contrário ela morreria.

Este pequeno incidente injetou-me um ânimo considerável. Eu lhe disse em voz baixa que não era o caso de pedir perdão, mas de mudar seu comportamento; e resolvi aprofundar minha vantagem e passar um bom tempo, distante e mal-humorado, trabalhando no meu livro — ou pelo menos fingindo trabalhar.

O divã do meu antigo quarto fora muito antes convertido no sofá que no fundo sempre tinha sido, e Charlotte me avisara desde os primeiros momentos da nossa coabitação que aos poucos aquele aposento seria convertido num típico “refúgio de escritor”. Poucos dias depois do Incidente Britânico, eu estava sentado numa espreguiçadeira nova e muito confortável, com um livro grosso no colo, quando Charlotte raspou na porta com seu anel e entrou como quem não quer nada. Como eram diferentes seus movimentos dos da minha Lolita, quando *ela* vinha me visitar com seus irresistíveis blue jeans sujos, cheirando aos pomares da ninfetolândia; desajeitada e muito animada, e vagamente depravada, os botões de baixo da sua blusa abertos. Quero dizer-lhes, entretanto, uma coisa. Por trás do ímpeto da pequena Haze, e da rigidez da mãe, um tênue filete de vida tímida corria com o mesmo gosto, o mesmo rumor. Um grande médico

francês disse um dia a meu pai que nos parentes próximos os mais ligeiros gorgolejos gástricos tinham a mesma “voz”.

De maneira que Charlotte entrou. Sentia que nem tudo ia bem entre nós. Eu fingira ter adormecido na noite anterior, e na noite antes dela, no momento em que tínhamos ido para a cama, levantando-me ao amanhecer.

Carinhosamente, ela me perguntou se não estava “interrompendo”.

“No momento, não”, respondi, virando de lado o volume C da *Enciclopédia das meninas* a fim de examinar uma figura invertida na impressão.

Charlotte aproximou-se de uma mesinha de imitação de mogno com uma gaveta. E apoiou-se nela com a mão. A mesa era feia, decerto, mas nada fizera contra a dona da casa.

“Eu sempre quis lhe perguntar”, disse ela (em tom neutro, nada coquete), “por que essa coisa vive trancada? Quer mesmo que a mesinha fique no escritório? É tão abominavelmente rústica”.

“Deixe a mesinha em paz”, disse eu. Estava nos Campos da Escandinávia.

“E a chave, existe?”

“Escondida.”

“Ora, Hum...”

“Cartas de amor secretas.”

Ela me lançou um desses olhares de corça ferida que me irritavam tanto, e em seguida, sem saber se eu falava sério, ou como prosseguir na conversa, lá ficou pela duração de várias páginas lentas (Câmera Indiscreta, Canadá, Cana-de-açúcar) olhando para o vidro da janela, mais do que através dele, enquanto tamborilava em sua superfície com as aguçadas unhas amêndoa e rosa.

Finalmente (em Canoa ou Canterbury) ela se aproximou da minha cadeira e desabou, lanosamente, pesadamente, em seu braço, inundando-me com o perfume que minha primeira mulher também usava. “Sua Graça gostaria de passar o outono *aqui*?”, perguntou ela, apontando com o dedo mínimo para uma paisagem outonal num conservador estado do leste. “Por quê?” (muito distinta e lentamente). Ela encolheu os ombros. (É provável que Harold tivesse o costume de tirar férias nessa época do ano. Temporada de caça. Reflexo condicionado da parte dela.)

“Acho que sei onde isso fica”, disse ela, ainda apontando. “Há um hotel de que eu me lembro, os Caçadores Encantados, exótico, não acha? E a comida é um sonho. E ninguém incomoda ninguém.”

Ela esfregou a face em minha testa. Valeria logo parara com essas coisas.

“Alguma coisa especial que você queira para o jantar, querido? John e Jean vão aparecer mais tarde.”

Respondi com um grunhido. Ela beijou meu lábio inferior e, dizendo em tom animado que ia assar um bolo (subsistia uma tradição, dos tempos em que eu era seu inquilino, de que eu adorava seus bolos), deixou-me entregue ao meu ócio.

Depositando com cuidado o livro aberto no lugar onde ela sentara (o volume tentou desencadear uma rotação de ondas, mas a inserção de um lápis deteve suas páginas), verifiquei o esconderijo da chave: com algum constrangimento, estava enfiada debaixo do barbeador desmontável velho e caro que eu usava antes que ela me comprasse um muito melhor e mais barato. Seria mesmo o esconderijo perfeito — ali, debaixo daquele barbeador, no sulco do forro de veludo da caixa? A caixa estava dentro da maleta onde eu guardava papéis variados ligados aos meus negócios. Haveria uma escolha melhor? É notável a dificuldade de esconder as coisas — especialmente quando nossa mulher não para de fuçar nos móveis.

22

Acho que foi exatamente uma semana depois do nosso último mergulho que o correio do meio-dia nos trouxe uma resposta da segunda srta. Phalen. Ela escreveu dizendo que acabara de retornar a St. Algebra vindo do enterro da irmã. “Euphemia nunca mais foi a mesma depois de fraturar o quadril.” Quanto à questão da filha da sra. Humbert, desejava responder que ela, a Phalen sobrevivente, estava praticamente certa de que, caso o sr. e a sra. Humbert lhe trouxessem Dolores em janeiro, sua admissão poderia ser providenciada.

No dia seguinte, depois do almoço, fui visitar “nosso” médico, um sujeito simpático cujo comportamento impecável à beira do leito e cuja confiança absoluta em certas drogas do mercado mascaravam sua ignorância da, e indiferença à, ciência médica. O fato de que Lo teria de voltar para Ramsdale era um tesouro de antecipação. E para esse momento eu queria estar totalmente preparado. Na verdade, já começara minha

campanha mais cedo, antes que Charlotte tomasse sua desalmada decisão. Eu precisava saber ao certo quando minha linda criança iria chegar, a noite exata, e então noite após noite, até St. Algebra tirá-la de mim, eu pretendia contar com os meios de adormecer duas criaturas tão profundamente que nem barulho nem toque algum pudesse acordá-las. Ao longo de boa parte de julho eu vinha fazendo experiências com vários pós soníferos, que testava com Charlotte, grande consumidora de pílulas. A última dose que eu lhe dera (ela achava que era um comprimido de suaves brometos — só para ungir seus nervos) a deixara desacordada por quatro boas horas. Eu ligara o rádio no volume máximo. Acendera no rosto dela uma lanterna que parecia um consolo-de-viúva. Eu a empurrara, beliscara, cutucara — e nada tinha interrompido o ritmo de sua respiração calma e poderosa. No entanto, quando eu tentara uma coisa simples como dar-lhe um beijo, ela despertara na mesma hora, disposta e forte como um polvo (escapei por pouco). Aquela droga não servia, pensei; precisava conseguir coisa mais segura. Num primeiro momento, o dr. Byron pareceu não acreditar em mim quando eu lhe disse que sua última receita não fora páreo para a minha insônia. Sugeriu que eu tentasse de novo, e por um momento distraiu minha atenção mostrando-me fotos de sua família. Tinha uma filha fascinante da idade de Dolly, mas derrotei seu truque e insisti para que me receitasse os comprimidos mais potentes que conhecia. Sugeriu que eu comesse a jogar golfe, mas finalmente concordou em me receitar alguma coisa que, segundo me disse, “ia realmente funcionar”; indo até um armário, trouxe de lá um frasco contendo cápsulas de um azul violáceo com uma faixa roxo-escura numa das extremidades, que, disse ele, acabavam de ser lançadas no mercado e destinavam-se não aos neuróticos, que um jato d’água poderia acalmar se bem aplicado, mas só aos grandes artistas insones que precisavam morrer por algumas horas a fim de viver por todos os séculos. Adoro enganar médicos, e embora por dentro estivesse jubilante, embolsei as pílulas dando de ombros com ceticismo. Incidentalmente, eu precisava tomar muito cuidado com ele. Certa vez, noutra episódio, um lapso imbecil da minha parte fez-me mencionar o último sanatório onde estivera, e tive a impressão de perceber um ligeiro tremor nas pontas de suas orelhas. Não tendo a menor intenção de que Charlotte ou mais alguém conhecesse esse período do meu passado, expliquei-lhe às pressas que numa época fizera

pesquisas entre os loucos para um romance. Mas não importa; não há dúvida de que o velho patife tinha uma linda menina.

Saí de lá de excelente humor. Dirigindo o carro de minha mulher com um dedo, voltei rolando satisfeito para casa. Ramsdale, no fim das contas, tinha muitos encantos. As cigarras zumbiam; a avenida acabara de ser molhada. Com uma suavidade quase de seda, entrei em nossa íngreme ruazinha. Tudo naquele dia de algum modo estava dando muito certo. Tão verde e azul. Eu sabia que o sol brilhava porque a chave da ignição se refletia no para-brisa; e sabia que eram exatamente três e meia porque vislumbrei a enfermeira que toda tarde vinha massagear a Srta. Defronte caminhando ligeira pela calçada estreita com suas meias e sapatos brancos. Como de costume, o *setter* histórico do casal Sucata atacou meu carro enquanto eu descia a ladeira e, como sempre, o jornal local estava dobrado na varanda da frente, para onde acabara de ser arremessado por Kenny.

Na véspera eu encerrara o regime de distância que impusera, e agora emitia um alegre aviso de que chegara em casa enquanto abria a porta da sala. Com sua nuca branca e seu coque cor de bronze virados para mim, usando as mesmas blusinha amarela e calças marrons que vestia quando a conheci, Charlotte estava sentada à escrivaninha do canto escrevendo uma carta. Com minha mão ainda pousada na maçaneta, repeti meu chamado entusiástico. A mão dela que escrevia parou. Ela ficou imóvel na cadeira por um momento; depois virou-se lentamente e apoiou o cotovelo no encosto em curva. Seu rosto, desfigurado pela emoção, não era uma visão muito bonita enquanto ela fitava as minhas pernas e disse:

“A mãe Haze, a vasta vaca, a gata velha, a mãe insuportável, a — a velha Haze idiota não vai mais na sua conversa. Ela — ela...”

Minha bela acusadora parou de falar, engolindo seu veneno e suas lágrimas. Quaisquer que tenham sido as palavras de Humbert Humbert — não vêm ao caso. E ela prosseguiu:

“Você é um monstro. Você é uma mentira detestável, abominável e criminosa. Se você se aproximar — eu grito pela janela. Para trás!”

Novamente, quaisquer que tenham sido, os murmúrios de H. H. podem ser omitidos, acho eu.

“Vou embora hoje à noite. Tudo isso é seu. Só que você nunca, nunca mais vai ver aquela pirralha miserável. Saia já da sala.”

Leitor, foi o que fiz. Subi para meu ex-quase escritório. Com os braços largados ao longo do corpo, fiquei parado por um momento, imóvel e composto, contemplando da entrada a mesinha violada com sua gaveta aberta, uma chave pendendo da fechadura, quatro outras chaves da casa espalhadas pela mesa. Atravessei o patamar da escada até o quarto de dormir do casal Humbert e, calmamente, removi o diário de baixo do travesseiro, enfiando-o no bolso. Em seguida comecei a descer as escadas, mas parei a meio caminho; ela estava falando ao telefone que, por acaso, ficava junto à entrada da sala. Eu queria ouvir o que dizia: estava cancelando a encomenda de alguma coisa, depois voltou para a sala. Controlei minha respiração e atravessei o corredor até a cozinha. Lá, abri uma garrafa de uísque. Ela jamais resistiu a um uísque. Em seguida, entrei na sala de jantar e de lá, através da porta entreaberta, contemplei as costas largas de Charlotte.

“Você está arruinando a minha vida e a sua”, disse eu em voz baixa. “Vamos ser civilizados. É tudo alucinação sua. Você enlouqueceu, Charlotte. As anotações que você encontrou eram fragmentos de um romance. O seu nome e o dela aparecem nele por mero acaso. Só porque estavam à mão. Pense bem. Vou lhe buscar uma bebida.”

Ela nem respondeu nem se virou, mas continuou a escrever, em garranchos apressados, o que quer que estivesse escrevendo. Uma terceira carta, presumivelmente (duas, em envelopes selados, já estavam separadas na escrivaninha). Voltei para a cozinha.

Peguei dois copos (brindar a St. Algebra? a Lo?) e abri a geladeira, que rosnou malévolamente para mim enquanto eu arrancava o gelo das suas entranhas. Reescrever. Tornar a deixar que ela lesse. Ela não se lembraria dos detalhes. Mudar, forjar. Escrever um novo fragmento e mostrar a ela, ou deixar bem à mostra. Por que às vezes as torneiras gemem tão horrivelmente? Uma situação realmente horrível. Os pequenos blocos de gelo em forma de travesseiro — travesseiros dos ursinhos polares, Lo — emitiam sons ásperos, estalos torturados enquanto a água morna os desprendia de suas celas. Bati os dois copos na mesa lado a lado. Verti neles o uísque e um pingo de soda. Ela vetara meu gim com abacaxi. A geladeira latiu e sua porta bateu. Carregando os copos, atravessei a sala de jantar e falei através da porta que exibia uma fração de fresta, passagem insuficiente para o meu cotovelo.

“Eu lhe trouxe uma bebida”, disse eu.

Ela não respondeu nada, a vaca doida, e eu pousei as bebidas na prateleira, ao lado do telefone que começara a tocar.

“É Leslie falando. Leslie Tomson”, disse Leslie Tomson, adepto de mergulhos matinais. “A sra. Humbert foi atropelada, sr. Humbert, e o senhor precisa vir depressa.”

Respondi, talvez com uma certa irritação, que minha mulher estava sã e salva, e ainda com o fone na mão, abri a porta e disse:

“Um homem acabou de me dizer que você morreu, Charlotte.”

Mas não havia Charlotte alguma na sala.

23

Corri para fora de casa. O lado oposto de nossa ruazinha em declive apresentava um panorama peculiar. Um Packard grande e lustroso enveredara pelo gramado inclinado da Srta. Defronte, formando um ângulo com a calçada (onde uma manta xadrez caíra amontoada), e lá tinha parado, reluzindo ao sol, suas portas abertas como asas, suas rodas dianteiras enterradas fundo na vegetação rasteira verde. À direita anatômica desse carro, no gramado aparado do jardim em aclave, um velho cavalheiro de bigode branco, bem vestido — terno cinza de paletó jaquetão, gravata-borboleta de bolinhas —, estava estendido de costas, as pernas compridas muito juntas, como a estátua de cera de um morto em tamanho natural. Preciso traduzir o impacto de uma visão instantânea numa sequência de palavras; seu acúmulo físico na página acaba por trair o clarão instantâneo, a unidade clara de impressões: manta amontoada, carro, velho-boneco. A enfermeira da Srta. D. correndo com as roupas farfalhantes, um copo semi-vazio na mão, de volta para a varanda cercada de tela — onde a própria velha senhora, aprisionada, escorada e decrépita, pode ser imaginada emitindo um grito agudo, mas não com volume suficiente para afogar os latidos breves e ritmados do *setter* dos Sucata vagando de grupo em grupo — de um bando de vizinhos já reunido na calçada, perto do material quadriculado, de volta ao carro que ele finalmente conseguira capturar, e depois até outro grupo no gramado, reunindo Leslie, dois policiais e um homem corpulento de óculos de tartaruga. A essa altura, preciso explicar

que a expedita aparição dos patrulheiros, pouco mais de um minuto depois do acidente, deve-se ao fato de que vinham multando os carros ilegalmente estacionados numa transversal dois quarteirões mais abaixo; que o sujeito de óculos era Frederick Beale Jr., motorista do Packard; que seu pai de 79 anos, a quem a enfermeira acabara de trazer água no barranco verde onde estava deitado — um banqueiro abancado no barranco, digamos assim —, não estava desmaiado, mas em processo de recuperar-se confortável e metodicamente de um ataque cardíaco muito ligeiro ou de sua possibilidade; e, finalmente, que a manta na calçada (onde ela tantas vezes apontara para mim com desgosto as rachaduras verdes oblíquas) escondia os restos desfigurados de Charlotte Humbert, que fora derrubada e arrastada por vários metros pelo carro dos Beale no momento em que atravessava a rua correndo para pôr três cartas na caixa de correio, no canto do gramado da Srta. Defronte. As cartas foram recolhidas e entregues a mim por uma bela menina num sujo vestido cor-de-rosa, e librei-me delas reduzindo-as a fragmentos com as garras dentro do bolso das minhas calças.

Três médicos e o casal Farlow chegaram nesse exato momento à cena e assumiram o comando. O viúvo, homem de excepcional autocontrole, não chorou nem perdeu a cabeça. Oscilou um pouco, é verdade; mas só abriu a boca para proferir as informações ou emitir as instruções estritamente necessárias para os fins de identificação, exame e remoção de uma mulher morta, cujo topo da cabeça se transformara num mingau de ossos, sangue, miolos e cabelos cor de bronze. O sol ainda era de um vermelho cegante quando ele foi posto na cama no quarto de Dolly por seus dois amigos, o gentil John e a Jean de olhos orvalhados; que, para ficarem por perto, retiraram-se para o quarto do casal Humbert para a noite; que, pelo que sei, podem não ter passado com a inocência que a solenidade da ocasião pedia.

Não tenho razão para me deter nestas memórias tão especiais, nas formalidades pré-funeral que precisaram ser cumpridas ou no funeral propriamente dito, que foi tão discreto quanto o casamento tinha sido. Mas alguns incidentes ocorridos nos quatro ou cinco dias que se seguiram à morte simples de Charlotte precisam ser assinalados.

Na minha primeira noite de viúvo eu estava a tal ponto embriagado que dormi tão profundamente quanto a criança que antes dormia naquela cama. Na manhã seguinte, apressei-me a inspecionar os fragmentos de carta no meu bolso. Tinham-se misturado demais para poderem ser separados em

três conjuntos completos. Mas supus que “...e é melhor você achar logo porque não tenho como comprar...” vinha de uma carta para Lo; e outros fragmentos pareciam indicar que Charlotte tinha a intenção de fugir com Lo para Parkington, ou mesmo de volta a Pisky, para evitar que o abutre arrebatasse seu precioso cordeiro. Outros pedaços e tiras (nunca imaginei que tivesse garras tão poderosas) referiam-se obviamente a um pedido de matrícula não em St. A., mas em outro internato com fama de ser tão austero, cinzento e soturno em seus métodos (embora oferecesse croquê à sombra dos olmos) que fora apelidado de “Reformatório para Moças”. Finalmente, a terceira epístola era evidentemente endereçada a mim. Distingui passagens como “...depois de um ano de separação poderemos...” “...oh, meu querido, oh meu...” “...pior que se você sustentasse outra mulher...” “...ou, talvez, eu morra...” Mas no geral minhas tentativas não conseguiram produzir muito sentido; os fragmentos dessas três missivas apressadas embaralhavam-se tanto nas palmas das minhas mãos quanto seus elementos se confundiam antes na cabeça da pobre Charlotte.

Naquele dia John precisava visitar um cliente e Jean, alimentar os seus cães, e assim fiquei temporariamente privado da companhia dos meus amigos. Essas pessoas tão dedicadas temiam que eu pudesse suicidar-me se deixado a sós, e como não havia outros amigos à disposição (a Srta. Defronte estava incomunicável, a família McCoo estava ocupada com a construção de uma casa nova a quilômetros dali, e os Chatfield tinham sido recentemente convocados ao Maine por alguma questão familiar lá deles), recomendou-se a Leslie e Louise que me fizessem companhia a pretexto de me ajudar a separar e empacotar inúmeros pertences condenados à orfandade. Num momento de soberba inspiração, mostrei aos delicados e crédulos Farlow (esperávamos Leslie chegar para seu compromisso pago com Louise) uma pequena foto de Charlotte que eu encontrara entre os seus guardados. Do alto de uma pedra ela sorria através de cabelos desfeitos pelo vento. Fora tirada em abril de 1934, uma primavera memorável. Numa viagem de negócios aos Estados Unidos, eu tivera a oportunidade de passar vários meses em Pisky. Nós nos conhecemos — e tivemos um caso de amor louco. Eu era casado, ai de mim, e ela estava noiva de Haze, mas depois da minha volta para a Europa nos correspondemos através de um amigo, que havia morrido. Jean sussurrou que tinha ouvido algumas histórias vagas e olhou para o instantâneo, e, ainda olhando, passou-o para John; John tirou o

cachimbo da boca e olhou para a adorável e atirada Charlotte Becker, devolvendo a foto para mim. Em seguida, saíram por algumas horas. A feliz Louise gorgolejava e repreendia seu pretendente no porão.

Mal o casal Farlow partiu, chegou um religioso de queixo azulado — e tentei tornar sua visita tão breve quanto possível sem ofender seus sentimentos nem despertar suas dúvidas. Sim, eu iria dedicar o resto da minha vida ao bem-estar da menina. Aqui, incidentalmente, estava uma pequena cruz que Charlotte Becker me dera quando éramos ambos ainda jovens. Eu tinha uma prima, solteirona respeitável em Nova York. Lá haveríamos de encontrar uma boa escola particular para Dolly. Ah, como Humbert era engenhoso!

Para ser ouvido por Leslie e Louise, que podiam contar (e de fato contaram) a John e Jean, fiz um interurbano em voz tremendamente alta e lindamente encenado, simulando uma conversa com Shirley Holmes. Quando John e Jean voltaram, consegui convencê-los por completo contando-lhes, num murmúrio deliberadamente ansioso e confuso, que Lo tinha saído com o grupo intermediário numa excursão de cinco dias, e estava fora de alcance.

“Deus do céu”, disse Jean, “o que vamos fazer?”.

John disse que a solução era muito simples — ele pediria à polícia de Climax que localizasse os excursionistas; levaria menos de meia hora. Na verdade, ele conhecia a região e —

“Escute”, continuou ele, “eu posso ir até lá de carro agora mesmo, e você dorme com Jean” — (na verdade não acrescentou as últimas palavras, mas Jean deu apoio tão apaixonado à sua proposta que isto podia estar implícito).

Perdi o controle. Implorei a John que deixasse as coisas como estavam. Disse que não poderia suportar a menina à minha volta, chorando, agarrada a mim, ela era tão nervosa, a experiência podia produzir reações no seu futuro, os psiquiatras já analisaram casos assim. Houve uma pausa repentina.

“Bom, você é que é o doutor aqui”, disse John em tom um tanto brusco. “Mas afinal eu era amigo e conselheiro de Charlotte. E gostaríamos de saber o que você pretende fazer com a menina, no final das contas.”

“John”, exclamou Jean, “ela é filha dele, e não de Harold Haze. Você não entende? Humbert é o verdadeiro pai de Dolly”.

“Sei”, disse John. “Desculpe. Sim, entendi. Eu não tinha percebido. Simplifica tudo, é claro. E o que você achar melhor é a coisa certa.”

O pai atormentado disse que pretendia ir buscar sua filha imediatamente depois do funeral, e que faria o possível para distraí-la num cenário totalmente diverso, talvez uma viagem ao Novo México ou à Califórnia — contanto, claro, que ele sobrevivesse.

Tão artisticamente interpretei a calma do desespero extremo, a quietude que antecede alguma explosão de insanidade, que os perfeitos Farlow transferiram-me para a casa deles. Tinham uma boa adega, tendo em vista as adegas deste país; e isto ajudou, pois eu temia a insônia e um fantasma.

Agora preciso explicar *meus* motivos para manter Dolores à distância. Naturalmente, num primeiro momento, quando Charlotte acabara de ser eliminada e reentrei na casa convertido num pai livre, tomando de um gole os dois uísques com soda que tinha preparado e complementando com mais ou menos um litro do meu gim com abacaxi, e fui para o banheiro a fim de evitar vizinhos e amigos, só havia uma coisa em minha mente e no meu pulso — a saber, a consciência de que dali a poucas horas, quente, com seus cabelos castanhos, e minha, minha, minha, Lolita estaria em meus braços, vertendo lágrimas que eu enxugaria com beijos antes mesmo de deixá-las escorrer. Mas enquanto eu me olhava no espelho, de olhos arregalados e rosto corado, John Farlow bateu gentilmente à porta para perguntar se eu estava bem — e percebi na mesma hora que seria loucura da minha parte trazê-la para casa com todos aqueles enxeridos andando de um lado para outro e fazendo planos para tirá-la de mim. Na verdade, a própria imprevisível Lo poderia — quem sabe? — demonstrar uma desconfiança infundada de mim, uma súbita repugnância, um medo vago e coisas assim — e para sempre eu perderia o mágico troféu no instante mesmo do triunfo.

Por falar em enxeridos, eu tive outro visitante — o amigo Beale, o sujeito que eliminara minha mulher. Enfadonho e solene, com a aparência de uma espécie de assistente de carrasco, com suas bochechas caídas de buldogue, seus pequenos olhos negros, seus óculos de armação grossa e suas narinas muito conspícuas, foi recebido na casa por John, que em seguida nos deixou a sós, fechando a porta com o tato mais extremo. Contando em tom gentil que tinha gêmeos na turma da minha enteada, meu grotesco visitante desenrolou um grande diagrama que desenhara do

acidente. Era, como diria a minha enteada, “muito caprichado”, com muitas setas impressionantes em tintas de várias cores. A trajetória da sra. H. H. era ilustrada em vários pontos por uma série dessas figuras em silhueta — uma diminuta trabalhadora ou recruta do corpo feminino com ares de boneca — usadas em estatísticas como recurso visual. De maneira muito clara e conclusiva, seu trajeto cruzava com uma linha sinuosa em traços grossos que representava duas guinadas consecutivas — uma que o carro dos Beale fizera para desviar-se do cão dos Sucata (o cão não aparecia), e a segunda, uma espécie de prolongamento exagerado da primeira, com a intenção de evitar a tragédia. Uma cruz muito preta indicava o ponto onde a elegante silhueta finalmente se deitara na calçada. Procurei alguma outra marca parecida para indicar o ponto do barranco onde o pai estendido e ceroso do meu visitante estivera deitado, mas nada. O referido cavalheiro, entretanto, assinara o documento como testemunha debaixo do nome de Leslie Tomson, da Srta. Defronte e algumas outras pessoas.

Com seu lápis esvoaçando delicado e destro como um beija-flor entre um ponto e outro, Frederick demonstrou sua absoluta inocência e a imprudência de minha mulher: enquanto ele estava em pleno esforço para evitar o cachorro, *ela* escorregara no asfalto recém-molhado e mergulhara para a frente, quando devia ter-se lançado não para a frente mas para trás (e Fred demonstrou a manobra com um movimento brusco de suas ombreiras). Eu disse que a culpa certamente não era dele, e o inquérito confirmou minha opinião.

Respirando com violência pelas narinas negras e tensas, ele assentiu com a cabeça e apertou minha mão; e então, com um ar de perfeito *savoir vivre* e uma generosidade de *gentleman*, ofereceu-se para pagar as despesas do féretro e do funeral. Esperava que eu recusasse sua oferta. Com um soluço embriagado de gratidão, aceitei. O que o pegou de surpresa. Lentamente, com ar incrédulo, ele repetiu o que dissera. E eu tornei a agradecer, mais profusamente ainda do que antes.

Em decorrência dessa bizarra entrevista, o entorpecimento da minha alma viu-se por um momento atenuado. E não admira! Eu acabara de ver com meus olhos o agente do destino. Eu pudera tocar a matéria mesma do destino — e suas fartas ombreiras. Uma mutação monstruosa e brilhante ocorrera bruscamente, e ali estava seu instrumento. Nos intricados cruzamentos de sua trama (mulher que sai correndo de casa, asfalto

escorregadio, um cão insuportável, o declive da rua, o carro grande, o babuíno ao volante), eu mal lograva distinguir minha vil contribuição para os acontecimentos. Não tivesse eu a ideia idiota — ou a genialidade intuitiva — de preservar aquele diário, os fluidos produzidos pela ira vingativa e o ardor da vergonha não teriam cegado Charlotte em sua disparada para a caixa de correio. Mas mesmo que a cegassem, nada ainda teria acontecido se o destino preciso, esse fantasma no comando do sincronismo, não tivesse combinado em seu alambique o carro e o cão e o sol e a sombra e a água e o fraco e o forte e a pedra. *Adieu*, Marlene! O formal aperto de mãos do corpulento destino (reproduzido por Beale antes de deixar o aposento) tirou-me do meu torpor, e chorei. Senhoras e senhores do júri — eu chorei.

24

Os olmos e choupos davam as costas arrepiadas a um súbito ataque do vento, e um aglomerado negro de nuvens de tempestade pairava acima da torre branca da igreja de Ramsdale quando olhei para trás pela última vez. Rumo a aventuras desconhecidas eu abandonava o lívido lar onde alugara um quarto apenas dez semanas antes. As persianas — práticas e econômicas persianas de bambu — já estavam abaixadas. Nas varandas ou dentro da casa sua rica textura contribuía com uma dramaticidade moderna. A morada celeste devia parecer muito despojada depois disso. Um pingo de chuva caiu-me nos nós dos dedos. Voltei para dentro da casa em busca de alguma coisa, enquanto John levava minhas malas para o carro, e então aconteceu uma coisa estranha. Não sei se nestas notas trágicas enfatizei suficientemente o peculiar efeito “eletrizante” que a aparência do autor — pseudocéltica, atraentemente simiesca, jovialmente máscula — tinha sobre as mulheres de todas as idades e todos os meios. Claro que uma proclamação como esta feita na primeira pessoa pode soar ridícula. Mas de tempos em tempos preciso lembrar ao leitor minha aparência, assim como um romancista profissional, depois de dar a um de seus personagens um maneirismo ou um cão, precisa continuar a apresentar esse cão ou o mesmo maneirismo cada vez que o personagem surgir em cena no decorrer do livro. No caso em pauta, porém, pode haver mais coisas em jogo. Minha

boa aparência tristonha precisa estar sempre em mente para que minha história seja devidamente compreendida. A pubescente Lo desfalecia tanto diante dos encantos de Humbert quanto ao som das canções soluçantes; a adulta Lotte me adorava com uma paixão madura e possessiva que hoje deploro e respeito mais do que poderia dizer. Jean Farlow, que tinha trinta e um anos e era absolutamente neurótica, também parecia ter desenvolvido um forte afeto por mim. Ela era bela à maneira de uma estátua de madeira, com um rosto de terra de siena queimada. Seus lábios eram como volumosos pólipos carmesins, e quando ela emitia seu singular riso latido exibía dentes grandes e opacos e gengivas pálidas.

Era muito alta, usava sempre calças com sandálias ou saias encapeladas com sapatilhas de balé, tomava qualquer bebida forte em qualquer quantidade, sofrera dois abortos, escrevia histórias sobre animais, pintava, como sabe o leitor, paisagens lacustres, já nutria o câncer que haveria de matá-la aos trinta e três anos, e era definitivamente desprovida de atrativos para mim. Imaginem então meu espanto quando, poucos segundos antes da minha partida (ela e eu estávamos de pé no corredor), Jean, com seus dedos sempre trêmulos, tomou-me pelas têmporas e, com lágrimas em seus cintilantes olhos azuis, tentou, sem sucesso, colar-se aos meus lábios.

“Cuide-se”, disse ela, “e dê um beijo em sua filha por mim”.

Uma trovoada reverberou pela casa, e ela acrescentou:

“Talvez, em algum lugar, um dia, num momento menos infeliz, possamos nos ver novamente” (Jean, o que quer que você seja, onde quer que esteja, no tempo-espaço negativo ou no tempo positivo do espírito, perdoe-me por tudo isso, inclusive os parênteses).

E um instante mais tarde eu apertava as mãos do casal na rua, a rua em declive, e tudo voava e rodopiava ante a aproximação do branco dilúvio, e um caminhão trazendo um colchão da Filadélfia estacionava confiante diante de uma casa vazia, e o pó corria e se contorcia sobre a exata laje de pedra em que Charlotte, quando levantaram a manta para mim, se revelara, encolhida, seus olhos intactos, com os cílios negros ainda úmidos e embaraçados, como os seus, Lolita.

Alguém poderia supor que, com todos os obstáculos removidos e a perspectiva de deleites ilimitados e delirantes à minha frente, eu teria recostado mentalmente, emitindo um suspiro de alívio deliciado. *Eh bien, pas du tout!* Em vez de entregar-me ao repouso à luz sorridente da Fortuna, sentia-me obcecado por todo tipo de dúvidas e temores puramente éticos. Por exemplo: não era surpreendente para as pessoas Lo estar sistematicamente excluída dos festejos e das funções fúnebres em sua família imediata? Vocês se lembram — ela não viera ao nosso casamento. Ou outra coisa: admitindo que tenha sido o braço longo e peludo da Coincidência que se deslocara para abater uma mulher inocente, será que a Coincidência não poderia ignorar num momento pagão as ações de seu cordeiro gêmeo, e entregar a Lo uma prematura nota de pêsames? É verdade que o acidente só fora noticiado pelo *Journal* de Ramsdale — não saíra no *Recorder* de Parkington nem no *Herald* de Climax, já que o Campo Q ficava em outro estado e as mortes da província não despertavam o interesse jornalístico federal; mas eu não conseguia parar de conjecturar se de algum modo Dolly Haze não teria sido informada, e se no mesmo momento em que eu estava a caminho para buscá-la não estaria sendo conduzida de volta a Ramsdale por amigos que eu desconhecia. Ainda mais inquietante que essas conjecturas e preocupações era o fato de que Humbert Humbert, cidadão americano recente de obscura origem europeia, não tomara providência alguma no sentido de tornar-se guardião legal da filha de sua finada mulher (com doze anos e sete meses de idade). E eu jamais me atreveria a dar esses passos? Não conseguia conter um tremor toda vez que imaginava meu confinamento por estatutos misteriosos, nu ante os olhos impiedosos da Lei Consuetudinária.

Meu plano era um prodígio de arte primitiva: eu correria até a colônia de férias, contaria a Lolita que sua mãe logo seria submetida a uma grande operação num hospital imaginário, e em seguida continuaria sempre em movimento com minha sonolenta ninfeta, de estalagem em estalagem, enquanto sua mãe melhorava, melhorava e finalmente morria. Mas enquanto eu viajava para a colônia de férias minha angústia só fazia aumentar. Não suportava a ideia de poder desencontrar-me de Lolita, ou de encontrar outra Lolita, assustada, clamando por algum amigo da família: não os Farlow, graças a Deus — ela mal os conhecia —, mas bem poderia haver outras pessoas que eu deixara de levar em conta, não? Finalmente,

decidi fazer a chamada interurbana que simulara tão bem poucos dias antes. Chovia muito quando estacionei num subúrbio enlameado de Parkington pouco antes da bifurcação na estrada, um de cujos braços contornava a cidade e conduzia à autoestrada que atravessava as montanhas até o Lago Climax e a colônia de férias. Desliguei a ignição e por pelo menos um minuto permaneci sentado no carro preparando-me para o telefonema e olhando a chuva, a calçada encharcada, um hidrante: na verdade um objeto horrendo, pintado de um prateado espesso e de vermelho, estendendo seus dois rubros tocos de braço para serem envernizados pela chuva que, como sangue estilizado, respingava em suas correntes argêntas. Não admira que seja tabu estacionar ao lado desses aleijados de pesadelo. Fui até um posto de gasolina. Uma surpresa me esperava quando finalmente as moedas caíram com um ruído satisfatório e uma voz pôde responder à minha.

Holmes, a diretora do acampamento, disse-me que Dolly partira segunda-feira (estávamos na quarta) numa excursão até as montanhas com o seu grupo, e a volta deles era esperada no fim daquele dia. Será que eu não poderia vir no dia seguinte, e aliás, qual era exatamente —? Sem entrar em detalhes, respondi que a mãe dela estava hospitalizada, que a situação era grave, que não deviam dizer à menina que era grave e que ela precisava estar pronta para partir comigo na tarde do dia seguinte. As duas vezes se despediram numa explosão de afeto e boa vontade, e devido a algum defeito mecânico fora do comum todas as minhas moedas me foram restituídas com um estrépito de caça-níqueis pagando um *jackpot* que quase me fez rir, apesar da decepção por ser obrigado a adiar minha bem-aventurança. E me pergunto se essa torrente súbita, esse reembolso espasmódico, não estava de algum modo correlacionado, na mente de McFate, com o fato de eu ter inventado aquela pequena expedição antes mesmo de ter as notícias dela que enfim obtivera.

E agora? Tomei a direção do centro comercial de Parkington e dediquei toda a tarde (o tempo tinha melhorado, a cidade molhada lembrava prata e cristal) à compra de coisas bonitas para Lo. Meu Deus, que loucas aquisições foram provocadas pela pungente predileção de Humbert naqueles dias por padrões xadrez, algodões de cores vivas, babados, mangas curtas bufantes, macios tecidos plissados, corpetes justos e saias generosamente rodadas! Oh Lolita, você é a minha garota, como Gini era de Poe e Bia de Dante, e que garota não gostaria de rodopiar de saia rodada e

calcinhas pequenas? Será que eu ainda queria alguma coisa de especial?, perguntaram-me vozes insinuantes. Maiôs? Temos de todas as cores. Cor-de-rosa de sonho, verde-água frígido, malva-glande, vermelho-tulipa, preto-ulalá. E conjuntos para brincar? Combinações? Não, nada disso. Lo e eu detestávamos combinação.

Um dos meus guias nessas questões era um registro antropométrico produzido por sua mãe no décimo segundo aniversário de Lo (o leitor há de se lembrar daquele livro sobre o conhecimento dos filhos). E eu desconfiava que Charlotte, atiçada por obscuros motivos de inveja e antipatia, acrescentara um centímetro aqui, um quilo ali; mas como a ninfeta teria certamente crescido um pouco nos últimos sete meses, achei que poderia aceitar com segurança a maior parte dessas medidas de janeiro; quadris, 73 centímetros; coxa (logo abaixo do sulco glúteo), 43; panturrilha e pescoço, os mesmos 28; busto, 69; parte alta do braço, 20; cintura, 58; estatura, 1,44; peso, 36 quilos; silhueta, alongada; quociente de inteligência, 121; apêndice vermiforme: presente, graças a Deus.

Além das medidas, eu era, claro, capaz de visualizar Lolita com uma clareza alucinatória; e cultivando como cultivava um formigamento no meu esterno no ponto exato em que o topo sedoso de sua cabeça chegara uma ou duas vezes à altura do meu coração; e sentindo como ainda sentia seu peso morno em meu colo (de maneira que, num certo sentido, estava sempre “carregando” Lolita, da mesma forma que a mãe “carrega” seu bebê na barriga), não fiquei surpreso ao descobrir mais tarde que meus cálculos tinham sido mais ou menos corretos. Tendo além disso estudado um livro de vendas da temporada de verão, foi com um ar muito informado que examinei vários belos artigos, sapatos esportivos, tênis e sapatos de amarrar de camurça penteada. A bela moça pintada de vestido preto, pronta a atender todas as pungentes necessidades que eu lhe apresentava, transformava meu profundo conhecimento parental e minha capacidade de descrição precisa em eufemismos correntes de uso comercial, como “*petite*”. Outra senhora bem mais velha, de vestido branco, portando uma maquiagem espessa, ficou estranhamente impressionada com meu conhecimento da moda dos jovens; quem sabe eu teria uma amante anã; assim, quando me mostraram uma saia com dois bolsos decorativos aplicados na frente, fiz propositalmente uma inocente pergunta masculina e me vi premiado com uma sorridente demonstração de como funcionava o

fecho e cler na parte de trás da saia. Em seguida, diverti-me à grande com todo tipo de shorts e camisetas — pequenas Lolitas imaginárias dançando, estendendo-se, exibindo-se por todo o balcão. E concluímos o negócio com um bem-comportado pijama de algodão de corte masculino. Humbert, másculo e comedido.

Existe um toque do mitológico e da magia nessas grandes lojas onde uma mulher que trabalha pode adquirir um guarda-roupa completo, do escritório ao encontro noturno, e onde sua irmã mais nova pode sonhar com o dia em que seu suéter de lã fará salivar os colegas da última fila. Figuras de plástico em tamanho natural mostrando crianças de nariz arrebitado com seus rostos pardos, esverdeados, marrons ou castanho-claros flutuavam à minha volta. Percebi que era o único comprador presente naquele lugar um tanto soturno, pelo qual me deslocava como um peixe num aquário de águas glaucas. Detectei pensamentos bizarros brotando nas mentes das lânguidas senhoras que me escoltavam de seção em seção, de saliência rochosa às algas marinhas, e os cintos e pulseiras que escolhi pareciam derramar-se de mãos de sereia na água transparente. Comprei uma valise elegante, pedi que guardassem nela as minhas compras, e encaminhei-me para o hotel mais próximo, muito satisfeito com o meu dia.

De alguma forma, por associação com essa tarde poética e tranquila de compras meticulosas, lembrei-me do hotel ou pousada, com o nome sedutor de Caçadores Encantados, que Charlotte por acaso mencionara pouco antes da minha libertação. Com a ajuda de um guia localizei-o na cidade distante de Briceland, a quatro horas de carro da colônia de férias de Lo. Podia ter telefonado, mas com medo de minha voz escapar ao controle e transformar-se num coaxar esquivo de inglês macarrônico, decidi mandar um telegrama reservando um quarto duplo para a noite seguinte. Que Príncipe Encantado mais cômico, desajeitado e vacilante era eu! Como alguns de meus leitores hão de rir quando eu lhes contar a dificuldade que tive para escolher cada palavra do telegrama! O que deveria dizer: Humbert e filha? Humberg e filha menor? Homberg e menina imatura? Homburg e criança? O erro ridículo — o “g” no final — no texto que acabei enviando pode ter sido um eco telepático das minhas hesitações.

E então, no veludo de uma noite de verão, minhas rumações sobre o filtro que trazia comigo! Oh Hamburg mesquinho! Comportava-se como um verdadeiro Caçador Encantado enquanto refletia sobre sua caixa de

munição mágica? Para derrotar o monstro da insônia, não deveria ele próprio experimentar uma daquelas cápsulas cor de ametista? No total, eram quarenta — quarenta noites com uma frágil menina adormecida a meu flanco latejante; será que eu podia privar-me de uma dessas noites para poder dormir? Claro que não: preciosa demais era cada uma dessas ameixas diminutas, cada planetário microscópico dotado de sua ativa poeira de estrelas. Ah, deixai-me ser uma vez só sentimental! Estou tão cansado de ser cínico.

26

Esta dor de cabeça diária no ar opaco desta prisão tumular me perturba, mas preciso perseverar. Já escrevi mais de cem páginas e não cheguei a lugar algum. Meu calendário está ficando confuso. Isso deve ter ocorrido em torno de 15 de agosto de 1947. Acho que não consigo continuar. Coração, cabeça — tudo. Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita, Lolita. Repita até encher a página, impressor.

27

Ainda em Parkington. Finalmente, consegui uma hora de sono leve — da qual fui despertado pela conjunção gratuita e horrivelmente exaustiva com um pequeno hermafrodita peludo, um completo desconhecido. A essa altura eram seis da manhã, e me ocorreu então que podia ser uma boa coisa chegar à colônia mais cedo que o combinado. De Parkington ainda tinha uns cento e cinquenta quilômetros pela frente, e depois mais um pouco até as Hazy Hills e Briceland. Se eu disse que chegaria para buscar Dolly na parte da tarde, foi apenas porque minha fantasia fazia questão da queda da noite misericordiosa sobre a minha impaciência o mais cedo possível. Mas agora eu antevia todo tipo de incompreensão, e fiquei agitado com a ideia de que algum atraso pudesse dar a ela a oportunidade de algum telefonema casual para Ramsdale. Contudo, quando às nove e meia da manhã tentei partir, vi-me diante de uma bateria descarregada, e já era quase meio-dia quando finalmente deixei Parkington.

Cheguei ao meu destino em torno de duas e meia; estacionei o carro num pinheiral onde um rapazote ruivo de camisa verde e ar de capeta jogava ferraduras numa solidão silenciosa; fui laconicamente dirigido por ele a um chalé de estuque; num estado de agonia, precisei enfrentar por vários minutos a inquisitiva comisseração da diretora da colônia, mulher gasta e vulgar de cabelos oxidados. Dolly dissera que tinha arrumado as malas e estava pronta para ir embora. Para ela, a mãe estava doente mas não em estado crítico. Será que o sr. Haze, digo, sr. Humbert, não gostaria de conversar com os conselheiros da colônia? Ou ir ver as cabanas onde as meninas vivem? Cada uma das quais dedicada a uma criação de Disney? Ou visitar a Sede? Ou não seria melhor mandar Charlie ir buscá-la? As meninas estavam acabando de arrumar o Refeitório para uma festa. (E talvez mais tarde ela tenha dito para alguém: “O coitado parecia o fantasma de si próprio.”)

Deixem que eu descreva por um momento a cena em todos os seus pormenores triviais e fatídicos: a odiosa Holmes produzindo um recibo, coçando a cabeça, abrindo uma gaveta em sua mesa, despejando moedas numa palma impaciente, depois desdobrando lentamente uma nota em cima delas com um animado: “...e mais cinco!”; fotografias de meninas; alguma vistosa mariposa ou borboleta, ainda viva, espetada na parede com um alfinete (“estudos naturais”); o diploma emoldurado da dietista da colônia; minhas mãos trêmulas; uma ficha desencavada pela eficiente Holmes, contendo um relatório sobre o comportamento de Dolores Haze no mês de julho (“regular a bom; gosta de nadar e andar de barco”); um som de aves e árvores, e meu coração rumoroso... Eu estava de costas para a porta aberta, e então senti que o sangue me subia todo à cabeça quando ouvi sua respiração e sua voz atrás de mim. Ela chegou arrastando e batendo no chão sua mala pesada. “Oi!”, disse ela, e ficou parada, olhando para mim com olhos gratos e matreiros, seus lábios macios abertos num sorriso um tanto tolo mas esplendidamente irresistível.

Estava mais magra e alta, e por um segundo tive a impressão de que seu rosto era menos bonito que a estampa cultivada em minha mente por mais de um mês: suas faces me pareceram encovadas e com sardas demais camufladas por seus traços rústicos e rosados; e essa primeira impressão (um intervalo humano muito breve entre duas pulsações cardíacas de tigre) trazia a clara implicação de que tudo que o viúvo Humbert precisava fazer,

queria fazer ou iria fazer era dar àquela pequena órfã descorada, embora tingida de sol *aux yeux battus* (e mesmo aquelas sombras plúmbeas debaixo de seus olhos tinham sardas), uma formação sólida, uma juventude saudável e feliz, um lar limpo, boas amigas de sua idade em meio às quais (se os fados se dignassem a recompensar-me) eu poderia achar, talvez, uma bela e pequena *Mägdlein* só para Herr Doktor Humbert. Mas “num piscar de olhos”, como dizem também os alemães, essa linha de conduta angelical apagou-se, apoderei-me de minha presa (o tempo se antecipa às nossas fantasias!), e ela voltou a ser minha Lolita — na verdade, mais minha Lolita do que nunca. Deixei que minha mão pousasse em sua cabeça arruivada e peguei sua mala. Ela era toda rosa e mel, vestida com sua chita mais colorida, com um estampado de pequenas maçãs vermelhas, e seus braços e pernas estavam de um castanho profundamente dourado, com arranhões que lembravam pequenas linhas pontilhadas de rubis coagulados, e o cano de suas meias brancas estava dobrado no nível de que eu me lembrava, e por causa do seu passo de menina, ou talvez porque eu a memorizara sempre calçando sapatos sem calcanhar, seus sapatos fechados bicolores pareciam de algum modo grandes demais ou ter saltos altos demais para ela. Adeus, Campo Q, alegre colônia de férias. Adeus, comida insossa e insalubre, adeus Charlie Boy. No carro quente ela sentou-se a meu lado, espantou uma mosca atrevida com um tapa no adorável joelho; em seguida, movendo furiosamente a mandíbula para dar conta de um chiclete, desceu a janela do seu lado com movimentos rápidos da manivela e tornou a recostar-se no banco. Saímos em velocidade através da floresta riscada e salpicada de sol.

“Como está Mamãe?”, perguntou ela zelosamente.

Eu disse que os médicos ainda não sabiam exatamente qual era o problema. De qualquer maneira, alguma coisa abdominal. Abominável? Não, abdominal. Iríamos precisar esperar por um tempo. O hospital ficava no campo, perto da alegre cidade de Lepingville, onde um grande poeta residira no início do século XIX e onde visitaríamos todas as atrações locais. Ela achou que a ideia era ótima e se perguntou se conseguiríamos chegar a Lepingville antes das nove da noite.

“Devemos chegar a Briceland em torno da hora do jantar”, disse eu, “e amanhã vamos para Lepingville. Como foi a excursão? Você gostou da colônia?”.

“Ahã.”

“Com pena de ir embora?”

“Hã-hã.”

“Fale, Lo, pare de grunhir. Conte alguma coisa.”

“Que coisa, papai?” (e ela deixou a palavra expandir-se com uma deliberação irônica).

“Qualquer coisa.”

“Não se incomoda se eu chamar você assim?” (olhos apertados na estrada).

“Não.”

“É só uma tentativa, sabe. Quando foi que você se apaixonou pela minha mãe?”

“Um dia, Lo, você vai entender muitos sentimentos e situações, como por exemplo a harmonia, a beleza das relações espirituais.”

“Bah!”, disse a cínica ninfeta.

Pausa rasa no diálogo, preenchida com alguma paisagem.

“Olhe, Lo, quantas vacas naquela encosta.”

“Acho que vou vomitar se voltar a olhar para uma vaca.”

“Sabe, senti uma falta terrível de você, Lo.”

“Pois *eu* não. Aliás fui muito infiel a você, mas não importa nem um pouco, porque você não gosta mais de mim de qualquer maneira. Você dirige muito mais depressa que a minha mãe, moço.”

Reduzi a velocidade de cegos cento e dez para catacegos oitenta.

“Por que você acha que eu não gosto mais de você, Lo?”

“Ora, até agora você ainda não me deu um beijo, não é?”

Morrendo por dentro, gemendo por dentro, percebi um acostamento razoavelmente largo mais à frente na estrada, e saí aos solavancos pela relva. Lembre-se de que ela é só uma criança, lembre-se de que ela é só —

O carro mal tinha parado quando Lolita literalmente derramou-se nos meus braços. Não me atrevendo, não me atrevendo a me soltar — nem mesmo me atrevendo a deixar-me perceber que *aquilo* (a doce umidade e o fogo trêmulo) era o início de uma vida inefável que, devidamente auxiliado pelo destino, eu finalmente conseguira fazer acontecer —, não me atrevendo a realmente beijá-la, encostei em seus lábios quentes e entreabertos com a mais extrema devoção, pequenos goles, nada de salacioso; mas ela, com um meneio impaciente, apertou sua boca contra a minha com tamanha força que senti o contorno de seus grandes incisivos e

compartilhei o sabor de hortelã de sua saliva. Eu sabia, claro, que aquilo era apenas uma brincadeira inocente da parte dela, uma travessura *backfisch* imitando algum simulacro de falso romance, e já que (como o psicoterapeuta tanto quanto o estuprador podem lhe dizer) os limites e as regras dessas brincadeiras de menina são fluidos, ou pelo menos infantilmente sutis demais para que o parceiro mais velho consiga percebê-los — tive um medo terrível de que pudesse ir longe demais e fazê-la recuar de um salto, tomada pela repulsa e o terror. E, como acima de tudo eu sentia uma agonia ansiosa de transportá-la clandestinamente para o isolamento hermético dos Caçadores Encantados, e ainda nos faltavam uns cento e trinta quilômetros de estrada, uma bendita intuição interrompeu nosso abraço — uma fração de segundo antes que um carro da polícia rodoviária encostasse ao nosso lado.

Rubicundo e com uma ampla testa inclinada, o motorista me encarou.

“O senhor por acaso viu um sedã azul, da mesma marca que o seu, passar pelo seu carro antes do cruzamento?”

“Não.”

“Não vimos nada”, disse Lo, debruçando-se por cima de mim, sua mão inocente nas minhas pernas, “mas tem certeza mesmo de que era azul, porque —”.

O policial (que sombra nossa ele estaria perseguindo?) deu seu melhor sorriso à bela mocinha, e fez meia-volta na estrada.

Seguimos em frente.

“Que cretino!”, observou Lo. “Devia ter multado você.”

“Mas por que eu?”

“Bem, a velocidade máxima nesse estado vagabundo é oitenta, e — Não, não diminua a velocidade, seu miolo mole. Agora ele foi embora.”

“Ainda falta bastante”, disse eu, “e quero chegar lá antes que anoiteça. Então se comporte”.

“Muito má, muito malcomportada”, disse Lo em tom confortável. “*Delinquente* juvenil, mas sincera e cativante. O sinal estava vermelho. Nunca vi ninguém dirigir como você.”

Atravessamos em silêncio uma cidadezinha silenciosa.

“E então, minha Mãe não iria ficar absolutamente furiosa se descobrisse que somos amantes?”

“Santo Deus, Lo, não vamos falar desse jeito.”

“Mas nós *somos* amantes, não somos?”

“Não que eu saiba. Acho que vamos pegar mais chuva. Você não quer me contar alguma das suas travessuras na colônia de férias?”

“Você fala feito um livro, *papai*.”

“O que você andou fazendo? Faço questão que você me conte.”

“Você se choca com facilidade?”

“Não. Pode falar.”

“Pare numa rua sossegada que eu conto.”

“Lo, vou pedir seriamente que você não se faça de boba. E então?”

“Bem — participei de todas as atividades que ofereciam.”

“*Ensuite?*”

“*Ansuilte*, aprendi a ter um convívio rico e feliz com as outras e a desenvolver uma personalidade saudável. A ser uma besta, na verdade.”

“Bem. Eu vi alguma coisa desse tipo no folheto.”

“Adorávamos cantar em volta do fogo na grande lareira de pedra, ou debaixo das estrelas de bosta, onde cada menina mesclava seu espírito de felicidade à voz de todo o grupo.”

“Você tem uma memória excelente, Lo, mas preciso lembrar que deixe os palavrões de fora. Mais alguma coisa?”

“O lema das bandeirantes”, disse Lo em tom de rapsódia, “é o meu. Juro preencher minha vida com gestos de valor como — bem, não faz diferença. Meu dever é — ser útil. Sou amiga dos animais machos. Obedeço a ordens. Sou alegre. Outro carro de polícia. Sou econômica e absolutamente imunda nos meus pensamentos, palavras e atos”.

“Espero que seja só isso, minha menina espirituosa.”

“É. Só isso. Não — espere um instante. Assamos bolos num forno refletor. Não é uma beleza?”

“Já melhorou.”

“E lavamos zilhões de pratos. ‘Zilhões’, se você não sabe, é a gíria escolar para muitos e muitos e muitos e muitos. Ah, sim, e antes de terminar, como diz minha mãe — Deixe eu ver — o que foi mesmo? Já sei. Fizemos desenhos de silhuetas. Como foi divertido.”

“*C’est bien tout?*”

“*C’est*. Só mais uma coisinha, uma coisa que eu não tenho como lhe contar sem ficar toda vermelha.”

“Mais tarde você me conta?”

“Se estivermos no escuro e você deixar eu falar bem baixinho, eu conto. Você está dormindo no seu antigo quarto ou embolado com a minha mãe?”

“Antigo quarto. Sua mãe pode ter de sofrer uma operação muito séria, Lo.”

“Pare naquela loja de doces, está bem?”, pediu Lo.

Sentada num banco alto, uma faixa de luz do sol atravessando seu antebraço descoberto e bronzeado, Lolita pediu uma extraordinária combinação de sorvetes coberta de calda sintética. Que foi preparada e trazida a ela por um jovem brutamontes coberto de espinhas e de gravata-borboleta sebenta que examinou minha frágil criança em seu vestidinho leve de algodão com uma vagarosa deliberação carnal. Minha impaciência de chegar logo a Briceland e aos Caçadores Encantados estava ficando maior do que eu era capaz de suportar. Felizmente, ela livrou-se do serviço com sua costureira alacridade.

“Quanto dinheiro você tem?”, perguntei.

“Nem um centavo”, respondeu ela em tom triste, erguendo as sobancelhas, mostrando-me o interior vazio de sua bolsinha.

“Cuidaremos disso na hora devida”, respondi animado. “Vamos embora?”

“Será que eles têm um banheiro?”

“Você não vai ao banheiro deles”, disse eu com firmeza. “Deve ser um lugar imundo. Vamos embora.”

Ela era no geral uma garota obediente e eu a beijei no pescoço quando entramos de novo no carro.

“Não faça isso”, disse ela olhando para mim com uma surpresa sem fingimento. “Não babe em mim. Que nojeira.”

Esfregou o lugar contra seu ombro erguido.

“Desculpe”, murmurei. “É que eu gosto de você, só isso.”

Seguimos em frente cobertos por um céu sombrio, subindo uma estrada cheia de meandros, e depois tornando a descer.

“Pois eu também gosto de você”, disse Lolita numa voz abafada e tardia, como que num suspiro, e como que se acomodando mais perto de mim.

(Oh, minha Lolita, jamais chegaremos!)

O crepúsculo começava a saturar a pitoresca e pequena Briceland, de arquitetura pretensamente colonial, das lojas de “souvenirs” e das árvores importadas de copa grande, quando atravessamos suas ruas fracamente iluminadas à procura dos Caçadores Encantados. O ar, a despeito de uma chuva fina e constante que o perolava, estava quente e verde, e uma fila de pessoas, especialmente crianças e velhos, já se formara diante da bilheteria de um cinema, gotejando de fogos cintilantes.

“Ah, quero ver esse filme. Vamos depois do jantar. Ah, vamos!”

“Pode ser”, entoou Humbert — sabendo perfeitamente, o astuto demônio tumescente, que às nove, quando a sessão *dele* começasse, ela estaria inerte em seus braços.

“Calma!”, gritou Lo, dobrando bruscamente o corpo para diante, quando um maldito caminhão à nossa frente, com seus rubis traseiros latejando, parou num cruzamento.

Se não chegássemos logo ao hotel, imediatamente, milagrosamente, no quarteirão seguinte, eu tinha a impressão de que ia perder o controle daquele calhambeque, com seus limpadores ineficazes e seus freios frágeis, mas os passantes a que eu recorri pedindo informações ou eram eles próprios de fora ou perguntavam franzindo o cenho: “Caçadores o quê?”, como se eu fosse um louco; ou então se entregavam a explicações tão complicadas, com gestos geométricos, generalidades geográficas e pontos de referência estritamente locais (...então continue seguindo para o sul depois de passar pela sede do tribunal...), que eu não tinha como deixar de me perder naquele labirinto de algaravias bem-intencionadas. Lo, cujas adoráveis entranhas prismáticas já haviam digerido seus doces, estava ansiosa por uma grande refeição e começara a ficar indócil. Quanto a mim, embora há muito já me tivesse acostumado com a interferência maldosa de uma espécie de destino secundário (o secretário inepto de McFate, por assim dizer) nos magníficos e generosos planos do chefe — avançar a custo e às cegas pelas ruas de Briceland talvez tenha sido a provação mais exasperante que eu já enfrentara em minha vida. Nos meses seguintes, pude rir da minha inexperiência enquanto recapitulava a teimosia infantil com que me fixara naquela pousada em particular com seu nome evocativo; pois ao longo do nosso caminho incontáveis motéis proclamavam suas vagas em luzes de neon, prontos para acomodar vendedores, fugitivos da prisão, impotentes e grupos familiares, além dos casais mais corruptos e vigorosos.

Ah, gentis motoristas que deslizam através das noites negras do verão, quantas travessuras, quantas contorções de luxúria, vocês poderiam ver das suas impecáveis autoestradas se os motéis perdessem seus pigmentos de uma hora para outra, tornando-se transparentes como caixas de vidro!

O milagre por que eu tanto ansiava aconteceu afinal. Um homem e uma moça, mais ou menos acoplados num carro escuro sob as árvores gotejantes, disseram-nos que estávamos no coração do Parque, mas que bastava virar à esquerda no próximo sinal que teríamos chegado. Não vimos nenhum próximo sinal — na verdade, o Parque estava dominado pelo mesmo negrume dos pecados que ocultava —, mas logo depois de se entregarem ao doce feitiço de uma curva em aclave suave, os viajantes perceberam um fulgor de diamante em meio à cerração, em seguida um brilho fugitivo de água do lago — e lá estava ele, magnífico e inexorável, cercado de árvores espectrais, no alto de um acesso pavimentado de cascalho —, o pálido palácio dos Caçadores Encantados.

Uma fileira de carros estacionados, como porcos no cocho, parecia à primeira vista impedir nossa passagem; mas em seguida, por mágica, um conversível gigantesco, resplandecente, rúbido à chuva iluminada, entrou em movimento — dando uma vigorosa marcha a ré conduzido por um motorista de ombros largos —, e enfiamo-nos agradecidos na lacuna que ele deixara. Imediatamente me arrependi da minha pressa, pois notei que meu predecessor agora se acomodava sob um abrigo que fazia as vezes de garagem ali perto e onde havia espaço de sobra para mais um carro; mas eu estava impaciente demais para seguir o seu exemplo.

“Caramba! Muito chique”, observou minha vulgar querida, estreitando os olhos para fitar o estuque, enquanto se espremia para fora do carro na chuva audível e, com mão de menina, puxava a dobra do vestido que se prendera na fenda do pêssago — para citar Robert Browning. Às luzes da entrada, réplicas ampliadas das folhas das castanheiras agitavam-se e brincavam nas colunas brancas. Destranquei a mala do carro. Um negro venerável e curvado usando uma espécie de uniforme pegou nossas malas e as conduziu num carrinho lento até o saguão. Que estava repleto de velhas senhoras e religiosos. Lolita acocorou-se para acariciar um *cocker spaniel* de cara pálida, sardas azuis e orelhas pretas que se contorceu no tapete sob as mãos dela — e quem não faria o mesmo, meu coração — enquanto eu limpava a garganta atravessando o tumulto até o balcão. Ali, um homem

calvo e porcino — tudo era velho naquele velho hotel — examinou meu rosto com um sorriso educado, em seguida recuperou lentamente meu telegrama (truncado), debateu consigo certas dúvidas obscuras, virou a cabeça para consultar o relógio e finalmente disse que sentia muito, que tinha segurado o quarto com as duas camas até as seis e meia, mas agora ele fora tomado. Uma convenção religiosa, esclareceu ele, colidira com uma exposição de flores em Briceland, e — “O nome”, disse eu em tom gélido, “não é Humberg nem Humbug, mas Herbert, quero dizer, Humbert, e qualquer quarto serve, pode mandar pôr uma cama dobrável para a minha filha. Ela tem dez anos e está muito cansada”.

O velho atendente rosado olhou benevolmente para Lo — ainda de cócoras, escutando de perfil, com os lábios entreabertos, o que a dona do cachorro, uma velhíssima senhora envolta em véus violeta, dizia a ela das profundezas de uma espreguiçadeira de cretone.

Quaisquer que fossem as dúvidas do sujeito obscuro, elas foram dissipadas por aquela visão primaveril. Disse que ainda podia ter um quarto, que na verdade tinha um quarto — com uma cama de casal. Quanto à cama dobrável —

“Sr. Potts, ainda sobrou alguma cama dobrável?” Potts, igualmente rosado e calvo, com tufos brancos a brotar-lhe dos ouvidos e de outros orifícios, ia ver o que podia fazer. Aproximou-se e falou enquanto eu desatarraxava a tampa de minha caneta-tinteiro. Impaciente Humbert!

“Nossas camas de casal não são duplas, na verdade são triplas”, disse Potts em tom de consolo enquanto acalmava a mim e a minha garota. “Numa noite de muito movimento, três senhoras e uma criança como a sua dormiram juntas numa delas. Acho que uma das senhoras era um homem disfarçado [*minha* estática]. Ainda assim — será que temos uma cama dobrável no 49, sr. Swine?”

“Acho que foi para os Swoon”, disse Swine, o primeiro palhaço velho.

“Vamos dar algum jeito”, disse eu. “Pode ser que minha mulher chegue mais tarde — mas mesmo assim, acho eu, vamos dar um jeito.”

Os dois porcos cor-de-rosa incluíam-se agora entre os meus melhores amigos. Com a letra lenta e nítida do crime escrevi: Dr. Edgar H. Humbert e filha, 342 Lawn Street, Ramsdale. Uma chave (342!) foi-me entremostrada (mágico mostrando um objeto que em seguida irá empalmar) — e entregue ao Pai Tomás. Lo, deixando o cachorro como um dia haveria de me deixar,

levantou-se; um pingo de chuva caiu na sepultura de Charlotte; uma bela jovem negra abriu a porta de correr do elevador, e a criança condenada entrou acompanhada por seu pai pigarreante e o Tomás sulino com as malas.

Paródia de um corredor de hotel. Paródia de silêncio e morte.

“Veja só, o número da nossa casa”, disse a alegre Lo.

O quarto continha uma cama de casal, um espelho, uma cama de casal no espelho, uma porta espelhada de armário, uma porta idem do banheiro, uma janela escura e azul, uma cama refletida nela, o mesmo no espelho do armário, duas cadeiras, uma mesa com tampo de vidro, duas mesas de cabeceira, uma cama de casal: uma cama grande de cabeceira alta, para ser exato, com uma colcha cor-de-rosa de chenile da Toscana, e dois abajures de borda rendada com cúpulas cor-de-rosa, à esquerda e à direita.

Tive a tentação de pôr uma nota de cinco dólares naquela palma sépia, mas achei que a largueza poderia ser mal-interpretada, de maneira que lhe dei um quarto de dólar. E mais um. Ele se retirou. Clic. *Enfin seuls*.

“Vamos dormir no *mesmo* quarto?”, perguntou Lo, os traços do seu rosto movendo-se da maneira dinâmica como costumavam mover-se — não contrariados, nem com repulsa (embora claramente à beira dela), mas só dinâmicos — quando ela queria atribuir a uma pergunta uma carga de violenta importância.

“Já pedi a eles que trouxessem uma cama de armar. Onde eu posso dormir, se você quiser.”

“Você é louco”, disse Lo.

“Por quê, meu amor?”

“Porque, meu amor, quando minha mãe que é um amor descobrir, ela vai se divorciar de você e me estrangular.”

Só dinâmica. Sem levar a questão realmente muito a sério.

“Escute aqui”, disse eu, sentando-me enquanto ela permanecia de pé, a pouca distância de mim, e olhava satisfeita para si mesma, preenchendo com sua luz solar rosada o surpreso e satisfeito espelho da porta do armário.

“Escute aqui, Lo. Vamos acertar essa conta de uma vez por todas. Para todos os efeitos práticos eu sou seu pai. Tenho um sentimento de grande ternura por você. Na ausência da sua mãe sou responsável pelo seu bem-estar. Não somos ricos, e enquanto viajamos seremos obrigados — toda hora precisaremos ficar juntos. Duas pessoas que dividem o mesmo quarto

inevitavelmente travam uma espécie de — como posso dizer —, uma espécie —”

“A palavra é incesto”, disse Lo — e entrou no armário, tornou a sair com uma jovem risada dourada, abriu a porta anexa e, depois de examinar cuidadosamente o interior com seus estranhos olhos enfumaçados, com medo de cometer outro erro, retirou-se para o banheiro.

Abri a janela, arranquei minha camisa encharcada de suor, troquei-me, conferi o frasco de pílulas em meu bolso, destranquei a —

Ela saiu. Tentei abraçá-la: casualmente, um pouco de ternura contida antes do jantar.

Ela disse: “Escute, vamos parar com a brincadeira de beijar e comer alguma coisa.”

E foi então que abri minha surpresa.

Ah, querida sonhadora! Ela caminhou até a mala aberta como se a espreitasse de longe, num andar que parecia em câmera lenta, contemplando aquela arca distante do tesouro apoiada no suporte de bagagem. (Haveria algum problema, perguntei-me, naqueles grandes olhos cinzentos, ou estaríamos ambos imersos na mesma névoa encantada?) Ela se aproximou da mala, levantando bastante seus pés em saltos relativamente altos e dobrando seus lindos joelhos de menino enquanto percorria o espaço que se dilatava com o vagar de alguém que anda debaixo d’água ou num sonho em que voa. Então ela ergueu pelos ombros um colete cor de cobre, encantador e bastante caro, estendendo-o muito lentamente entre suas mãos caladas como se fosse um maravilhado caçador de aves prendendo a respiração diante da presa incrível que abre pelas pontas das asas flamejantes. E então (enquanto eu permanecia à sua espera) ela puxou a serpente lenta de um cinto reluzente e experimentou-o.

Em seguida ela se aninhou em meus braços que a aguardavam, radiosa, relaxada, acariciando-me com seus olhos carinhosos, misteriosos, impuros, indiferentes, crepusculares — para todos os efeitos, como a mais vulgar das belezas vulgares. Porque são elas que as ninfetas imitam — enquanto gememos e morremos.

“Qual é o probleja de um beimo?”, murmurei (perdendo por completo o controle das palavras) em seu cabelo.

“Se você quer mesmo saber”, disse ela, “é que você beija do jeito errado”.

“Mostre o ceito jerto.”

“Na hora certa”, respondeu a causadora dos meus erros.

Seva ascendens, pulsata, brulans, kitzelans, dementissima. Elevator clatterans, pausa, clatterans, populus in corredoro. Hanc nisi mors mihi adimet nemo! Juncea puellula, jo pensavo fondissime, nobserva nihil quidquam; mas, é claro, noutro momento eu poderia ter cometido alguma gafe terrível; felizmente, ela retornou à arca do tesouro.

Do banheiro, onde precisei de muito tempo para retornar à rotação adequada a uma finalidade rotineira, ouvi, de pé, tamborilando, prendendo a respiração, os “ooh” e os “puxas” de deleite de menina da minha Lolita.

Ela tinha usado o sabonete só porque era uma amostra de sabonete.

“Bem, vamos lá, querida, se você está com tanta fome quanto eu.”

E assim até o elevador, a filha balançando a velha bolsa branca, o pai caminhando à frente (*nota bene*: nunca atrás, ela não é uma dama). Enquanto esperávamos (agora lado a lado), sendo conduzidos ao térreo, ela atirou a cabeça para trás, bocejou sem qualquer comedimento e sacudiu os cachos.

“A que horas você era acordada naquela colônia de férias?”

“Seis e —”, sufocou mais um bocejo, “meia” — bocejo pleno com um estremecimento de todo o corpo. “Seis e meia”, repetiu ela, a garganta tornando a inflar-se.

O salão do restaurante nos recebeu com um cheiro de gordura frita e um sorriso desbotado. Era uma sala ampla e pretensiosa com afrescos edulcorados retratando caçadores em poses diversas e vários graus de encantamento, cercados por uma plethora de animais pálidos, dríades e árvores. Algumas velhas senhoras esparsas, dois religiosos e um homem de paletó esporte terminavam seus repastos em silêncio. O restaurante fechava às nove, e as moças de verde e rosto impassível que serviam as mesas demonstravam, alegremente, uma pressa desesperada de se livrarem de nós.

“Ele não é a cara, mas a cara, de Quilty?”, perguntou Lo em voz baixa, o cotovelo pontudo e bronzeado não apontando, mas visivelmente louco para apontar, o freguês de paletó extravagante que jantava sozinho do outro lado da sala.

“Nosso dentista gordo de Ramsdale?”

Lo livrou-se do gole de água que acabara de tomar e pousou seu copo dançante.

“Claro que não”, disse ela com um borribo de hilaridade. “Estou falando do escritor, do anúncio dos cigarros Drome.”

Oh, Fama! Oh, Femina!

Quando a sobremesa estava sendo socada goela abaixo — para a jovem uma imensa fatia de torta de cereja e para seu protetor sorvete de baunilha, a maior parte do qual ela acrescentou expeditamente à sua torta —, pesquei o pequeno frasco contendo as Pílulas Purpúreas do Papai. Quando rememoro aqueles murais nauseantes, aquele estranho e monstruoso momento, só posso explicar meu comportamento de então recorrendo ao mecanismo do vácuo de sonho no qual revolve a mente perturbada; naquele momento, porém, tudo me pareceu muito simples e inevitável. Olhei em volta, assegurando-me de que o último comensal deixara o restaurante, destampeei o frasco e, com a mais extrema deliberação, despejei o filtro na palma da mão. Já ensaiara em detalhe diante do espelho os gestos de bater a mão espalmada vazia contra a boca aberta e engolir uma pílula (fictícia). Como eu esperava, ela deu o bote sobre o frasco contendo suas cápsulas rechonchudas, lindamente coloridas e carregadas do Sono da Bela.

“Azul!”, exclamou ela. “Azul violeta. Do que elas são feitas?”

“Céus de verão”, disse eu, “ameixas e figos, e o suco de uva dos imperadores”.

“Não, falando sério — por favor.”

“Ah, é só Purpil. Vitamina X. Deixa a pessoa forte como um touro ou como um tronco. Quer experimentar?”

Lolita estendeu a mão, assentindo vigorosamente com a cabeça.

Eu esperava que a droga fosse agir depressa. E agiu. O dia dela fora muito comprido, de manhã tinha ido andar de barco com Barbara, cuja irmã era Diretora das Águas, como a adorável e acessível ninfeta começou agora a me contar em meio a bocejos de arquear o palato, e de volume cada vez maior — ah, como atuava depressa aquela poção mágica! —, e também estivera ativa de outras maneiras. O filme que antes pairava vagamente em seu espírito foi, é claro, no instante em que chapinhamos para fora do restaurante, esquecido. Quando estávamos no elevador, ela se apoiou em mim sorrindo de leve — você não quer que eu lhe conte? —, semicerrando os olhos de pálpebras pesadas. “Com sono, hein?”, perguntou o Pai Tomás, que conduzia até seus andares o calado cavalheiro franco-irlandês e sua filha, além de duas mulheres murchas, especialistas em rosas.

Contemplaram compadecidas minha doce rosa em botão, frágil, bronzeada, cambaleante, entorpecida. Quase precisei levantá-la no colo para entrar no quarto. Ela sentou-se à beira da cama, oscilando de leve, falando num tom surdo e em arrulhos arrastados.

“Se eu lhe contar — se eu lhe contar, você promete [sonolenta, tão sonolenta — a cabeça balançando, os olhos quase apagados], promete que não dá queixa?”

“Mais tarde, Lo. Agora vá para a cama. Vou deixar você aqui, e você entra na cama. Dou-lhe dez minutos.”

“Ah, eu fui uma menina tão odiosa”, continuou ela, sacudindo os cabelos e removendo com os dedos lentos a fita negra de veludo. “Eu vou lhe contar —”

“Amanhã, Lo. Vá para a cama, vá para a cama — pelo amor de Deus, para a cama.”

Embolsei a chave e descí as escadas.

28

Caras damas do júri! Paciência! Permitam-me tomar mais um pouco do seu precioso tempo! Era chegado *le grand moment*. Eu deixara minha Lolita sentada à beira da cama abissal, erguendo o pé sonolenta, engalfinhada com os cordões dos sapatos e mostrando, no processo, a extremidade mais distante de sua coxa até a borda das calcinhas — ela sempre fora singularmente descuidada, ou desavergonhada, ou as duas coisas, em matéria de exhibir as pernas. Esta, portanto, era a visão hermética da menina que eu trancara no quarto — depois de verificar que a porta não tinha trinco por dentro. A chave, com sua placa de madeira trazendo o número entalhado, tornou-se a partir desse momento o poderoso sésamo para um formidável futuro de arrebatamentos. Era minha, fazia parte do meu punho quente e peludo. Dali a alguns minutos — uns vinte, digamos, ou meia hora, *sicher ist sicher*, como dizia meu tio Gustave — eu ingressaria naquele “342” e lá encontraria a minha ninfeta, minha bela prometida, aprisionada em seu sono de cristal. Senhoras e senhores do júri! Se minha felicidade pudesse falar, ela teria tomado conta daquele elegante hotel com um rugido ensurdecedor. E meu único arrependimento hoje é não ter

entregue em silêncio a chave “342” no balcão e deixado a cidade, o país, o continente, o hemisfério — na verdade, o planeta — naquela noite mesmo.

Explico melhor. Eu não estava propriamente perturbado pelas insinuações autoacusatórias que ela fazia. Ainda estava firmemente decidido a me pautar pela estratégia de poupar sua pureza operando apenas na calada da noite, e só sobre uma jovem nudez totalmente anestesiada. Retenção e reverência ainda constituíam o meu lema — ainda que essa “pureza” (aliás totalmente desmascarada pela ciência moderna) pudesse apresentar ligeiros danos devidos a alguma experiência erótica juvenil, sem dúvida homossexual, naquela maldita colônia. A meu modo antiquado do Velho Mundo, claro que eu, Jean-Jacques Humbert, supusera sem hesitar, ao conhecê-la, que a menina fosse tão inviolada quanto a ideia estereotípica da “criança normal” depois do pranteado fim do Mundo Antigo a.C. com suas práticas fascinantes. Não vivemos mais cercados, em nossa era de luzes, pelas pequenas flores escravas que podiam ser casualmente colhidas entre as termas e o trabalho, como no tempo dos romanos; e não usamos, como faziam os orientais nobres em tempos ainda mais luxuosos, pequenos provedores de prazer pela proa e pela popa entre o assado de carneiro e o *sorbet* de rosas. O caso é que a antiga conexão entre o mundo adulto e o mundo infantil foi completamente cortada na atualidade por novos costumes e novas leis. Embora tenha as minhas leituras em psiquiatria e problemas sociais, na verdade sabia muito pouco sobre crianças. Afinal, Lolita tinha apenas doze anos, e por mais concessões que eu fizesse ao tempo e ao lugar — mesmo tendo em mente o comportamento sem verniz das crianças americanas nas escolas —, ainda acreditava que quaisquer práticas entre aqueles pirralhos impetuosos só ocorriam a uma idade mais tardia, e num outro ambiente. Portanto (retomando o fio desta explanação), o moralista em mim contornou a questão aferrando-se à concepção convencional de como devia ser uma garota de doze anos. O terapeuta infantil em mim (um vigarista, como quase todos são — mas não importa) regurgitava um composto neofreudiano e conjurava uma Dolly sonhadora e exagerada na fase de “latência” da meninice. Finalmente, o sensualista em mim (um monstro imenso e louco) não fazia qualquer objeção a alguma depravação da parte de sua presa. Mas em algum ponto além do feroz deleite, sombras perplexas conferenciavam — e não ter-lhes dado voz, eis do que me arrependo! Seres humanos, atentai! Eu devia ter compreendido

que Lolita *já* demonstrara ser bem diferente da inocente Annabel, e que o mal nínfco que exalava de cada poro da criança fatídica que eu destinara a meu deleite secreto tornaria o sigilo impossível, e o deleite, letal. Eu devia ter percebido (pelos sinais que me fazia alguma coisa em Lolita — a Lolita criança de verdade ou algum anjo contrariado por trás das suas costas) que nada além de dor e horror resultaria do arrebatamento que eu esperava. Oh, alados senhores do júri!

E ela era minha, era minha, a chave estava em meu punho, meu punho estava em meu bolso, ela era minha. No decorrer das evocações e dos esquemas a que eu dedicara tantas insônias, eu fora eliminando aos poucos toda interferência supérflua e, empilhando camada sobre camada de visão translúcida, chegara a uma imagem final. Nua, exceto por uma das meias e sua pulseira da sorte, escarrapachada na cama onde meu filtro a derrubara — assim eu a antevislumbrava; a fita de veludo que lhe prendia os cabelos ainda estava agarrada em sua mão; seu corpo cor de mel, com a imagem branca negativa de um maiô delineada contra seu bronzeado, apresentava-me seus pálidos brotos de seios; à luz rosada dos abajures, uma escassa penugem pubiana reluzia em seu montículo carnudo. A chave fria com seu quente adendo de madeira estava no meu bolso.

Percorri várias salas públicas, luz intensa embaixo, sombra em cima; pois a luxúria tem sempre um ar sombrio; a luxúria nunca sabe totalmente ao certo — mesmo com a vítima aveludada trancafiada em nossa masmorra — se algum demônio rival ou deus influente não irá cancelar o triunfo que preparamos. Como se diz na língua corrente, eu precisava de uma bebida; mas não havia bar naquele lugar venerável repleto de filisteus suarentos e objetos de época.

Segui até o banheiro dos homens. Ali, uma pessoa ostentando o negro clerical — uma “pessoa corpulenta”, *comme on dit* —, conferindo, com a assistência de Viena, se tudo ainda estava no lugar, perguntou-me o que eu achava da conferência do dr. Boyd, e fez uma expressão de surpresa quando eu (o rei Sigmund Segundo) respondi que o dr. Boyd até que era um bom rapaz. Depois descartei com todo cuidado o papel higiênico com que vinha limpando as pontas sensíveis dos meus dedos no receptáculo apropriado, e tomei o rumo do saguão. Apoiando confortavelmente os cotovelos no balcão, perguntei ao sr. Potts se ele tinha certeza de que minha mulher não telefonara, e onde estava a cama dobrável? Ele respondeu que ela não ligara

(estava morta, claro) e que instalariam a cama dobrável no dia seguinte, caso decidíssemos ficar por mais tempo. De um lugar grande e lotado chamado O Recanto dos Caçadores vinha o som de muitas vozes discutindo horticultura, ou a eternidade. Outra sala, chamada O Salão Framboesa, todo banhado em luz com mesinhas muito claras em torno de uma mesa grande com “bebidas e petiscos”, ainda estava vazio salvo por uma recepcionista (o tipo de mulher gasta com um sorriso vidrado e a maneira de falar de Charlotte); ela flutuou até onde eu estava para perguntar-me se eu era o sr. Braddock, porque se fosse, a srta. Beard andava procurando por mim. “Que nome para uma mulher”, respondi eu, e fui embora.

Para dentro e para fora do meu coração corria meu sangue irisado. Eu daria a ela até nove e meia. Voltando para o saguão, encontrei lá uma mudança: várias pessoas de vestidos florais ou envergando preto haviam formado pequenos grupos aqui e ali, e um acaso diabólico proporcionou-me a visão de uma deliciosa menina da idade de Lolita e com o mesmo tipo de vestido que ela, só que todo branco, com uma fita branca nos cabelos pretos. Não era bonita, mas era uma ninfeta, e suas pernas pálidas de marfim e seu pescoço de lírio formaram por um momento memorável uma antífona muito agradável (em termos de música medular) ao meu desejo por Lolita, bronze e cor-de-rosa, corada e desonrada. A criança pálida percebeu meu olhar (que na verdade era muito casual e descuidado), e tomada por uma vergonha ridícula perdeu totalmente a compostura, revirando os olhos e encostando o dorso da mão na face, repuxando a bainha da saia e finalmente me virando suas omoplatas magras e móveis numa conversa inventada com a mãe que lembrava uma vaca.

Deixei o saguão ressonante e postei-me do lado de fora, nos degraus brancos, olhando para as centenas de insetos empoados que giravam em volta das lâmpadas na noite negra e encharcada, cheia de ondulação e movimento. Tudo que eu faria — tudo que eu me atreveria a fazer — resultaria no final em tão pouco...

De repente percebi que na escuridão a meu lado havia alguém instalado numa cadeira entre os pilares da varanda. Não conseguia vê-lo bem, mas o que denunciava a sua presença era o atrito metálico de uma tampa sendo desenroscada, um gorgolejar discreto e, depois, a nota final de um plácido enroscamento. Eu estava quase indo embora quando sua voz se dirigiu a mim:

“De qual inferno ela saiu?”

“O que disse?”

“Eu disse: o inverno aqui deve ser frio.”

“Parece mesmo.”

“Quem é a menina?”

“Minha filha.”

“Não é verdade — você mente.”

“O que disse?”

“Eu disse: o mês passado foi mais quente. Onde está a mãe dela?”

“Morta.”

“Entendo. Sinto muito. Aliás, por que vocês dois não almoçam comigo amanhã? Essa gente horrível já terá ido embora.”

“E nós também. Boa noite.”

“Desculpe. Estou bastante embriagado. Boa noite. A sua filha precisa de muito sono. O sono é uma rosa, como dizem os persas. Quer fumar?”

“Agora não.”

Ele riscou um fósforo, mas como estava bêbado, ou porque o vento estava errático, a chama iluminou não o seu rosto mas o de outra pessoa, um homem muito velho, um desses hóspedes permanentes dos velhos hotéis — numa cadeira de balanço branca. Ninguém disse nada e a escuridão retornou a seu estado anterior. Então ouvi o veterano tossir e livrar-se de algum muco sepulcral.

Fui embora. Pelo menos meia hora se passara no total. Eu devia ter pedido um gole daquela garrafa. A tensão começava a revelar-se. Se uma corda de violino pode sentir dor, eu era essa corda. Mas teria sido inconveniente demonstrar qualquer pressa. Enquanto eu avançava em meio a uma constelação de pessoas fixas num canto do saguão, um clarão cegante espocou — e o radiante dr. Braddock, duas matronas ornadas de orquídeas, a menininha de branco e presumivelmente os dentes à mostra de Humbert Humbert, esgueirando-se de lado entre a garotinha vestida de noiva e o clérigo encantado, foram imortalizados — na medida em que a textura e a impressão dos jornais de cidade pequena podem ser qualificadas de imortalidade. Um grupo chilreante se formara junto à porta do elevador. Optei novamente pelas escadas. O 342 ficava perto da escada de incêndio. Ainda dava para — mas a chave já entrara na fechadura, e então entrei no quarto.

A porta do banheiro iluminado estava entreaberta; além disso, pelas venezianas entrava um fulgor esquelético das luzes externas; esses raios entrecruzados penetravam na escuridão do quarto e revelaram a seguinte situação.

Usando uma das suas velhas camisolas, minha Lolita estava deitada de lado com as costas viradas para mim, no meio da cama. Seu corpo escassamente velado e seus membros descobertos formavam um Z. Ela pusera os dois travesseiros debaixo da cabeça escura e desalinhada; uma tira de luz fraca aparecia atravessada por suas vértebras superiores.

Acho que me despojei das minhas roupas e me enfiei no pijama com o tipo de instantaneidade fantasiosa que fica implícita quando, numa cena cinematográfica, o processo de troca de roupa é cortado; e eu já apoiara o joelho na beira da cama quando Lolita virou a cabeça e me fitou através de sombras listradas.

E isso foi algo com que o intruso não contava. Toda a fábula das pílulas (uma história consideravelmente sórdida, *entre nous soit dit*) tinha por finalidade um sono tão profundo que todo um regimento não fosse capaz de perturbar, mas lá estava ela olhando fixo para mim, e me chamando de “Barbara” com voz pastosa. Barbara, vestindo meu pijama apertado demais para ela, permaneceu debruçada imóvel sobre a pequena que falava no sono. Mansamente, com um suspiro de desalento, Dolly virou-se para o outro lado, retornando à posição inicial. Por pelo menos dois minutos esperei retesado nesse limiar, como aquele alfaiate com seu paraquedas caseiro quarenta anos atrás antes de saltar da Torre Eiffel. Sua respiração fraca tinha o ritmo do sono. Finalmente deixei-me desabar em minha estreita margem de cama, puxei sorrateiro as pontas soltas dos lençóis empilhados ao sul dos meus tornozelos congelados — e Lolita ergueu a cabeça e me olhou de boca aberta.

Como mais tarde fiquei sabendo de um farmacêutico prestimoso, as pílulas púrpura nem mesmo se enquadravam na nobre e numerosa família dos barbitúricos, e embora pudessem induzir o sono num neurótico que acreditasse que se tratava de uma droga poderosa, era um sedativo suave demais para afetar por muito tempo uma ninfeta desconfiada, ainda que exausta. Se o médico de Ramsdale era um charlatão ou um velho patife

ardiloso, na realidade não faz diferença nem fez. O que fazia diferença é que eu fora enganado. Quando Lolita tornou a abrir os olhos, percebi que fosse ou não funcionar a droga mais adiante naquela noite, a segurança com que eu contava era infundada. Lentamente a cabeça dela virou para o outro lado e deixou-se cair em sua quantidade indevida de travesseiros. Fiquei muito quieto na minha borda, contemplando seus cabelos desalinhados, o tom claro da carne de ninfeta nos pontos onde meio quadril e meio ombro mal se revelavam no escuro, e tentando avaliar a profundidade do seu sono pelo ritmo de sua respiração. Algum tempo passou sem que nada mudasse, e decidi que podia me arriscar a chegar um pouco mais perto daquela claridade adorável e enlouquecedora; mas mal me movera para suas cálidas proximidades e sua respiração foi suspensa; e tive a odiosa sensação de que a pequena Dolores estava totalmente desperta, pronta a explodir em gritos caso eu a tocasse com qualquer parte da minha infelicidade. Eu lhe peço, leitor: por mais intensa que seja sua exasperação com o herói de coração mole, morbidamente sensível e infinitamente circunspecto do meu livro, não pule estas páginas essenciais! Tente me imaginar; não tenho como existir sem a sua imaginação; tente discernir o cervo em mim, tremendo na floresta da minha própria iniquidade; vamos até sorrir um pouco. Afinal, não há mal algum em sorrir. Por exemplo (eu quase escrevi “*prexemplo*”), eu não tinha onde pousar a cabeça, e um ataque de azia (e ainda dizem aqui que essas batatas são francesas, *french fries, grand Dieu!*) veio somar-se ao meu desconforto.

Ela estava novamente imersa num sono profundo, a minha ninfeta, mas ainda assim eu não me atrevia a zarpar em minha viagem encantada. *La petite dormeuse ou l’Amant ridicule*. Amanhã eu iria entupi-la com as pílulas anteriores que tão completamente entorpeceram a mãe dela. No porta-luvas — ou na valise de mão? Espero mais uma hora inteira e depois torno a me aproximar aos poucos? A ciência da ninfolepsia é uma ciência precisa. Qualquer contato efetivo haveria de extinguir o sono dela em menos de um segundo. Um espaço intermediário de um milímetro a faria despertar em dez. Esperemos.

Nada é mais ruidoso que um hotel americano; e, no caso, aquele lugar era anunciado como tranquilo, aconchegante, antiquado, caseiro — o conforto elegante e harmonioso, essas coisas. O estrépito da grade do elevador — uns vinte metros a nordeste da minha cabeça, mas percebido

com tanta clareza como se funcionasse dentro da minha têmpera esquerda — alternava-se com os estalidos e estrondos das várias evoluções da máquina, e se estendeu bem além da meia-noite. De tempos em tempos, imediatamente a leste do meu ouvido esquerdo (levando-se sempre em conta que eu estava deitado de costas, sem ousar dirigir meu lado mais perverso para a anca nebulosa de minha companheira de cama), o corredor transbordava de exclamações alegres, ressonantes e ineptas, culminando numa salva de boas-noites. Quando *isso* acabou, uma privada imediatamente ao norte do meu cerebelo tomou a frente. Tinha uma descarga varonil, vigorosa e de voz grave, acionada muitas vezes. Seus jorros e gorgolejos, e o longo fluxo que os sucedia, faziam sacudir a parede atrás de mim. Em seguida, alguém começou a vomitar com extravagância mais ou menos na direção sul, quase expelindo a vida do próprio corpo junto com a bebida, e sua descarga despejou-se como um verdadeiro Niágara, imediatamente atrás do nosso banheiro. E quando finalmente todas as quedas-d'água pararam e todos os caçadores encantados finalmente adormeceram, a avenida sob a janela da minha insônia, a oeste da minha vigília — uma aleia digna e imponente, predominantemente residencial, de árvores imensas —, degenerou no vulgar alarido de caminhões gigantescos roncando ao longo de toda aquela noite de chuva e vento.

E a menos de quinze centímetros de mim e da minha vida ardente, estava a nebulosa Lolita! Ao cabo de uma longa vigília imóvel, meus tentáculos puseram-se novamente em movimento na direção dela, e dessa vez os rangidos do colchão não a despertaram. Consegui aproximar tanto dela meu corpanzil faminto que podia sentir a aura de seu ombro nu como um hálito morno em meu rosto. E então ela se sentou na cama, arquejou, murmurou com uma rapidez louca alguma coisa sobre barcos, puxou os lençóis e mergulhou de novo em sua inconsciência rica, escura e juvenil. Enquanto ela se debatia, do interior daquele fluxo abundante de sono, há pouco alvacentos, agora lunar, seu braço encostou em meu rosto. Por um segundo eu a tomei nos braços. Ela se libertou da sombra do meu abraço — com um movimento não consciente, não violento nem motivado pela repulsa pessoal, mas com o murmúrio neutro e plangente de uma criança que exige seu repouso natural. E novamente a situação continuou a mesma: Lolita com a espinha curvada para Humbert, Humbert com a cabeça apoiada na mão e ardendo de desejo e dispesia.

Esta última requeria uma visita ao banheiro para um gole d'água, o melhor remédio que conheço no meu caso, exceto talvez leite com rabanete; e quando tornei a entrar naquele reduto onde as roupas velhas e novas de Lolita reclinavam-se em várias posturas de encantamento sobre móveis que pareciam flutuar vagamente, minha filha impossível sentou-se na cama e com voz clara pediu também um copo d'água. Segurou o copo de papel resistente e frio com sua mão de sombra e engoliu agradecida seu conteúdo, com os cílios compridos apontando o interior do copo, e depois, num gesto infantil que exibia maior encanto que qualquer carícia carnal, a pequena Lolita enxugou os lábios no meu ombro. Tornou a desabar em seu travesseiro (eu subtraía o meu enquanto ela bebia) e voltou a adormecer no mesmo instante.

Eu não me atrevera a oferecer-lhe uma segunda dose da droga, e não abandonara a esperança de que a primeira ainda consolidasse o seu sono. Comecei a me deslocar em sua direção, pronto para qualquer desapontamento, consciente de que seria melhor esperar, mas incapaz de qualquer espera. Meu travesseiro trazia o aroma dos seus cabelos. Desloquei-me na direção da claridade da minha amada, parando ou recuando cada vez que me parecia que ela se mexera ou pudesse se mexer. Uma brisa que soprava do país das maravilhas começara a afetar meus pensamentos, e agora eles pareciam inclinados em itálico, como se a superfície que os refletia estivesse encapelada pelo fantasma desse vento. Toda hora minha consciência enveredava pelo caminho errado, meu corpo entrava na esfera do sono e tornava a sair, embaralhando-se no processo, e algumas vezes me surpreendi emitindo um ronco melancólico. Neblinas de ternura envolviam montanhas de desejo. De tempos em tempos me parecia que a presa encantada estava quase vindo ao encontro do caçador encantado, que sua anca progredia na minha direção por baixo da areia macia de uma praia fabulosa e remota; e então sua sombra vaga e ondulante se moveu, e percebi que ela estava mais longe do que nunca de mim.

Se me estendo com algum detalhe sobre os tremores e tateios dessa noite distante, é porque faço questão de provar que não sou, nunca fui e jamais poderia ter sido um bruto salafrário. As regiões gentis e oníricas através das quais eu avançava a custo eram patrimônio dos poetas — e não o território onde o crime espreita. Tivesse eu chegado à minha meta, meu êxtase teria sido toda suavidade, um episódio de combustão interna cujo

calor ela mal teria sentido, mesmo que estivesse totalmente desperta. Mas eu ainda esperava que ela pudesse ver-se engolfada aos poucos por um estupor completo que me permitisse saborear mais que um relance tênue da sua aura. E assim, entre uma e outra tentativa de aproximação, com uma confusão perceptiva que a metamorfoseava em manchas de luar ou numa moita fofa e florescida, sonhei que voltava à consciência, sonhei que continuava à espreita.

Nas primeiras horas matinais, sobreveio uma calmaria na noite inquieta do hotel. Em seguida, em torno das quatro, a privada do corredor cascadeou e uma porta bateu. Pouco depois das cinco um monólogo reverberante começou a chegar, em várias parcelas, de algum pátio ou estacionamento. Não era propriamente um monólogo, já que quem falava parava a intervalos de poucos segundos para escutar (presumivelmente) outra pessoa, mas essa segunda voz não chegava a mim, e assim nenhum sentido efetivo podia ser derivado da parte que eu ouvia. Suas entonações muito banais, contudo, ajudaram a convocar a aurora, e o quarto já estava repleto de um cinzento lilás quando várias descargas industriais dispararam, uma depois da outra, e o elevador, com seu estrépito e seus rangidos, começou a transportar para cima e para baixo os que desciam ou subiam cedo, e por alguns minutos cochilei miseravelmente; Charlotte era uma sereia num tanque esverdeado, e em algum ponto da passagem o dr. Boyd disse “Bom dia para o senhor” com uma voz frutada, passarinhos se atarefaram nas árvores, e então Lolita bocejou.

Fríguas senhoras do júri! Acreditei que meses, ou talvez anos, fossem passar antes que eu ousasse declarar-me para Dolores Haze; mas em torno das seis horas da manhã ela estava totalmente desperta, e às seis e quinze já éramos tecnicamente amantes. E vou contar-lhes uma coisa muito estranha: foi ela quem me seduziu.

Ao ouvir seu primeiro bocejo matinal, simulei um belo sono de perfil. Simplesmente não sabia o que fazer. Ficaria ela chocada ao me encontrar a seu lado, e não numa cama extra? Recolheria suas roupas para trancar-se no banheiro? Exigiria ser levada na mesma hora para Ramsdale — para a cabeceira da mãe — ou de volta para a colônia de férias? Mas minha Lo tinha grande espírito esportivo. Senti seus olhos fixos em mim, e quando ela finalmente emitiu aquela sua adorada nota risonha, eu soube que seus olhos sorriam. Ela rolou para o meu lado, e seus cabelos mornos e castanhos

roçaram minha clavícula. Produzi uma imitação medíocre de um despertar. Ficamos deitados em silêncio. Acariciei de leve o seu cabelo, e de leve nos beijamos. Seu beijo, para meu delirante embaraço, tinha refinamentos francamente cômicos de borboleteamentos e sondagens que me levaram a concluir que ela fora instruída ainda na infância por alguma pequena lésbica. Nenhum Charlie poderia ter-lhe ensinado *aquilo*. Como que para verificar se eu já me fartara e aprendera a minha lição, ela se afastou e me inspecionou com cuidado. Tinha as faces coradas, seu carnudo lábio inferior cintilava, minha dissolução estava próxima. Na mesma hora, com uma explosão de alegria selvagem (o sinal da ninfeta!), ela encostou a boca no meu ouvido — mas por um bom tempo minha mente não foi capaz de separar em palavras a quente trovoada do seu sussurro, e ela riu, afastou o cabelo do rosto e tentou de novo, e aos poucos a estranha sensação de viver num mundo inédito, um novo e louco mundo de sonho, onde tudo era permissível, tomou conta de mim quando percebi o que ela sugeria. Respondi que não sabia quais brincadeiras ela e Charlie tinham praticado. “Vai me dizer que você nunca —?” — seus traços se contorceram num estado de desgostosa incredulidade. “Você nunca —”, recomeçou ela. Ganhei algum tempo acariciando-a um pouco com o nariz. “Pare com isso”, disse ela com um tom de lamento fanhoso, afastando depressa seu ombro moreno dos meus lábios. (Era muito curiosa a maneira como ela considerava — e continuou a considerar por muito tempo — todas as carícias, afora os beijos na boca ou o ato simples do amor, “romantismo meloso” ou uma coisa “anormal”.)

“Quer dizer”, persistiu ela, ajoelhando-se agora em cima de mim, “que você nunca chegou a fazer tudo quando era mais novo?”.

“Nunca”, respondi sem mentir.

“Está certo”, disse Lolita, “pois vamos começar agora”.

Entretanto, não vou entediar meus instruídos leitores com uma descrição detalhada da presunção de Lolita. Basta dizer que nem o mais ínfimo vestígio de pudor detectei naquela linda jovem ainda em formação, que a escola mista moderna, os maus modos da juventude, a atividade criminosa de exploração das colônias de férias e assim por diante haviam depravado total e irremediavelmente. Ela via o ato simples como parte integrante do mundo furtivo dos jovens, que os adultos desconheciam. O que os adultos fizessem com o fim de procriar não era da conta dela. Minha

vida estava nas mãos da pequena Lo, que a tratava de uma maneira vigorosa e trivial, como se fosse algum dispositivo insensato sem conexão comigo. Embora ansiosa para impressionar-me com o mundo dos jovens calejados, não estava totalmente preparada para certas discrepâncias entre a vida de uma menina e a minha. Só o orgulho a impediu de desistir; porque, em minha estranha provação, simulei uma estupidez suprema e deixei que ela fizesse como queria — pelo menos enquanto eu conseguisse suportar. Mas essas coisas na verdade são irrelevantes, não me preocupo nem um pouco com o que se chama de “sexo”. Qualquer um imagina esses elementos de animalidade. O que me mantém fascinado é um projeto maior: capturar de uma vez a perigosa magia das ninfetas.

30

Preciso avançar com cautela. Preciso falar aos sussurros. Oh tu, veterano repórter policial; tu, grave e idoso meirinho; tu, policial antes popular, hoje confinado numa solitária depois de reger por tantos anos aquela travessia de pedestres em frente à escola; tu, pervertido aposentado para quem um rapazote lê! Nenhum de vocês, não é mesmo, havia de se apaixonar loucamente pela minha Lolita! Fosse eu pintor, e um dia tivesse a gerência dos Caçadores Encantados a insensatez de encomendar-me a redecoração de seu restaurante com murais de minha invenção, eis o que eu poderia ter imaginado, deixem-me descrever alguns fragmentos:

Haveria um lago. Haveria um caramanchão com flores cor de fogo. Haveria estudos de natureza — um tigre perseguindo uma ave-do-paraíso, uma cobra engasgada envolvendo o tronco inteiro esfolado de um leitão. Haveria um sultão, com o rosto exprimindo intensa agonia (negada, digamos assim, por sua carícia envolvente), ajudando um pequeno escravo calipígio a escalar uma coluna de ônix. Haveria esses glóbulos luminosos de fulgor gonadal que se deslocam pelos flancos opalescentes das *jukeboxes*. Haveria todo tipo de atividades ao ar livre envolvendo o grupo de idade intermediária, Canoagem, Canto Coral, Cacheamento das Cabeleiras ao sol à beira do lago. Haveria choupos, maçãs, um domingo nos subúrbios. Haveria uma opala de fogo dissolvendo-se numa piscina agitada

por ondas concêntricas, um último espasmo, um último borribo de cor, vermelho urticante, cor-de-rosa ardido, um suspiro, uma criança encolhida.

31

Estou tentando descrever essas coisas não para revivê-las em minha presente desgraça sem limites, mas para separar o quanto há de inferno do quanto há de paraíso nesse mundo estranho, medonho e enlouquecedor — o amor das ninfetas. A beleza e a ferocidade fundiam-se em algum ponto, é esta divisa que eu gostaria de definir, e fracasso na tarefa tão completamente. Por quê?

A estipulação da lei romana, segundo a qual uma menina podia casar-se a partir dos doze anos, foi adotada pela Igreja, e ainda é preservada, tacitamente, em alguns estados dos EUA. E quinze é a idade legal em toda parte. Não há nada de errado, dizem os dois hemisférios, quando um brutamontes de quarenta anos, abençoado pelo sacerdote local e embotado pela bebida, tira seus trajes de festa encharcados de suor e investe fundo em sua jovem noiva. “Em climas temperados estimulantes [diz uma velha revista da biblioteca da prisão] como os de St. Louis, Chicago e Cincinnati, as meninas amadurecem em torno do final do seu décimo segundo ano de vida.” Dolores Haze nascera a menos de quinhentos quilômetros da estimulante Cincinnati. Não fiz mais que seguir a natureza. Sou um cão fiel da natureza. Por que então este horror de que não consigo me livrar? Tê-la-ei privado da sua flor? Sensíveis senhoras do júri, sequer fui o seu primeiro amante.

32

Ela me contou de que maneira fora desencaminhada. Enquanto comíamos bananas farinhentas e sensaboronas, pêssegos machucados e batatas fritas de pacote muito palatáveis, *die Kleine* contou-me tudo. Seu relato volúvel mas desconexo era acompanhado de muitas *moues* cômicas. Como creio já ter observado, lembro-me com clareza especial de uma careta de desagrado: boca desfeita entortada para um lado e os olhos apontando para cima num

número que combinava nojo cômico, resignação e tolerância diante da fraqueza dos jovens.

Sua espantosa narrativa começava com uma alusão introdutória à sua companheira de barraca em outra colônia de férias no verão anterior, um lugar “muito seleta”, disse ela. Aquela companheira de barraca (“uma criatura muito abandonada”, “meio louca”, mas “ótima garota”) a instruíra em várias manipulações. A princípio, a leal Lo recusou-se a me dizer quem era.

“Foi Grace Angel?”, perguntei.

Ela fez que não com a cabeça. Não, era a filha de um figurão. Ele —

“Seria talvez Rose Carmine?”

“Não, claro que não. O pai dela —”

“Terá sido, então, porventura, Agnes Sheridan?”

Ela engoliu em seco e voltou a negar com a cabeça — e em seguida reagiu tardiamente.

“Escute, como é que você sabe o nome de todas essas meninas?”

Expliquei.

“Bem”, disse ela. “São bem levadas, algumas das meninas dessa turma da escola, mas não tanto. Se quer mesmo saber, o nome dela era Elizabeth Talbot, e agora foi matriculada numa escola particular elegante, o pai dela é executivo.”

Lembrei-me com uma pontada de hilaridade da frequência com que a pobre Charlotte costumava introduzir em suas conversas sociais observações elegantes como “quando minha filha acampou ano passado com a filha dos Talbot”.

Quis saber: a mãe de alguma das duas sabia daquelas distrações sáficas?

“Meu Deus, não”, exalou Lo largada, simulando temor e alívio, e encostando a mão falsamente trêmula no peito.

Eu estava mais interessado, contudo, em sua experiência heterossexual. Ela entrara na sexta série aos onze anos, logo depois de se mudar para Ramsdale vinda do Meio-Oeste. O que ela queria dizer com “bem levadas”?

Bem, os gêmeos Miranda já dormiam havia vários anos na mesma cama, e Donald Scott, que era o menino mais bobo da escola, já tinha ido até o fim com Hazel Smith na garagem do tio, e Kenneth Knight — que era

o mais inteligente — costumava se exhibir sempre que tinha uma chance, em qualquer lugar, e —

“Vamos falar do Campo Q”, disse eu. E logo ela me contou a história toda.

Barbara Burke, uma loura parruda, dois anos mais velha que Lo e de longe a melhor nadadora da colônia de férias, tinha uma canoa muito especial que dividia com Lo “porque eu era a única outra menina que conseguia chegar à ilha Willow” (alguma prova de natação, imagino). Ao longo do mês de julho, todo dia de manhã — atente bem, leitor, religiosamente toda manhã — Barbara e Lo carregavam o barco até o Onyx ou o Eryx (dois lagos menores na floresta) com a ajuda de Charlie Holmes, o filho da diretora do acampamento, garoto de treze anos — e único macho da espécie humana num raio de alguns quilômetros (com a exceção de um velho faz-tudo muito humilde e completamente surdo, e de um agricultor com um velho Ford que às vezes vendia ovos para as frequentadoras da colônia, como é do feitio dos pequenos agricultores); toda manhã, ó meu leitor, as três crianças enveredavam por um atalho através da linda floresta inocente transbordante de tantos emblemas da juventude, o orvalho, o canto dos passarinhos, e num certo ponto, em meio à vegetação luxuriante, Lo era postada como sentinela enquanto Barbara e o menino copulavam detrás de uma moita.

Num primeiro momento Lo se recusara a “experimentar para ver como era”, mas a curiosidade e a camaradagem prevaleceram, e logo ela e Barbara se revezavam na atividade com o silencioso, grosseiro e carrancudo mas infatigável Charlie, que tinha tanto *sex appeal* quanto uma cenoura crua, mas ostentava uma fascinante coleção de anticoncepcionais que costumava pescar num terceiro lago próximo, consideravelmente maior e mais povoado, chamado Lago Climax, vizinho à jovem e progressista cidade industrial de mesmo nome. Embora admitisse que tinha sido “bastante divertido” e “bom para a pele”, Lolita, digo com satisfação, sentia profundo desdém pela mente e os modos de Charlie. E nem seu temperamento fora alterado por aquele demônio imundo. Na verdade, acho que ele tivera um desempenho bastante insatisfatório, apesar de “divertido”.

A essa altura já eram quase dez horas. Com o refluxo do desejo, uma sensação cinérea de inadequação, instigada pela realística opacidade de um dia cinzento e nevrálgico, tomou conta de mim e começou a zumbir do lado

interno das minhas têmeoras. Lo, bronzeada, nua e frágil, suas estreitas nádegas brancas viradas para mim, seu rosto amuado para um espelho de porta, estava parada, com os braços ao longo do corpo, os pés (calçando chinelos novos com pompons) muito afastados, e através de um cacho que lhe caía na testa fazia caretas vulgares para si mesma no espelho. Do corredor vinham as vozes arrulhantes das arrumadeiras de cor trabalhando, e em seguida ouvimos uma tentativa suave de abrir a porta do nosso quarto. Mandei Lo para o banheiro, tomar o banho com sabão de que tanto carecia. A cama estava de uma desordem assustadora, acentuada por migalhas de batata frita. Ela experimentou um conjunto de lã azul-marinho, depois uma blusa sem mangas com uma ampla saia de nervuras, mas o primeiro estava apertado demais e a segunda era ampla em excesso, e quando implorei que se apressasse (a situação começava a deixar-me alarmado), Lo atirou maldosamente esses meus belos presentes num canto, e decidiu usar o vestido da véspera. Quando finalmente ficou pronta, dei-lhe uma adorável bolsinha nova de alpaca (em que enfiara uma boa quantidade de moedas de um *cent* e duas novas e reluzentes de dez) e disse que fosse comprar uma revista na entrada do hotel.

“Desço daqui a um minuto”, disse eu. “E se eu fosse você, minha querida, não falaria com desconhecidos.”

Exceto por meus pobres presentinhos, não havia muito o que guardar nas malas, mas fui forçado a dedicar um tempo perigosamente longo (estaria ela aprontando alguma coisa lá embaixo?) a arrumar a cama de maneira a sugerir o ninho abandonado de um pai inquieto e sua filha muito levada, e não a saturnália de um ex-presidiário com duas prostitutas gordas. Então terminei de me vestir e chamei o venerável carregador para subir e pegar as malas.

Tudo estava bem. Lá estava ela no saguão, sentada, afundada numa poltrona muito estofada e revestida de vermelho-sangue, absorta numa lúgubre revista de cinema. Um sujeito da minha idade envergando uma roupa de *tweed* (o gênero do lugar mudara, de um dia para outro, adquirindo uma atmosfera espúria de nobreza campestre) fitava a minha Lolita por cima do charuto apagado e do jornal estagnado. Ela estava usando suas meias soquete brancas profissionais e seus sapatos de amarrar bicolores, e o vestido estampado de cores claras com o decote quadrado; um foco de luz embotada realçava a penugem dourada em seus quentes membros morenos.

Lá estava ela sentada, as pernas descuidadamente cruzadas, seus olhos claros seguindo uma linha atrás da outra e de tempos em tempos piscando um pouco. A mulher de Bill já o adorava de longe muito antes que os dois se conhecessem: na verdade, costumava admirar em segredo o famoso ator jovem quando ele tomava seus *sundaes* na Schwab's. Nada poderia ser mais infantil que aquele nariz arrebitado, aquele rosto sardento ou a marca roxa no seu pescoço nu onde um vampiro de conto de fadas se regalara, ou o movimento inconsciente de sua língua explorando uma certa irritação rosada em torno dos lábios inchados; nada poderia ser mais inofensivo do que sua leitura sobre Jill, uma estrelinha animada que fazia as próprias roupas e estudava literatura séria; nada podia ser mais inocente que o repartido dos lustrosos cabelos castanhos que principiavam com aquela penugem sedosa no alto da testa; nada poderia ser mais ingênuo. Mas que inveja doentia aquele sujeito indecente, quem quer que fosse — pensando bem, lembrava um pouco meu tio suíço Gustave, outro grande admirador de *le découvert* —, sentiria caso descobrisse que cada nervo meu ainda estava ungido, estremecendo com a sensação do corpo dela — o corpo de um demônio imortal disfarçado de criança do sexo feminino.

Será que o porcino e rosado sr. Swoon tinha certeza absoluta de que minha mulher não telefonara? Ele tinha. Se ela ligasse, poderia dizer-lhe que tínhamos seguido viagem para a casa da tia Clare? Certamente que sim. Paguei a conta e convoquei Lo da sua poltrona. Ela foi lendo até o carro. Ainda lendo, foi conduzida até um suposto café alguns quarteirões ao sul do hotel. Ah, sem dúvida ela comeu muito bem. Chegou até a pôr de lado sua revista para comer. Mas um estranho embotamento substituíra sua animação habitual. Eu sabia que a pequena Lo era capaz de mostrar-se muito maldosa, de maneira que me preparei, dei um sorriso e fiquei esperando a borrasca. Eu não tomara banho, não me barbeara e meus intestinos não tinham funcionado. Meus nervos estavam destemperados. Não gostei da maneira como minha pequena amante encolheu os ombros e distendeu as narinas quando tentei iniciar uma conversa despreziosa e casual. E Phyllis sabia de tudo antes de partir ao encontro dos pais no Maine?, perguntei com um sorriso. “Escute”, disse Lo, fazendo uma careta de choro, “vamos mudar de assunto”. Então eu tentei — também sem sucesso, por mais que estalasse os lábios — despertar seu interesse pelo mapa rodoviário. Nosso destino, devo lembrar a meu paciente leitor cuja postura humilde Lo deveria ter copiado,

era a alegre cidade de Lepingville, em algum lugar nos arredores de um hospital hipotético. Mas esse destino era perfeitamente arbitrário (como, ai de mim, tantos outros haveriam de ser), e eu tremia nos meus sapatos enquanto tentava imaginar como poderia sustentar a plausibilidade de todo aquele arranjo, e que outros objetivos plausíveis precisaria inventar depois que tivéssemos assistido a todos os filmes exibidos em Lepingville. Cada vez mais desconfortável Humbert se sentia. Era uma coisa muito especial, aquela sensação: um constrangimento opressivo e horrível, como se dividisse a mesa com o pequeno fantasma de alguém que acabara de matar.

Quando entrava novamente no carro, uma expressão de dor apareceu no rosto de Lo. E tornou a aparecer, mais acentuadamente, enquanto se acomodava a meu lado. Não há dúvida de que ela a repetira para que eu visse. Tolamente, perguntei o que tinha havido. “Nada, seu brutamontes”, respondeu ela. “Seu o quê?”, perguntei. Ela não disse nada. Partindo de Briceland. A loquaz Lo calada. Aranhas geladas de pânico desciam pelas minhas costas. Ela era órfã. Era uma criança solitária, absolutamente desamparada, com quem um adulto de corpo pesado e cheiro desagradável travara um intercurso vigoroso três vezes naquela mesma manhã. A realização desse sonho de uma vida inteira podia ou não ter ultrapassado todas as expectativas, mas de certo modo atingira seu alvo com um excesso de chumbo — e convertera-se num pesadelo. Eu fora descuidado, estúpido e ignóbil. E, para ser perfeitamente franco: de algum ponto do fundo daquele torvelinho sombrio, senti um novo despertar do desejo, tão monstruoso era meu apetite pela infeliz ninfeta. Mesclada às pontadas da culpa estava a aflição perante a ideia de que seu humor pudesse impedir-me de tornar a fazer amor com ela assim que encontrasse uma conveniente estrada secundária onde pudesse estacionar em paz. Noutras palavras, o pobre Humbert Humbert sentia-se horrivelmente infeliz, e enquanto seguia dirigindo com firmeza e sem propósito na direção de Lepingville, revirava os miolos à procura de algum gracejo que lhe permitisse ousar virar-se para a companheira de viagem. Foi ela, todavia, quem quebrou o silêncio.

“Ah, um esquilo esmagado”, disse ela. “Que tristeza.”

“Não é mesmo?” (Hum, com ansiedade e esperança.)

“Vamos parar no próximo posto”, continuou Lo. “Quero ir ao lavatório.”

“Pararemos onde você quiser”, disse eu. E então, enquanto um adorável e isolado arvoredado soberbo (carvalhos, imaginei; àquela altura, as árvores americanas estavam além do meu conhecimento) ecoava em verdor o avanço do nosso carro, uma estrada vermelha e orlada de samambaias à direita virava a cabeça antes de desviar-se oblíqua para dentro do bosque, e sugeri que poderíamos talvez —

“Siga em frente”, exclamou minha Lo com voz aguda.

“Está certo. Fique calma.” (Quieto, pobre monstro, quieto.)

Olhei para ela. Graças a Deus a menina estava sorrindo.

“Seu palerma”, disse ela, dirigindo-me um sorriso doce. “Criatura repelente. Eu era uma menina em flor, e olhe o que você fez comigo. Eu devia chamar a polícia e dizer a eles que você me violou. Ah, você é um velho muito, muito indecente.”

Será que estava só brincando? Uma alarmante nota histérica soava em suas palavras tolas. Em seguida, produzindo um som sibilante com os lábios, começou a queixar-se de dores, disse que não conseguia sentar-se, que eu rasgara alguma coisa dentro dela. O suor escorria pelo meu pescoço, e quase atropelamos algum pequeno animal que atravessou a estrada com a cauda ereta, e novamente minha mal-humorada companheira de viagem chamou-me de um nome feio. Quando paramos no posto de gasolina, ela desceu do carro sem dizer nada e passou muito tempo fora. Com gestos lentos e amorosos, um amigo idoso de nariz quebrado limpou meu parabrisa — em cada lugar limpam de um jeito, usando de um pano de camurça a uma escova com espuma de sabão, e esse sujeito usava uma esponja cor-de-rosa.

Finalmente ela apareceu. “Escute”, começou com aquela voz neutra que me magoava tanto, “passe umas moedas. Quero ligar para a minha mãe nesse hospital. Qual é o telefone?”

“Entre”, disse eu. “Você não pode ligar para esse telefone.”

“Por quê?”

“Entre e feche a porta.”

Ela entrou e bateu a porta. O velho empregado do posto sorriu para ela. Enveredei pela estrada.

“Por que não posso ligar para a minha mãe se eu quiser?”

“Porque”, respondi, “sua mãe morreu”.

Na alegre cidade de Lepingville, comprei para ela quatro álbuns de quadrinhos, uma caixa de bombons, uma caixa de absorventes, duas Coca-Colas, um estojo de manicure, um despertador de viagem com mostrador luminoso, um anel com um topázio de verdade, uma raquete de tênis, patins presos a botas brancas de cano alto, um par de binóculos, um rádio portátil, goma de mascar, uma capa de chuva transparente, óculos escuros, mais algumas roupas — blusas sem manga, shorts, variados vestidos de verão. No hotel ficamos em quartos separados, mas no meio da noite ela entrou soluçando no meu, e fizemos as pazes com muita suavidade. Entendam, ela não tinha absolutamente mais lugar algum aonde ir.

PARTE DOIS

1

Foi então que começaram nossas extensas viagens por todos os Estados Unidos. A qualquer outro tipo de acomodação para turistas logo comecei a preferir o Motel Funcional — recantos limpos, arrumados e seguros, lugar ideal para o sono, as discussões, a reconciliação, o amor ilícito e insaciável. Num primeiro momento, em meu medo de despertar suspeitas, apressava-me a pagar pelas duas unidades de um bangalô duplo, cada uma contendo uma cama de casal. E me perguntava a que tipo de quarteto aquele arranjo se destinaria, posto que apenas uma paródia farisaica de privacidade poderia ser produzida recorrendo à parede incompleta que dividia o bangalô ou o quarto em dois ninhos de amor interligados. Aos poucos, as possibilidades que essa honesta promiscuidade sugeria (dois jovens casais trocando alegremente de parceiros ou uma criança simulando o sono para ficar ouvindo sonoridades primais) deixaram-me mais ousado, e de vez em quando eu pedia um bangalô com cama e cama dobrável ou duas camas, uma cela de prisão do paraíso, com cortinas amarelas fechadas para criar uma ilusão matinal de Veneza e do sol quando na verdade eram a Pensilvânia e a chuva.

Ficamos conhecendo — *nous connûmes*, para usar uma entonação flaubertiana — chalés de pedra sob imensas árvores chateaubriândicas, bangalôs de tijolo, bangalôs de adobe, bangalôs de estuque, em terrenos que o guia turístico do Automóvel Clube descrevia como “sombreados”, “arejados” ou “ajardinados”. Os bangalôs de troncos, com seu acabamento em pinho nodoso, lembravam a Lo, por seu lustro dourado castanho, ossos de frango frito. Desprezávamos as Kabins despojadas, caiadas e de tábuas, com seu ligeiro odor de esgoto ou algum outro mau cheiro encabulado e tristonho, e nenhuma vantagem para ostentar (com a exceção de “boas camas”), e uma senhora sem sorrisos sempre preparada para ter suas ofertas (“...bem, eu podia lhe oferecer...”) recusadas.

Nous connûmes (como isso é divertido) os supostos atrativos de seus nomes repetitivos — todos os Sunset Motels, U-Beam Cottages, Hillcrest Courts, Pine View Courts, Mountain View Courts, Skyline Courts, Park

Plaza Courts, Green Acres, Mac's Courts. Às vezes havia uma linha adicional no letreiro, como “Crianças bem-vindas, animais de estimação aceitos” (*Você é bem-vindo, você é aceito*). Os banheiros quase sempre tinham apenas chuveiros revestidos de azulejos, com uma variedade infindável de mecanismos de ducha, mas uma característica definitivamente não laodicense em comum, uma propensão, sempre que usados, a despejar sobre você um jorro de um calor instantaneamente monstruoso ou de um frio cegante, conforme o seu vizinho do quarto ao lado ligasse a água quente ou fria de maneira a privá-lo do complemento necessário no banho de chuveiro, cuja água você temperara com cuidado extremo. Alguns motéis tinham instruções coladas acima da privada (sobre cuja caixa d'água as toalhas estavam sempre anti-higienicamente empilhadas) pedindo aos hóspedes que não jogassem no vaso lixo, latas de cerveja, caixas de papelão, bebês natimortos; outros tinham avisos especiais emoldurados e protegidos por uma folha de vidro, como Programas Sugeridos (*Cavalgadas: Muitas vezes você verá cavaleiros descendo a Rua Principal em seu caminho de volta de uma cavalgada romântica à luz da lua. “Quase sempre às três da manhã”, bufou Lo, a antiromântica.*)

Nous connûmes os vários tipos de recepcionistas de hotéis de beira de estrada, o criminoso reabilitado, o professor aposentado e o fracassado nos negócios, entre os homens; e as variedades maternais, pseudodamas e cafetínicas entre as mulheres. E às vezes trens berravam na noite monstruosamente quente e úmida com uma plangência dilacerante e assustadora, em que poder e histeria se combinavam num grito de desespero.

Evitávamos as Casas de Turismo, primas rurais das Casas Funerárias, fora de moda, requintadas e desprovidas de chuveiro, com suas penteadeiras elaboradas em quartos deprimentes e diminutos pintados de branco e rosa, e com fotografias dos filhos da proprietária em todos os seus instares. Mas eu me rendia, de quando em quando, à predileção de Lo por hotéis “de verdade”. Ela escolhia no guia, enquanto eu a acariciava dentro do carro estacionado no silêncio de uma estrada secundária e misteriosa abrandada pelo crepúsculo, algum hotel altamente recomendado à beira de um lago, oferecendo todo tipo de atrações amplificadas pela lanterna com cuja ajuda ela as percorria, tais como companhia agradável, lanches entre as refeições, churrascos ao ar livre — mas que em meu espírito conjuravam visões

odiosas de escolares malcheirosos de suéter e faces em brasa encostando-se nas dela, enquanto o pobre dr. Humbert, abraçado apenas a dois joelhos masculinos, dedicar-se-ia a refrescar suas hemorroidas na relva molhada. As mais tentadoras para ela, porém, eram as Pousadas “Coloniais”, que, além da “atmosfera de elegância” e das janelas panorâmicas, prometiam “quantidades ilimitadas de deliciosa comida”. Lembranças muito prezadas do hotel luxuoso de meu pai às vezes me levavam a procurar coisa semelhante no estranho país que percorríamos em nossa viagem. Logo me desestimulei; mas Lo continuava a seguir o rastro dos anúncios de comida farta, enquanto eu derivava um deleite não apenas econômico dos letreiros de beira de estrada tais como TIMBER HOTEL. *Hospedagem gratuita para crianças menores de 14 anos*. Por outro lado, estremeço quando rememoro o hotel supostamente de “alta classe” num estado do Meio-Oeste, que anunciava ceias noturnas “de ataque à geladeira” e onde, intrigados por meu sotaque, queriam saber os nomes de solteira de minha falecida mulher e de minha falecida mãe. Uma estada de dois dias nesse lugar me custou cento e vinte e quatro dólares! E você se lembra, Miranda, daquele outro covil de ladrões “de extrema elegância” com café da manhã gratuito e água gelada corrente, onde não aceitavam crianças de menos de dezesseis anos (nenhuma Lolita, claro)?

Imediatamente depois de chegar a um dos motéis mais desprovidos de encantos que se tinham transformado em nosso refúgio habitual, ela ligava o ventilador elétrico, ou me induzia a inserir uma moeda de 25 *cents* no rádio, ou lia todos os letreiros e perguntava em tom de queixa por que não podia fazer a caminhada pela trilha que recomendavam ou ir nadar na piscina de água termal da localidade. No mais das vezes, com os modos largados e entediados que cultivava, Lo se estendia inerte e abominavelmente desejável numa poltrona vermelha ou num divã verde, ou numa espreguiçadeira de lona listrada com descanso para os pés e um pequeno guarda-sol acoplado, ou uma cadeira de balanço, ou qualquer outra cadeira de jardim debaixo de um guarda-sol no pátio, e eu precisaria de horas de agrados, ameaças e promessas para fazê-la conceder-me por alguns segundos suas pernas e braços morenos no isolamento do nosso quarto de cinco dólares antes de dedicar-se a qualquer atividade que ela pudesse preferir a meu pobre prazer.

Combinando ingenuidade e ilusão, encanto e vulgaridade, cinzentos amuos e róseas alegrias, Lolita, quando cismava, podia ser uma criança muito irritante. Eu não estava muito preparado para os seus acessos de tédio desorganizado, para as suas queixas intensas e veementes, o seu estilo escarrapachado, descuidado, de olhos narcotizados, e o que ela chamava de levar na piada — uma espécie de palhaçada difusa e sistemática que, para ela, demonstrava firmeza, à maneira dos meninos desordeiros. Mentalmente, descobri que era uma menina repulsivamente convencional. *Jazz* acelerado e meloso, dança de passos ensaiados, *sundaes* pegajosos com calda quente, musicais, revistas de cinema e assim por diante — esses eram os elementos mais óbvios da lista das coisas que ela mais amava. Sabe Deus quantas moedas entreguei à boca das vistosas *jukeboxes* que acompanhavam cada uma das nossas refeições! Ainda posso escutar as vozes anasaladas desses cantores invisíveis que lhe faziam tantas serenatas, pessoas com nomes como Sammy, Jo, Eddy, Tony, Peggy, Guy, Patty e Rex, e os sucessos sentimentais do cancionero, todos tão iguais ao meu ouvido como os vários doces que ela consumia pareciam ao meu paladar. Ela acreditava, com uma espécie de confiança celestial, em qualquer anúncio ou recomendação publicado nas revistas *Movie Love* ou *Screen Land* — Starasil Extingue as Espinhas, ou “Atenção se vocês usam a camisa para fora das calças, meninas, porque Jill acha que não deviam”. Se um letreiro de beira de estrada dizia VISITE A NOSSA LOJA DE SOUVENIRS — *tínhamos* de parar para vê-la, *tínhamos* de comprar aqueles artigos de artesanato indígena, bonecas, pulseiras de cobre, doces de cacto. As palavras “vende-se” e “*souvenir*” a deixavam simplesmente hipnotizada com sua cadência trocaica. Se o letreiro de algum café proclamasse Bebidas Geladas, ela era automaticamente contagiada, muito embora servissem bebidas geladas em qualquer lugar. Era a ela que os anúncios se dirigiam: a consumidora ideal, sujeito e objeto de todo cartaz da estrada. E ela tentava — sem sucesso — entrar apenas nos restaurantes em que o santo espírito do famoso crítico de restaurantes Huncan Dines tivesse encarnado nos adornados guardanapos de papel ou nas saladas coroadas de ricota.

Naqueles dias, nem ela nem eu ainda tínhamos criado o sistema de subornos monetários que em seguida tanto estrago haveria de causar a meus nervos e à moral de Lolita. E eu lançava mão de três outros métodos para manter minha púbere concubina submissa e num estado de espírito

aceitável. Alguns anos antes, ela passara um verão chuvoso sob o olhar lacrimajante da srta. Phalen, numa dilapidada casa de fazenda nos Apalaches que pertencera a algum Haze carcomido no passado distante. A casa ainda se erguia em meio a seus luxuriantes hectares de ervas perenes à beira de uma floresta sem flores, ao final de uma estrada sempre enlameada, a trinta quilômetros da aldeia mais próxima. Lo ainda se lembrava daquela casa, um verdadeiro fim-de-mundo, a solidão, os antigos pastos encharcados, o vento, o isolamento entumescido, com um vigor de repulsa que lhe distorcia a boca e inchava a sua língua que revelava até a metade. E foi lá que eu lhe anunciei que ela iria viver comigo no exílio por meses e anos se fosse o caso, estudando francês e latim comigo, a menos que aquela “atitude atual” mudasse. Charlotte, comecei a entendê-la!

Garota crédula, Lo gritava não! e se agarrava frenética à minha mão no volante toda vez que eu interrompia uma das suas tempestades de destempero fazendo a volta no meio de uma estrada com a implicação de que decidira conduzi-la diretamente para aquela morada soturna e sombria. Quanto mais nos deslocávamos para o oeste e para longe dela, contudo, menos tangível se tornava a ameaça, e precisei adotar outros métodos de persuasão.

Entre estes, a ameaça do reformatório é a que recorro com o gemido mais fundo de vergonha. Desde o início do nosso entendimento, tive a sagacidade de perceber que precisava assegurar-me de sua cooperação mais absoluta para manter nossas relações em segredo, de maneira que isso se transformasse numa segunda natureza para ela, por mais que se ressentisse comigo, fossem quais fossem os outros prazeres que ela almejava.

“Venha aqui dar um beijo no seu velho”, dizia eu, “e deixe dessas manhas sem sentido. Antigamente, quando eu ainda era o homem dos seus sonhos [o leitor há de perceber o trabalho que me dava para falar a língua de Lo], você desmaiava com os discos do maior ídolo das suas coetâneas [Lo: ‘Das minhas o quê? Não sabe falar inglês claro?’]. O ídolo das suas amiguinhas tinha uma voz parecida, você achava, com a do querido Humbert. Mas agora eu sou só o seu *velho*, um pai imaginário protegendo a filha dos seus sonhos.

“Minha *chère Dolorès*! Quero protegê-la, querida, de todos os horrores que acometem as mocinhas nas rampas de carvão ou nos becos sem saída e, ai de mim, *comme vous le savez trop bien, ma gentille*, nos bosques de

frutinhas azuladas no mais azulado dos verões. Contra tudo e todos seguirei sendo seu guardião e, se você se comportar bem, espero que um tribunal logo possa legalizar minha tutela. Todavia, vamos esquecer, Dolores Haze, a suposta terminologia legal de “coabitação lúbrica e lasciva”. Não sou um criminoso sexual psicopata que se entrega a práticas indecentes com uma criança: Charlie Holmes a violava; eu velava por ela — e a distinção no caso é mais do que clara. Sou seu papai, Lo. Olhe, tenho aqui um livro muito fundamentado que fala de meninas. Veja aqui, querida, o que ele diz. Nas palavras do autor: a menina normal — normal, veja bem —, a menina normal geralmente se mostra extremamente ansiosa para agradar seu pai. Sente nele o precursor do homem esquivo que há de desejar (“esquivo” é muito bom, por Polônio!). A mãe sensata (e sua mãe haveria de mostrar-se sensata, caso ainda estivesse entre nós) deve sempre estimular o companheirismo entre pai e filha, percebendo — desculpem o estilo meloso — que a menina forma seus ideais de romance em matéria de homens a partir de sua associação com o pai. Mas qual associação esse estimulante livro aborda — e recomenda? Volto às palavras do autor: entre os sicilianos, as relações sexuais entre pai e filha são aceitas como uma prática normal, e a menina que participa dessa relação não é reprovada pela sociedade a que pertence. Sou grande admirador dos sicilianos, ótimos atletas, belos músicos, pessoas boas e eretas, Lo, e grandes amantes. Mas deixemos de digressões. Faz poucos dias, pudemos ler nos jornais um palavrório sem sentido sobre um criminoso sexual de meia-idade que se declarou culpado de ter violado o Mann Act, a lei contra o tráfico de escravas brancas, por ter atravessado a divisa entre dois estados transportando uma garota de nove anos com fins imorais, seja lá isso o que for. Querida Dolores! Você não tem nove anos, mas quase treze, e eu não lhe aconselharia a considerar-se minha escrava, e deploro que o Mann Act seja uma lei que se preste a um trocadilho medonho com atos masculinos, a vingança dos deuses da Semântica contra os zelotes de zíper puxado até em cima. Sou seu pai, *estou* falando inglês claro, e eu a amo.

“Finalmente, vamos ver o que aconteceria se você, menor de idade, acusada de ter causado dano à moral de um adulto numa pousada respeitável, o que aconteceria caso viesse a queixar-se à polícia de ter sido raptada e violentada por mim? Vamos supor que acreditassem em você. Uma garota, menor, que permite a uma pessoa de mais de vinte e um anos

conhecê-la carnalmente provoca o enquadramento de sua vítima no que a lei define como estupro, ou sodomia em segundo grau, dependendo da técnica; e a pena máxima é de dez anos. Quer dizer que vou para a cadeia. Muito bem, vou para a cadeia. Mas o que aconteceria com você, minha órfã? Você tem mais sorte que eu. Passaria a ser tutelada pelo Departamento de Assistência Pública — o que infelizmente me soa um tanto árido. Uma bela matrona soturna do tipo da srta. Phelan, só que mais rigorosa e avessa à bebida, iria confiscar seu batom e suas roupas elegantes. Passeios, nunca mais! Não sei se você já ouviu falar das leis que tratam de menores dependentes, abandonados, incorrigíveis e delinquentes. Enquanto me agarro às grades da minha cela, você, feliz criança abandonada, poderá escolher entre várias possíveis residências, todas mais ou menos semelhantes: a escola correcional, o reformatório, o centro de detenção juvenil, ou um desses admiráveis protetorados de moças onde elas têm permissão para tricotar, entoar hinos religiosos e comer panquecas rançosas aos domingos. E para lá você irá, Lolita — *minha* Lolita, *esta* Lolita irá deixar seu Catulo e ali se abrigar, moça espevitada que é. Falando claro, se nós dois formos descobertos, você será analisada e internada, minha bela, *c'est tout*. E irá residir, minha Lolita irá residir (venha aqui, minha flor castanha) com trinta e nove outras cretinas num dormitório imundo (não, deixe-me terminar, por favor) sob a supervisão de matronas horrendas. É esta a situação, é esta a opção. Não acha que diante das circunstâncias Dolores Haze devia era ficar ao lado do seu velho?”

Insistindo nessa conversa, consegui aterrorizar Lo, que a despeito de uma certa sagacidade e de alguns rasgos de presença de espírito não era uma menina tão inteligente quanto o seu Q.I. poderia sugerir. Mas, se consegui estabelecer esse fundo de segredo compartilhado e culpa em comum, fui muito menos bem-sucedido em conservar seu bom humor. Toda manhã durante o nosso ano de viagens eu precisava imaginar alguma expectativa, algum ponto especial no espaço e no tempo que ela pudesse almejar, sobrevivendo assim até a hora de ir deitar. De outro modo, desprovida de uma finalidade que lhe desse forma e sustento, o esqueleto de seu dia perdia a coesão e desabava. O objetivo em vista podia ser qualquer coisa — um farol na Virginia, uma caverna natural convertida em bar no Arkansas, uma coleção de armas e violinos em algum lugar de Oklahoma, uma réplica da Gruta de Lourdes construída em Louisiana, fotografias

desbotadas do auge do período da mineração no museu de um recanto de férias nas Montanhas Rochosas, qualquer coisa, na verdade — mas precisava estar lá, à nossa frente, como uma estrela fixa, embora muito provavelmente Lo acabasse simulando um engasgo assim que chegássemos lá.

Pondo em movimento a geografia dos Estados Unidos, passei horas a fio fazendo o possível para lhe dar a impressão de que estávamos indo “para algum lugar”, de estarmos avançando no rumo de algum destino determinado, de algum deleite fora do comum. Nunca vi estradas mais fáceis e receptivas do que aquelas que agora se irradiavam à nossa frente, atravessando a insana colcha de retalhos dos quarenta e oito estados. Consumíamos vorazmente aquelas longas estradas, num silêncio arrebatado deslizávamos por suas lustrosas e negras pistas de dança. Não só Lo não tinha olhos para o cenário como ficava furiosa toda vez que eu chamava sua atenção para este ou aquele detalhe encantador do panorama; que eu próprio só aprendi a distinguir depois de me ver exposto por algum tempo à delicada beleza sempre presente às margens de nossa viagem imerecedora. Por um paradoxo de pensamento pictórico, as planícies do interior norte-americano me pareciam inicialmente algo que eu geralmente aceitava com um choque de reconhecimento bem-humorado, devido aos quadros de linóleo que eram importados antigamente dos Estados Unidos e pendurados acima das cômodas onde ficavam as bacias e jarras nos quartos de criança da Europa Central, hipnotizando as crianças sonolentas na hora de dormir com as rústicas paisagens verdes que representavam — árvores opacas e cacheadas, um celeiro, algumas reses, um riacho, o branco fosco de vagos pomares em flor, e talvez uma cerca de pedra ou ao fundo colinas de um guache esverdeado. Mas gradualmente os modelos dessas rusticidades elementares foram se tornando mais e mais estranhos aos olhos, quanto mais eu chegava perto de conhecê-los. Para além das planícies cultivadas, para além dos telhados de brinquedo, havia um vagaroso transbordamento regular de beleza inútil, um sol baixo envolto em névoa platinada com um halo de tom mais quente, da cor de um pêssego sem casca, ocupando a camada superior de uma bidimensional nuvem cinza-pombo que se fundia com a amorosa cerração distante. Podia haver uma fileira de árvores espaçadas cujas silhuetas se destacavam contra o horizonte, e meios-dias quentes de ar parado acima de um vasto campo de trevos, e nuvens de

Claude Lorrain inscritas ao longe no azul esbatido só com sua parte de cúmulos destacadas contra o desmaio neutro do fundo. Ou então podia ser um severo horizonte de El Greco, prenhe de uma chuva retinta, e um relance passageiro de algum modesto agricultor de pescoço de múmia, e à toda volta faixas alternadas de água mercurial e milho descaradamente verde, num arranjo que se abria como um leque em algum ponto do Kansas.

De vez em quando, na vastidão dessas planícies, imensas árvores avançavam em nossa direção para aglomerar-se envergonhadas à beira da estrada e proporcionar alguma sombra humanitária sobre uma mesa de piquenique coberta de manchas de sol, copos de papel amassados, sâmaras e palitos de picolé coalhando o chão marrom. Grande usuária de instalações sanitárias de beira de estrada, minha Lo fácil de contentar encantava-se com os letreiros dos lavatórios — Eles-Elas, John-Jane, Jack-Jill e até Cervo-Corça; perdido num sonho de artista, eu contemplava o colorido honesto da parafernália do abastecimento de gasolina contra o esplêndido verde dos carvalhos, ou alguma colina distante que conseguia escapar — coberta de cicatrizes mas ainda selvagem — da violência da agricultura que tentava engolfá-la.

À noite, altos caminhões cravejados de luzes coloridas, lembrando horrendas árvores de Natal gigantes, assomavam na escuridão e passavam como trovões por nosso pequeno sedã usado. E mais uma vez, no dia seguinte, um céu escassamente povoado, perdendo seu azul para o calor, derretia-se acima de nós, Lo clamava por uma bebida, suas bochechas se encovavam com vigor em torno do canudo, o interior do carro estava uma fornalha quando tornávamos a entrar e a estrada bruxuleava à nossa frente, e um carro distante mudava de forma como uma miragem no fulgor da superfície asfaltada, parecendo flutuar por um instante, quadrado e alto como um carro antigo, nas emanações ascendentes do calor. E enquanto seguíamos para o oeste, surgiram manchas de uma planta que o empregado do posto chamava de “artemísia”, depois os contornos misteriosos de montanhas que lembravam mesas, depois penhascos avermelhados salpicados de juníperos, depois uma serra que ia do castanho-claro ao azul e do azul ao sonho, e em seguida o deserto nos recebeu com uma forte ventania, pó, espinhosos arbustos cinzentos e horrendos farrapos de papel higiênico fazendo as vezes de flores brancas presos aos espinhos de caules murchos e ressecados ao longo de toda a estrada, no meio da qual às vezes

surgiam vacas parvas, imobilizadas numa posição (cauda para a esquerda, cílios brancos para a direita) que contrariava todas as regras de trânsito da espécie humana.

Meu advogado sugeriu que eu apresentasse um relato claro e sincero do itinerário que seguimos, e acho que chegamos a um ponto em que não tenho mais como evitar essa tarefa. A grosso modo, durante aquele ano louco (de agosto de 1947 a agosto de 1948), nossa rota começou com uma série de laços e volteios pela Nova Inglaterra, depois percorreu meandros para o sul, para cima e para baixo, para leste e para oeste; mergulhou fundo em *ce qu'on appelle* Dixieland, evitou a Flórida porque lá estavam os Farlow, e desviou para oeste, zigzagueando pelos cinturões do milho e do trigo (não está muito claro, eu sei, Clarence, mas não tomei notas e hoje só tenho ao meu alcance um guia de viagem atrocemente aleijado em três volumes, quase um símbolo do meu passado dilacerado e incompleto, para cotejar essas lembranças); atravessei e tornei a atravessar as Montanhas Rochosas, vaguei por desertos sulinos onde invernamos; cheguei ao Pacífico, tomei o rumo norte através da plumagem de um lilás claro de arbustos em flor ao longo de estradas que cortavam florestas; cheguei quase à fronteira canadense; e segui para o leste, atravessando terras boas e más, de volta para a agricultura em escala colossal, evitando, apesar dos protestos estridentes da pequena Lo, a cidade natal da pequena Lo, situada numa área produtora de milho, carvão e carne suína; e finalmente voltei a refugiar-me na Costa Leste, indo acabar na cidade universitária de Beardsley.

2

Agora, ao ler o que se segue, o leitor deve ter em mente não só o circuito geral que esbocei anteriormente, com seus muitos trajetos colaterais e suas armadilhas para turistas, seus círculos secundários e seus volúveis desvios, mas também o fato de que, longe de uma indolente *partie de plaisir*, nossa jornada foi um crescimento teleológico árduo e tortuoso, cuja única *raison d'être* (esses clichês franceses são sintomáticos) era manter o humor de minha companheira num estado aceitável entre beijo e beijo.

Folheando meu surrado guia de viagem, consigo evocar vagamente aquele jardim de magnólias num estado sulista que me custou quatro

dólares e que, segundo o anúncio do guia, era obrigatório visitar por três motivos: porque John Galsworthy (uma espécie de escritor totalmente surdo) o aclamara como o mais lindo jardim do mundo; porque o Guia Baedeker de 1900 o tinha assinalado com uma estrela; e finalmente, porque... Ó Leitor, meu Gentil Leitor, adivinhe!... porque as crianças (e minha Lolita não era afinal uma criança?) haviam de “percorrer com olhos sonhadores e reverentes essa antessala do Paraíso, absorvendo toda essa beleza que pode influenciar suas vidas”. “A minha não”, comentou Lo aborrecida, instalando-se num banco com todo o conteúdo de dois jornais de domingo no colo adorável.

Percorremos e tornamos a percorrer toda a gama de restaurantes americanos de beira de estrada, desde o modesto Eat com sua cabeça de cervo (rastros escuros de lenta lágrima no canto interno do olho), cartões-postais “humorísticos” do tipo tardio “Kurort”, as comandas dos clientes empaladas, dropes, óculos escuros, imagens publicitárias de *sundaes* celestiais, metade de um bolo de chocolate sob uma redoma de vidro e várias moscas horrivelmente experientes ziguezagueando para seguir a pegajosa trilha do açúcar derramado no balcão ignóbil; até o lugar mais caro com as luzes baixas, toalhas e guardanapos despropositadamente pobres, garçons ineptos (ex-presidiários ou estudantes universitários), as costas salpicadas de sardas de uma atriz de cinema, as sobrancelhas negras e bastas de seu homem do momento, e uma orquestra de trompetistas de terno de corte antiquado.

Inspecionamos a maior estalagmite do mundo numa caverna onde três estados sulinos reúnem-se para um encontro de família; ingresso de acordo com a idade: adultos, um dólar, meninas púberes, sessenta *cents*. Um obelisco de granito erguido para assinalar o local da Batalha de Blue Licks, com velhos esqueletos e a cerâmica dos nativos no museu ao lado, Lo dez *cents*, muito razoável. A cabana de troncos do presente ousando simular a antiga cabana onde Lincoln nasceu. Uma pedra imensa, com uma placa em memória do autor de *Árvores* (a essa altura estamos em Poplar Cove, Carolina do Norte, aonde chegamos pelo que meu guia generoso, tolerante e geralmente tão contido qualifica irritado como “uma estrada muito estreita e malcuidada”, palavras com que, embora longe de ser um seguidor de Kilmer, concordo totalmente). De uma lancha de aluguel operada por um russo branco idoso, mas ainda repulsivamente bonito, um barão pelo que

nos disseram (as palmas das mãos de Lo estavam úmidas, a bobinha), que conhecera na Califórnia o bom e velho Maxímovitch e Valeria, pudemos distinguir a inacessível “colônia dos milionários” numa ilha, em algum ponto ao largo da costa da Georgia. Levamos mais adiante nossa inspeção: uma coleção de cartões-postais com imagens de hotéis europeus num museu dedicado aos passatempos num local de férias do Mississippi, onde com uma quente onda de orgulho encontrei uma foto colorida do Mirana de meu pai, seus toldos de lona listrada, sua bandeira ao vento acima das palmeiras retocadas. “E daí?”, perguntou Lo, apertando os olhos para o bronzeado proprietário de um automóvel caro que entrara atrás de nós na Casa do Passatempo. Relíquias da era do algodão. Uma floresta no Arkansas e, em seu ombro moreno, um inchaço rosado e roxo (produzido por algum inseto) que aliviei de seu belo veneno translúcido entre as longas unhas dos meus polegares e em seguida suguei até engasgar com seu sangue picante. A Bourbon Street (numa cidade chamada Nova Orleans) cujas calçadas, dizia o guia de viagem, “podem [e gosto do ‘podem’] ser frequentadas por molecotes que irão [e gosto ainda mais do ‘irão’] sapatear por alguns trocados” (que coisa mais divertida), enquanto “seus inúmeros e discretos clubes noturnos vivem repletos de visitantes” (que gente salaciosa). Coleções de produtos folclóricos da fronteira. Casas anteriores à Guerra Civil com sacadas de ferro ornamentado e escadas feitas à mão, o tipo que as damas do cinema desciam com os ombros beijados pelo sol no mais rico Technicolor, erguendo a frente de suas saias rodadas com as duas mãozinhas daquele jeito especial, e a negra dedicada balançando a cabeça no andar de cima. A Fundação Menninger, uma clínica psiquiátrica, só por não ter mais o que fazer. Uma área de linda argila erodida, e flores de iúca, tão puras, tão cerosas, mas infestadas de rastejantes moscas brancas. Independence, Missouri, o ponto de partida da Antiga Trilha do Oregon; e Abilene, Kansas, onde foi criado o Rodeio de Wild Bill de Tal. Montanhas distantes. Montanhas próximas. Mais montanhas; belezas azuladas que nunca atingíamos, ou que se transformavam a cada vez numa colina habitada atrás da outra; cadeias montanhosas do sudeste, pífias na altitude em matéria de alpes; colossos cinzentos de pedra que dilaceram os céus e nossos peitos, picos implacáveis que surgem do nada a uma curva do caminho; enormidades arborizadas, com um sistema de abetos sobrepostos quase em ordem, interrompido aqui e ali por manchas mais claras de faias;

formações cor-de-rosa e lilases da flora, faraônicas, fálicas, “pré-históricas demais para palavras” (Lo *blasée*); irrupções isoladas de lava negra; montanhas no início da primavera com uma lanugem de elefantinho ao longo da espinha; montanhas no fim do verão, totalmente arqueadas, suas pesadas patas egípcias ocultas sob dobras e mais dobras de veludo castanho-claro roído de traça; colinas de flocos de aveia, salpicadas de carvalhos verdes e redondos; uma derradeira montanha arruivada tendo aos pés um rico tapete de luzerna.

Além disso, ainda inspecionamos: o Little Iceberg Lake, em algum ponto do Colorado, as encostas nevadas, as almofadinhas de minúsculas flores alpestres, e mais neve; em que Lo com um gorro de pompom vermelho tentou deslizar, depois gritou, sendo alvejada pelas bolas de neve de um grupo de meninos a que respondeu na mesma moeda *comme on dit*. Esqueletos de faias calcinadas, irrupções de flores azuis de pétalas em ponta. As várias atrações de uma estrada panorâmica. Centenas de estradas panorâmicas, milhares de Córregos do Urso, Fontes de Espuma, Cânions das Cores. No Texas, uma planície devastada pela seca. O Salão de Cristal da caverna mais extensa do mundo, livre ingresso para crianças de até 12 anos, Lo uma jovem cativa. Uma coleção das esculturas feitas à mão por uma senhora local, fechada numa deplorável manhã de segunda-feira, poeira, vento, terra seca. Conception Park, numa cidade junto à fronteira do México que não teve a coragem de atravessar. Lá e em outras partes, centenas de beija-flores cinzentos ao cair da tarde, sondando a garganta de flores esbatidas. Shakespeare, uma cidade fantasma no Novo México onde o bandido Russian Bill fora festivamente enforcado setenta anos antes. Criadouros de peixes. Residências escavadas nas encostas. A múmia de uma criança (contemporânea indígena da Beatriz florentina). Nosso vigésimo Desfiladeiro do Inferno, *Hell's Canyon*. Nossa quinquagésima Passagem para alguma coisa, *fide* aquele nosso guia turístico, cuja capa a essa altura já se perdera muito antes. Um carrapato na minha virilha. Sempre os mesmos três velhos, de chapéu e suspensórios, passando a tarde ociosa de verão à sombra das árvores perto da fonte pública. Um panorama azul enevado para além de um guarda-corpo num desfiladeiro, e as costas de uma família que o contemplava (com Lo, num sussurro quente, feliz, animado, intenso, esperançoso, desesperado — “Olhe, são os McCrystal, por favor, vamos falar com eles, por favor” — vamos falar com eles, leitor!

— “por favor! Eu faço qualquer coisa que você quiser, ah, por favor...”). Danças cerimoniais indígenas, estritamente comerciais. ART: American Refrigerator Transit Company, a arte americana do transporte refrigerado. Óbvio Arizona, povoados dos pueblos, pictogramas aborígenes, uma pegada de dinossauro num cânion do deserto, deixada trinta milhões de anos atrás, quando eu era uma criança. Um rapaz magro e muito branco de mais ou menos um metro e oitenta com um pomo-de-adão muito móvel, os olhos pregados em Lo e em sua barriga exposta de um castanho alaranjado, que bejei cinco minutos mais tarde, meu rapaz. Inverno no deserto, fontes nas encostas, amendoeiras em flor. Reno, uma desolada cidade em Nevada, com uma vida noturna apregoada como “cosmopolita e madura”. Um vinhedo na Califórnia, com uma igreja construída na forma de um tonel de vinho. O Vale da Morte. O Castelo de Scotty. Obras de Arte colecionadas por um certo Rogers ao longo de muitos anos. As feias mansões de lindas atrizes. A pegada de R. L. Stevenson num vulcão extinto. A Missão Dolores: bom título para um livro. Festões de arenito escavados pelas ondas. Um homem entregue a um profuso ataque epiléptico no chão no Parque Estadual de Russian Gulch. O Crater Lake, lago da cratera, azul azul. Um criadouro de peixes em Idaho e a Penitenciária do Estado. O soturno Parque de Yellowstone e as cores de suas fontes de água quente, seus gêiseres bebês, seus arco-íris de lama borbulhante — símbolos da minha paixão. Um rebanho de antílopes num refúgio de vida selvagem. Nossa centésima caverna, adultos um dólar, Lolita cinquenta cents. Um *château* construído por uma legítima marquesa francesa em Dakota do Norte. O Palácio do Milho em Dakota do Sul, e as imensas cabeças dos presidentes esculpidas em altas escarpas de granito. A Mulher Barbada leu nosso reclame, agora se casou e é chamada de madame. Um zoológico em Indiana onde um imenso batalhão de macacos vivia numa réplica em concreto da capitânea de Cristóvão Colombo. Bilhões de efeméridas mortas ou semimortas, cheirando a peixe, em todas as janelas de todos os restaurantes e bares ao longo de um enfadonho litoral de areia. Gaivotas gordas pousadas em pedras imensas como as vistas da barça *City of Cheboygan*, cuja fumaça marrom e lanosa se arqueava e mergulhava em cima da sombra verde que lançava sobre as águas muito claras do lago. Um motel cujo duto de ventilação passava por baixo do esgoto da cidade. A casa de Lincoln, em

grande parte falsificada, com livros na sala de espera e móveis de época que a maioria dos visitantes aceitava reverente como pertences pessoais.

Tivemos brigas, maiores e menores. As mais importantes ocorreram: em Lacework Cabins, Virginia; na Park Avenue, em Little Rock, perto de uma escola; em Milner Pass, a 3.280 metros de altitude, no Colorado; na esquina da Rua Sete com a Central Avenue em Phoenix, Arizona; na Rua Três, em Los Angeles, porque os ingressos para as visitas a algum estúdio estavam esgotados; num motel chamado Poplar Shade em Utah, onde cinco árvores púberes mal eram mais altas que a minha Lolita, e onde ela perguntou, *à propos de rien*, quanto tempo eu achava que ainda íamos continuar vivendo em chalés sufocantes, fazendo aquelas imundícies um com o outro e nunca nos comportando como pessoas normais? Em North Broadway, Burns, Oregon, esquina de West Washington, diante da Safeway, uma mercearia. Em alguma cidadezinha do Sun Valley de Idaho, diante de um hotel de tijolinho, tijolos mais claros e mais vermelhos belamente combinados, tendo, do outro lado da rua, um choupo que lançava sua sombra líquida por toda a área onde ficava a Lista de Honra dos habitantes locais. Num matagal de artemísias, entre Pinedale e Farson. Em algum lugar de Nebraska, na Main Street, perto do First National Bank, fundado em 1889, com a visão de trilhos que cruzavam a perspectiva da rua, e além deles os tubos brancos de órgão de um silo múltiplo. E na McEwen Street, esquina da Wheaton Avenue, numa cidade de Michigan que atendia pelo primeiro nome dele.

E ficamos conhecendo essa curiosa espécie de beira de estrada, o Caroneiro, para a ciência o *Homo pollex*, em todas as suas muitas subespécies e variedades: o soldado modesto e impecável, calmamente à espera, calmamente cômico do apelo viático da roupa cáqui; o escolar que quer percorrer dois quarteirões; o assassino que quer percorrer dois mil quilômetros; o senhor misterioso, nervoso e de uma certa idade, com a mala novinha e o bigode bem aparado; um trio de mexicanos otimistas; o universitário ostentando a sujeira acumulada no trabalho ao ar livre das férias com orgulho igual ao do nome da faculdade famosa em arco no peito do casaco de malha; a senhora desesperada cuja bateria acaba de morrer na estrada; os jovens ferozes de porte elegante, cabelos lustrosos, olhos esquivos e rosto pálido, com camisas e paletós de cores berrantes, exibindo

com vigor quase priápico polegares espásticos para apelar a mulheres solitárias ou a desajustados caixeiros-viajantes com desejos fora da norma.

“Vamos dar carona a esse”, pedia muitas vezes Lo, esfregando um joelho no outro num cacoete, quando algum *pollex* especialmente repulsivo, homem da mesma idade que eu e ombros da mesma largura, com a *face à claques* de um ator desempregado, surgia caminhando de costas praticamente no caminho do nosso carro.

Ah, eu precisava manter Lo, a linda e lânguida Lo, sob estreita vigilância! Devido talvez a nosso exercício amoroso constante, ela emanava, não obstante sua aparência muito infantil, um certo fulgor langoroso singular que despertava em frentistas de posto de gasolina, carregadores de hotel, viajantes, cafajestes em carros de luxo, imbecis bronzeados à beira de piscinas azuladas, assomos de concupiscência que até poderiam ser lisonjeiros à minha vaidade, se não aticassem meu ciúme. Porque a bela Lo tinha plena consciência dessa sua aura, e muitas vezes a surpreendi *coulant un regard* para algum rapagão vistoso, algum jovem de macacão manchado de graxa, com o antebraço nodoso e queimado de sol e o relógio cingindo o pulso, e mal eu virava as costas para ir comprar um pirulito para essa mesma Lo, já ouvia o belo mecânico prorromper com ela num perfeito dueto amoroso de gracejos.

Quando, no decorrer de nossas paradas mais longas, eu procurava descansar um pouco depois de uma manhã especialmente violenta na cama, e graças à bondade de meu coração aplacado permitia a Lolita — Hum, tão indulgente! — visitar o jardim ou a biblioteca do outro lado da rua com a feiosa Mary e o irmãozinho desta de oito anos, vizinhos de quarto de motel, Lo acabava voltando com uma hora de atraso, a descalça Mary a acompanhá-la muito de longe, e o irmãozinho metamorfoseado em dois ginasianos louros desengonçados e desagradáveis, só músculos e gonorreia. Bem pode o leitor imaginar o que eu respondia à minha linda quando — sem muita segurança, admito — ela me perguntava se podia ir com os dois, Carl e Al, até o rинque de patinação.

Lembro-me da primeira vez, uma tarde ventosa e empoeirada, que lhe permiti ir a um desses rинques. Com crueldade, ela me disse que não teria a menor graça se eu fosse com ela, pois aquele horário era reservado aos jovens. E conseguimos chegar a um meio-termo: eu ficaria no carro, cercado por outros carros (vazios) de nariz apontado para o rинque ao ar

livre com seu teto de lona, onde cerca de cinquenta adolescentes, muitos aos pares, rolavam infinitamente em círculos ao som de música mecânica, e o vento prateava as árvores. Dolly usava jeans e botinhas brancas, como a maioria das outras meninas. Eu computava as voltas completadas pela massa sobre rodas — e de repente ela não estava mais lá. Quando tornou a passar por mim, vinha junto com três vagabundos que eu ouvira pouco antes analisar de fora as moças patinadoras — fazendo pouco de uma jovem pernalta mas adorável que chegara usando um short vermelho, em vez de jeans ou calças compridas.

Nos postos de inspeção das estradas interestaduais, na entrada do Arizona ou da Califórnia, uma espécie de policial nos examinava com tamanha intensidade que meu pobre coração ameaçava parar. “Algum mel?”, perguntava ele, e a cada vez minha doce boba-alegre prorrompia em risinhos. Ainda tenho, vibrando ao longo do meu nervo óptico, visões de Lo a cavalo, mais um elo no comboio de uma excursão guiada por uma antiga trilha de tropeiros: Lo balançando ao passo da montaria, com uma idosa amazona à sua frente e um libidinoso guia local logo atrás; e eu atrás dele, odiando suas costas gordas e sua camisa florida com fervor ainda maior que o de um motorista detestando o vagaroso caminhão à sua frente numa subida de serra. Ou então, numa estação de esqui, eu a seguia com os olhos enquanto ela flutuava para longe de mim, celestial e solitária, num teleférico etéreo, cada vez mais alto, rumo a um pico cintilante onde atletas sem camisa sorriam à espera dela, só dela.

Em qualquer cidade que parássemos eu indagava, com meus civilizados modos europeus, acerca da localização dos natatórios, dos museus, das escolas locais, do número de estudantes matriculados na escola mais próxima e assim por diante; e no horário de passagem do ônibus escolar, sorridente e com um ligeiro espasmo no rosto (descobri esse *tic nerveux* porque a cruel Lo foi a primeira a imitá-lo), eu estacionava em algum ponto estratégico, com minha gazeteira a meu lado no carro, para ver as crianças saindo da escola — sempre um lindo panorama. Esse tipo de coisa em pouco tempo começava a entediar minha tão facilmente entediável Lolita, e, tomada por uma infantil falta de tolerância para com os caprichos alheios, ela emitia improperios contra mim e o meu desejo de que me acariciasse enquanto pequenas morenas de olhos azuis e shorts da mesma

cor, ruivas de bolero verde e vagas louras longilíneas de calças desbotadas passavam por nós ao sol.

Como uma espécie de compensação, eu advogava amplamente, em todo lugar e a todo momento possível, o livre uso das piscinas na companhia de outras garotas. Ela adorava as águas cintilantes e mergulhava notavelmente bem. Envolto num confortável roupão, eu me instalava em plena vasta sombra vespertina depois de minha própria comedida imersão, e ali ficava sentado, com o pretexto de um livro aberto ou de um saco de bombons, ou ambos, ou sem nada além de minhas glândulas fervilhantes, a observar seus saltos, protegida pela touca de borracha perolada, com um bronzeado sedoso, feliz como uma atriz, em sua justa parte de baixo de cetim e seu sutiã pregueado de lastex. Adorável adolescente! Como eu me envaidecia ao pensar maravilhado que ela era minha, minha, minha, rememorando os mais recentes embates matinais aos gemidos de pombas carpideiras, planejando os do final da tarde e, apertando meus olhos aguilhoados pelo sol, comparando Lolita às outras ninfetas eventuais que o acaso parcimonioso tivesse reunido à sua volta para meu deleite e cotejo antológicos; e hoje, pondo a mão em minha devastada consciência, realmente não acho que nenhuma delas pudesse ultrapassá-la em desejabilidade ou, se a superassem, isto só teria ocorrido duas ou três vezes, no máximo, e a uma certa luz, na ocasião em que a mistura de certos perfumes pairava no ar — uma vez no caso perdido de uma pálida menina espanhola, filha de um aristocrata de queixo quadrado, e outra — *mais je divague*.

Naturalmente, eu precisava estar sempre atento, pois percebia plenamente, na lucidez dos meus ciúmes, o perigo daquelas extravagantes travessuras. Eu virava as costas por um momento — para, por exemplo, dar alguns passos e ir ver se nosso chalé já estava finalmente arrumado depois da troca matinal dos lençóis — e eis que, ao regressar, encontrava Lo, *les yeux perdus*, batendo os pés de dedos longos na água da base da borda de pedra em que se refestelava ao mesmo tempo que, de cada lado dela, acocorava-se um *brun adolescent* que aquela beleza arruivada e as gotas de mercúrio acumuladas nas dobrinhas de bebê de sua barriga certamente fariam *se tordre* — ah, Baudelaire! — em sonhos recorrentes por meses a fio.

Tentei ensiná-la a jogar tênis para que pudéssemos ter mais diversões em comum; mas embora eu tivesse jogado bem na juventude, demonstrei ser péssimo professor; e assim, na Califórnia, inscrevi-a para uma série de aulas caríssimas com um treinador famoso, um veterano rouco e enrugado cercado por um harém de pequenos pegadores de bola; fora da quadra ele parecia uma ruína humana, mas de tempos em tempos quando, no decorrer de uma aula, para manter animada a troca de bolas, ele emitia por assim dizer o broto primaveril de um toque especial e devolvia a bola à sua aluna com uma rebatida sonora, aquela delicadeza divina de energia sob controle fazia-me lembrar de que, trinta anos antes, eu estava na plateia em Cannes enquanto *ele* mesmo demolia o grande Gobbert! Até Lolita começar a ter essas aulas, achei que ela jamais aprenderia a jogar. Nessa ou naquela quadra de hotel eu treinava Lo, e tentava reviver os dias em que, abafado por um vento quente, um nevoeiro de pó e uma lassidão silenciosa, eu mandava bola atrás de bola para a alegre, inocente e elegante Annabel (cintilação de bracelete, saia branca plissada, fita de veludo negro nos cabelos). A cada persistente palavra de instrução eu só fazia aumentar a fúria emburrada de Lo. Em vez dessas nossas partidas, estranhamente, ela preferia — pelo menos até chegarmos à Califórnia — trocas de bola sem limite e sem contagem — antes uma caça à bola que propriamente um jogo — com uma sussurrante, fraca e esplendidamente linda, à maneira de *ange gauche*, coetânea sua. Espectador esperançoso, eu me dirigia a essa outra menina, e sorvia seu tênue aroma almiscarado enquanto tocava seu antebraço e agarrava seu pulso nodoso, e empurrava para cá ou para lá sua coxa fria a fim de mostrar-lhe a melhor posição para o *backhand*. Entrementes, Lo se inclinava e deixava seus cachos castanhos ensolarados penderem para a frente enquanto cravava sua raquete, como a bengala de um aleijado, no chão e emitia um tremendo urro de repulsa em resposta à minha intrusão. Eu as deixava então às voltas com seu jogo e voltava apenas a assistir, comparando seus corpos em movimento, com um lenço de seda envolto em meu pescoço; isso foi no sul do Arizona, creio eu — e os dias deixavam um lento rastro de calor, e a desajeitada Lo tentava golpear a bola com força mas errava, e xingava, e mandava um simulacro de saque sempre na rede, exibindo a penugem úmida, reluzente e jovem de suas axilas ao brandir a raquete em desespero, e sua parceira ainda mais insípida corria com empenho atrás de cada bola sem alcançar nenhuma; mas as duas

se divertiam lindamente, e a cada troca concluída, com voz límpida e sonora, anunciavam a contagem exata de suas inépcias.

Um dia, eu me lembro, ofereci-me para trazer-lhes refrescos do hotel, e subi o caminho de cascalho, voltando com dois copos altos de suco de abacaxi, soda e gelo; e então um vácuo súbito dentro do meu peito me deteve quando vi a quadra de tênis deserta. Parei para pousar os copos num banco e por algum motivo, com uma espécie de nitidez gelada, vi o rosto de Charlotte na morte, olhei à minha volta e percebi Lo, de short branco, caminhando através das sombras sarapintadas de um sendeiro do jardim na companhia de um homem que carregava duas raquetes. Disparei atrás deles, mas enquanto atravessava desesperado o mato rasteiro, vi, numa visão alternativa, como se o curso da vida se dividisse em bifurcações constantes, Lo, de calças, e sua companheira, de short, palmilhando de um lado para outro uma pequena área coberta de mato mais alto, e abaixando as moitas com suas raquetes numa busca desesperançada de sua bola perdida.

Relaciono aqui essas ensolaradas ninharias principalmente para demonstrar a meus juízes que fiz tudo a meu alcance para proporcionar bons momentos à minha Lolita. Como era encantador vê-la, ela própria uma criança, exibir para outra criança alguma de suas poucas habilidades, como por exemplo um modo especial de pular corda. Com a mão direita segurando o braço esquerdo por trás das costas nada bronzeadas, a ninfeta menor, diáfana e deliciosa, era toda olhos, tanto quanto o sol pavonino era todo olhos sobre o cascalho que atapetava as árvores em flor, enquanto em meio àquele paraíso oculado minha reles e arruivada menina saltitava, repetindo os movimentos de tantas outras que tinham despertado minha admiração nas calçadas e patamares ensolarados, molhados e cheirando à umidade da antiga Europa. Em seguida devolveu a corda à sua pequena amiga hispânica e ficou observando por sua vez a lição repetida, afastando a franja da testa, cruzando os braços e pisando com a ponta de um pé na ponta do outro, ou deixando as mãos caírem soltas por sobre os quadris ainda estreitos, enquanto eu verificava se as malditas camareiras tinham finalmente acabado de arrumar nosso chalé; depois do que, disparando um sorriso para a tímida e morena dama de companhia da minha princesa, e enterrando fundo meus dedos paternais nos cabelos de Lo pelas costas, cerrando-os em seguida sem violência mas com firmeza em torno de sua

nuca, conduzi minha relutante menina à nossa casinha para uma rápida conexão antes do jantar.

“Que bicho lhe mordeu?”, alguma senhora carnuda, madura e de repulsiva boa aparência para quem eu era especialmente atraente podia me perguntar no “salão”, durante um jantar de menu fixo seguido de música para dançar prometido a Lo. E essa era uma das razões pelas quais eu procurava manter-me o mais longe possível das pessoas, enquanto Lo, por outro lado, fazia o possível no sentido de atrair para sua órbita o maior número de testemunhas que conseguia reunir.

Falando figurativamente, ela abanava o rabinho, na verdade todo o traseiro, como fazem as cachorras pequenas — quando algum desconhecido de dentes à mostra nos abordava e dava início a uma conversa brilhante com um estudo comparativo das placas dos automóveis. “Como estão longe de casa!” Pais inquisitivos, decididos a extrair de Lo informações a meu respeito, sugeriam que ela fosse com os filhos deles ao cinema. Várias vezes escapamos por pouco. O incômodo das descargas me perseguia, claro, em todos os caravancharás. Mas só fui perceber até que ponto a substância de suas paredes era porosa numa noite em que, depois de eu ter amado alto demais, o pigarro masculino de um vizinho insinuou-se tão claramente na pausa quanto se eu o tivesse produzido; e na manhã seguinte, quando eu tomava meu café da manhã na lanchonete (Lo sempre acordava tarde, e eu gostava de lhe levar uma caneca de café quente na cama), meu vizinho da véspera, um idiota de uma certa idade equilibrando óculos feios em seu virtuoso nariz comprido e portando na lapela um distintivo de convenção, conseguiu de algum modo travar conversa comigo, no decorrer da qual me perguntou se a minha senhora era como a dele, bem demorada em levantar da cama sempre que dormia fora da fazenda; e caso o perigo horrendo que eu tentava contornar não me deixasse quase asfixiado, eu poderia até ter achado divertido o ar de surpresa em seu rosto de lábios finos e pele crestada quando respondi secamente, deslizando para fora da minha banquetta, que graças a Deus eu era viúvo.

Como era adorável levar aquele café para ela, e depois recusar-me a entregá-lo até ela cumprir seu dever matinal. E eu era um amigo tão dedicado, um pai tão amoroso, um pediatra tão bom, respondendo a todas as necessidades do corpo da minha pequena morena ebúrnea. Minha única queixa da natureza era não poder virar minha Lolita do avesso para aplicar

lábios vorazes ao seu jovem útero, a seu coração incógnito, a seu fígado nacarado, às algas flutuantes dos seus pulmões, a seus rins lindamente gêmeos. Nas tardes especialmente tropicais, na intimidade pegajosa da sesta, eu gostava da sensação fresca do couro da poltrona contra minha volumosa nudez enquanto eu a equilibrava em meu colo. E lá ela se deixaria ficar, uma típica criança que enfia o dedo no nariz concentrada nas seções mais ligeiras do jornal, tão indiferente a meu êxtase como se fosse alguma coisa em que se tivesse sentado por acidente — um sapato, uma boneca, o punho de uma raquete de tênis — e a preguiça a impedisse de remover. Seus olhos acompanhavam as aventuras de seus personagens favoritos dos quadrinhos: uma delas era uma adolescente bem desenhada embora descuidada, com as maçãs do rosto acentuadas e gestos angulares, que eu próprio às vezes também acompanhava; ela estudava os registros fotográficos de colisões frontais; nunca punha em dúvida a suposta autenticidade do lugar, da hora e das circunstâncias dos flagrantes publicitários de beldades de coxas à mostra; e ficava curiosamente fascinada pelas fotografias das noivas locais, às vezes plenamente paramentadas, segurando seus buquês de óculos.

Moscas podiam pousar e caminhar nas proximidades do seu umbigo ou explorar suas aréolas claras e macias. Ela tentava capturá-las com a mão (o método de Charlotte) e depois voltava à coluna Explorando a nossa Mente.

“Explorando a nossa mente. Os crimes sexuais diminuiriam caso as crianças respeitassem algumas proibições básicas? Evitar brincar perto de banheiros públicos. Recusar doces ou caronas de estranhos. Caso aceitem, anotar sempre a placa do carro.”

“...e a marca do doce”, sugeri.

Ela continuou, o rosto (recuando) próximo do meu (avançando); e esse era um dos dias bons, atentai, ó leitor!

“Se você não tiver um lápis, mas já souber ler —”

“Nós”, completei de improviso, “marinheiros medievais, lançamos ao mar nesta garrafa —”.

“Se”, repetiu ela, “você não tiver um lápis, mas já souber ler e escrever — é isso que o sujeito escreveu, seu cretino —, risque o número como puder em algum ponto da beira da estrada”.

“Com suas pequenas garras, Lolita.”

Ela entrara no meu mundo, a sombria e brumosa Humberlândia, com uma curiosidade crua; passava suas paisagens em revista encolhendo os ombros de bem-humorado desgosto; e a essa altura parecia-me prestes a recusá-lo com algo parecido a uma repulsa declarada. Nunca ela vibrava ao meu toque, e um estridente “o que você acha que está fazendo?” era só o que eu recebia em resposta aos meus esforços. Ao país das maravilhas que eu tinha a lhe oferecer, minha tola preferia os filmes mais melosos, a calda açucarada mais viscosa. E pensar que entre um Hambúrguer e um Humbúrguer ela fosse — invariavelmente, com uma precisão gélida — preferir sempre o primeiro. Não existe crueldade mais atroz que a de uma criança adorada. Mencionei o nome da lanchonete que visitei um pouco antes? Entre todas as possibilidades, era justamente A Rainha Frígida. Sorrindo com uma certa tristeza, eu a apelidei de Minha Princesa Frígida. E ela não percebeu o suplicante jogo de palavras.

Ah, não me olhe com esse ar de desprezo, leitor, não estou tentando dar a entender que eu jamais conseguisse ser feliz. O leitor precisa entender que, na posse e no serviço de uma ninfeta, o viajante encantado se vê, por assim dizer, *além da felicidade*. Pois não há bem-aventurança na terra que se compare a acariciar uma ninfeta. É *hors concours*, esse deleite, e pertence a uma outra classe, a um outro plano da sensibilidade. Apesar de nossos arrufos, apesar da maldade que ela exercia, apesar de todo o esperneio e de todas as caretas que me dirigia, da vulgaridade, do perigo e da horrível desesperança de tudo, eu ainda flutuava nas profundezas do meu paraíso de eleição — um paraíso cujos céus tinham a cor das chamas do inferno —, mas ainda assim um paraíso.

O competente psiquiatra que estuda meu caso — e em quem o dr. Humbert, a esta altura, já deve ter provocado, acredito, um estado de fascínio leporino — estará sem dúvida ansioso para me ver levando minha Lolita à beira-mar e acompanhar atento a descrição de como ali deparo, finalmente, com a “gratificação” de um impulso de toda a vida, libertando-me assim da obsessão “subconsciente” de um incompleto romance de juventude com a pequena e inaugural srta. Lee.

Pois bem, camarada, deixe-me dizer-lhe que *de fato* perambulei à procura de uma praia, embora também precise confessar que, no momento

em que chegamos à sua miragem de águas cinzentas, tantas delícias já me haviam sido concedidas por minha companheira de viagem que a procura de um Reino à Beira-Mar, uma Riviera Sublimada ou seja lá o que for, longe de ser um impulso do subconsciente, transformara-se na busca racional de um transe puramente teórico. Os anjos sabiam disso, e dispuseram das coisas em consonância. Uma visita a uma gruta plausível na costa atlântica foi completamente arruinada pelo mau tempo. Um céu úmido e espesso, ondas lodosas, a sensação de um nevoeiro sem limites embora de algum modo muito banal — e o que poderia ser mais diverso do encanto nítido, da ocasião de safira e das rosadas circunstâncias do meu romance da Riviera? Algumas praias semitropicais na região do Golfo do México, embora devidamente claras, eram infestadas de criaturinhas venenosas, e varridas pelos ventos dos furacões. Finalmente, numa praia da Califórnia, de frente para o fantasma do Pacífico, encontrei um recanto razoavelmente perverso numa espécie de caverna de onde se podiam ouvir os gritos de várias bandeirantes mocinhas dando seus primeiros mergulhos nas ondas de uma parte separada da praia, por trás de árvores quase apodrecidas; mas a névoa parecia um cobertor molhado, e a areia era áspera e grudenta, Lo ficou com a pele arrepiada coberta de areia grossa e, pela primeira vez na vida, senti por ela tão pouco desejo quanto por um peixe-boi. Talvez meus escolados leitores sintam-se melhor depois do seguinte: ainda que tivéssemos encontrado um trecho simpático de costa em algum lugar, teria sido tarde demais, pois minha verdadeira libertação já ocorrera muito antes: no exato momento, para ser preciso, em que Annabel Haze, aliás Dolores Lee, aliás Loleeta, apareceu-me dourada e morena, ajoelhada, olhando para cima, naquela varanda desconjuntada, no que pode ter sido uma disposição litorânea fictícia e desonesta, mas eminentemente satisfatória (embora nas proximidades não houvesse nada além de um lago de segunda).

Mas basta dessas sensações especiais, influenciadas, se não efetivamente provocadas, pelas premissas da psiquiatria moderna. Consequentemente, fiz meia-volta — fiz minha Lolita dar meia-volta — das praias que ou eram desoladas demais ao cair da tarde ou populosas demais quando o sol brilhava. No entanto, a título de lembrança, creio eu, das minhas buscas baldadas pelas praças públicas da Europa, ainda sentia um interesse agudo pelas atividades ao ar livre e um desejo intenso de brincar

em novos espaços abertos, onde já sofrera tantas privações embaraçosas. E aqui também a frustração me esperava. O desapontamento que agora preciso registrar (enquanto opero essa suave transição na minha narrativa, que gradualmente passa a relatar o risco e o temor permanentes atravessados na minha bem-aventurança) não reflete de maneira alguma as paisagens naturais americanas, líricas, épicas e trágicas mas jamais arcádicas. São lindas, dilacerantemente lindas, essas paisagens, com uma qualidade impensada, jamais mencionada, inocente de entrega que minhas laqueadas aldeias suíças, impecáveis como brinquedos novos, e os Alpes exaustivamente louvados não mais possuem. Inumeráveis amantes enlaçaram-se e trocaram beijos na relva aparada das encostas do Velho Mundo, no musgo próximo às nascentes, ao lado de um oportuno e higiênico regato, em bancos rústicos ao pé de carvalhos escavados de iniciais, e no interior de incontáveis *cabanes* em bosques de faias igualmente inumeráveis. Nas paisagens naturais da América, porém, o amante ao ar livre não terá facilidade para entregar-se a esse mais antigo dos crimes e passatempos. Ervas venenosas queimam as nádegas de sua amada, insetos sem nome picam as suas; objetos pontiagudos do solo da floresta ferem-lhe os joelhos, insetos atacam os dela; e à toda volta tem-se a consciência do rastejar contido de serpentes em potencial — *que dis-je*, de dragões incompletamente extintos! — enquanto sementes eriçadas de flores ferozes aferram-se, com suas horrendas carapaças verdes, tanto à meia preta suspensa por sua liga quanto à descuidada soquete branca.

Exagero um pouco. Certo meio-dia de verão, quase no limite da linha das árvores, onde flores de cor celestial que eu me atreveria a definir como esporinhas aglomeravam-se ao longo de um risonho regato de montanha, encontramos, Lolita e eu, um discreto local romântico, uns vinte e tantos metros acima da passagem onde deixáramos o carro. A encosta parecia nunca pisada. Um último pinheiro arquejante fazia uma merecida pausa para recobrar o fôlego apoiado no penhasco que conseguira escalar. Uma tímida marmota assobiou para nós e retirou-se. Por baixo da manta que estendi para Lo, flores secas crepitavam baixinho. Vênus chegou e passou. O eriçado penhasco que coroava o talude mais alto e um emaranhado de arbustos que crescia logo abaixo de nós pareciam proporcionar-nos a proteção necessária tanto do sol quanto do homem. Fatalmente, porém, eu

não me dera conta de uma apagada trilha secundária que subia descrevendo finórios meandros por entre pedras e arbustos, a poucos metros de nós.

Foi dessa vez que passamos mais perto de sermos detectados do que em qualquer outro momento, e não admira que a experiência tenha abolido para sempre meu interesse por amores campestres.

Lembro que a operação tinha acabado, acabado por completo, e ela chorava em meus braços — uma tempestuosa salva de soluços depois de uma das súbitas alterações de humor que se tinham tornado tão frequentes no curso daquele ano de resto admirável! Eu acabara de retirar alguma promessa sem importância que ela me forcara a fazer num momento de paixão cega e impaciente, e ela respondera estendendo-se de bruços, chorando e beliscando minha mão que a acariciava, e eu ria feliz, e o horror atroz, inacreditável, insuportável e, desconfio, eterno que *agora* reconheço ainda era um mero ponto negro no azul da minha bem-aventurança; e lá estávamos os dois estendidos quando, com um desses sobressaltos que acabaram por desencaixar meu coração de seu lugar devido, deparei com os olhos fixos e escuros de duas lindas crianças desconhecidas, fauneto e ninfeta, que as idênticas cabeleiras pouco densas de cabelos escuros e faces exangues proclamavam pelo menos irmãos, quem sabe gêmeos. Detiveram-se curvados, olhando para nós, ambos envergando macacões azuis que se confundiam com as flores da montanha. Puxei a manta em busca desesperada de cobertura — e, no mesmo preciso instante, algo que me lembrou uma imensa bola de borracha decorada de bolinhas em meio às moitas transformou-se na figura gradualmente mais ereta de uma senhora corpulenta com cabelos curtos da cor da asa do corvo, que automaticamente acrescentou um lírio silvestre a seu buquê ao mesmo tempo que nos olhava por cima do ombro logo além de suas adoráveis crianças escavadas em granito azulado.

Hoje, que carrego muitos outros estragos na consciência, sei que sou um homem corajoso, mas naquele tempo ainda não sabia disso, e me lembro de ficar surpreso com meu sangue-frio. Com ordens murmuradas em voz baixa como as que se usam para comandar um animal treinado, manchado de suor, agitado e obediente, mesmo na pior das dificuldades (que esperança louca, ou que ódio louco, faz pulsar os flancos da jovem criatura, quantas estrelas negras cravam-se no coração do domador!), eu disse a Lo que se levantasse, e caminhamos decorosamente, e depois

rompemos num trote indecoroso, até o carro. Atrás dele via-se uma vistosa caminhonete estacionada, e um belo assírio com uma curta barba negro-azulada, *un monsieur très bien*, de camisa de seda e calças magenta, presumivelmente o marido da robusta botânica, fotografava com expressão grave a tabuleta que assinalava a altitude do local. Era de bem mais que 3.000 metros, e eu estava praticamente sem fôlego; com uma pisada forte e as rodas patinando partimos dali, Lo ainda engalfinhada com suas roupas e me amaldiçoando com uma linguagem que eu jamais sonhara ser do conhecimento, quanto mais do uso, de uma menina de sua idade.

Houve outros incidentes desagradáveis. Como um certo cinema, por exemplo. Na época, Lo ainda tinha pelo cinema uma verdadeira paixão (que haveria de declinar em tépida condescendência ao longo de seu segundo ano de escola secundária). Assistimos, voluptuosa e indiscriminadamente, eu diria, ah, uns cento e cinquenta a duzentos filmes ao longo desse ano, e em alguns dos períodos mais densos de frequência ao cinema assistimos a muitos dos cinejornais mais de meia dúzia de vezes, pois o mesmo cinejornal semanal acompanhava vários filmes diferentes e nos perseguia de cidade em cidade. Seus gêneros favoritos eram, pela ordem: filmes musicais, filmes do submundo e filmes de faroeste. Nos primeiros, cantores e dançarinos de verdade seguiam carreiras artísticas irreais numa esfera da existência essencialmente à prova de dor da qual a morte e a verdade eram banidas, e onde, no final, com os cabelos brancos, os olhos marejados, tecnicamente infenso à morte, o pai originalmente relutante de uma garota louca pelo mundo do espetáculo sempre aplaudia sua apoteose final numa Broadway de fábula. O submundo era uma coisa à parte: nele, jornalistas heroicos eram torturados, as contas telefônicas somavam bilhões de dólares e, numa atmosfera prenhe de pontaria incompetente, os vilões eram perseguidos através de esgotos e armazéns por policiais patologicamente destemidos (eu lhes demandaria bem menos esforço). Finalmente, havia a paisagem de mogno, os cavaleiros errantes de rosto bronzeado e olhos azuis, a bela professorinha engomada que chegava a Roaring Gulch, o cavalo que empinava, o espetacular estouro da boiada, o cano da pistola que se insinuava pela janela de vidro partido, a estupenda luta de socos, a montanha aluída de móveis antiquados cobertos de poeira, a mesa usada como arma, a cambalhota na hora exata, a mão imobilizada mas que ainda tentava alcançar a faca de caça caída no chão, o grunhido, o estalo forte de

punho contra queixo, o chute na barriga, o pé no peito; e imediatamente depois de uma pletora de pancadas que teria hospitalizado um Hércules (e disso hoje eu entendo), nada a exhibir além do hematoma muito harmonioso na face curtida do alegre herói que abraça sua linda noiva da fronteira. Lembro-me de uma sessão diurna num asfixiante cineminha abarrotado de crianças e do hálito quente das pipocas. A lua erguia-se muito amarela por trás do cantor de lenço no pescoço, seus dedos tangiam as cordas do instrumento e seu pé se apoiava no toco de um pinheiro, e eu rodeara inocentemente o ombro de Lo, encostando minha mandíbula em sua têmpora, quando duas harpias logo atrás de nós começaram a cuspir as insinuações mais extravagantes — não sei se entendi bem, mas o que julguei ter entendido me fez retirar a mão carinhosa, e é claro que o resto do filme foi para mim um borrão.

Outro susto de que me lembro está associado a um modesto burgo que atravessávamos em plena noite, durante nossa viagem de volta. Uns trinta quilômetros antes eu por acaso dissera a ela que o externato que ela iria frequentar em Beardsley era um estabelecimento de alta classe só para moças, sem nenhuma dessas inovações absurdas, ao que Lo me submetera a uma de suas arengas furiosas em que ameaça e insulto, autoafirmação e ambivalência, uma vulgaridade viciosa e o desespero infantil combinavam-se num exasperante simulacro de lógica que provocava um simulacro de explicação da minha parte. Enredado em suas palavras proferidas a esmo (até parece... só uma idiota para levar a sério o que você acha... Fedorento... Você não manda em mim... Só sinto desprezo por você... e assim por diante), atravessei a cidadezinha adormecida à velocidade de oitenta quilômetros por hora, sem interromper meu ritmo regular de avanço pela estrada, e uma dupla de patrulheiros iluminou meu carro com o farolete e me disse para encostar. Pedi silêncio a Lo, que continuava automaticamente com suas queixas. Os homens olharam para ela e para mim com uma curiosidade malévola. Subitamente toda covinhas, ela dirigiu-lhes um sorriso adorável, como nunca tratava minha orquidiana masculinidade; pois, num certo sentido, minha Lo temia a lei ainda mais do que eu — e quando os gentis policiais nos perdoaram e, com ar servil, seguimos em frente em marcha lentíssima, as pálpebras dela se fecharam e estremeceram enquanto ela simulava prostração e esgotamento.

A esta altura tenho uma curiosa confissão a fazer. Vocês podem rir — mas realmente, por algum motivo, jamais descobri qual era exatamente nossa situação legal. E até hoje ainda não sei. Ah, aprendi algumas coisas esparsas. O Alabama proíbe que o tutor troque a residência da tutelada sem autorização do tribunal; Minnesota, para a qual tiro o meu chapéu, estabelece que, quando algum familiar assume o cuidado permanente e a custódia de qualquer menor de catorze anos, a autoridade de um tribunal não tem no que interferir. Pergunta: e o padrasto de uma adorável pestinha púbere de tirar o fôlego, padrasto havia apenas um mês, viúvo neurótico de idade madura e recursos modestos mas independente, proveniente das sacadas da Europa, com um divórcio e uns tantos hospícios em seu passado, podia ser considerado um familiar, e destarte tutor natural? E caso contrário, deveria eu, poderia eu com algum fundamento, atrever-me a notificar alguma Junta de Bem-Estar e entrar com um requerimento (como é que se entra com um requerimento?), pedindo que algum agente nomeado pela Corte investigasse minha pessoa humilde e timorata e a delinquente Dolores Haze? Os muitos livros sobre o casamento, o estupro, a adoção e assim por diante, que consultei movido pela culpa nas bibliotecas públicas de cidades maiores e menores, nada me disseram além de insinuar maldosamente que o Estado é o guardião supremo dos menores de idade. Pilvin e Zapel, se me recordo corretamente dos seus nomes, num volume impressionante acerca do aspecto legal do matrimônio, ignoram completamente os padastros com meninas órfãs de mãe nas mãos e no colo. Meu melhor amigo, uma monografia de serviço social (Chicago, 1936) encontrada para mim a duras penas num empoeirado recesso de depósito por uma inocente e idosa solteirona, diz: “Não existe princípio que obrigue todo menor a ter um tutor; o tribunal é passivo, e só deve interceder quando a criança estiver exposta a riscos visíveis.” Um tutor, concluí, só era nomeado quando manifestasse seu desejo solene e formal; mas meses podiam passar antes que fosse convocado a uma audiência para receber seu par de asas grisalhas, e nesse meio tempo a bela criança demoníaca ficava legalmente abandonada à própria sorte como, no fim das contas, era o caso de Dolores Haze. Em seguida vinha a audiência. Algumas perguntas do procurador, outras tantas respostas tranquilizadoras do advogado, um sorriso, um aceno de cabeça, uma chuva fina lá fora, e a tutela se concretizava. Ainda assim, eu não me atrevia. Fique longe, faça como um rato, bem enrodilhado em sua toca. Os

tribunais só iniciavam uma atividade extravagante quando estivesse em jogo alguma questão monetária: dois candidatos a tutor movidos pela cobiça, um órfão despojado dos bens e uma terceira parte ainda mais ávida. Aqui, todavia, tudo estava na mais perfeita ordem, um inventário fora feito e as poucas propriedades da mãe morta esperavam intactas a maioria de Dolores Haze. A melhor estratégia parecia ser evitar o requerimento. Ou será que algum abelhudo, alguma Sociedade Humanitária, poderia se meter caso eu ficasse quieto *demais*?

Meu amigo Farlow, que era uma espécie de advogado e devia ter sido capaz de me dar sólidos conselhos, estava ocupado demais com o câncer de Jean para fazer qualquer coisa além do que prometera — a saber, cuidar do escasso patrimônio de Charlotte enquanto eu me recobrava muito gradualmente do choque da sua morte. Eu o condicionara a acreditar que Dolores era minha filha natural, esperando assim que não se preocupasse além da conta com a situação presente. Sou, como o leitor deve ter concluído a esta altura, um mau homem de negócios; mas nem a ignorância nem a indolência deviam ter-me impedido de procurar o apoio profissional de outros. O que me deteve foi a sensação horrível de que, caso eu de algum modo provocasse o destino e tentasse racionalizar aquela dádiva fantástica, esse prêmio me seria retirado como o palácio do topo da montanha no conto oriental que desaparecia toda vez que um candidato a proprietário perguntava a seu dono por que era possível enxergar claramente uma faixa de céu crepuscular entre a pedra escura e suas fundações.

Concluí que em Beardsley (sede do Beardsley College for Women) eu teria acesso a obras de referência que ainda não tivera a oportunidade de estudar, como o tratado de Woerner “Sobre a Lei Americana de Tutela” e certas publicações do Bureau de Menores dos Estados Unidos. Concluí também que qualquer coisa seria melhor para Lo que a arrasadora ociosidade em que vivia. Fui capaz de convencê-la a fazer muitas coisas — numa lista que deixaria embasbacado um educador de ofício; entretanto, por mais que eu suplicasse ou ralhasse, jamais consegui obrigá-la a ler nada além das revistas em quadrinhos ou dos contos das revistas femininas americanas. Qualquer literatura um pouco acima disto lembrava-lhe a escola, e embora se mostrasse teoricamente disposta a saborear *Sem nome e sem ninguém*, ou *As mil e uma noites*, ou *Mulherzinhas*, estava decidida a não desperdiçar suas “férias” com leituras tão exigentes.

Hoje acredito ter sido um grande erro voltar para o leste e matricular Lo naquela escola particular de Beardsley, em vez de atravessar sorrateiramente a fronteira mexicana enquanto nada ainda estava muito claro, permanecendo fora das vistas por alguns anos no enlevo subtropical até poder casar-me em segurança com minha pequena Mestiça, pois confesso que, dependendo da condição de meus gânglios e minhas glândulas, ocorria-me transitar num só dia de um polo a outro da insanidade — da ideia de que me veria obrigado em torno de 1950 a livrar-me de alguma forma de uma adolescente difícil, cuja mágica ninfalidade se evaporara, à ideia de que, com paciência e sorte e o devido tempo, eu poderia fazê-la produzir uma ninfeta com meu sangue em suas veias magníficas, uma Lolita Segunda, que viria a completar oito ou nove anos em torno de 1960, quando eu ainda estaria *dans la force de l'âge*; na verdade, a telescopia de minha mente, ou de meu espírito de-mente, permitia-me distinguir nas lonjuras do tempo um *vieillard encore vert* — ou seria o verde da putrefação? —, o bizarro, o carinhoso, o salivante dr. Humbert, praticando com a supremamente deleitável Lolita Terceira a arte de ser avô.

Nos dias daquela louca viagem que fizemos, eu não duvidava de ser um fracasso risível em matéria de pai da Lolita Primeira. Fazia o possível, lia e relia um livro com o título involuntariamente bíblico de *Conheça sua filha*, comprado na mesma loja onde adquiri para Lo, como presente de décimo terceiro aniversário, um volume de luxo, com “lindas” ilustrações comerciais, da *Pequena sereia* de Andersen. Mas mesmo em nossos melhores momentos, quando líamos lado a lado num dia de chuva (o olhar de Lo escapando da janela para seu relógio de pulso e de volta para a janela), ou consumíamos uma tranquila refeição substancial num restaurante lotado, ou disputávamos uma rodada de algum jogo de cartas infantil, ou saíamos às compras, ou contemplávamos em silêncio, juntamente com os outros motoristas e seus filhos, algum carro espatifado e coberto de sangue com o sapato de uma mulher jovem largado na vala (Lo, enquanto passávamos ao lado: “Exatamente o tipo de mocassim que eu tentei descrever para aquele cretino na sapataria!”); em todas essas ocasiões eventuais, a meus próprios olhos eu parecia um pai tão implausível quanto ela parecia uma filha. Seria, talvez, nossa locomoção movida pela culpa a responsável por corroer nossos poderes de mimetização? Seria possível

algum progresso com um domicílio fixo e para ela a rotina dos dias de estudante?

Na minha escolha de Beardsley, fui guiado não só pelo fato de haver ali uma escola comparativamente tranquila para moças, mas também pela presença da faculdade feminina, o *College for Women*. Em meu desejo de me tornar *casé*, de me fixar de algum modo em alguma superfície texturizada com que minhas riscas pudessem confundir-se, lembrei-me de um homem que conhecera no departamento de francês do Beardsley College; ele tivera a gentileza de adotar meu livro em seus cursos, e certa vez tentara convidar-me a fazer uma palestra. Não tive a menor intenção de aceitar, já que, como observei em algum ponto destas confissões, existem poucos tipos físicos que eu ache mais detestáveis que a pélvis baixa e pesada, acompanhada das panturrilhas grossas e do rosto deplorável, da aluna média de nível superior das faculdades mistas (em que vejo, talvez, o caixão de áspera carne feminina em que minhas ninfetas acabam enterradas vivas); mas eu ansiava por algum rótulo, algum antecedente e um simulacro; e, como agora ficará claro, havia um motivo, um motivo bastante burlesco, pelo qual a companhia do velho Gaston Godin era especialmente segura.

Por último, havia a questão do dinheiro. Minha renda vinha rateando sob a pressão de nossas férias errantes. É verdade que eu sempre escolhia os motéis mais baratos; mas de quando em quando vinha um estrepitoso hotel de luxo, ou um pretensioso hotel-fazenda, mutilar nosso orçamento; somas estonteantes, além disso, eram gastas em passeios turísticos e nas roupas de Lolita, e o velho veículo dos Haze, embora ainda vigoroso e máquina bastante fiel, necessitou de muitos reparos de maior ou menor importância. Num dos mapas dobráveis que por acaso sobreviveram entre os papéis que as autoridades tiveram a bondade de me deixar usar para escrever minhas declarações, encontrei algumas anotações que me ajudam no cômputo que se segue. Durante a extravagante temporada 1947-1948, de agosto a agosto, hospedagem e comida nos custaram em torno de 5.500 dólares; gasolina, óleo e consertos, 1.234, e vários extras mais ou menos outro tanto; de modo que ao longo de 150 dias de movimento efetivo (cobrimos quase 45.000 quilômetros!) e mais uns 200 de paradas interpoladas, este modesto *rentier* despendeu cerca de 8.000 dólares, ou melhor dizendo 10.000, porque,

criatura nada prática que sou, certamente esqueci de anotar inúmeros gastos.

E assim seguimos para o leste, eu mais esgotado que estimulado pela satisfação das minhas paixões, e ela lustrosa de saúde, sua cintura pélvica ainda estreita como a de um menino embora tendo ganhado uns cinco centímetros de estatura e mais de três quilos de peso. Tínhamos estado em toda parte. Na verdade, não víamos nada. E hoje me surpreendo a pensar que nossa longa viagem só fez conspurcar com um sinuoso rastro de gosma o país adorável, confiante, sonhador e imenso que àquela altura, em retrospecto, não era para nós mais que uma coleção de mapas surrados, guias desconjuntados, pneus gastos e os soluços dela à noite — toda noite, toda noite — assim que eu fingia adormecer.

4

Quando, atravessando ornamentações de luz e sombra, chegamos de carro ao número 14 da Thayer Street, um menininho sério nos recebeu com as chaves e um bilhete de Gaston, que nos alugara a casa. Minha Lo, sem lançar a seu novo endereço sequer um olhar, ligou sem ver o rádio ao qual o instinto a conduzira e estendeu-se no sofá da sala com uma pilha de revistas velhas que, às cegas e com a mesma precisão, ela pescara mergulhando a mão na parte inferior da anatomia de uma mesinha de abajur.

Para mim, não fazia muita diferença onde eu habitava, contanto que pudesse manter minha Lolita trancada em algum lugar; mas eu tinha, acho, no decorrer da minha correspondência com o atônito Gaston, visualizado vagamente uma casa revestida de tijolinho e hera. E na verdade o lugar tinha uma desalentadora semelhança com a residência Haze (que ficava a apenas 650 quilômetros dali); o mesmo tipo de casa de madeira de um cinza esbatido, com um telhado de ardósia e toldos de um verde opaco; e os aposentos, embora menores e mobiliados num estilo prata e veludo mais consistente, dispunham-se numa ordem muito semelhante. Meu escritório acabou sendo, todavia, uma peça muito maior, forrada do chão ao teto com cerca de dois mil livros sobre química que meu senhorio (em licença sabática) lecionava no Beardsley College.

Eu esperava que a Escola Beardsley para Moças, um externato dispendioso, com almoço incluído e um atraente ginásio de esportes, pudesse, ao mesmo tempo que cultivava todos aqueles corpos jovens, prover alguma educação também para seus espíritos. Gaston Godin, que raras vezes tinha razão em seus juízos sobre os hábitos americanos, avisara-me que a instituição poderia revelar-se um desses lugares onde as moças aprendem, como dizia ele com seu amor de estrangeiro por esse tipo de coisa, “não a soletrar muito bem, mas a usar os melhores perfumes”. Pois acho que nem isso eles conseguiam.

Em minha primeira entrevista com a diretora Pratt, ela elogiou os “belos olhos azuis” da minha menina (azuis! Lolita!) e minha amizade com aquele “gênio francês” (gênio! Gaston!) — e então, depois de confiar Dolly a uma certa srta. Cormorant, ela franziu o sobrolho numa espécie de *recueillement* e disse:

“Não estamos exatamente preocupados, sr. Humbird, em transformar nossas alunas em devoradoras de livros ou ensinar-lhes a recitar todas as capitais da Europa, que de qualquer maneira ninguém conhece, ou obrigá-las a decorar as datas de batalhas esquecidas. O que nos interessa é o ajustamento da criança à vida em grupo. E é por isso que damos tanta ênfase a quatro atividades: Dança, Teatro, Debates e Encontros. Os fatos estão diante de nós. Sua linda Dolly está entrando numa faixa de idade em que os encontros, os rapazes com quem sairá, as roupas que deve usar, a etiqueta dessas ocasiões significam tanto para ela quanto, digamos, os negócios, as relações de negócios ou o sucesso nos negócios significam para o senhor, ou tanto quanto a [sorrindo] felicidade das minhas meninas significa para mim. Dorothy Humbird já está envolvida em todo um sistema de vida social que compreende, queiramos ou não, barracas de venda de cachorro-quente, lanchonetes de esquina, Coca-Colas e *milk-shakes*, filmes, festas de dança, reuniões noturnas na praia e até concentração de meninas para fazer o cabelo! Naturalmente, na Escola Beardsley não aceitamos todas essas atividades; e procuramos canalizar outras delas para fins mais construtivos. Sem dúvida, porém, tentamos dar as costas para o nevoeiro e virar de frente para a luz do sol. Para resumir, embora adotemos certas técnicas de ensino, estamos mais interessados na comunicação que na composição. Ou seja, com o devido respeito a Shakespeare e aos demais, queremos que nossas garotas aprendam a *se comunicar* fluentemente com o

mundo à volta delas, em vez de mergulharem em velhos livros embolorados. Ainda estamos tateando, talvez, mas procurando com a devida inteligência, como um ginecologista que avalia um tumor pelo tato. Pensamos, dr. Humburg, em termos organizacionais e orgânicos. Deixamos de lado a massa de informações irrelevantes que são tradicionalmente apresentadas às jovens e que não deixavam espaço, no passado, para os conhecimentos, os talentos e as atitudes de que irão precisar para assumir o comando das suas vidas e — como um cínico poderia acrescentar — das vidas de seus maridos. Sr. Humberson, vamos supor o seguinte: a posição de uma estrela pode ser importante, mas a posição mais prática da geladeira numa cozinha pode ser ainda mais importante para a futura dona de casa. O senhor diz que tudo que espera para uma jovem na escola é uma educação sólida. Mas o que entendemos por educação? Nos velhos tempos, era acima de tudo um fenômeno verbal, quer dizer, era possível fazer uma criança decorar uma boa enciclopédia, e a partir de então ela ou ele saberia tanto quanto ou mais do que poderia aprender em qualquer escola. Dr. Hummer, já lhe ocorreu que para os pré-adolescentes de hoje os acontecimentos da Idade Média têm uma importância bem menos vital que os do fim de semana [piscadela]? — para repetir um gracejo que ouvi o próprio psicanalista do Beardsley College permitir-se outro dia. Vivemos num mundo que não é feito só de ideias, mas também de coisas. As palavras não significam nada sem a experiência. O quanto Dorothy Hummerson pode se importar com a Grécia e o Oriente, com seus haréns e escravos?”

Esse programa deixou-me bastante horrorizado, mas conversei com duas senhoras inteligentes que haviam tido uma ligação com a escola, e ambas afirmaram que as meninas seguiam um bom programa de leitura consistente e que a linha da “comunicação” era um excesso mais ou menos de última hora, inventado com o fito de dar à antiquada Escola Beardsley um toque moderno do ponto de vista da remuneração financeira, embora na realidade ela permanecesse tão rígida quanto um rochedo.

Outro motivo que me atraiu para essa escola em especial pode parecer ridículo a alguns leitores, mas para mim era muito importante, pois é assim que sou. Do outro lado da rua, exatamente diante da nossa casa, havia, pude perceber, um terreno baldio coberto de mato, com algumas plantas floridas, e para além desse espaço vazio podia-se avistar um trecho da School Road, que corria paralela à nossa Thayer Street, imediatamente além da qual

ficava o pátio de recreio da escola. Além do conforto psicológico que esse arranjo espacial me proporcionava, ao manter o dia de Dolly adjacente ao meu, antevi imediatamente o prazer que teria divisando da janela do meu escritório, por meio de poderosos binóculos, a porcentagem estatisticamente inevitável de ninfetas em meio às demais colegas de escola brincando à volta de Dolly na hora do recreio; infelizmente, já no primeiro dia de aula, um grupo de trabalhadores chegou e construiu um tapume num certo ponto da área livre, e em pouco tempo uma construção de madeira escura ergueu-se malevolamente por trás desse tapume, bloqueando por completo meu mágico panorama; e logo que montaram uma quantidade suficiente de material para estragar tudo, esses absurdos construtores suspenderam seus trabalhos e nunca mais reapareceram.

5

Numa rua chamada Thayer Street, em meio ao verde, ao bege e ao dourado residenciais de uma tranquila cidadezinha acadêmica, era normal a pessoa deparar-se com alguns vizinhos amigáveis gritando cumprimentos. Eu me orgulhava de manter sob controle a temperatura exata de minhas relações com eles: jamais grosseiras mas sempre distantes. Meu vizinho a oeste, que podia ser homem de negócios ou professor universitário, ou as duas coisas, conversava às vezes comigo enquanto aparava algumas flores tardias do jardim, regava seu carro ou, em momentos posteriores, descongelava o calçamento da entrada da garagem (pouco me importa usar os verbos errados), mas meus grunhidos breves, articulados apenas o bastante para soar como uma concordância convencional ou o preenchimento interrogativo das pausas, evitavam qualquer evolução no sentido de uma camaradagem. Das duas casas que ladeavam o trecho de matagal e depósito de lixo do outro lado da rua, uma estava fechada e a outra continha duas professoras de inglês, a srta. Lester, com seus conjuntos de *tweed* e seus cabelos curtos, e a desbotadamente feminina srta. Fabian, cujo único assunto de sumárias conversas de calçada comigo eram (e Deus abençoe seu tato!) a jovem lindeza da minha filha e o encanto inocente de Gaston Godin. Minha vizinha a leste era de longe a mais perigosa de todos, uma personagem de nariz sensível cujo falecido irmão estivera ligado à

faculdade como superintendente de Terrenos e Edificações. Lembro-me dela interceptando Dolly enquanto eu, de pé junto à janela da sala, esperava febril minha querida chegar da escola. A odiosa solteirona, tentando velar sua curiosidade mórbida com a máscara da mais amena boa vontade, apoiava-se em seu magro guarda-chuva (a chuva de granizo acabara de parar, e um sol frio e úmido esgueirava-se timidamente), e Dolly, o casaco marrom aberto apesar do tempo inclemente, sua pilha estrutural de livros apoiada na barriga, seus joelhos despontando avermelhados acima de suas desajeitadas botas de cano alto, um sorrisinho tímido e assustado esvoaçando pelo seu rosto de nariz arrebitado, que — devido talvez à luz pálida do inverno — parecia quase feio e rústico, germânico, à moda de *Mägdlein*, enquanto ela enfrentava as perguntas da srta. Leste: “E onde está sua mãe, querida? E qual a profissão do seu pobre pai? E onde vocês moravam antes?” Noutra ocasião, a detestável criatura chegou a me abordar com um vagido de boas-vindas — mas consegui evadir-me; e alguns dias mais tarde chegou-nos da parte dela um bilhete num envelope de bordas azuis, mistura evidente de veneno e xarope doce, sugerindo que Dolly viesse visitá-la num domingo, instalando-se confortavelmente numa poltrona e percorrendo as “pilhas de lindos livros que minha querida mãe me deu quando eu era menina, em vez de manter seu rádio ligado no máximo volume até tão tarde da noite”.

Também inspirava cautela uma certa sra. Holigan, faxineira e suposta cozinheira que herdei dos antigos ocupantes da casa. Dolly almoçava na escola, de maneira que era um problema a menos, e acostumei-me a preparar para ela um café da manhã reforçado e depois esquentar o jantar que a sra. Holigan preparava antes de ir embora. Esta senhora gentil e inofensiva tinha, graças a Deus, uma vista bastante cansada que deixava escapar muitos detalhes, e tornei-me um grande especialista em fazer camas; ainda assim, porém, vivia a obsessão permanente de que alguma mancha fatal pudesse ter ficado em algum lugar, ou de que, nas raras ocasiões em que a presença de Holigan calhava de coincidir com a de Lo, a tola Lo pudesse simplesmente sucumbir à acolhida daquele seio no decorrer de uma caseira conversa de cozinha. Muitas vezes tive a sensação de que vivíamos numa casa de vidro plenamente iluminada, e que a qualquer momento algum rosto enrugado de lábios franzidos iria espiar por uma janela descuidadamente desguarnecida de cortinas e vislumbrar coisas que o

mais embotado dos *voyeurs* se disporia a pagar uma pequena fortuna para assistir.

6

Uma palavra sobre Gaston Godin. O principal motivo pelo qual eu apreciava — ou pelo menos tolerava com alívio — a sua companhia era a atmosfera de absoluta segurança que sua ampla pessoa criava ao redor do meu segredo. Não que ele soubesse; não me ocorria nenhuma razão especial para confiar em Gaston, e ele era autocentrado e distraído demais para perceber ou suspeitar de qualquer coisa que pudesse suscitar uma pergunta franca da sua parte e uma resposta franca da minha. Ele falava bem de mim ao pessoal de Beardsley, era meu bom arauto. Tivesse ele descoberto *mes goûts* e a situação de Lolita, só se interessaria por eles na medida em que pudessem lançar alguma luz sobre a simplicidade da minha atitude em relação a *ele*, atitude tão incapaz de uma pressão cortês quanto de qualquer alusão licenciosa; pois a despeito de seu espírito insosso e de sua memória indistinta, ele talvez percebesse que eu sabia mais a seu respeito que os bons aldeões de Beardsley. Era um solteirão flácido e melancólico, de rosto muito móvel, cujo corpo se adelgaçava a partir da cintura até um par de ombros estreitos e não muito nivelados e uma cabeça cônica em forma de pera que apresentava de um lado lisos cabelos pretos e do outro só poucas mechas grudadas ao crânio. Mas a parte inferior do seu corpo era imensa, e ele se deslocava com uma curiosa leveza elefantina sobre pernas fenomenalmente grossas. Usava sempre roupas pretas, e até suas gravatas eram pretas; raramente tomava banho; seu inglês era um espetáculo de variedades. Ainda assim, porém, todos o consideravam um sujeito sumamente adorável, adoravelmente estranho! Os vizinhos o cercavam de carinho, ele conhecia pelo nome todos os meninos da vizinhança (morava a poucos quarteirões de mim) e contratava alguns deles para varrer sua calçada e queimar folhas em seu jardim, trazer lenha do seu telheiro e até cumprir tarefas simples dentro de sua casa, enquanto lhes dava bombons requintados, recheados de licor *verdadeiro* — na privacidade do refúgio mobiliado à oriental do seu porão, que tinha interessantes adagas e pistolas distribuídas pelas paredes mofadas e adornadas com tapeçarias, em meio à

camuflada tubulação de água quente. Em cima ele tinha um ateliê — pintava um pouco, o velho vigarista. Decorara sua parede inclinada (na verdade era pouco mais que uma água-furtada) com fotografias em tamanho grande do pensativo André Gide, de Tchaikovski, de Norman Douglas, dois outros conhecidos escritores ingleses, Nijinski (todo coxas e folhas de parreira), Harold D. Doublename (homem de esquerda e olhos nebulosos que lecionava numa universidade do Meio-Oeste) e Marcel Proust. Todas essas pobres criaturas pareciam a ponto de despencar de seu plano inclinado. E também possuía um álbum com instantâneos de todos os Jackies e Dickies das redondezas, e quando eu folheava suas páginas e fazia algum comentário de passagem, Gaston franzia os lábios grossos e murmurava, formando um bico caprichoso, “*Oui, ils sont gentils*”. Seus olhos castanhos vagavam pelos vários *souvenirs* sentimentais e artísticos que reunira em torno de si e as *toiles* banais que ele próprio pintara (os olhos convencionalmente primitivos, os violões retalhados, os mamilos azuis e as formas geométricas então em voga), e com um gesto vago na direção de uma tigela de madeira pintada ou de um vaso com veios de cor, diria “*Prenez donc une de ces poires. La bonne dame d’en face m’en offre plus que je n’en peux savourer*”. Ou: “*Mississe Taille Lore vient de me donner ces dahlias, belles fleurs que j’exècre.*” (Soturno, triste, cheio de cansaço do mundo.)

Por motivos óbvios, eu preferia minha casa à dele para as partidas de xadrez que disputávamos duas ou três vezes por semana. Ele parecia um velho ídolo surrado, ali sentado com suas mãos rechonchudas no colo, contemplando o tabuleiro como se fosse um cadáver. Bufando ele meditava por uns dez minutos — e então fazia o movimento perdedor. Ou, depois de pensar ainda mais, o bom homem podia exclamar: *Au roi!* com um lento ladrido abafado de cachorro velho sobre um fundo gargarejante que fazia estremecer suas bochechas; e em seguida erguia suas sobrancelhas circunflexas com um suspiro fundo quando eu lhe mostrava que ele próprio estava em xeque.

Às vezes, do local onde nos instalávamos para jogar em meu velho escritório, eu ouvia os pés descalços de Lo ensaiando técnicas de dança na sala de baixo; mas os sentidos de Gaston eram confortavelmente embotados, e ele permanecia ignorante daqueles ritmos nus — e-um, e-dois, e-um, e-dois, peso transferido para a perna direita esticada, perna elevada e

deslocada para o lado, e-um, e-dois, e só quando ela começava a pular, abrindo as pernas no ponto mais alto do pulo e flexionando uma delas, e esticando a outra, e voando, e pousando nas pontas dos dedos dos pés, só então meu pálido, pomposo e pensativo oponente esfregava a cabeça ou o rosto como se confundisse aquelas pancadas distantes com as terríveis arremetidas de minha formidável Rainha.

Às vezes Lola se instalava desabada nalguma cadeira perto de nós enquanto estudávamos o tabuleiro — e toda vez era um deleite ver Gaston, com o olho elefantino ainda fixo em suas peças, levantar-se com toda a cerimônia para apertar-lhe a mão e em seguida libertar seus dedos lassos, e sem olhar para ela uma vez sequer tornar a arriar em sua poltrona para mergulhar na armadilha que eu lhe preparara. Um dia próximo ao Natal, quando já fazia duas semanas que eu não o via, ele me perguntou “*Et toutes vos fillettes, elles vont bien?*” — o que deixou evidente que ele multiplicara minha singular Lolita pelo número de categorias sartórias que seus melancólicos olhos baixos haviam captado ao longo de toda uma série de aparições dela: *blue jeans*, uma saia, *shorts*, um roupão quadriculado.

Fico penalizado de perder tanto tempo com esse pobre sujeito (tristemente, um ano mais tarde, durante uma viagem à Europa da qual não retornou, ele se viu envolvido numa *sale histoire*, e logo em Nápoles, de todos os lugares possíveis!). Eu sequer teria aludido a ele não fosse por sua existência em Beardsley haver tido tanta e tão estranha influência em meu caso. Preciso dele para a minha defesa. E lá estava ele, sem uma gota sequer de talento algum, professor medíocre, estudioso sem valor, um pastoso e repulsivo velho invertido gordo, com seu extremo desdém pelo modo de vida americano e sua ignorância triunfal da língua inglesa — lá estava ele na Nova Inglaterra puritana, acalentado pelos mais velhos e acariciado pelos mais jovens —, ah, divertindo-se à grande e logrando a todos; e aqui estava eu.

7

Tenho agora pela frente a desagradável tarefa de registrar uma queda perceptível no comportamento moral de Lolita. Se sua participação nos ardores que ela mesma atiçava nunca foi grande coisa, tampouco o puro

ganho material jamais assumira para ela o primeiro plano. Mas eu era fraco, não era sensato, e minha ninfeta escolar tinha completo controle sobre mim. Definindo o elemento humano, a paixão, a ternura e a tortura só faziam aumentar; e disso ela se aproveitou.

O dinheiro que eu lhe dava por semana, pago sob a condição de que se desincumbisse de suas obrigações básicas, somava vinte e um *cents* no início da era Beardsley — e chegaria a um dólar e cinco antes que esta acabasse. Era um acerto mais que generoso, visto eu lhe destinar constantemente presentinhos de todo tipo e que ela só precisava pedir qualquer acepipe ou ida ao cinema que pudesse lhe ocorrer — embora sempre me fosse facultado, claro, pedir em troca um beijo adicional, ou mesmo uma série completa de carícias variadas, sempre que eu sabia ser grande sua cobiça por algum tipo de entretenimento juvenil. Entretanto, não era fácil lidar com ela. Só muito a contragosto fazia jus a seus três *cents* — ou quinze — diários; e dava provas de ser uma negociadora impiedosa sempre que tinha a seu alcance negar-me certos lentos, estranhos e ruinosos filtros paradisíacos sem os quais eu não poderia viver mais que uns poucos dias e que, devido à própria natureza da lassidão amorosa, não me era possível obter à força. Consciente da magia e do poder de sua tenra boca, ela conseguiu — ao longo de um único ano letivo! — aumentar o preço da bonificação por um enlace precioso a três ou até quatro dólares. Ó Leitor! Procura não rir enquanto me imaginas, no limiar mesmo do deleite, emitindo moedas de valores variados, inclusive reluzentes dólares de prata, como um caça-níqueis ruidoso, tilintante e totalmente ensandecido a vomitar fortunas; e à margem dessa pulsante epilepsia ela cerrando com força um punhado de moedas na mãozinha que, de qualquer maneira, eu sempre a forçava a abrir no final, a menos que ela lograsse escafeder-se, escapando às pressas para esconder o seu butim. E assim como dia sim dia não eu fazia toda a volta dos terrenos da escola e, com os pés em coma, visitava lanchonetes, espiava em becos enevoados e escutava o riso das meninas que se afastavam em meio aos saltos do meu coração e às folhas caídas, ocorria-me ocasionalmente invadir o seu quarto e passar em revista papéis rasgados na cesta de lixo com rosas pintadas, olhar debaixo do travesseiro da cama virginal que eu próprio acabara de arrumar. Certa vez encontrei oito notas de um dólar num de seus livros (muito a propósito — *A ilha do tesouro*), e outra vez um buraco na parede por trás da Mãe de

Whistler revelou conter nada menos que vinte e quatro dólares e algum trocado — digamos vinte e quatro dólares e sessenta *cents* — que removei discretamente, ao que, no dia seguinte, ela acusou, nas minhas barbas, a honesta sra. Holigan de ladra asquerosa. Finalmente ela se mostrou à altura do seu Q.I. encontrando um esconderijo mais seguro que nunca descobri; mas a essa altura eu reduzira drasticamente os preços, obrigando-a a ganhar da maneira mais árdua e repulsiva a permissão para participar do grupo teatral da escola; pois o que eu mais temia era não que ela pudesse me arruinar, mas que conseguisse acumular suficiente dinheiro em espécie para fugir de mim. Acredito que a pobre criança de olhos ferozes tivesse calculado que, com meros cinquenta dólares na bolsa, talvez conseguisse chegar à Broadway ou a Hollywood — ou à cozinha malcheirosa de algum restaurante de segunda (Precisa-se de Ajudante) em algum triste estado das antigas pradarias, onde o vento soprava, as estrelas cintilavam, e os carros, e os bares, e os mares, e tudo o mais era estragado, esfrangalhado, morto.

8

Fiz o que pude, Senhor Juiz, para dar conta do problema dos rapazes. Ah, chegava mesmo a ler a chamada Coluna dos Adolescentes do *Star* de Beardsley, para descobrir o que fazer!

Uma palavra aos pais. Não afugentem o amigo de sua filha. Talvez lhes seja um pouco difícil entender que a essa altura os rapazes a achem atraente. Vocês ainda a veem como uma garotinha. Mas para os rapazes ela é encantadora e engraçada, adorável e alegre. Eles gostam dela. Hoje vocês fecham grandes negócios em seus escritórios, mas ontem também eram ainda ginásianos carregando os livros de alguma colega. Lembram? E não querem que sua filha, agora que chegou a vez dela, aproveite a admiração e a companhia dos rapazes de quem gosta? Não querem que os jovens se divirtam uns com os outros?

Divertirem-se uns com os outros? Santo Deus!

Por que não admitir os jovens como convidados em sua casa? Por que não travar conversa com eles? Fazê-los falar, rir, deixá-los à vontade?

Bem-vindo, jovem donzel, a este nosso bordel.

Se ela desrespeita as regras, não a repreenda aos gritos na frente do seu cúmplice. Procure transmitir-lhe todo o impacto de sua reprovação em particular. E pare de dar aos rapazes a impressão de que ela é filha de um velho ogro.

Em primeiro lugar, o velho ogro elaborou uma lista intitulada “absolutamente proibido”, e outra sob o título “permitido com relutância”. Absolutamente proibido era sair com rapazes, sozinha com um deles ou mesmo com mais um ou dois casais — uma vez que o passo seguinte só podia ser a orgia coletiva. Era-lhe permitido ir a um café com suas amigas e lá conversar ou trocar sorrisos com rapazes ocasionais, enquanto eu aguardava no carro a uma distância discreta; e eu lhe prometi que, caso o grupo dela fosse convidado por um grupo socialmente aceitável da Academia Butler para Rapazes para seu baile anual (sob vigilância cerrada, claro), eu poderia cogitar a possibilidade de permitir que a moça de catorze anos envergasse seu primeiro vestido “formal” (um tipo de traje que transforma adolescentes de braços finos em flamingos). Além disso, prometi-lhe ainda dar uma festa em nossa casa para a qual ela poderia convidar suas amiguinhas mais bonitas e os rapazes mais bem-educados que àquela altura tivesse conhecido no baile da Academia Butler. Mas deixei bem claro que enquanto durasse o meu regime ela nunca, jamais, teria minha permissão para ir com algum jovem fogoso ao cinema, ou namorar no carro, ou ir a alguma festa só de meninos e meninas na casa de colegas de escola, ou entregar-se a conversas telefônicas menina-menino fora do alcance dos meus ouvidos, mesmo que “só para falar das relações dele com uma amiga minha”.

Lo ficou enfurecida com isso tudo — disse que eu era um bandido nojento e coisa ainda pior —, e é possível que eu acabasse perdendo a cabeça se não tivesse descoberto em seguida, para meu extremo alívio, que o que mais a enraivecia era eu privá-la não de uma certa satisfação específica, mas de algum direito geral. Eu insistia, vejam bem, no programa convencional, nos passatempos costumeiros, nas “coisas que todo mundo faz”, na rotina da juventude; pois não existe nada mais conservador que uma criança, especialmente uma menina, por mais bronzada e sardenta que seja, a mais mitopoética ninfeta da bruma dos pomares do outono.

Não me entendam mal. Não posso ter certeza absoluta de que no decorrer do inverno ela não fosse estabelecer, de maneira casual, entendimentos impróprios com rapazes desconhecidos; claro que, por mais

que eu controlasse de perto suas horas vagas, sempre haveriam de ocorrer lapsos inexplicados de tempo com explicações extremamente elaboradas para explicá-los *a posteriori*; claro que meus ciúmes fincavam suas presas pontiagudas na fina filigrana das falsidades da ninfeta; mas no fim das contas eu sentia — e juro que esse sentimento era autêntico — não ter motivo para alarme mais sério. E não porque nunca tivesse descoberto alguma jovem garganta palpável que pudesse esmagar em meio aos rapazes sem voz que às vezes se revelavam ao fundo; mas porque considerava “irresistivelmente óbvio” (uma das expressões favoritas da minha tia Sybil) que todas as variedades de rapazes da escola — do bocó suarento eletrizado com a ideia de “ficar de mãos dadas” ao estuprador cheio de si com pústulas no rosto e um carro envenenado — só podiam parecer igualmente tediosas à minha sofisticada jovem amante. “Todo esse estardalhaço em torno dos rapazes me deixa enojada”, escrevera ela na capa interna de um caderno escolar, e logo abaixo, na letra de Mona (Mona irá aparecer brevemente), vinha a pergunta capciosa: “E o que me diz de Rigger?” (brevemente também aqui).

Sem rosto, assim, eram os rapazolas que eu via ocasionalmente em sua companhia. Havia por exemplo o Suéter Vermelho que numa ocasião, no dia em que caíram as primeiras neves — veio trazê-la em casa; da janela da sala fiquei observando enquanto conversavam perto da nossa entrada. Ela usava seu primeiro casaco com gola de peles; e mais um gorriño castanho coroando meu penteado predileto — a franja na frente, as ondas dos lados e os cachos naturais na nuca —, além dos mocassins escuros para usar em tempo molhado, com as meias brancas mais maltratadas do que nunca. Como sempre ela segurava os livros apertados contra o peito enquanto falava ou ouvia, e seus pés gesticulavam o tempo todo: apoiava-se no arco do pé esquerdo e na ponta do dedo maior do direito, depois puxava este pé para trás, cruzava os dois, oscilava ligeiramente, esboçava alguns passos, e em seguida recomeçava toda a série. E também o Jaqueta Fechada, que ficara conversando com ela na porta do restaurante numa tarde de domingo enquanto a mãe e a irmã dele tentavam me afastar dos dois a pretexto de uma conversa; deixei-me levar arrastando os pés, mas virando a cabeça para meu único amor. Ela exibiu mais de um maneirismo convencional, como o atencioso gesto adolescente de demonstrar que realmente “dobrou” de tanto rir inclinando a cabeça, e assim (ao perceber meu chamado), ainda

simulando uma hilaridade descontrolada, deu alguns passos para trás e em seguida fez meia-volta, partindo na minha direção com um sorriso que se apagava. Por outro lado, eu gostava muito — talvez porque me lembrasse de sua primeira confissão inesquecível — do seu modo de dizer “ai meu Deus” numa submissão humorística e caprichosa ao destino, ou de emitir um prolongado “nã-ão” num tom profundo e quase grunhido toda vez que era de fato golpeada pelo destino. Acima de tudo — uma vez que estamos falando de movimento e juventude —, eu gostava de vê-la circulando para cima e para baixo na Thayer Street em sua linda bicicleta novinha: pondo-se de pé para pedalar com mais vigor, depois mergulhando de volta numa postura lânguida enquanto a velocidade se esgotava; em seguida, parava junto à nossa caixa de correio e, sem desmontar, folheava alguma revista que encontrasse ali, que depois punha de volta, apertando a língua contra um lado do lábio superior enquanto dava impulso com o pé, e novamente lá ia ela, debaixo do sol e das sombras claras.

No todo ela me parecia mais adaptada a seus arredores do que eu esperava quando levava em conta os amos de minha menina-escrava e as correntes figuradas que, na Califórnia, ela fingia ingenuamente ostentar no inverno anterior. Embora eu jamais conseguisse me acostumar ao estado de ansiedade constante em que os culpados, os grandes e os mais sensíveis costumam viver, julgava que estava fazendo o melhor possível em matéria de imitação. Deitado na estreita cama do meu escritório depois de uma sessão de adoração e desespero no quarto frio de Lolita, eu passava em revista o dia concluído observando minha própria imagem que me espreitava, mais que se exibia, aos olhos vermelhos da minha mente. E via o dr. Humbert, moreno e bem-apegoado, não exatamente desprovido de traços célticos, provavelmente anglicano, possivelmente *muito* anglicano, levando sua filha para a escola. Via-o cumprimentar com seu sorriso lento e um agradável arqueamento das sobrelanceiras escuras e espessas a boa sra. Holigan, que cheirava mal como a peste (e haveria de dedicar-se, eu sabia, ao gim do patrão na primeira oportunidade). Com o sr. Oeste, carrasco ou antigo escritor de panfletos religiosos — quem dava a mínima? —, eu via o vizinho, como era mesmo o nome dele, acho que eram franceses ou suíços, meditando em seu escritório de janelas altas debruçado sobre a máquina de escrever, com um perfil emagrecido e uma onda de cabelo quase hitleriana a lhe cair na testa muito branca. Nos fins de semana, usando um sobretudo

bem cortado e luvas marrons, o professor H. podia ser visto com sua filha caminhando na direção da Walton Inn (famosa por seus coelhinhos de louça e suas caixas de bombons atadas com fita violeta, em meio aos quais a clientela espera uma “mesa para dois” ainda coberta das migalhas de seus antecessores). Nos dias de semana, em torno de uma da tarde, podia ser visto cumprimentando com dignidade a srta. Leste dos mil olhos de Argo enquanto manobrava o carro para sair da garagem, contornando a maldita moita de sempre-vivas e chegando ao leito escorregadio da rua. Desviando um olho frio do livro para o relógio na positivamente soturna biblioteca do Beardsley College, em meio a jovens corpulentas surpreendidas e petrificadas por algum transbordamento do conhecimento humano. Atravessando o *campus* a pé com o pastor da instituição, o reverendo Rigger (que também dava aulas de religião na Escola Beardsley). “Alguém me disse que a mãe dela era uma atriz famosa morta num acidente de avião. Ah? Erro meu, deve ter sido. É mesmo? Entendo. Que tristeza.” (Sublimando a mãe dela, hein?) Impelindo lentamente meu carrinho através do labirinto do supermercado, no rastro do professor W., mais um viúvo de passos lentos e modos gentis com os olhos de um bode. Tirando com uma pá a neve da calçada em mangas de camisa, um volumoso cachecol preto e branco em torno do pescoço. Seguindo, sem dar qualquer sinal de pressa predatória (dando-me inclusive ao vagar de limpar os pés no capacho), minha filha escolar para dentro de casa. Levando Dolly ao dentista — a linda enfermeira sorrindo para ela — velhas revistas — *ne montrez pas vos chambes*. Jantando com Dolly na cidade, o sr. Edgar H. Humbert foi visto consumindo seu bife ao estilo europeu de manejo do garfo e da faca. Assistindo, em dupla, a um concerto: dois franceses de rosto marmóreo e gestos mínimos sentados lado a lado, com a muito musical menina de *monsieur* H. H. à direita do pai e o menino muito musical do professor W. (enquanto o pai passava uma noite higiênica em Providence) à esquerda de *monsieur* G. G. Abrindo a garagem, um quadrado de luz que engolfa o carro e depois se extingue. De pijama claro, baixando com força a cortina da janela do quarto de Dolly. Na manhã de sábado, fora das vistas, pesando solenemente no banheiro a menina branqueada pelo inverno. Visto e ouvido na manhã de domingo, na verdade jamais um frequentador da igreja, dizendo não se atrase muito, a Dolly que se dirige ao pátio coberto da casa. Abrindo a porta para uma estranhamente observadora colega de Dolly: “É a

primeira vez que vejo um homem de *smoking jacket* — fora de um filme, claro.”

9

Suas amigas, que eu desejara conhecer, revelaram-se no geral decepcionantes. Havia Opal Alguma Coisa, e Linda Hall, e Avis Chapman, e Eva Rosen, e Mona Dahl (com uma exceção, todos esses nomes são aproximações, é claro). Opal era uma criatura envergonhada, amorfa, espinhenta e de óculos que adorava Dolly, que a atormentava. Com Linda Hall, a campeã de tênis da escola, Dolly disputava pelo menos duas partidas de simples por semana: desconfio que Linda era uma autêntica ninfeta, mas por algum motivo desconhecido não frequentava — ou talvez não deixassem que frequentasse — a minha casa; de maneira que lembro dela como um simples clarão de luz solar natural numa quadra coberta. Do resto, nenhuma outra podia reivindicar a condição de ninfeta, salvo Eva Rosen. Avis era uma garota rechonchuda e larga com as pernas peludas, enquanto Mona, embora de uma beleza cruamente sensual e só um ano mais velha que minha amante, cuja idade aumentava, deixara obviamente muito antes de ser uma ninfeta, se é que já o fora. Eva Rosen, uma pessoinha deslocada da França, era por outro lado um bom exemplo de menina não notoriamente bonita que revelava ao apreciador perspicaz alguns dos elementos básicos dos encantos da ninfeta, como uma silhueta perfeita de menina na puberdade, olhos vagarosos e malares salientes. Seu reluzente cabelo acobreado tinha a mesma qualidade sedosa do de Lolita, e os traços de seu delicado rosto de um branco leitoso, com os lábios rosados e os cílios cintilantes, eram menos atraentes que o de suas semelhantes — o vasto clã das ruivas inter-raciais; e ela tampouco ostentava o uniforme verde que estas preferiam, mas usava, que é como me lembro dela, muito preto ou vermelho muito escuro — um pulôver preto de razoável elegância, por exemplo, e sapatos pretos de salto alto, além de esmalte de unhas vermelho-granada. Eu falava francês com ela (para grande desgosto de Lolita). E as tonalidades da menina ainda eram admiravelmente puras, mas para o vocabulário escolar e de jogos ela recorria ao americano corrente, caso em que um ligeiro sotaque do Brooklyn brotava em sua fala, o que era muito

engraçado numa pequena parisiense matriculada numa escola de elite da Nova Inglaterra com aspiração a uma pretensa aura britânica. Infelizmente, apesar de “o tio daquela menina francesa” ser “um milionário”, Lo afastou-se de Eva por algum motivo antes que eu tivesse tempo de usufruir à minha modesta maneira de sua presença fragrante nas ocasiões em que a residência Humbert abria suas portas. O leitor sabe a importância que eu dava a ver um cortejo de jovens aias, ninfetas prêmio de consolação, em torno da minha Lolita. Por algum tempo, consegui despertar o interesse dos meus sentidos por Mona Dahl, que frequentava muito a casa, especialmente durante a primavera em que Lo e ela foram tomadas de um enorme entusiasmo pela arte dramática. Muitas vezes me perguntei quais segredos inimaginavelmente traiçoeiros Dolores Haze confiara a Mona, ao mesmo tempo que me revelava aos arrancos, a pedidos urgentes e muito bem pagos, vários detalhes realmente incríveis relativos a um caso amoroso à beira-mar entre Mona e um fuzileiro naval. Foi característico de Lo ter escolhido para amiga mais íntima aquela jovem mulher elegante, fria, lasciva e experiente que certa vez ouvi (ou imaginei ter ouvido, jurava Lo) dizer alegremente no corredor para Lo — que observara que o suéter dela (Lo) era de lã virgem: “Pois é a única coisa ainda virgem em você, garota...” Mona possuía uma voz curiosamente rouca, cabelos escuros opacos artificialmente ondulados, brincos, olhos proeminentes de um castanho cor de âmbar e lábios polpudos. Lo contava que os professores a censuravam por usar tantas bijuterias. Suas mãos tremiam. Ela carregava o fardo de um Q.I. de 150. E também sei que tinha uma imensa verruga cor de chocolate em suas costas de mulher que pude inspecionar na noite em que Lo e ela escolheram envergar reveladores vestidos vaporosos em tons pastel para um baile na Academia Butler.

Estou me adiantando um pouco, mas não tenho como deixar de dedilhar o teclado inteiro das minhas lembranças daquele ano letivo. Em resposta às minhas tentativas de descobrir que tipo de rapazes Lo conhecia, a srta. Dahl mostrara-se elegantemente evasiva. Lo, que fora jogar tênis no *country club* de Linda, telefonara dizendo que chegaria em casa com um atraso de pelo menos meia hora, e assim, se eu não podia fazer sala para Mona, que estava vindo ensaiar com ela uma cena da *Megera domada*. Lançando mão de todas as modulações, de todos os gestos, postura e voz que já conhecia, e fitando-me talvez — ou posso estar enganado? — com

um brilho tênue de ironia cristalina, a bela Mona respondeu: “Ora, sr. Humbert, a realidade é que Dolly não dá muita aten o a simples meninos. E o fato é que somos rivais. Tanto ela como eu temos uma queda pelo reverendo Rigger.” (O que era uma piada — já me referi a esse gigante tristonho com queixo de cavalo: ele quase me assassinaria de puro tédio com suas impressões da Su a num chá para os pais de alunas que sou incapaz de situar corretamente em termos de calendário.)

E que tal tinha sido a festa? Ah, uma loucura. O quê? Bárbara. Numa palavra, incrível. E Lo tinha dançado muito? Ah, não muito, s  enquanto tinha aguentado. E o que ela, a lânguida Mona, achava de Lo? Como, sr. Humbert? Achava que Lo estava indo bem nos estudos? Caramba, ela era um estouro de menina. Mas e o comportamento geral dela, era —? Ah, era uma garota legal. E além disso? “Ora, ela é uma graça”, concluiu Mona com um suspiro abrupto, pegando um livro que por acaso estava ao alcance da sua mão e, mudando de expressão, franzindo falsamente a testa, perguntou: “Por que não me fala de Ball Zack, sr. Humbert? Ele é mesmo tão bom como dizem?” E aproximou-se tanto da minha poltrona que pude captar, por tr s de cremes e lo es, o desinteressante aroma da sua pele. Uma ideia inesperada me assaltou de repente: estaria a minha Lo empurrando-me a amiga? Fosse este o caso, escolhera a substituta errada. Evitando o olhar frio de Mona, falei-lhe sobre literatura por um minuto. E então Dolly chegou — apertando os olhos claros para nós dois. Deixei as amigas por conta das coisas l  delas. Uma das divisões de uma pequena janela quadriculada coberta de poeira na curva da escada tinha um vidro cor de rubi, e aquela ferida aberta em meio aos retângulos de vidro incolor, com sua posi o assimétrica no conjunto — a um movimento de cavalo do topo —, sempre me afetava de um modo estranho.

10

 s vezes... Mas fale claro, quantas vezes exatamente, Bert? Será que consegue lembrar quatro, cinco, ou mais dessas ocasiões? Ou não existirá ser humano capaz de sobreviver a duas ou três?  s vezes (nada tenho a dizer em resposta   sua pergunta), enquanto Lolita fazia distraída seu dever de casa, chupando a ponta do lápis, atravessada numa

espreguiçadeira com as duas pernas por cima do braço da cadeira, eu abandonava por completo meu pedagógico comedimento, esquecia todas as nossas brigas, deixava de lado todo meu orgulho masculino — e literalmente me arrastava de joelhos até sua cadeira, minha Lolita! Você me lançava um único olhar — um ponto de interrogação cinzento e cercado de penugem: “Ah não, de novo não” (incredulidade, exasperação); pois nunca chegou a acreditar que me ocorresse, sem qualquer desígnio específico, a simples ânsia de enterrar meu rosto na sua saia xadrez, minha querida! A fragilidade dos seus braços nus — como eu desejava envolvê-los todos, os quatro membros límpidos e adoráveis, uma potranca dobrada, tomar sua cabeça entre as minhas mãos indignas, puxar para trás a pele da testa dos dois lados, beijar seus olhos achinesados, e — “Pare com isso e me deixe em paz, por favor”, respondia você, “pelo amor de Deus me deixe em paz”. E eu me levantava do chão enquanto você continuava a me fitar, seu rosto produzindo um espasmo em imitação do meu *tic nerveux*. Mas deixe estar, deixe estar, sou só um brutamontes, deixe estar, prossigamos com minha infeliz narrativa.

11

Certa manhã de segunda-feira, pouco antes do meio-dia, no dia 1º de dezembro, creio eu, Pratt me pediu que fosse até a escola para uma conversa. O último boletim de Dolly fora bem fraco, eu sabia. Mas em vez de me contentar com alguma explicação plausível como esta para ter sido convocado, imaginei todo tipo de horrores, e precisei me fortalecer com um bom litro do meu coquetel de gim com abacaxi para conseguir enfrentar a entrevista. Vagarosamente, todo pomo-de-adão e músculo cardíaco, subi os degraus do cadafalso.

Uma senhora imensa, de cabelos grisalhos e roupa amassada, com um nariz largo e chato e olhos miúdos por trás de óculos de armação preta — “Sente-se”, disse-me ela, apontando para uma banquetta informal e humilhante, enquanto ela própria se empoleirava com pesada flexibilidade no braço de uma cadeira de carvalho. Por um ou dois momentos, contemplou-me com sorridente curiosidade. Fizera a mesma coisa em nosso primeiro encontro, eu me lembrava, mas àquela altura eu podia dar-me ao

luxo de devolver-lhe o desdém. Seu olho me deixou. Ela se entregou a seus pensamentos — provavelmente fingidos. Chegando afinal a uma decisão ela esfregou, dobra contra dobra, sua saia cinza-escuro de flanela na altura do joelho, emanando uma leve poeira de giz ou coisa parecida. E então disse, sempre esfregando o joelho, sem erguer os olhos:

“Vou lhe fazer uma pergunta bem direta, sr. Haze. O senhor é um pai europeu bem antiquado, não é?”

“Até que não”, respondi. “Conservador, talvez, mas nada que se possa chamar de antiquado.”

Ela suspirou, franziu os olhos, e em seguida bateu uma vez as palmas das mãos grandes e gorduchas como quem diz vamos ao que interessa, e tornou a fixar em mim seus olhos miúdos.

“Dolly Haze”, disse ela, “é uma garota adorável, mas o advento da maturidade sexual parece estar-lhe causando alguns problemas”.

Curvei levemente a cabeça. O que mais poderia fazer?

“Ela ainda está em trânsito”, disse a srta. Pratt, ilustrando as palavras com gestos de suas mãos cobertas de manchas de velhice, “entre as áreas anal e genital do desenvolvimento. No fim das contas, ela é um belo caso —”.

“Desculpe interromper”, disse eu, “quais áreas?”.

“Eis o europeu antiquado!”, exclamou Pratt, cutucando de leve meu relógio de pulso e exibindo inesperadamente suas dentaduras duplas. “O que quero dizer é que em Dolly os impulsos biológicos e psicológicos — o senhor fuma? — não são harmônicos, não formam por assim dizer um — um todo.” Suas mãos sustentaram por alguns segundos um melão invisível.

“Ela é atraente, brilhante apesar de descuidada” (com a respiração pesada, sem abandonar seu poleiro, a mulher investiu algum tempo no exame de várias folhas do relatório sobre a bela criança pousado na mesa à sua direita). “As notas estão cada vez piores. E eu me pergunto, sr. Haze —” Mais uma vez, a falsa meditação.

“Bem”, prosseguiu ela com entusiasmo, “eu fumo e, como dizia meu querido dr. Pierce, não me orgulho disso, mas confesso que adoro”. Acendeu um cigarro, e a fumaça que exalou pelas narinas me lembrou um par de presas de marfim.

“Só quero lhe dar uns poucos detalhes, não vai demorar nada. Mas primeiro deixe-me ver [remexendo em seus papéis]. Ela desobedece à srta.

Redcock e trata a srta. Cormorant com uma incrível grosseria. E eis um dos nossos relatórios especiais de pesquisa: gosta de cantar em grupo na sala de aula, mas parece estar sempre pensando em outra coisa. Cruza as pernas e balança a perna esquerda no ritmo. Expressão característica: uma área de duzentas e quarenta e duas palavras da gíria mais comum entre jovens adolescentes, cercada por alguns polissílabos de origem obviamente europeia. Suspira muito em aula. Deixe-me ver. Ah sim. Agora vem a última semana de novembro. Suspira muito em aula. Masca chicletes com veemência. Não róí as unhas, mas se roesse seria mais coerente com seu padrão geral de comportamento — do ponto de vista científico, claro. Menstruação, segundo ela, devidamente estabelecida. No momento não pertence a nenhuma igreja organizada. A propósito, sr. Haze, a mãe dela era —? Ah, entendi. E o senhor? Não é da conta de ninguém, imagino, só da conta de Deus. E mais uma coisa que queríamos saber. Ela não tem obrigações fixas em casa, ao que eu saiba. Quer transformar a sua Dolly numa princesa, não é, sr. Haze? Bem, o que mais temos aqui? Sabe manipular um livro com graça. Voz agradável. Dá risadinhas com muita facilidade. Um pouco sonhadora. Faz algumas piadas de que só ela mesma acha graça, como por exemplo transpor as iniciais dos nomes de algumas professoras. Cabelos castanho-claros e escuros, lustrosos — bem [rindo], isso o senhor já deve saber, sem dúvida. Nariz desobstruído, pés bem arqueados, olhos — deixe-me ver, eu tinha por aqui um relatório mais recente. Ahá, achei. A srta. Gold diz que no tênis o desempenho de Dolly é de excelente a soberbo, melhor ainda que o de Linda Hall, só que a concentração e a capacidade de ganhar os pontos não passam de ‘deficiente a regular’. A srta. Cormorant não sabe dizer se Dolly tem um controle emocional fora do comum ou absolutamente nulo. A srta. Horn diz que ela — quer dizer, Dolly — não sabe verbalizar suas emoções, já segundo a srta. Cole a eficiência metabólica de Dolly é extremamente desenvolvida. A srta. Molar acha que Dolly é míope e devia ser levada a um bom oftalmologista, mas a srta. Redcock reitera que a menina simula dificuldade de visão para encobrir sua incompetência acadêmica. E para concluir, sr. Haze, nossas pesquisadoras refletem sobre uma questão realmente crucial. E quero lhe perguntar uma coisa. Gostaria de saber se a sua pobre esposa, ou o senhor mesmo, ou alguém na família — pelo que entendi ela tem várias tias e um avô materno na Califórnia? — ah, *tinha!* — meus sentimentos —, bem,

todas aqui nos perguntamos se alguém da família terá conversado com Dolly sobre o processo de reprodução dos mamíferos. A impressão geral é de que Dolly, mesmo aos quinze anos, continua doentamente desinteressada pelas questões de ordem sexual, ou, para ser mais precisa, reprimindo a sua curiosidade com o fim de preservar sua ignorância e o que ela considera ser a sua dignidade. Está certo — catorze. Mas entenda, sr. Haze, aqui não acreditamos nas abelhas e no pólen, em cegonhas ou beija-flores, mas enfatizamos a preparação das nossas alunas para relações reprodutivas mutuamente satisfatórias e a criação bem-sucedida de filhos. Achamos que Dolly poderia progredir muito se mostrasse mais empenho no que faz. O relatório da srta. Cormorant é muito enfático quanto a isso. Dolly se mostra inclinada a um comportamento, para definir em termos moderados, um tanto impudente. Mas todas acreditam que, em primeiro lugar, o senhor devia pedir ao médico da família que conversasse com ela sobre os fatos da vida e, segundo, que devia deixá-la aproveitar mais a companhia dos irmãos das colegas no Clube de Jovens, na organização do reverendo Rigger ou nas belas casas dos seus pais.”

“Ela pode conhecer rapazes em sua própria bela casa”, disse eu.

“Espero mesmo que conheça”, disse Pratt em tom satisfeito. “Quando tentamos conversar com ela sobre os seus problemas, Dolly se recusou a falar sobre a situação em casa, mas conversamos com algumas amigas dela e realmente — bem, por exemplo, insisto em lhe pedir para retirar seu veto à participação dela no grupo de teatro. O senhor precisa deixar que ela participe em *Os caçadores encantados*. Ela fez uma ninfa perfeita nos ensaios, e em algum momento da primavera o autor da peça vem passar alguns dias no Beardsley College, e vai assistir a alguns ensaios no nosso teatro novo. Quer dizer, faz parte da graça de ser jovem, viva e linda. O senhor precisa entender —”

“Sempre me considere”, atalhei, “um pai muito compreensivo”.

“Ah, sem dúvida, sem dúvida, mas a srta. Cormorant acha, e tendo a concordar com ela, que Dolly vive obcecada por pensamentos de ordem sexual para os quais não encontra vazão, o que a faz implicar com as outras meninas e importuná-las muito, ou mesmo as nossas professoras mais moças, só porque *elas* costumam ter inocentes encontros com rapazes.”

Encolhi meus ombros, *émigré* desprezível.

“Vamos pensar um pouco juntos, sr. Haze. Que diabo está errado com essa menina?”

“A mim ela parece perfeitamente normal e feliz”, respondi (o desastre se avizinharia, enfim? Teria eu sido descoberto? Teriam providenciado um hipnotizador?).

“O que me preocupa”, disse a srta. Pratt, olhando para o relógio e recomeçando a abordar o assunto desde o início, “é que tanto as professoras quanto as colegas acham Dolly teimosa, insatisfeita, nervosa — e todo mundo se pergunta por que o senhor se opõe com tanta energia a todas as distrações naturais de uma menina normal”.

“A senhora está falando de jogos sexuais?”, perguntei divertido, em desespero de causa, um velho rato encurralado.

“Bem, sem dúvida vejo com muito bons olhos o senhor usando uma terminologia civilizada”, disse Pratt com um sorriso. “Mas não se trata exatamente disso. Sob os nossos auspícios, as artes dramáticas, as festas de dança e outras atividades naturais não são tecnicamente jogos sexuais, embora nelas as meninas se encontrem com rapazes, se é a isso que o senhor se opõe.”

“Tudo bem”, disse eu, enquanto minha banqueta exalava um suspiro cansado. “A senhora venceu. Ela pode participar da peça. Contanto que os papéis masculinos sejam desempenhados por atrizes femininas.”

“Fico sempre fascinada”, disse Pratt, “diante da maneira admirável como os estrangeiros — ou pelo menos os americanos naturalizados — usam a nossa língua. Tenho certeza de que a srta. Gold, que orienta o grupo teatral, ficará extremamente satisfeita. Sei que ela é uma das poucas professoras que parecem gostar — melhor dizendo, que parecem acreditar que Dolly pode ser orientada. O que encerra nossos assuntos gerais, acredito; mas agora vem um caso especial. E estamos com mais um problema”.

Pratt fez uma pausa truculenta, em seguida esfregou a base das narinas com o indicador da mão direita com tamanho vigor que seu nariz executou uma espécie de dança de guerra.

“Sou uma pessoa muito franca”, disse ela, “mas as convenções são as convenções, e acho difícil... Digamos assim... A família Walker, que mora na casa que conhecemos aqui como a Residência dos Duques, sabe, a casa grande na encosta — mandou suas duas meninas para a nossa escola, e

também recebemos a sobrinha do presidente Moore entre as nossas alunas, um encanto de garota, para não falar de muitas outras filhas de famílias importantes. Bem, nessas circunstâncias, é um choque para nós quando Dolly, que tem toda a aparência de uma pequena dama, emprega um vocabulário que o senhor, como estrangeiro, simplesmente desconhece ou não compreende. Talvez fosse melhor — o senhor quer que eu chame Dolly aqui para participar da conversa? Não? Então veja bem — ora, vamos falar de uma vez. Dolly escreveu com batom um palavrão dos mais obscenos, que o dr. Cutler me disse ser mexicano rasteiro de mictório, em panfletos sobre saúde que a srta. Redcock, que vai se casar em junho próximo, distribuiu entre as meninas, e achamos que ela devia ficar retida no colégio depois das aulas — meia hora além da saída, pelo menos. Mas se o senhor preferir —”.

“Não”, disse eu. “Não quero interferir com as regras da escola. Mais tarde conversarei com ela. Vou tirar isso a limpo a ferro e fogo.”

“Pois faça isto”, disse a mulher, levantando-se do seu braço de cadeira. “E talvez possamos voltar a nos encontrar em pouco tempo; e se as coisas não melhorarem podemos pedir ao dr. Cutler que analise Dolly.”

Devo me casar com Pratt e estrangulá-la?

“...E talvez o seu médico de família possa submetê-la a um exame físico completo — só um exame geral de rotina. Ela está na última sala de aula daquele corredor, que chamamos de Sala Mandra.”

A Escola Beardsley, preciso explicar, copiava uma famosa escola para meninas da Inglaterra que dava apelidos “tradicionais” às suas salas de aula: Sala Mandra, Sala Deira, Sala Maleque... A Sala Mandra cheirava mal, com uma cópia sépia da *Idade da inocência* de Reynolds acima do quadro-negro e várias fileiras de carteiras de aparência desconfortável. Instalada numa delas, minha Lolita lia muito quieta o capítulo sobre “Diálogo” da *Técnica dramática* de Baker, e havia outra menina com um pescoço muito nu, de um branco de porcelana, e lindos cabelos platinados, sentada à frente dela e lendo também, totalmente esquecida do mundo e enrolando interminavelmente um cacho macio em torno de um dedo. Sentei-me ao lado de Dolly bem atrás daquela nuca e daqueles cabelos, saboteei meu sobretudo e, em troca de sessenta e cinco *cents* e da permissão para que participasse da peça da escola, fiz a mão de Dolly, manchada de tinta e giz e com os nós dos dedos avermelhados, entrar por baixo da carteira. Ah,

quanto descuido e quanta estupidez, sem dúvida, mas depois da tortura a que eu fora submetido, simplesmente não podia deixar de tirar proveito de uma combinação que, sabia bem, nunca mais voltaria a ocorrer.

12

Em torno do Natal ela pegou um resfriado forte e foi examinada por uma amiga da srta. Lester, uma certa dra. Ilse Tristramson (olá, Ilse, você foi uma alma doce e nada inquisitiva, e manipulou minha pomba com grande delicadeza), que diagnosticou uma bronquite, deu um tapinha nas costas de Lo (com toda a penugem eriçada devido à febre) e a mandou ficar de cama por pelo menos sete dias. Primeiro ela teve uma febre alta, e não tive como resistir à extraordinária caloricidade de deleites insuspeitados — *Venus febriculosa* —, embora fosse uma Lolita muito enlanguescida que gemia, tossia e estremecia em meus braços. E assim que ela ficou boa, dei-lhe uma Festa com Rapazes.

Talvez eu tenha bebido um pouco além da conta nos preparativos para esse contratempo. Talvez tenha feito papel de idiota. As meninas haviam decorado e iluminado um pinheirinho — como no costume alemão, só que lâmpadas coloridas substituíam as velinhas de cera. Discos foram selecionados e enfiados goela adentro do fonógrafo do meu senhorio. Dolly muito elegante usava um belo vestido cinza com corpete justo e saia rodada. Cantarolando de boca fechada, retirei-me para meu escritório no andar de cima — e então a cada dez ou vinte minutos descia como um idiota só para passar alguns segundos; fazia de conta que viera apanhar meu cachimbo na prateleira da lareira, ou buscar o jornal do dia; mas a cada nova visita esses gestos simples se tornavam mais difíceis de executar, e vinham-me ao espírito os dias terrivelmente distantes em que eu gastava tanto tempo em preparativos para ingressar em algum aposento da casa de Ramsdale quando a Pequena Carmen estava presente.

A festa não foi um sucesso. Das três garotas convidadas uma nem veio, e um dos rapazes trouxe seu primo Roy, de maneira que havia dois rapazes além da conta, os primos conheciam todos os passos mas os outros sujeitos mal sabiam dançar, e a maior parte da noite foi dedicada a promover uma bagunça na cozinha e depois a uma discussão interminável para resolver

qual jogo de cartas deviam disputar, e em algum momento, mais tarde, duas meninas e quatro rapazes se sentaram no chão da sala, com todas as janelas abertas, começando um jogo de palavras que não havia jeito de Opal entender, enquanto Mona e Roy, um rapaz magro e bonito, tomavam *ginger ale* na cozinha, sentados na mesa e balançando as pernas, discutindo animadamente a Predestinação e a Lei das Probabilidades. Depois que todos foram embora a minha Lo deu um grunhido, fechou os olhos e desabou numa cadeira com os quatro membros bem abertos como uma estrela do mar, tentando manifestar seu desgosto e seu cansaço mais extremos, afirmando que aquele era o grupo mais asqueroso de rapazes que já tinha visto na vida. Declaração graças à qual eu lhe comprei uma nova raquete de tênis.

Janeiro foi úmido e quente, e fevereiro frustrou as forsítias: nenhum dos habitantes da cidade jamais tinha visto coisa parecida. Outros presentes se sucederam. No aniversário dela, eu lhe dei uma bicicleta, a máquina cervina e totalmente encantadora que já mencionei anteriormente — acrescentando a ela uma *História da pintura moderna americana*: seus modos na bicicleta, melhor dizendo a maneira como se aproximou dela, o movimento de seus quadris ao montar no selim, a graça e assim por diante proporcionaram-me um prazer supremo; mas minha tentativa de refinar seu gosto pictórico foi um rematado fracasso; ela queria saber se o sujeito que cochilava deitado no feno de Doris Lee era o pai da garota supostamente voluptuosa em primeiro plano, e não conseguia entender por que eu dizia que Grant Wood ou Peter Hurd eram bons, e Reginald Marsh ou Frederick Waugh horríveis.

13

Quando finalmente a primavera retocou a Thayer Street em tons de amarelo, verde e rosa, Lolita estava irrevogavelmente apaixonada pela ribalta. Pratt, com quem por acaso me deparei num domingo almoçando com algumas pessoas na Walton Inn, atraiu meu olhar de longe e fez o gesto convencional de bater palmas simpática e discretamente quando Lo não estava olhando. Detesto o teatro, que acho uma forma apodrecida e primitiva do ponto de vista histórico; uma forma que remete a rituais da

idade da pedra e a baboseiras da vida comunitária, apesar das injeções individuais de genialidade tais como, por exemplo, a poesia elisabetana, que o leitor encerrado em seu gabinete remove automaticamente da coisa toda. Estando muito ocupado àquela altura com meus próprios afazeres literários, não me dei o trabalho de ler todo o texto de *Os caçadores encantados*, a pecinha em que Dolores Haze fora escalada no papel da filha de um homem do campo que se imagina uma bruxa dos bosques, ou Diana, ou alguma coisa parecida, e que, tendo-se apoderado de um livro sobre hipnose, consegue mergulhar uma série de caçadores perdidos em vários tipos de transe especialmente cômicos antes de ser por sua vez enfeitiçada por um poeta errante (Mona Dahl). Isto eu pude perceber a partir de fragmentos de texto amassado e mal datilografado que Lo deixava espalhados por toda a casa. A coincidência do título com o nome de uma pousada inesquecível era agradável, mas tocada de uma tristeza ligeira: em meu cansaço, achei melhor não chamar para ela a atenção da minha pequena feiticeira, tendo em vista o perigo de ser alvejado em resposta por uma acusação de sentimentalismo que me causaria ainda mais dor que o fato de ela não ter reparado na homonímia por conta própria. Supus que aquela pecinha não passasse de mais uma versão, praticamente anônima, de alguma lenda banal. Nada me impedia, claro, de supor que à procura de um nome atraente o fundador do hotel tivesse sido imediata e unicamente influenciado pela fantasia casual do muralista que contratara, e que subsequentemente o nome do hotel tivesse sugerido o título da peça. Mas em meu espírito crédulo, simples e benigno, por acaso me desviei na direção oposta e, sem dedicar a todo o caso muita reflexão, supus que o mural, o nome e o título fossem todos derivados de uma fonte comum, alguma tradição local que eu, estrangeiro pouco versado no folclore da Nova Inglaterra, certamente não haveria de conhecer. Em consequência, fiquei com a impressão (e tudo isso de maneira muito casual, entendam, muito fora da minha órbita de importância) de que a maldita pecinha pertencesse ao tipo de fantasia geralmente dedicado ao consumo de crianças e jovens depois de inúmeras adaptações e readaptações, como *João e Maria*, de Richard Roe, ou *A bela adormecida*, de Dorothy Doe, ou *A roupa nova do imperador*, de Maurice Vermont e Marion Rumpelmeyer — todas encontráveis em qualquer volume de *Peças para grupos teatrais escolares* ou *Todos ao palco!* Noutras palavras, eu não sabia — nem teria me importado, se soubesse —

que na verdade *Os caçadores encantados* era uma composição muito recente e tecnicamente original, encenada pela primeira vez apenas três ou quatro meses antes por um grupo nova-iorquino de grande ambição intelectual. A mim — até onde eu era capaz de avaliar pelo papel da minha encantadora feiticeira — o texto parecia uma obra de fantasia bastante diluída, com ecos de Lenormand, Maeterlinck e vários adocicados sonhadores britânicos. Os caçadores, todos com um traje uniforme e o mesmo gorro vermelho, dos quais um era banqueiro, outro bombeiro, o terceiro policial, o quarto agente funerário, o quinto corretor de seguros, o sexto um fugitivo da prisão (imaginem as possibilidades!), passavam por complexas mudanças de ideia nos Domínios de Dolly, e só se lembravam das suas vidas reais como se fossem sonhos ou pesadelos de que a pequena Diana os fizera despertar; mas o sétimo Caçador (este, o cretino, de gorro verde) era um Jovem Poeta, e insistia em afirmar, para grande contrariedade de Diana, que tanto ela como todo o entretenimento que a rodeava (ninfas dançantes, elfos e monstros) eram uma criação dele, do Poeta. E ao que eu saiba, finalmente, tomada pelo desgosto diante dessa inabalável confiança em si, a descalça Dolores decidia conduzir Mona com suas calças quadriculadas até a propriedade de seu pai, além da Floresta dos Perigos, para provar ao fanfarrão que não era invenção de poeta algum, e sim uma garota simples e rústica, com os pés bem plantados na terra escura — e um beijo no último minuto pretendia reforçar a mensagem mais profunda da peça, a saber, que ilusão e realidade fundem-se no amor. Achei prudente não criticar a coisa toda na frente de Lo: ela atacava com tal vigor seus “problemas de expressão”, e com tamanho encanto juntou as mãos florentinas, bateu os cílios e me suplicou para não comparecer aos ensaios como certos pais ridículos, porque estava determinada a surpreender-me com uma Estreia perfeita — e porque eu, de qualquer maneira, acabaria me metendo, dizendo a coisa errada e prejudicando o desempenho dela na frente dos outros.

Houve um ensaio muito especial... meu coração, meu coração... houve um dia de maio marcado por um alvoroço intenso e animado — e tudo aquilo se desenrolava fora do alcance do meu conhecimento, imune à minha memória, e quando vi Lo depois disso, ao fim da tarde, equilibrada em sua bicicleta, apoiando a palma da mão na casca úmida de um jovem vidoeiro à beira do nosso gramado, fiquei tão impressionado com a ternura radiosa de

seu sorriso que por um instante julguei que fosse o fim de todos os nossos problemas. “Você se lembra”, disse ela, “do nome daquele hotel, você sabe *qual* [nariz franzido], você sabe — com as colunas brancas e o cisne de mármore na entrada? Ah, você sabe [exalação muito ruidosa] — o hotel onde você me violou. Está bem, esqueça. Quer dizer, era [quase num sussurro] Os Caçadores Encantados? Oh, quer dizer que era? [introspectiva] Era mesmo?” — e com um ladrido de riso amoroso e primaveril ela deu um tapa ruidoso no tronco muito claro e disparou ladeira acima, até o fim da rua, e depois desceu de volta, os pés pousados nos pedais imóveis, a postura relaxada, uma das mãos sonhadora em seu colo de estampa florida.

14

Como supostamente a música tinha a ver com seu interesse pela dança e o teatro, eu permitira a Lo fazer aulas de piano com uma certa srta. Emperor (como nós, conhecedores da literatura francesa, poderíamos convenientemente apelidá-la), até cuja casinha branca com janelas azuis, um quilômetro e meio para fora de Beardsley, Lo pedalava duas vezes por semana. Numa noite de sexta-feira perto do final de maio (e mais ou menos uma semana depois do ensaio muito especial a que Lo não me deixara assistir), quando me encontrava no meu escritório em pleno processo de dizimar as peças do lado do rei de Gustave — digo, de Gaston —, o telefone tocou e a srta. Emperor perguntou-me se Lo iria à aula na terça-feira seguinte, pois tinha faltado às aulas da terça anterior e de hoje. Eu disse que ela iria, sem a menor dúvida — e continuei com o jogo. Como o leitor bem pode imaginar, a partir de então minhas faculdades ficaram prejudicadas, e um ou dois lances mais tarde, quando era a vez de Gaston jogar, percebi através da névoa do meu desconforto generalizado que ele poderia tomar minha rainha; ele reparou também, mas achando que podia ser uma armadilha de seu ardiloso adversário, passou pelo menos um minuto refletindo, bufando e arquejando, sacudindo as bochechas e até me lançando olhares furtivos, enquanto fazia rudimentos hesitantes de gestos com seus dedos gorduchos reunidos — louco para tomar aquela succulenta rainha mas sem ousar fazê-lo — até atirar-se bruscamente sobre ela (quem sabe se isto não lhe serviu de lição para audácias posteriores?), e gastei uma

hora muito aborrecida obtendo um empate. Ele terminou seu conhaque e em seguida se despediu com passos pesados, muito satisfeito com aquele resultado (*mon pauvre ami, je ne vous ai jamais revu et quoiqu'il y ait bien peu de chance que vous voyiez mon livre, permettez-moi de vous dire que je vous serre la main bien cordialement, et que toutes mes fillettes vous saluent*). Encontrei Dolores Haze instalada à mesa da cozinha, consumindo uma larga fatia de torta, os olhos fixos no texto da sua peça. Em seguida, ergueu-os de encontro aos meus envoltos numa espécie de opacidade celestial. Manteve-se singularmente sem expressão ao ser confrontada com minha descoberta, e disse *d'un petit air faussement contrit* que sabia ser uma garota muito má, mas que simplesmente não fora capaz de resistir ao encantamento, e despendera aquelas horas destinadas à música — ó Leitor, Meu Leitor! — num parque público das proximidades, ensaiando a cena da floresta mágica com Mona. Respondi “muito bem” — e tomei o rumo do telefone. A mãe de Mona atendeu: “Ah, claro, ela está em casa” e bateu em retirada com o riso neutro de prazer materno contido de poder gritar dos bastidores “Roy no telefone!”, ao que no momento seguinte Mona deu sinal de ter atendido e, sem pausa, numa voz monótona mas não desprovida de carinho, começou a admoestar Roy por alguma coisa que ele tinha feito ou dito até eu interrompê-la, e em seguida Mona respondeu, em seu contralto mais humilde e sensual, “sim, senhor”, “claro, sr. Humbert”, “a culpa é toda minha, sr. Humbert, nessa história toda” (que elocução! que postura!), “é verdade, estou com muita vergonha dessa história” — e mais isso e mais aquilo, como dizem essas pequenas ordinárias.

De maneira que descí as escadas limpando a garganta e com a mão no peito. Lo estava agora na sala, na sua poltrona gorda favorita. Enquanto se espalhava ali, mordiscando uma unha encravada e zombando de mim com seus implacáveis olhos vaporosos, o tempo todo fazendo balançar um banquinho sobre o qual apoiara o calcanhar de um pé descalço, percebi na mesma hora com um mal-estar instantâneo o quanto ela mudara desde que eu a vira pela primeira vez dois anos antes. Ou teria aquilo acontecido nas duas últimas semanas? *Tendresse*? Sem dúvida este mito estava demolido. Ela estava instalada bem no foco da minha cólera incandescente. O nevoeiro de todo o desejo fora varrido, deixando em seu lugar apenas aquela lucidez terrível. Ah, ela mudara muito! Seu rosto era agora o de qualquer ginásiana desarrumada e vulgar, que compartilha cosméticos para

aplicá-los com os dedos melados no rosto que sequer lavou e nem se importa com qual superfície impura, com qual epiderme pustulosa, sua pele entra em contato desse modo. Suas pétalas macias e lisas tinham sido tão adoráveis nos dias de outrora, tão reluzentes de lágrimas, quando eu costumava, de brincadeira, fazer sua cabeça despenteada rolar em meus joelhos. Um rubor grosseiro substituíra agora aquela inocente fluorescência. O que era localmente conhecido como “resfriado de coelho” tingira de um rubor flamejante as orlas de suas narinas desdenhosas. Enquanto tomado de terror eu baixava meu olhar, este escorregou mecanicamente ao longo da face inferior de sua coxa nua tensamente estendida — suas pernas tinham ficado tão lisas e musculosas! Ela mantinha os olhos separados, de um cinza de cristal opaco e enevoado, fixos em mim, e neles vi revelado o pensamento sorrateiro de que talvez afinal Mona tivesse razão, e ela, a órfã Lo, pudesse me acusar sem sofrer ela própria qualquer castigo. Como eu me enganava. Como eu estava furioso! Tudo nela era exasperante e impenetrável — a força de suas pernas torneadas, a sola suja de suas meias brancas, o suéter grosso que vestia embora a sala estivesse fechada, seu cheiro de rapariga, e especialmente a extremidade morta do seu rosto, com seu estranho rubor e seus lábios recém-retocados. Parte do vermelho deixara vestígios em seus dentes da frente, e fui tomado de surpresa por uma lembrança pavorosa — a imagem evocada não de Monique, mas de outra jovem prostituta num bordel medonho, séculos atrás, que fora escolhida por alguma outra pessoa antes que eu tivesse o tempo de resolver se a sua mera juventude compensaria eu correr o risco de alguma doença pavorosa, e que tinha exatamente as mesmas *pommettes* salientes e coradas, também perdera sua *maman*, tinha dentes da frente grandes e usava um laço de fita vermelha encardida nos cabelos castanhos de camponesa.

“Pode falar”, disse Lo. “A corroboração foi satisfatória?”

“Ah, sim”, respondi. “Perfeita. Claro. E não tenho a menor dúvida que toda inventada por vocês duas. Na verdade, não duvido que você tenha contado a ela tudo sobre nós dois.”

“Ah, é?”

Controlei a respiração e disse: “Dolores, isto precisa acabar aqui. Estou quase arrancando você da Beardsley para trancá-la você sabe onde, mas isso precisa parar. Estou disposto a levar você embora assim que tiver tempo de acabar de fazer a mala. Se isso não parar, tudo pode acontecer.”

“Tudo pode acontecer, é mesmo?”

Puxei num arranco o banco que ela balançava com o calcanhar e seu pé desabou no chão com uma pancada seca.

“Ei”, exclamou ela, “vá devagar”.

“Primeiro você sobe”, gritei por minha vez — e ao mesmo tempo a agarrei e a forcei a levantar-se. A partir desse momento perdi o controle sobre a minha voz, e continuamos berrando um com o outro, dizendo-nos coisas que não podem sair impressas. Ela disse que me detestava. Fez caretas monstruosas para mim, inflando as bochechas e produzindo o som diabólico de alguma coisa caindo na água. Disse que eu tentara violá-la várias vezes quando ainda era pensionista na casa da sua mãe. Disse que tinha certeza de que eu assassinara a mãe dela. Disse que estava disposta a dormir com o primeiro sujeito que lhe pedisse, e que não havia nada que eu pudesse fazer para evitar. Eu disse que ela ia subir para o quarto e me mostrar todos os esconderijos que tinha inventado. Foi uma cena estridente e repleta de ódio. Eu a segurei pelo pulso protuberante e ela não parava de se virar e contorcer para todos os lados, tentando sub-repticiamente encontrar um ponto fraco a fim de desprender-se num momento propício, mas eu a subjugava com bastante força e na verdade lhe causava bastante dor, o que espero venha a causar o apodrecimento do meu coração, e uma ou duas vezes ela puxou o braço com tamanha violência que temi que seu punho pudesse partir-se, e o tempo todo ela me fitava com aqueles olhos inesquecíveis onde a cólera gelada batalhava as lágrimas ardentes, nossas vozes afogavam o toque do telefone, e quando percebi sua campainha ela escapou na mesma hora.

Com as pessoas que trabalham em cinema eu pareço compartilhar o recurso à *machina telephonica* e seu deus inesperado. Dessa vez era uma vizinha indignada. A janela do lado leste por acaso estava escancarada na sala, com a persiana, porém, piedosamente baixada; e para além dela, a noite negra e úmida de uma ácida primavera da Nova Inglaterra nos ouvia. Sempre achei que esse tipo de solteirona cheirando a peixe com a mente tomada por obscenidades era um produto dos consideráveis cruzamentos consanguíneos existentes na ficção moderna; mas dessa vez me convenci de que a pudica e puritana srta. Leste — ou, para extinguir seu anonimato, a srta. Fenton Lebone — devia ter projetado três quartos do corpo para fora

da janela do seu quarto, num esforço para captar o conteúdo da nossa discussão.

“...Esta barulheira... vai além de toda...”, grasnava o telefone, “isto aqui não é um cortiço. Quero deixar bem claro...”.

Pedi desculpas pelo fato de os amigos da minha filha fazerem tanto barulho. Os jovens, a senhora sabe — e desliguei um grasnido e meio adiante.

No andar de baixo, a porta de tela bateu. Lo? Fugida?

Através da janelinha da escada vi um pequeno fantasma impetuoso se esgueirando em meio à folhagem; um ponto prateado no escuro — cubo da roda da bicicleta — se deslocou, agitou-se, e ela partiu.

E ocorre que o carro passava a noite numa oficina da cidade. Minha única alternativa era perseguir a pé a fugitiva alada. Até hoje, depois que mais de três anos vieram e se foram, não consigo visualizar aquela rua de noite de primavera, aquela rua já tão povoada de folhas, sem um arquejo de pânico. Diante de sua varanda iluminada, a srta. Lester passeava o bassê barrigudo da srta. Fabian. O sr. Hyde quase derrubou os dois. Andar três passos e correr outros três. Uma chuva tépida começou a tamborilar nas folhas das castanheiras. Na esquina seguinte, apertando Lolita contra uma grade de ferro, um jovem indistinto a abraçava e beijava — não, não era ela, me enganei. Com as garras ainda famintas, prossegui no voo.

Mais ou menos um quilômetro a leste do número catorze, a Thayer Street atravessa uma rua particular e uma transversal; esta última conduz à cidade propriamente dita; em frente à primeira *drugstore*, vi — com o mais melodioso alívio! — a bicicleta clara de Lolita à espera dela. Empurrei em vez de puxar, puxei, empurrei, puxei e entrei. Cautela! A uns dez passos dali, Lolita, através do vidro de uma cabine telefônica (deus membranoso continuava conosco), com a mão cobrindo o fone, confidencialmente dobrada sobre ele, apertou os olhos para mim, depois deu-me as costas com seu tesouro, desligou às pressas e deixou a cabine com um gesto floreado.

“Tentei ligar para você em casa”, disse ela em tom ligeiro. “Uma grande decisão foi tomada. Mas primeiro me pague uma bebida, papai.”

Ela acompanhou atenta enquanto a moça pálida e sem encantos que servia no balcão pôs o gelo no copo, verteu por cima a Coca-Cola, acrescentou o xarope de cereja — e meu coração estava a ponto de explodir com o sofrimento do amor. Aquele pulso de criança. Minha menina linda.

Sua menina é linda, sr. Humbert. Sempre admiramos a beleza dela quando passa. O sr. Pim ficou olhando Pippa sugar aquele preparado.

J'ai toujours admiré l'œuvre ormonde du sublime Dublinois. E enquanto isso a chuva se transformara numa ducha voluptuosa.

“Escute”, disse ela, enquanto voltava para casa montada na bicicleta a meu lado, um dos pés raspando a calçada reluzente e escura, “escute, resolvi uma coisa. Quero sair da escola. Detesto essa escola. Na verdade detesto essa peça! Não quero mais voltar. Quero achar outro lugar. Ir embora agora mesmo. Sair noutra viagem comprida. Mas dessa vez vamos aonde *eu* quiser, está bem?”.

Concordei com um aceno de cabeça. Minha Lolita.

“Eu é que decido? *C'est entendu?*”, perguntou ela oscilando um pouco ao meu lado. Só usava o francês quando empenhada em exibir um comportamento impecável.

“Está bem. *Entendu.* Agora vamos depressa, Lenore, ou você vai ficar encharcada.” (Uma tempestade de soluços formava-se no meu peito.)

Ela mostrou os dentes e, a seu modo adorável de escolar, inclinou-se para a frente e partiu em velocidade, meu passarinho.

A mão impecavelmente manicurada da srta. Lester segurava a porta da varanda aberta para um cão velho e hesitante *qui prenait son temps.*

Lo esperava por mim ao lado do vidoeiro fantasmagórico.

“Estou ensopada”, declarou ela o mais alto que conseguia falar. “Agora está satisfeito? Que se dane a peça da escola! Está me entendendo?”

As garras de uma megera invisível bateram com força uma janela do andar de cima.

Na entrada da nossa casa, fartamente iluminada por luzes acolhedoras, minha Lolita tirou o suéter, sacudiu o cabelo perolado, estendeu para mim dois braços nus, levantou um dos joelhos:

“Me carregue para cima, por favor. Hoje à noite estou me sentindo um tanto romântica.”

Pode interessar aos fisiologistas saber, a esta altura, que tenho a capacidade — o que deve ser um caso muito singular — de derramar torrentes de lágrimas ao longo de toda a outra tempestade.

As lonas de freio foram trocadas, as mangueiras de água desentupidas, as válvulas limadas e uma série de outros reparos e melhoramentos pagos pelo não muito mecanicamente inclinado mas prudente *papa* Humbert, de maneira que o carro da falecida sra. Humbert estava em forma respeitável e pronto para empreender uma nova jornada.

Prometemos à Escola Beardsley, a boa e velha Escola Beardsley, que estaríamos de volta assim que meu contrato em Hollywood chegasse ao fim (o inventivo Humbert, dei a entender, partia para servir de consultor principal na produção de um filme abordando o “existencialismo”, assunto ainda quente na época). Na verdade a ideia com que eu brincava era deslizar mansamente através da fronteira com o México — agora estava mais corajoso que no ano anterior — e, de lá, decidir o que fazer com minha pequena concubina, que agora ultrapassara o metro e meio de altura e os quarenta quilos de peso. Desencavamos nossos guias e mapas de viagem. Ela traçou nossa rota com grande animação. Teria sido graças a todo aquele teatro que ela agora abandonara seus gastos ares pueris, mostrando-se tão adoravelmente empenhada em explorar a rica realidade? Eu experimentava a estranha leveza dos sonhos, que empalideciam mas aqueciam a manhã de domingo, quando abandonamos a intrigada residência do Professor de Química e zarpamos ao longo da Main Street rumo às quatro pistas da rodovia interestadual. O vestido de algodão, riscado de preto e branco, do Meu Amor, seu alegre boné azul, suas meias soquete brancas e seus mocassins marrons não combinavam muito com a imensa e lindamente lapidada água-marinha pendente de uma corrente de prata que adornava seu pescoço: um presentinho meu de primavera. Passamos pelo New Hotel, e ela riu. “Uma moeda pelo que está pensando”, eu disse, e na mesma hora ela estendeu a mão, mas nesse exato momento precisei pisar bruscamente no freio num sinal vermelho. Quando paramos, outro carro veio freando ao lado do nosso, e uma jovem de grande beleza, esguia e atlética (onde eu já a tinha visto?), com o rosto muito corado e cabelos lustrosos cor de bronze até a altura dos ombros, cumprimentou Lo com um “Oi!” musical — e então, dirigindo-se a mim, efusivamente, edusivamente (encaixei!), enfatizando algumas das palavras, disse: “Que *absurdo* foi *arrancar* Dolly da peça desse jeito — o senhor devia ter ouvido os *elogios*

feitos a ela por quem escreveu a peça depois daquele ensaio —” “O sinal ficou verde, bestalhão”, disse Lo num sussurro, e ao mesmo tempo, acenando num adeus animado o braço coberto de pulseiras, Joana d’Arc (numa encenação a que assistimos no teatro local) distanciou-se violentamente de nós para enveredar pela Campus Avenue.

“E quem foi exatamente? Vermont ou Rumpelmeyer?”

“Não — aquela era Edusa Gold, a nossa treinadora.”

“Não estava falando dela. Quem foi mesmo que escreveu a tal peça?”

“Ah! Claro. Uma senhora de idade, Clare de Tal, ou coisa parecida. Tinha muita gente nesse ensaio.”

“E ela veio lhe fazer um elogio?”

“Elogio coisa nenhuma — ela pousou um beijo em minha testa pura” — e minha querida emitiu o novo ladrido curto de alegria que — talvez por algum motivo ligado a seus maneirismos teatrais — começara a afetar em tempos recentes.

“Você é uma estranha criatura, Lolita”, disse eu — ou coisa parecida. “Naturalmente, fico muito feliz por você ter desistido de toda essa história absurda de teatro. Mas o curioso é que você resolveu largar tudo apenas uma semana antes do seu clímax natural. Ah, Lolita, você devia tomar cuidado com essas suas desistências. Eu me lembro que você desistiu de Ramsdale pela colônia de férias, da colônia por uma viagem, e dava para fazer uma lista com as outras mudanças abruptas das suas decisões. Você precisa ser mais cuidadosa. Há coisas de que nunca deveria desistir. Você precisa perseverar. Você devia tentar me tratar um pouco melhor, Lolita. E também devia cuidar da sua dieta. O perímetro da sua coxa, sabe, não deveria ultrapassar 45 centímetros. Mais do que isso pode ser fatal (eu estava brincando, claro). Agora estamos partindo para uma longa viagem feliz. E eu me lembro —”

16

Eu me lembro de quando era criança na Europa, examinando radiante um mapa da América do Norte que tinha as palavras “Montes Apalaches” correndo em negrito do Alabama a New Brunswick, de maneira que toda a extensão que percorriam — o Tennessee, as Virgínia, a Pensilvânia, o

estado de Nova York, Vermont, New Hampshire e o Maine — parecia à minha imaginação uma imensa Suíça ou mesmo um verdadeiro Tibete, coberto de montanhas, um glorioso pico piramidal atrás do outro, coníferas gigantes, *le montagnard émigré* envergando seu abrigo de pele de urso, *Felis tigris goldsmithi*, peles-vermelhas à sombra das catalpas nativas. Que no final das contas tudo se resumisse a um esburacado gramado suburbano e um fumegante incinerador de lixo foi uma enorme decepção. Adeus, Appalachia! Ao deixar a região, atravessamos o Ohio, os três estados que começam com “I”, e Nebraska — ah, a primeira aragem do Oeste! Viajávamos com muito vagar, e levamos mais de uma semana para chegar a Wace, no Divisor de Águas do Continente, onde ela desejava ardentemente presenciar as Danças Cerimoniais que marcavam a abertura da temporada na Caverna Mágica, e pelo menos outras três semanas para chegarmos a Elphinstone, a joia de um dos estados do Oeste onde ela pretendia escalar o rochedo conhecido como Red Rock, de cujo topo uma gasta estrela de cinema pouco antes mergulhara para a morte depois de uma sessão alcoolizada de vale-tudo com seu gigolô.

Novamente, éramos acolhidos por motéis cansados que nos saudavam com anúncios que diziam:

“Queremos que os nossos hóspedes se sintam em casa. Todo o equipamento do quarto foi meticulosamente verificado antes da sua chegada. Anotamos o número da sua placa. Use a água quente com moderação. A administração se reserva o direito de expulsar sem aviso prévio qualquer hóspede de comportamento duvidoso. Não jogue papel nem *qualquer tipo* de lixo na privada. Obrigado. Volte sempre. A Gerência. P.S. Consideramos nossos hóspedes as Melhores Pessoas do Mundo.”

Nesses lugares assustadores, em que pagávamos dez dólares por um quarto com duas camas, as moscas se enfileiravam junto à porta sem proteção de tela e sempre conseguiam penetrar no quarto, as cinzas de nossos antecessores persistiam nos cinzeiros, um cabelo de mulher se alongava no travesseiro, ouvíamos o vizinho pendurando o paletó no armário, os cabides eram engenhosamente presos por molas de arame ao tubo do qual pendiam para desestimular o roubo e, insulto supremo, os quadros sobre as duas camas eram gêmeos idênticos. E percebi também que os padrões da atividade estavam em transformação. Os bangalôs agora tendiam a se fundir, formando aos poucos um caravanchará, e, além disso,

um segundo piso vinha sendo acrescentado, um saguão se abria, os carros eram deslocados para uma garagem comum e o motel revertia aos padrões de um hotel puro e simples como os de antigamente.

E agora advirto o leitor a não zombar de mim e de minha confusão mental. É bem fácil para ele e para mim decifrar *agora* um destino passado; mas um destino em pleno processo de gestação, acreditem, não é uma dessas claras histórias de mistério em que basta ao leitor ficar atento às pistas. Na minha juventude, li certa vez um conto policial francês em que todas as pistas eram apresentadas em itálico; mas não é assim que McFate opera — mesmo que você aprenda a reconhecer certos indícios obscuros.

Por exemplo: eu não garantiria que não tenha havido pelo menos uma ocasião, anterior ao, ou no início do, trecho da nossa viagem pelo Meio-Oeste, em que ela tenha conseguido transmitir alguma informação sobre nosso trajeto para, ou de algum outro modo entrado em contato com, um indivíduo ou indivíduos quaisquer. Paramos num posto de gasolina, sob a égide de Pégaso, ela escorregara do seu assento para fora do carro e desaparecera nos fundos do estabelecimento enquanto o capô erguido, debaixo do qual eu me debruçara para assistir às manipulações do mecânico, ocultou-a por alguns minutos das minhas vistas. Inclinado à leniência, limitei-me a sacudir a cabeça benevolente, embora a bem da verdade essas visitas fossem tabu, pois eu sentia instintivamente que os toaletes — como também os telefones — tendiam a ser, por algum motivo insondável, os pontos onde meu destino poderia enredar-se. Todos temos alguma coisa aziaga desse tipo — pode ser uma paisagem recorrente num caso, ou um número em outro —, escolhida a dedo pelos deuses para atrair acontecimentos de especial significância para nós: aqui João sempre há de tropeçar; aqui o coração de Maria sempre há de se partir.

Bem — meu carro fora devidamente abastecido, e eu me afastara das bombas para permitir o atendimento a uma caminhonete —, quando o volume crescente da ausência dela começou a fazer-se notar naquela tarde cinzenta e ventosa. Não pela primeira vez, nem pela última, eu contemplava com a mesma disposição de espírito entediada e desconfortável essas trivialidades imóveis que se mostram quase surpreendidas, como camponeses de olhar fixo, quando incluídas no campo de visão do viajante ocasional: o latão de lixo verde, os pneus muito pretos e de banda muito branca expostos à venda, as latas multicoloridas de óleo de motor, a

geladeira horizontal vermelha com suas bebidas sortidas, as quatro, cinco, sete garrafas vazias preenchendo de forma incompleta as casas vazias de madeira de seus problemas de palavras cruzadas, o inseto que percorre paciente a parte interna da janela do escritório. Música de rádio escapava por sua porta aberta, e como o ritmo não estava sincronizado com a pulsação, o balanço e outros gestos da vegetação animada pelo vento, tinha-se a impressão de um antigo filme mudo que seguisse adiante com sua vida própria enquanto o piano ou violino seguia uma linha melódica totalmente desencontrada com o estremecimento da flor ou o balanço do ramo. O som do último soluço de Charlotte vibrou incongruente em mim quando, com seu vestido agitado e fora do ritmo, Lolita surgiu de uma direção totalmente inesperada. Encontrara o banheiro ocupado e precisara atravessar até o símbolo da Concha no quarteirão seguinte. Lá diziam sentir orgulho da limpeza de seus banheiros, comparáveis aos da casa dos viajantes. E esses postais pré-pagos, diziam eles, estão às ordens para os seus comentários. Nada de postais. Nada de sabão. Nada. Sem comentários.

Naquele dia ou no dia seguinte, depois de um tedioso estirão através de uma terra toda plantada de alimentos, chegamos a um simpático burgo de pequeno porte e paramos diante da Chestnut Court — bangalôs simpáticos, gramados úmidos e extensos, macieiras, um velho balanço — e de um formidável crepúsculo que a criança exausta preferiu ignorar. Ela optara por atravessar Kasbeam, que ficava apenas uns cinquenta quilômetros ao norte de sua cidade natal, mas na manhã seguinte eu a achei muito desalentada, sem o menor desejo de tornar a ver as calçadas onde brincava de amarelinha apenas cinco anos antes. Por motivos óbvios, sentia-me apreensivo quanto a essa pequena viagem paralela, muito embora tivéssemos concordado em não chamar atenção de maneira alguma — iríamos ficar no carro, e não visitar velhas amigas. Meu alívio ao vê-la abandonar o projeto foi toldado pela ideia de que, caso ela me considerasse totalmente contrário às possibilidades nostálgicas de Pisky, como fora no ano anterior, sua desistência não teria sido tão fácil. Quando expus esta minha ideia com um suspiro, suspirou também, declarando-se indisposta. Queria ficar na cama até pelo menos a hora do chá, com pilhas de revistas, e depois, caso se sentisse melhor, sugeriu que continuássemos no rumo oeste. Devo dizer que se mostrava muito meiga e lânguida, com o desejo de comer frutas frescas, o que me fez decidir sair e ir até Kasbeam comprar-lhe um piquenique.

Nosso bangalô ficava no topo arborizado de uma encosta, e de nossa janela podíamos ver a estrada que serpenteava montanha abaixo e, depois, esticava-se reta como a linha de um penteado entre duas aleias de castanheiras na direção da bela cidadezinha, que parecia singularmente distinta e de brinquedo na distância clara da manhã. Era possível distinguir uma élfica menina numa bicicleta que lembrava um inseto, e um cachorro, um pouco grande demais em proporção a ela, com tanta clareza quanto os peregrinos e suas mulas subindo as estradas de terra clara nos quadros antigos com seus montes azuis e pequenas pessoinhas vermelhas. Tenho o impulso europeu de recorrer a meus pés sempre que posso dispensar o carro, de maneira que preferi caminhar vagarosamente ladeira abaixo, cruzando depois de algum tempo com a pequena ciclista — uma garota gorda e feia de trancinhas curtas, acompanhada de um enorme cão são-bernardo com órbitas que pareciam roxas. Em Kasbeam, um barbeiro muito velho submeteu meu cabelo a um corte muito medíocre: tagarelava incontrolavelmente sobre um filho seu que jogava beisebol e, a cada consoante explosiva, cuspiu no meu pescoço, a intervalos limpando os óculos na toalha que enrolara à minha volta, ou interrompendo suas trêmulas tesouradas para exhibir-me desbotados recortes de jornal, e tão desatento estava eu que tive um choque ao perceber, quando ele me apontou uma foto emoldurada em meio às antigas loções de combate aos cabelos brancos, que o jovem de bigodes que jogava beisebol morrera trinta anos antes.

Tomei uma xícara de café quente e insosso, comprei um cacho de bananas para a minha macaquinha e passei mais ou menos outros dez minutos numa loja de comestíveis. No mínimo uma hora e meia devia ter transcorrido quando este diminuto peregrino de volta para casa despontou na estrada cheia de curvas que levava ao Castelo das Castanheiras.

A menina que eu vira no meu caminho para a cidade estava agora carregada com uma trouxa de roupa, e empenhada em ajudar um homem disforme cuja cabeça imensa e cujos traços grosseiros me lembraram o personagem “Bertoldo” das antigas comédias italianas. Arrumavam os bangalôs, que somavam mais ou menos uma dúzia na Encosta das Castanheiras, todos agradavelmente espalhados em meio à copiosa vegetação. Era meio-dia, e a maioria dos casebres, com o estrépito das portas de tela que se fechavam, já se tinha livrado dos ocupantes. Um casal

muito idoso, ambos parecendo múmias e ocupando um carro de modelo muito recente, estava em pleno processo de deixar lentamente uma das garagens contíguas; noutra, a ponta de um capô vermelho ficava de fora lembrando de certa forma o tapa-sexo de uma roupa medieval; mais perto do nosso bangalô, um jovem forte e bonito com olhos azuis e desalinhados cabelos negros acomodava uma geladeira portátil numa caminhonete. Por algum motivo, dirigiu-me um sorriso tímido quando passei por ele. Na extensão gramada em frente, na sombra dividida em mil braços de árvores luxuriantes, o são-bernardo que eu já conhecera guardava a bicicleta da sua dona, e ali perto uma jovem dama, amplamente ocupada por uma criança ainda por nascer, acomodara um bebê deslumbrado num balanço que acionava bem de leve, enquanto um garotinho enciumado de dois ou três anos fazia o possível para atrapalhar, tentando puxar ou empurrar o assento do balanço; finalmente conseguiu dar um jeito de ser derrubado pelo brinquedo, e berrou o mais alto que podia estendido de costas na grama, enquanto a mãe continuava a sorrir mansamente para nenhum dos filhos que já tinha. Lembro-me tão claramente de tantas minúcias provavelmente porque iria recapitular essas minhas impressões com o máximo possível de detalhes dali a poucos minutos; além disso, alguma coisa em mim permanecia em estado de alerta desde aquela noite terrível em Beardsley. Agora eu me recusava a deixar-me distrair pela sensação de bem-estar que minha caminhada engendrara — pela fresca brisa de verão que envolvia minha nuca, a maciez crocante do cascalho úmido, a succulenta migalha que finalmente conseguira desalojar por aspiração da cavidade de um dos meus dentes, e mesmo pelo reconfortante peso das minhas provisões, que a condição geral do meu músculo cardíaco não devia ter-me permitido carregar; mas mesmo essa pobre bomba que trago no peito parecia funcionar bem e suavemente, e sentia-me *adolori d'amoureuse langueur*, para citar meu velho amigo Ronsard, quando cheguei de volta ao bangalô onde deixara minha Dolores.

Para minha surpresa encontrei-a vestida. Estava sentada na beira da cama, de calças compridas e camiseta, e olhava para mim como se não conseguisse situar-me muito bem. A curva suave e franca de seus seios miúdos estava mais realçada que disfarçada pela falta de formas de sua blusa fina, e essa franqueza deixou-me irritado. Ela não tomara banho; ainda assim sua boca estava pintada de fresco, embora um tanto borrada, e

seus dentes largos exibiam o lustro do marfim manchado de vinho, ou por fichas de pôquer cor-de-rosa. E lá estava ela sentada, as mãos cruzadas no colo, transbordando sonhadora de uma satisfação diabólica sem qualquer relação comigo.

Pousei meu pesado saco de papel e fiquei ali parado, fitando os tornozelos nus e seus pés calçados de sandálias, depois seu rosto abobalhado, em seguida novamente seus pés pecadores. “Você saiu”, disse eu (as sandálias estavam sujas de cascalho).

“Acabei de me levantar”, respondeu ela, e acrescentou depois de interceptar meu olhar para baixo: “Saí para uma voltinha de um minuto. Só queria ver se você já estava chegando.”

Descobriu as bananas e desdobrou-se na direção da mesa.

Que desconfiança específica eu podia ter? Nenhuma, de fato — mas aqueles olhos lodosos e cismadores, aquele calor singular que emanava de seu corpo! Não disse nada. Olhei para a estrada cujos meandros se revelavam com tanta nitidez no enquadramento da janela... Qualquer pessoa que decidisse trair minha confiança teria nela um esplêndido posto de vigia. Com um apetite crescente, Lo dedicou-se às frutas. E na mesma hora me lembrei do sorriso elogioso do belo rapaz ao lado. Cheguei do lado de fora com poucos passos. Todos os carros tinham desaparecido, menos sua perua; sua jovem esposa grávida estava embarcando com o filho bebê e o outro menino, mais ou menos ignorado.

“O que foi, aonde você vai?”, gritou Lolita da entrada do bangalô.

Não respondi. Empurrei sua maciez de volta para dentro do quarto e atirei-me sobre ela. Rasguei sua blusa. Abri os zíperes do resto. Arranquei suas sandálias. Enlouquecido, saí à caça de alguma sombra de infidelidade; mas o rastro que guiava meu faro era tão tênue que, na prática, não havia como distingui-lo do delírio de um louco.

Gros Gaston, a seu modo muito afetado, gostava de dar presentes — presentes só um pouco afetadamente fora do comum, ou pelo menos era nisso que ele acreditava, em sua afetação. Percebendo certa noite que a minha caixa de peças de xadrez estava quebrada, mandou-me na manhã

seguinte, por meio de um dos seus meninos, uma caixa de cobre: tinha uma extravagante decoração oriental na tampa, e podia ser fechada com segurança. Um olhar me bastou para perceber que era uma dessas caixas baratas de dinheiro conhecidas por algum motivo como “*luizettas*”, que a pessoa pode comprar em Argel, ou nas proximidades, e depois ficar matutando o que fazer com ela. Era rasa demais para conter minhas robustas peças de xadrez, mas fiquei com a caixa — que usei com finalidade totalmente diversa.

A fim de tentar romper com um padrão do destino em que eu me sentia obscuramente emaranhado, eu decidira — a despeito da visível contrariedade de Lo — passar mais uma noite na Chestnut Court; despertando definitivamente às quatro da manhã, verifiquei que Lo ainda estava profundamente adormecida (a boca aberta, numa espécie de espanto mudo diante da vida curiosamente sem sentido que arquitetáramos para ela) e me certifiquei de que o precioso conteúdo da “*luizetta*” estava a salvo. Ali, cuidadosamente envolta num cachecol de lã branca, residia uma pistola automática: calibre .32, pente com capacidade para oito cartuchos, comprimento de pouco menos de um nono da altura de Lolita, cabo de noqueira trabalhada, acabamento azulado. Eu herdara a arma do falecido Harold Haze, acompanhada de um catálogo de 1938 que afirmava alegremente num trecho: “Especialmente adequada para o uso no lar e no automóvel, bem como na pessoa.” E lá estava ela, pronta para o emprego em pessoa ou pessoas, carregada e engatilhada com a trava em posição de segurança para prevenir qualquer disparo acidental. Devemos nos lembrar de que uma pistola é o símbolo freudiano do membro central do pai primevo.

Agora sentia-me grato por tê-la levado comigo — e mais grato ainda por ter aprendido a usá-la dois anos antes, no bosque de pinheiros que cercava o remoto lago de cristal meu e de Charlotte. John Farlow, com quem palmilhei aquelas matas solitárias, era um atirador admirável, e com seu .38 chegou a acertar um beija-flor, embora eu deva dizer que não sobrou muito da avezinha para servir de prova — além de um punhado de penugem iridescente. Um ex-policia socado chamado Krestovski, que na década de 20 tinha abatido a tiros dois fugitivos da cadeia, juntou-se a nós e matou um diminuto pica-pau — totalmente fora da estação de caça, diga-se de passagem. Cercado por esses dois desportistas, eu era evidentemente um

noviço e não consegui acertar em nada, embora tenha conseguido ferir um esquilo numa ocasião posterior em que saí sozinho. “Fique aí caído”, sussurrei para meu compacto e levíssimo amiguinho, e em seguida brindei a ele com uma gota de gim.

18

O leitor agora precisa esquecer Colts e Castanheiras, e acompanhar-nos à medida que avançamos para o oeste. Os dias seguintes foram marcados por uma série de fortes tempestades — ou talvez tenha sido uma única tempestade que se deslocava pelo país a saltos assombrosos e da qual não conseguíamos nos livrar, assim como não nos livrávamos do detetive Trapp: porque foi nesses dias que deparei com o problema do Conversível Vermelho-Asteca, que obscureceu consideravelmente o tema dos amantes de Lo.

Estranho! Eu que sentia ciúmes de todo homem com que nos deparávamos — estranho como me equivoquei na interpretação dos indícios da calamidade. Talvez me tenha deixado iludir pelo comportamento contido de Lo ao longo do inverno, e de qualquer modo teria sido loucura demais, mesmo para um lunático, imaginar que pudesse haver outro Humbert no ávido encalço de Humbert e da ninfeta do Humbert munido do fogo jupiteriano, por essas planícies feias e intermináveis. Deduzi, *donc*, que o Iaque Vermelho que nos acompanhava a uma distância discreta, quilômetro após quilômetro, fosse dirigido pelo detetive contratado por algum enxerido para descobrir exatamente ao que Humbert Humbert vinha submetendo sua enteada menor de idade. Como costuma ocorrer comigo em momentos de muita atividade elétrica na atmosfera e de raios crepitantes, tive alucinações. Talvez tenham sido mais que alucinações. Não sei o que ela ou ele, ou ambos, puseram na minha bebida, mas certa noite tive a certeza de que alguém batia de leve na porta do nosso bangalô, que escancarei de um gesto, e dei-me conta de duas coisas — que eu estava totalmente nu e que, destacando-se branco contra a escuridão encharcada de chuva, havia um homem de pé segurando diante do rosto a máscara do grotesco detetive de queixo proeminente das histórias em quadrinhos. Ele emitiu um riso abafado e se afastou, eu recuei para dentro do quarto e tornei a adormecer, e

até hoje não sei ao certo se essa visita não terá sido um delírio provocado por alguma droga: estudei a fundo o senso de humor de Trapp, e esta pode ter sido uma amostra plausível. Ah, grosseiro e absolutamente impiedoso! Alguém, imaginei, devia estar ganhando dinheiro com essas máscaras de monstros e idiotas populares. Terei visto na manhã seguinte dois moleques revirando a lata de lixo e experimentando a máscara do detetive? Não sei ao certo. Pode ter sido tudo uma simples coincidência — atribuível, acredito, às condições atmosféricas.

Sendo um assassino dotado de uma memória sensacional mas incompleta e heterodoxa, não sei dizer-lhes ao certo, senhoras e senhores, o dia exato em que concluí com certeza absoluta que o conversível vermelho nos seguia. Lembro-me, ainda assim, da primeira vez que distingui seu motorista com clareza. Avançava devagar certa tarde, atravessando torrentes de chuva, tendo sempre aquele fantasma vermelho a nadar e estremecer com gosto em meu retrovisor, quando de repente o dilúvio reduziu-se a um chuveiro, e logo cessou de todo. Com um som sibilante, a claridade do sol espalhou-se na estrada e, precisando de um novo par de óculos escuros, parei num posto de gasolina. O que estava acontecendo era uma doença, um câncer, uma coisa incontrolável, de maneira que escolhi simplesmente ignorar que nosso perseguidor silencioso, em seu estado convertido, parara um pouco atrás de nós, num café ou bar assinalado por um letreiro idiota. Tendo cuidado das necessidades do meu carro, entrei no escritório do posto para comprar meus óculos, fiquei na dúvida quanto a meu exato paradeiro, olhei por acaso através de uma janela lateral e vi uma coisa terrível. Um sujeito de costas largas, calvície em processo, com um paletó areia e calças de um marrom-escuro, escutava as palavras de Lo, que se debruçava para fora do carro e falava com ele muito depressa, sua mão com os dedos estendidos gesticulando para baixo e para cima como sempre fazia quando discorria com ênfase e seriedade. O que me chocou com uma intensidade que me deixou nauseado foi — como dizer? — a familiaridade volúvel dos seus modos, como se ela e ele se conhecessem — oh, de muitas e muitas semanas. Eu o vi coçar o rosto e assentir com a cabeça, virar-se e voltar para o seu conversível, um homem largo e socado mais ou menos da minha idade que de algum modo lembrava Gustave Trapp, um primo do meu pai na Suíça — o mesmo rosto levemente bronzeado, mais largo que o meu,

com um bigodinho escuro e a boca em botão do degenerado. Lolita estudava um guia rodoviário quando entrei de volta no carro.

“O que aquele homem estava perguntando, Lo?”

“Homem? Ah, aquele homem. Entendi. Não sei bem. Queria saber se eu tinha um mapa. Acho que se perdeu.”

Seguimos em frente, e eu disse:

“Escute aqui, Lo. Não sei se você está mentindo ou não, e não sei se está louca ou não, e no momento estou pouco ligando; mas essa pessoa passou o dia inteiro nos seguindo, o carro dele estava ontem no motel, e acho que ele é da polícia. Você sabe muito bem o que irá acontecer e onde você irá parar se a polícia descobrir como as coisas são. Agora eu quero saber exatamente o que ele disse a você, e o que você respondeu a ele.”

Ela riu.

“Se ele for mesmo da polícia”, disse ela, num tom agudo mas não sem lógica, “o pior que poderíamos fazer seria dar sinais de que estamos com medo. Ignore o homem, *papai*”.

“Ele perguntou aonde estamos indo?”

“Ah, isso ele sabe” (zombando de mim).

“De qualquer maneira”, disse eu, desistindo, “agora eu conheço o rosto dele. E não é nada bonito. É a cara de um parente meu chamado Trapp”.

“Talvez ele seja o Trapp. Se eu fosse você — Oh, olhe só, os nove estão todos virando para o milhar seguinte. Quando eu era pequena”, continuou ela inesperadamente, “achava que os números parariam e voltariam para os nove, se a minha mãe andasse de marcha a ré”.

Foi a primeira vez, acho eu, que ela falou espontaneamente da sua infância pré-Humbertiana; talvez ela tivesse aprendido esse truque no teatro; e seguimos viagem em silêncio, sem ninguém a nos perseguir.

Mas no dia seguinte, como a dor numa doença fatal que volta a atacar depois que o remédio e a esperança param de fazer efeito, lá estava ele novamente atrás de nós, aquele cintilante monstro vermelho. Nesse dia o tráfego na estrada estava leve; ninguém ultrapassava ninguém, e ninguém tentou intrometer-se entre nosso horrível carro azul e sua imperiosa sombra vermelha — como se houvesse um malefício lançado sobre esse espaço intermediário, uma zona de zombaria e mágica cruel, uma zona com uma precisão e uma estabilidade dotadas de uma virtude cristalizada, quase artística. O motorista que me seguia, com seus ombros maciços e seu bigode trapista, parecia um manequim de vitrine, e seu conversível parecia deslocar-se apenas graças a um cabo invisível de seda silenciosa que o conectava ao nosso surrado automóvel. Éramos muitas vezes mais fracos que aquela esplêndida máquina laqueada, de maneira que nem mesmo tentei ganhar distância ou superá-lo em velocidade. *O lente currite noctis equi!* Ó, correi devagar, pesadelos da noite! Subíamos longos aclives e tornávamos a descer, respeitávamos os limites de velocidade, poupávamos crianças lentas, reproduzíamos com nosso movimento os traços negros que representam as curvas em seus escudos amarelos, e qualquer que fosse o caminho ou a direção que seguissemos, o espaço intermediário permanecia intacto, matemático, como uma miragem, a contrapartida viária de um tapete mágico. E o tempo todo eu tinha consciência de um fulgor especial à minha direita: o olho triunfante dela, seu rosto rubro.

Um guarda de trânsito, postado num pesadelo de ruas entrecruzadas — às quatro e meia da tarde numa cidade fabril —, foi a mão ocasional que quebrou o encanto. Fez-me um gesto para seguir em frente, e com a mesma mão deteve em seguida meu perseguidor. Uma vintena de carros se introduziu entre nós, ganhei velocidade e ardidamente enveredei por uma rua estreita. Uma andorinha pousou com uma imensa migalha de pão no bico, foi atacada por outra, e perdeu sua migalha.

Quando depois de algumas apreensivas paradas e de alguns meandros deliberados eu voltei à estrada, nosso perseguidor desaparecera.

Lola bufou de desprezo e disse: “Se ele é o que você pensa, é um erro fugir dele.”

“Agora estou imaginando outras coisas”, disse eu.

“Pois você devia — ah — tirar isso a limpo — ah — procurando manter contato com ele, querido paizinho”, disse Lo, debatendo-se nas malhas do seu próprio sarcasmo. “Quanta maldade, a sua”, acrescentou com sua voz normal.

Passamos uma noite desagradável num bangalô muito imundo, debaixo de uma sonora amplidão de chuva e com o estrondo constante de uma espécie de trovão pré-historicamente ruidoso, ressoando o tempo todo sobre as nossas cabeças.

“Não sou uma dama, e não gosto de relâmpagos”, disse Lo, cujo pavor de tempestades elétricas me trazia algum consolo patético.

Tomamos o café da manhã no povoado de Soda, pop. 1.001.

“A julgar pelo último algarismo”, observei, “o Cabeçudo deve ter chegado antes de nós”.

“O seu senso de humor”, disse Lo, “me mata de rir, papai querido”.

A essa altura já chegáramos a uma região de vegetação baixa e esparsa, e tivemos um ou dois dias de adorável alívio (eu vinha sendo um idiota, tudo estava bem, todo aquele desconforto eram meras cólicas devidas ao gás aprisionado), e em seguida as mesetas deram lugar a montanhas de verdade e, bem a tempo, entramos em Wace.

Oh, calamidade. Alguma confusão tinha ocorrido, ela tinha lido a data errada no Guia, e as cerimônias da Caverna Mágica já tinham acabado! Ela encarou a perda com bravura, devo admitir — e, quando descobrimos que havia em Wace, com seu ar de estação de águas, uma companhia teatral em plena temporada de verão, vimo-nos naturalmente atraídos para lá numa noite clara de meados de junho. Não sei contar-lhes o enredo da peça que vimos. Algum texto trivial, sem dúvida, com alguns tímidos efeitos de luz e uma atriz principal bem medíocre. O único detalhe que me agradou foi uma guirlanda de sete pequenas graças, mais ou menos imóveis, pitorescamente pintadas, de pernas e braços nus — sete confusas meninas recém-entradas na adolescência envoltas em gaze colorida que tinham sido recrutadas localmente (a julgar pelo alvoroço de apoio em pontos esparsos da plateia) e supostamente representavam um arco-íris vivo, que se mantinha por todo o último ato mas teimava em ocultar-se provocativamente por trás de uma série de múltiplos véus. Lembro-me de ter pensado que essa ideia das cores-meninas fora copiada pelos autores da peça, Clare Quilty e Vivian Darkbloom, de um trecho de James Joyce, e que duas das cores eram exasperantemente adoráveis — Laranja, que não parava quieta em momento algum, e Esmeralda, que, quando seus olhos se habituaram à escuridão profunda do poço onde estávamos instalados, sorriu de repente para a mãe ou o seu protetor.

Assim que a coisa chegou ao fim, e o aplauso manual — um som que meus nervos não toleram — começou a estalar à toda minha volta, pus-me a empurrar e puxar Lo na direção da saída, em minha naturalíssima impaciência amorosa de vê-la de volta ao nosso bangalô de um azul neon naquela noite atônita e coalhada de estrelas: sempre digo que a natureza fica atônita com os espetáculos que contempla. Dolly-Lo, contudo, deixava-se ficar para trás, numa névoa rosada de vaguidão, seus olhos satisfeitos semicerrados, seu sentido da visão afogando a tal ponto os demais que suas mãos pendentes mal se entrecrocavam na ação mecânica de bater palmas que insistiam em executar. Eu já tinha visto esse tipo de coisa em crianças, mas meu Deus, aquela menina era especial, contemplando com o brilho dos olhos míopes o palco distante onde percebi de relance os coautores do texto — um homem de *smoking* e os ombros nus de uma mulher notavelmente alta, com traços que lembravam um falcão e cabelos muito negros.

“Você machucou de novo o meu pulso, seu brutamontes”, disse Lolita com voz fina quando se instalou no seu assento do carro.

“Espero que você me perdoe, minha querida, minha adorada ultravioleta”, disse eu, tentando sem sucesso segurar seu cotovelo. E acrescentei, para mudar de assunto — para mudar o rumo do destino, ó Deus, ó Deus: “Vivian é uma mulher e tanto. Tenho quase certeza de que ela estava naquele restaurante ontem, em Soda.”

“Às vezes”, disse Lo, “você é tão burro que dá raiva. Primeiro, Vivian é o homem dos dois escritores, e a mulher é Clare; e segundo, ela já fez uns quarenta anos, é casada e tem sangue negro”.

“Achei”, repliquei, zombando dela, “que Quilty fosse uma antiga paixão sua, no tempo em que você me amava, na velha e linda Ramsdale”.

“O quê?”, retrucou Lo, com o rosto mudando muito de expressão. “Aquele dentista gordo? Você deve estar me confundindo com alguma garota mais assanhada.”

E pensei comigo mesmo como essas garotas assanhadas esquecem de tudo, tudo, enquanto nós, os velhos amantes, guardamos como tesouros cada centímetro de sua infância.

19

Com o conhecimento e a concordância de Lo, os dois endereços indicados à secretaria de Beardsley para futura correspondência eram Posta Restante em Wace e Posta Restante em Elphinstone. Na manhã seguinte, visitamos a primeira e precisamos esperar numa fila curta mas lenta. Lo, serena, estudava a galeria dos procurados pela polícia. O belo Bryan Bryanski, também conhecido como Anthony Bryan ou Tony Brown, olhos castanhos, pele clara, era procurado por sequestro. Um velho senhor de olhos tristes cometera o *faux pas* da fraude postal, e, como se não bastasse, ainda precisava ver-se às voltas com a maldição de pés deformados. Sullen Sullivan vinha acompanhado de uma advertência: acredita-se que ande armado, e deve ser considerado extremamente perigoso. Se quiserem transformar meu livro num filme, cuidem de fundir suavemente um desses rostos com o meu próprio, enquanto eu os contemplo. E havia ainda um instantâneo indistinto de uma Garota Desaparecida, catorze anos, sapatos marrons e saia xadrez quando avistada da última vez, fiz uma rima. Favor notificar o xerife Buller.

Esqueci quais eram as minhas cartas; quanto a Dolly, recebeu seu boletim escolar e um envelope de aparência muito especial. Este eu cuidei de abrir para examinar seu conteúdo. Concluí que estava fazendo o que se esperava, já que ela pareceu não dar importância, e me encaminhei para a banca de jornais perto da saída.

“Dolly-Lo: A peça fez muito sucesso. Todos os três cães ficaram quietos, tendo sido levemente drogados por Cutler, eu desconfio, e Linda sabia de cor todas as falas. Saiu-se bem, com vivacidade e controle, mas deixou muito a desejar em matéria de *capacidade de reação, vitalidade relaxada*, se comparada ao encanto da *minha* Diana — e também de quem escreveu a peça, mas não contamos com sua presença para nos aplaudir pela última vez, e a terrível tempestade de raios do lado de fora interferiu bastante com os nossos modestos efeitos de trovoadas nas coxias. Ah, minha querida, como o tempo voa. Agora que está tudo acabado, as aulas, a peça, toda a confusão em torno de Roy, o confinamento da mãe (nosso bebê, infelizmente, não sobreviveu!), tudo parece ter acontecido muito tempo atrás, embora eu praticamente ainda traga no rosto alguns vestígios de pintura.

“Partimos para Nova York depois de amanhã, e acho que não vou conseguir escapar da viagem para a Europa com os meus pais. E tenho notícias ainda piores para você, Dolly-Lo! Posso não estar de novo em Beardsley, se e quando você voltar. Por dois motivos, o primeiro você sabe quem e o segundo não quem você acha que sabe, meu pai quer que eu vá estudar em Paris por um ano enquanto ele e Fullbright continuarem por perto.

“Como já era esperado, o pobre Poeta gaguejou na Cena III, quando chega àquele trecho de bobagens em francês. Lembra qual? *Ne manque pas de dire à ton amant, Chimène, comme le lac est beau car il faut qu’il t’y mène*. Que sorte a do escolhido! *Qu’il t’y*. Que trava-língua! Então, comporte-se bem, Lollikins. Muito amor do seu Poeta, e minhas lembranças ao Governador. Sua Mona. P.S. Por um ou dois motivos, minha correspondência vem sendo submetida a rígido controle. Então é melhor você esperar até eu poder lhe escrever da Europa.” (O que, ao que eu saiba, nunca chegou a fazer. A carta continha um certo elemento de misteriosa perversidade que hoje estou cansado demais para analisar. Encontrei-a mais tarde preservada dentro de um dos nossos Guias de Viagem, e a reproduzo aqui *à titre documentaire*. Eu a li duas vezes.)

Levantei os olhos da carta e estava a ponto de — mas Lo não estava à vista em lugar nenhum. Enquanto eu me distraía com os feitiços de Mona, Lo encolhera os ombros e desaparecera por completo. “O senhor por acaso não viu —”, perguntei a um corcunda que esfregava o chão perto da entrada. E ele tinha visto, o velho sem-vergonha. Achava que ela avistara alguma amiga e saíra correndo. Também corri para fora. E parei — ela não tinha parado. Corri em frente. Parei de novo. Finalmente tinha acontecido. Ela sumira por completo.

Em anos posteriores, muitas vezes me perguntei por que naquele dia ela *não foi* embora para sempre. Seria o efeito retentivo de suas roupas novas de verão na mala do meu carro trancado? Seria algum detalhe

ainda por executar em algum plano geral de ação? Seria simplesmente porque, no fim das contas, eu ainda poderia ser usado para levá-la até Elphinstone — fosse como fosse, nosso destino final oculto? Só sei que quase acreditei que ela me abandonara para sempre. As indiferentes montanhas cor de malva que rodeavam um dos lados da cidade pareciam-me fervilhar de Lolitas arquejantes, apressadas, risonhas, arquejantes, que se dissolviam nas suas cerrações. Uma imensa letra W traçada com pedras brancas erguia-se numa encosta íngreme ao final de uma rua transversal e me pareceu a própria inicial de *woe*, infortúnio.

A bela e nova agência dos correios de que eu acabara de emergir ficava entre um cinema desativado e uma conspiração de choupos. Eram nove da manhã, de acordo com o fuso horário da região das montanhas nos EUA. A rua era a Main Street. Percorri seu lado sombreado com os olhos fixos na calçada oposta: revestida de encantamento e beleza por uma dessas frágeis e recentes manhãs de verão com lampejos de vidro aqui e ali, e uma atmosfera geral de hesitação e quase desmaios ante a perspectiva de um meio-dia tórrido e intolerável. Atravessando a rua, vagueei e vadiiei, digamos assim, por todo um longo quarteirão: Drograria, Imobiliária, Modas, Peças de Automóvel, Café, Artigos Esportivos, Imóveis, Mobiliário, Aparelhos Elétricos, Western Union, Lavanderia, Merceria. Sr. Guarda, por favor, minha filha fugiu. Em conluio com um detetive; apaixonada por um chantagista. Aproveitando-se do meu completo desamparo. Espiei em todas as lojas. Deliberei internamente se devia abordar algum dos esparsos pedestres. Mas não fiz nada. Passei algum tempo sentado no carro. Inspecionei o jardim público que ficava a leste de onde eu estava. Voltei às lojas de Modas e Peças para Automóveis. E disse a mim mesmo num arranco furioso de sarcasmo — *un ricanement* — que era loucura suspeitar de Lolita, e que a qualquer momento ela iria aparecer.

Como reapareceu.

Fiz meia-volta e afastei com um repelão a mão que ela pousara em minha manga com um sorriso tímido e idiota.

“Entre no carro”, disse eu.

Ela obedeceu, e continuei a andar de um lado para outro, às voltas com pensamentos sem nome, tentando planejar algum modo de lidar com a falsidade da menina.

Em seguida ela saiu do carro e tornou a postar-se a meu lado. Minha audição recuperou aos poucos a sintonia com a estação Lo, e percebi que ela me dizia ter encontrado uma amiga dos velhos tempos.

“É mesmo? Quem?”

“Uma colega de Beardsley.”

“Muito bem. Sei o nome de todas as meninas do seu grupo. Alice Adams?”

“Essa garota não era do meu grupo.”

“Muito bem. Tenho aqui comigo uma lista completa das alunas. O nome dela, por favor?”

“Ela não era da minha escola. Só morava na mesma cidade, em Beardsley.”

“Ótimo. Trouxe também comigo um catálogo telefônico de Beardsley. Vamos procurar todos os Brown de lá.”

“Só sei o primeiro nome dela.”

“Mary ou Jane?”

“Não — Dolly, como eu.”

“O que nos leva ao fim da linha” (o espelho contra o qual a pessoa quebra o nariz). “Ótimo. Vamos tentar outro caminho. Você ficou vinte e oito minutos desaparecida. O que fizeram as duas Dollys?”

“Fomos a uma *drugstore*.”

“E lá, vocês pediram —”

“Ah, só duas Cocas.”

“Cuidado, Dolly. Podemos ir até lá verificar, você sabe.”

“Pelo menos foi o que ela perdeu. Eu só tomei um copo d’água.”

“Ótimo. Foi aquele lugar ali?”

“Foi lá mesmo.”

“Ótimo, então vamos até lá ver o que diz o idiota do balcão.”

“Espere um instante. Pensando melhor, pode ter sido um pouco mais longe — dobrando aquela esquina.”

“Vamos até lá assim mesmo. Entre no carro, por favor. E vamos ver.” (Abrindo um catálogo telefônico preso a uma corrente.) “Serviços Funerários de Respeito. Não, ainda não. Ah, aqui: *Drugstores* — Varejo. Hill Drug Store. Larkin’s Pharmacy. E mais duas outras. É, não me parece existir em Wace mais nenhum balcão de venda de refrescos — pelo menos na seção de classificados. Bem, vamos verificar uma por uma.”

“Vá para o inferno”, disse ela.

“Lo, a grosseria não vai ajudar em nada.”

“Está bem”, disse ela. “Mas você não vai conseguir me prender. Está bem, não tomamos refrigerante nenhum. Só conversamos e ficamos olhando vestidos nas vitrines.”

“Qual vitrine? Aquela ali, por exemplo?”

“Isso mesmo, aquela ali, por exemplo.”

“Ah, Lo! Vamos até lá olhar mais de perto.”

E era de fato uma bela visão. Um jovem elegante passava o aspirador numa espécie de carpete no qual se erguiam duas figuras que pareciam vitimadas por uma explosão. Uma delas estava totalmente nua, sem peruca nem braços. Sua estatura comparativamente baixa e seu sorriso afetado sugeriam que, quando vestida, ela representava, e voltaria a representar, uma jovem mais ou menos do tamanho de Lolita. Entretanto, no seu estado atual, era assexuada. Ao lado dela erguia-se uma noiva muito mais alta e usando um véu, praticamente perfeita e intacta salvo pela falta de um dos braços. No chão, ao pé dessas donzelas, onde o homem engatinhava laboriosamente com o aspirador, espalhava-se um aglomerado de três braços esguios e uma peruca loura. Dois dos braços estavam por acaso torcidos, e pareciam sugerir um gesto crispado de súplica e horror.

“Veja só, Lo”, disse eu em voz baixa. “Olhe bem. Esta cena não simboliza bastante bem alguma coisa? Ainda assim” — e prossegui depois que voltamos para o carro — “tomei certas precauções. Aqui (abrindo delicadamente o porta-luvas), nesse bloco, anotei a placa do carro do nosso amigo”.

Bom asno que eu era, não tinha decorado o número. O que restara dele na minha memória eram só a primeira das letras e o último dos algarismos, como se todo o anfiteatro de seis sinais tivesse sofrido um recuo côncavo por trás de um vidro colorido opaco demais para permitir-me decifrar a série central de caracteres, mas translúcido o suficiente para revelar as duas extremidades — um P maiúsculo e um número 6. Entro nesses pormenores (que em si mesmos só poderiam interessar a um psicólogo profissional) porque de outro modo o leitor (ah, se eu conseguisse visualizá-lo como um estudioso de barba alourada e lábios rosados, tendo na boca *la pomme de sa canne* enquanto devora o meu manuscrito!) poderia não entender a qualidade do choque que senti ao perceber que o P adquirira a pança de um B, e que o 6 fora completamente eliminado. O resto, com rasuras e manchas que revelavam a agitada fricção da borracha presa ao lápis, com partes de números obliteradas e reconstruídas com uma caligrafia infantil, representava um emaranhado de arame farpado no caminho de qualquer interpretação lógica. A única certeza que eu tinha era do estado — adjacente ao de Beardsley.

Não falei nada. Guardei o bloco, fechei o porta-luvas e conduzi o carro para fora de Wace. Lo pegara uma revista em quadrinhos no banco traseiro e, de blusa branca muito móvel, com um cotovelo bronzeado para fora da janela, mergulhou nas aventuras de algum polícia ou palhaço. Cinco a sete quilômetros além de Wace, parei à sombra de um local de piquenique onde a manhã despejara seu lixo de luz sobre uma mesa vazia; Lo ergueu os olhos com uma surpresa simulada mas sincera e, sem nada dizer, desferi-lhe um violento tabefe com as costas da mão que a atingiu bem no meio de seu pequeno malar quente e firme.

E então o remorso, a doce pungência de uma reparação soluçada, de um amor rastejante, a desesperança de uma reconciliação sensual. Na noite de veludo, no Mirana Motel (Mirana!), beijei as solas amareladas de seus pés de dedos compridos, imolei-me... Mas nada adiantou. Ambos condenados estávamos nós. E logo eu havia de entrar num novo ciclo persecutório.

Numa rua de Wace, nos arredores da cidade... Ah, estou certo de que não foi delírio. Numa rua de Wace, vi de relance o conversível vermelho-asteca, ou seu gêmeo idêntico. Em vez de Trapp, continha quatro ou cinco jovens ruidosos de vários sexos — mas não reagi. Depois que deixamos Wace, a situação

mudou completamente. Por um ou dois dias, bastou-me a ênfase mental com que dizia a mim mesmo que não estávamos sendo, nem jamais fôramos, seguidos; e então fui tomado pela angustiante consciência de que Trapp mudara de tática e ainda nos seguia, num ou noutra carro alugado.

Verdadeiro Proteu da estrada, com facilidade estonteante ele trocava de veículo. Essa técnica implicava a existência de garagens especializadas em operações de “revezamento de automóveis”, mas jamais consegui descobrir onde ficavam os postos que ele usava. Num primeiro momento parecia dar preferência ao gênero Chevrolet, começando com um conversível de cor creme-*campus*, que trocou em seguida por um pequeno sedã azul-horizonte, a partir do qual foi descendo de matiz para cinza-mar e em seguida cinza-areia. Então passou a usar outras marcas e percorreu todo um arco-íris de cores claras e opacas, e um dia me descobri tentando dar conta da distinção sutil entre o azul-sonho do nosso Melmoth e o azul-cordilheira do Oldsmobile que ele alugara; os cinzas, contudo, continuavam a predominar no seu criptocromatismo e, na aflição dos meus pesadelos, eu tentava em vão reconhecer claramente fantasmas como o cinza-concha da Chrysler, o cinza-gelo da Chevrolet, o cinza-francês da Dodge...

A necessidade de manter-me sempre à procura de seu bigodinho e de sua camisa aberta — ou de sua calva parcial e seus ombros largos — levava-me a um estudo aprofundado de todos os automóveis da estrada — atrás, à frente, ao lado, indo, vindo, cada um dos veículos banhados pela luz dançante do sol: o carro sossegado da família em férias com a caixa de lenços de papel junto ao para-brisa traseiro; o calhambeque em velocidade excessiva lotado de crianças pálidas, com a cabeça despenteada de um cachorro projetando-se de uma janela e um dos para-lamas amassado; o *sedan* Tudor de um solteirão, com vários ternos pendurados em cabides; o imenso *trailer* roliço que oscilava à nossa frente, imune à fila indiana que fervia de fúria em seu encaço; o carro com a jovem passageira educadamente postada no centro do banco dianteiro para ficar mais perto do jovem motorista; o carro que carregava no teto um bote vermelho emborcado... O carro cinza reduzindo a marcha à nossa frente, o carro cinza que vinha em nosso encaço.

Atravessávamos uma região montanhosa, em algum ponto entre Snow e Champion, e descíamos um declive quase imperceptível quando tive minha próxima visão bem clara do detetive Paramour Trapp. A cerração cinzenta às nossas costas se adensara e concentrara na forma compacta de um sedã azul-imperial. Subitamente, como se o carro que eu dirigia respondesse aos saltos do meu pobre coração, andávamos de um lado para outro com algo que produzia um imutável plap-plap-plap debaixo dos nossos assentos.

“Furou um pneu, moço”, disse Lo alegremente.

E eu encostei — bem ao lado de um precipício. Ela cruzou os braços e apoiou o pé no painel. Desci do carro e examinei a roda traseira direita. Seu pneu exibia uma base horrível e teimosamente chata. Trapp parou uns cinquenta metros atrás de nós. Seu rosto distante lembrava uma mancha de óleo de alegria. Era a minha oportunidade. Comecei a andar na direção dele — com a ideia brilhante de pedir-lhe um macaco emprestado, embora nosso carro tivesse um. Ele recuou um pouco. Dei uma topada numa pedra — e houve uma sensação de riso generalizado. Em seguida um caminhão imenso ergueu-se atrás de Trapp e passou por mim trovejante — imediatamente em seguida, escutei a buzina convulsiva que emitiu. Instintivamente olhei para trás — e vi meu carro avançando devagar para longe de mim. Avistei Lo ridícula ao volante, e o motor sem dúvida estava em marcha — embora eu me lembrasse de tê-lo desligado, mas sem aplicar o freio de mão; e durante o curto espaço de uma pulsação latejante que levei para alcançar a máquina roufenha que finalmente se imobilizava, ocorreu-me de repente que ao longo dos dois últimos anos a pequena Lo tivera ampla oportunidade de absorver os rudimentos da arte de conduzir um automóvel. Enquanto eu abria a porta com um repelão, tive a absoluta certeza de que ela só pusera o carro em marcha para impedir que eu me aproximasse de Trapp. Esse truque, porém, mostrou-se inútil, pois no mesmo momento em que me lancei em seu encaço Trapp fizera uma rápida curva em U e desaparecera. Descansei um pouco. Lo perguntou se eu não iria agradecer-lhe — o carro começara a andar sozinho e — Não obtendo resposta, dedicou-se a um estudo pormenorizado do mapa. Tornei a sair do carro e entreguei-me à “provação do orbe”, como dizia Charlotte. Talvez eu estivesse enlouquecendo.

Continuamos nossa grotesca jornada. Depois de uma descida triste e sem sentido, subimos e subimos. Numa rampa íngreme vi-me atrás do caminhão gigantesco que nos tinha ultrapassado. Agora ele gemia para

galgar um trecho cheio de curvas, e era impossível ultrapassá-lo. De sua parte dianteira uma pequena forma oblonga de prateado fosco — o invólucro interno de um tablete de goma de mascar — levantou voo e veio pousar em nosso para-brisa. Ocorreu-me que se eu estivesse mesmo enlouquecendo poderia acabar assassinando alguém. Na verdade — disse Humbert a salvo no seco para Humbert que se afogava —, bem podia valer a pena deixar as coisas preparadas — transferir a arma da caixa para o bolso — de modo a estar pronto para aproveitar o acesso de loucura quando ele finalmente viesse.

20

Permitindo que Lo se dedicasse à formação de atriz, eu, idiota apaixonado, consentira que ela cultivasse a arte da mentira. E agora parecia que fora mais que uma simples questão de aprender a perguntar qual é o conflito básico de *Hedda Gabler*, ou onde estão os vários climaxes de *O amor à sombra das tília*s, ou a analisar o estado de espírito predominante em *O jardim das cerejeiras*; na verdade, seu objetivo tinha sido aprender a trair-me. Como eu deplorava agora os exercícios de simulação sensorial que eu a tinha visto fazer tantas vezes na nossa sala de Beardsley e sempre fiquei observando de algum ponto estratégico enquanto ela, como uma paciente em transe hipnótico ou a participante em algum rito místico, produzia versões sofisticadas do faz de conta infantil executando todos os gestos miméticos de quem ouve um gemido no escuro ou é apresentado a uma jovem madrasta nova em folha, de quem experimenta alguma coisa cujo gosto odeia, como um creme, ou sente o cheiro de grama amassada num pomar luxuriante, ou então apalpando miragens de objetos com suas mãos esguias e magras de menina. Em meio aos meus papéis, ainda guardo uma folha mimeografada reunindo as seguintes sugestões:

Exercício tátil. Imagine que você pegou e está segurando: uma bola de pingue-pongue, uma maçã, uma tâmara pegajosa, uma bola de tênis nova com a flanela ainda fofa, uma batata quente, uma pedra de gelo, um gatinho, um cachorrinho, uma ferradura, uma pena, uma lanterna.

Aperte com os dedos as seguintes coisas imaginárias: um pedaço de pão, uma borracha, a testa de uma amiga com dor de cabeça, um retalho de veludo, uma pétala de rosa.

Você é uma menina cega. Apalpe o rosto de: um jovem grego, Cyrano, Papai Noel, um bebê, um fauno risonho, um desconhecido adormecido, o seu pai.

Mas ela demonstrava tamanha beleza na execução desses delicados feitiços, no desempenho sonhador dos seus encantamentos e deveres! Em certas noites mais ousadas, em Beardsley, eu também pedia que ela dançasse para mim com a promessa de algum presente ou recompensa, e embora seus passos, seus saltos de pernas afastadas, lembrassem mais os de uma líder de torcida do que os movimentos langorosos e bruscos de um *petit rat* parisiense, o ritmo de seus membros ainda não totalmente núbéis me trouxera algum prazer. Mas tudo isso não era nada, absolutamente nada, se comparado à indescritível comichão de arrebatamento que eu sentia ao vê-la jogar tênis — a sensação de delírio provocante de vê-la à beira de uma ordem e um esplendor totalmente fora do comum.

Apesar de sua idade já avançada, ela ficava mais ninfeta do que nunca, com seus braços e pernas cor de damasco, usando sua toga de tenista infantil! Cavalheiros alados! Nenhuma vida após a morte será aceitável se eu não conseguir apresentá-la da maneira como eu a via então, naquele hotel de férias do Colorado entre Snow e Elphinstone, com tudo no lugar certo: os shorts brancos largos de menino, a cintura delgada, a barriga dourada, a faixa branca envolvendo os seios com as alças de fita subindo e rodeando seu pescoço, terminando na nuca com um nó de pontas soltas e deixando nuas suas inacreditavelmente jovens e adoravelmente douradas omoplatas, com sua pubescência e seus ossos gentis e adoráveis, e as costas macias que descreviam uma curva suave à medida que desciam. Seu boné tinha a viseira branca. Sua raquete me custara uma pequena fortuna. Idiota, três vezes idiota! Eu podia tê-la filmado! E agora eu a teria comigo, diante dos meus olhos, na sala de projeção da minha dor e do meu desespero!

Ela sempre esperava, relaxada, por um ou dois compassos de tempo forrado de branco antes de iniciar o movimento do saque, e muitas vezes fazia a bola quicar uma ou duas vezes, ou arrastava um pouco o pé, sempre à vontade, sempre um tanto distraída em relação à contagem, sempre animada como tão raramente ficava na vida sombria que levava em casa. A maneira como jogava tênis era o ponto mais alto a que posso

imaginar uma criatura tão jovem levar a arte do faz de conta, embora eu deva dizer que, para ela, aquela era a própria geometria da realidade básica.

A extraordinária clareza de todos os seus movimentos tinha a contrapartida auditiva no tinido puro de cada uma de suas raquetadas. A bola, quando penetrava na aura de seu controle, de algum modo ficava mais branca, adquirindo uma consistência um pouco mais firme, e o instrumento de precisão que ela usava para atingi-la dava uma impressão incomumente preênsil e deliberada no momento do contato quase adesivo. Sua postura era, na verdade, uma imitação absolutamente perfeita do tênis de mais alto nível — sem qualquer resultado utilitário. Como a irmã de Edusa, Electra Gold, excelente jovem professora de tênis, disse-me uma vez enquanto eu, sentado num banco duro e latejante, assistia a Dolores Haze brincar com Linda Hall (e ser derrotada por ela): “Dolly tem um ímã no meio das cordas da raquete, mas por que é tão delicada?” Ah, Electra, que diferença fazia, diante de tamanha graça? Lembro que, no primeiro jogo a que assisti, senti-me tomado por uma convulsão quase dolorosa de assimilação da beleza. Minha Lolita tinha um jeito de levantar o joelho esquerdo dobrado no início amplo e maleável do ciclo do saque, quando se desenvolvia e pairava à luz do sol por um segundo uma teia energética de equilíbrio entre o pé em ponta, a axila imaculada, o braço bronzeado e a raquete puxada para trás, enquanto ela sorria com os dentes cintilantes para o pequeno globo suspenso tão alto no zênite do cosmos de potência e graça que ela criara com a finalidade expressa de atingi-lo com uma sonora e precisa chicotada de seu açoite de ouro.

Reunia, aquele saque dela, beleza, objetividade, juventude, uma pureza clássica de trajetória, e era, a despeito da velocidade com que feria a bola, razoavelmente fácil de devolver, uma vez que não tinha efeito nem havia malícia em sua dança prolongada e elegante.

A ideia de que eu podia ter todos os seus movimentos na quadra, todo o seu encanto, imortalizados em segmentos de celuloide, faz-me hoje gemer de frustração. Podiam ter sido tão mais que os instantâneos que eu queimei! O seu voleio por cima da cabeça era um arremate tão necessário do seu serviço como o *envoi* de qualquer balada; pois ela fora treinada, minha queridinha, para já sair trotando para a rede com seus pezinhos ágeis, vivazes e calçados de branco. Não havia escolha possível entre seus golpes diretos ou de *backhand*; eram imagens especulares um do outro — e minhas entranhas ainda fervilham em resposta aos verdadeiros tiros de pistola que produziam como resposta ecos secos e os gritos de Electra. Uma das pérolas da técnica de Dolly era um semivoleio curto que Ned Litam lhe ensinara na Califórnia.

Ela preferia o teatro à natação, e a natação ao tênis, mas ainda assim torno a afirmar que se algo nela não se tivesse danificado por minha causa — não que àquela altura eu percebesse! — ela poderia ter, além da técnica perfeita, o desejo de vencer, tornando-se uma verdadeira campeã juvenil. Dolores, com duas raquetes debaixo dos braços, em Wimbledon. Dolores posando num anúncio de cigarros Dromedary. Dolores virando profissional. Dolores num filme, no papel de jovem campeã. Dolores e seu grisalho, humilde, modesto marido e treinador, o velho Humbert.

Não havia nada de errado ou enganoso no espírito com que ela jogava — a menos que se considere sua alegre indiferença para com o resultado como uma falsidade de ninfeta. Ela, tão cruel e cavilosa na vida cotidiana, revelava uma inocência, uma franqueza, uma delicadeza na colocação da bola, que permitia a qualquer adversário de segunda mas determinado, por mais inábil e incompetente, rebater seus golpes e abrir caminho para a vitória. Apesar de sua baixa estatura, ela cobria os quase noventa e oito metros quadrados de sua metade da quadra com uma esplêndida facilidade, depois que entrava no ritmo de uma troca de bolas e por todo o tempo que conseguia manter esse ritmo; mas qualquer ataque abrupto, qualquer guinada súbita na tática do seu adversário, a deixava sem ação. Nos pontos decisivos, seu segundo serviço, que — bem tipicamente — era mais forte e bem executado ainda que o primeiro (pois não padecia de nenhuma das inibições que tolhem os cautelosos vencedores), acabava atingindo a fita no alto da rede — e ricocheteando para fora da quadra. A joia lapidada de seus *dropshots* era fácil de recuperar e devolver por um adversário que sempre parecia ter quatro pernas e manejar um comprido remo de pá aberta. Seus dramáticos golpes de fundo e seus adoráveis voleios desabavam singelos aos pés do oponente. Vezes sem conta ela deixava morrer na rede uma bola fácil — simulando alegre a impaciência e deixando os ombros desabarem numa postura de bailarina, com os cachos da testa pendentes. Tão estereis eram sua graça e seus

cruzados que ela não conseguia derrotar nem minha arquejante pessoa e minhas devoluções altas à moda antiga.

Imagino que eu sofra de uma especial suscetibilidade à magia dos jogos. Em minhas sessões de xadrez com Gaston, eu via o tabuleiro como uma transparente piscina quadrada em que raras conchas e estratégias se revelavam róseos no fundo liso e quadriculado da água, que aos olhos do meu intrigado adversário era lodo e jorros de tinta de calamar. De forma similar, as instruções introdutórias ao jogo de tênis que eu infligira a Lolita — antes da revelação que lhe ocorreria ao longo de suas aulas na Califórnia — permaneceram em meu espírito como uma memória opressiva e angustiante — não só pela irritação exasperada e irremediável que ela demonstrava a cada sugestão minha, mas também porque a preciosa simetria da quadra, em vez de ter respeitada sua harmonia latente, era devastadoramente perturbada pela falta de jeito e pelo desânimo da criança ressentida a quem eu tão mal transmitia minhas poucas lições. Agora as coisas eram outras, e naquele dia em especial, ao ar puro de Champion, Colorado, naquela quadra admirável ao pé dos íngremes degraus de pedra que conduziam ao Champion Hotel, onde passáramos a noite, sentia-me capaz de esquecer o pesadelo de ignoradas traições contidas na inocência do seu estilo, de sua alma, de sua graça essencial.

Devolvia-me as bolas com força mas sem efeito, com seu manejo habitual da raquete, amplo mas sem vigor, mandando-me respostas profundas e baixas, sempre tão ritmicamente regulares e evidentes que meu jogo de pernas ficava praticamente reduzido a um único passo cadenciado — os bons jogadores hão de entender o que eu digo. Meu saque com um efeito pronunciado, que eu aprendera com meu pai, que aprendera com Decugis ou Borman, velhos amigos seus e grandes campeões, teria criado sérias dificuldades para a minha Lo se eu estivesse realmente empenhado em lhe criar dificuldades. Mas quem poderia querer dificultar a existência daquela luminosa e adorada criatura? Já mencionei que seu braço nu apresentava o 8 das vacinações? Que eu a amava perdidamente? Que ela tinha só catorze anos?

Uma borboleta inquisitiva passou, em voo raso, entre nós dois.

Duas pessoas de shorts de tênis, um sujeito de cabelos ruivos uns oito anos só mais novo que eu, com as faces rosadas e lustrosas queimadas de sol, e uma indolente garota morena com a boca voluntariosa e olhar duro, cerca de dois anos mais velha que Lolita, brotaram de lugar nenhum. Como é comum entre os novatos esforçados, traziam suas raquetes guardadas nas capas e devidamente presas às molduras, e as carregavam não como extensões naturais e confortáveis de certos músculos especializados, mas como se fossem arcabuzes, perfuratrizes ou marretas, ou então meus terríveis e incômodos pecados. Instalando-se sem a menor cerimônia ao lado do meu precioso paletó, num banco junto à quadra, dedicaram-se a admirar em voz muito alta uma troca de umas cinquenta raquetadas que Lo, inocentemente, ajudou-me a cultivar e sustentar — até uma rebatida sincopada na série que a fez reagir surpresa quando seu voleio alto foi parar fora da quadra, o que a fez derreter-se numa adorável alegria, meu bichinho dourado.

A essa altura eu estava com sede, e caminhei até o bebedouro; lá o Ruivo me abordou e, com toda a humildade, propôs-me um jogo de duplas mistas. “Sou Bill Mead”, disse ele. “E ela é Fay Page, atriz. Minha noiva” — acrescentou (apontando com sua raquete ridiculamente preservada para uma bem-comportada Fay, que já conversava com Dolly). Quase respondi, “Sinto muito, mas —” (porque detesto expor minha potranca aos golpes canhestros de amadores baratos), quando uma exclamação extraordinariamente melodiosa desviou minha atenção: um mensageiro vinha descendo aos tropeços os degraus entre o hotel e a nossa quadra, fazendo-me sinais. Eu fora chamado, se fazia a gentileza, por um interurbano urgente — tão urgente, na verdade, que a ligação estava aberta à minha espera. Claro. Enverguei meu paletó (o bolso interno acusava o peso da pistola) e disse a Lo que estaria de volta dali a um minuto. Ela estava recolhendo uma bola — com a tradicional manobra europeia, envolvendo o pé e a raquete, uma das poucas coisas interessantes que eu lhe ensinara — e me sorriu; sorriu para mim!

Uma calma terrível manteve meu coração à tona enquanto eu subia até o hotel seguindo o mensageiro. Era chegada a hora, como diz a expressão que resume num único momento especialmente repulsivo a revelação, a represália, a tortura, a morte e a eternidade. Eu a deixara em mãos medíocres, mas agora não fazia muita diferença. Estava disposto a resistir, claro. Ah, como estava. Melhor destruir tudo que desistir dela. Ah sim, que escalada.

No balcão, um senhor de aparência digna e nariz romano, dono, posso sugerir, de um passado muito obscuro que certamente haveria de premiar uma investigação mais detida, entregou-me um bilhete escrito com sua própria mão. A ligação fora cortada, afinal. E o bilhete dizia:

“Sr. Humbert. Ligação da diretora da Escola Birdsley [sic!]. Residência de verão — Birdsley 2-8282. Favor ligar de volta imediatamente. Muito importante.”

Enfiei-me dobrado numa cabine, tomei um pequeno comprimido e por cerca de vinte minutos engalfinhei-me com assombrações do espaço. Um quarteto de respostas aos poucos se tornou audível: soprano, aquele número não existia em Beardsley; contralto, a srta. Pratt encontrava-se em viagem para a Inglaterra; tenor, nenhuma pessoa da Escola Beardsley ligara para mim; barítono, nem poderiam ter telefonado, pois ninguém tinha como saber que, naquele dia, estaríamos em Champion, Colorado. Diante da minha pressão, o senhor romano deu-se o trabalho de verificar se o hotel recebera algum interurbano. Negativo. Mas não havia como excluir o trote passado de um telefone local. Agradei. Ele respondeu: tudo bem. Depois de uma escala no ruidoso toailete masculino e de um destilado puro no bar, encetei minha marcha de retorno. Do primeiro patamar a que cheguei pude ver, bem mais abaixo, na quadra de tênis que parecia do tamanho da lousa borrada de uma criança, a dourada Lolita jogando uma partida de duplas. Ela se deslocava como um anjo de cabelos claros em meio a três horrendos aleijados de Bosch. Um deles, seu parceiro de dupla, ao trocarem de lado, deu-lhe uma palmada jocosa no traseiro com a raquete. Tinha uma cabeça extraordinariamente redonda e usava incongruentes calças marrons. Houve um súbito sobressalto — ele me viu, e atirando longe a sua — a minha! — raquete, saiu correndo encosta acima. Agitava os pulsos e os cotovelos numa imitação pretensamente cômica de um bater de asas rudimentares, enquanto subia, com as pernas arqueadas, até a rua, onde um carro cinzento estava à sua espera. No momento seguinte, ele e aquela mancha cinza tinham desaparecido. Quando cheguei à quadra, o trio remanescente recolhia e separava as bolas usadas.

“Sr. Mead, quem era essa pessoa?”

Bill e Fay, ambos com uma expressão muito solene, sacudiram a cabeça.

Aquele intruso absurdo tinha aparecido de repente para completar a dupla, não é, Dolly?

Dolly. O punho da minha raquete ainda estava repulsivamente morno. Antes de voltar ao hotel, ingressei com ela numa picada semioculta por arbustos fragrantes, com flores que pareciam de fumaça, e estava a ponto de rebentar em soluços carregados e suplicar da maneira mais abjeta a seu sonho imperturbável alguma explicação, mesmo que claramente forjada, daquele lento horror que fechava o cerco em torno de mim, quando nos descobrimos bem atrás do casal convulso encabeçado por Mead — combinações parecidas de pessoas, entendem, que se conhecem em cenários idílicos nas antigas comédias. Bill e Fay estavam ambos fracos de tanto rir — chegáramos depois do final de alguma piada que só os dois tinham entendido. Mas na verdade não fazia diferença.

Falando como se na realidade aquilo não tivesse mesmo a menor importância, e supondo, aparentemente, que a vida continuava, cercada dos prazeres automáticos de sempre, Lolita me disse que planejava vestir suas roupas de banho e passar o resto da tarde na piscina. O dia estava lindo. Lolita!

21

“Lo! Lola! Lolita!” Ouço-me gritando da porta para o sol, ajudado pela acústica do tempo que confere a meu chamado e à sua reveladora rouquidão tamanhas ressonâncias de ansiedade, paixão e dor que aquele clamor teria bastado para abrir à força o longo zíper de sua mortalha de náilon, estivesse ela morta. Lolita! No meio da grama aparada de um terraço encontrei-a afinal — deixara o quarto às pressas, antes que eu estivesse pronto. Oh Lolita! E lá estava ela brincando com um maldito cachorro, e não comigo. O animal, uma espécie de *terrier*, soltava e tornava a abocanhar, ajustando em seguida entre suas mandíbulas, uma bolinha vermelha; raspava agitado a grama resistente com as patas dianteiras, e em seguida saltava para trás. Eu só queria saber onde ela estava, pois não conseguiria nadar com meu coração naquele estado, mas quem se importava comigo — e lá estava ela, e lá estava eu, com meu roupão —, e então parei de chamar; mas de repente alguma coisa no padrão dos movimentos dela, enquanto saltitava de um lado para outro em seu

maiô de duas peças vermelho-asteca, despertou em mim... havia um êxtase, uma loucura em sua agitação que era alegre demais. Até o cão parecia intrigado com a exuberância das suas reações. Apoiei a mão mansa no peito enquanto me inteirava da situação. A piscina azul-turquesa, a uma certa distância do gramado, não estava mais do outro lado do gramado mas dentro do meu tórax, e meus órgãos nadavam nela como excrementos na água azul do mar de Nice. Um dos banhistas saíra da piscina e, semioculto pela sombra empavoadas das árvores, estava parado, segurando as extremidades da toalha em torno dos ombros e seguindo Lolita com seus olhos de âmbar. Lá estava ele, na camuflagem de sol e sombra, desfigurado pelos dois e mascarado por sua própria nudez, seus cabelos negros ou o que deles restara colados à cabeça redonda, o bigodinho uma pincelada úmida, a pelagem de seu peito espalhada como um troféu simétrico, seu umbigo latejante, suas coxas hirsutas a pingar gotas cintilantes, seu calção de banho preto e justo estufado e explodindo de vigor onde seu gordo saquitol fora repuxado para cima e para trás, formando um escudo acolchoado a cobrir sua animalidade virada para o alto. E enquanto eu contemplava aquele rosto oval e castanho cor de noz, entendi num relance o que me fazia reconhecê-lo: era o reflexo da expressão da minha filha — a mesma beatitude e o mesmo esgar sorridente, só que horrendamente deformados por seus traços masculinos. E percebi também que a criança, a minha menina, sabia que ele a estava assistindo, degustava a luxúria daquele olhar e procurava proporcionar-lhe um espetáculo de cabriolas e alegria, a vadia perversa e adorada. Cada vez que estendia a mão para a bola e não conseguia pegá-la, caía de costas, com suas obscenas pernas jovens pedalando loucamente no ar; o almíscar de sua excitação era perceptível de onde eu me encontrava, e então vi (petrificado com uma espécie de nojo santo) o homem fechar os olhos e exibir seus dentes miúdos, horrivelmente miúdos e regulares, encostando-se a uma árvore em que estremecia uma miríade de Príapos malhados. Imediatamente em seguida, uma transformação prodigiosa operou-se. Ele não era mais um sátiro, mas o primo suíço muito manso e atoleimado, o mesmo Gustave Trapp que mencionei mais de uma vez, que compensava seus “excessos” (bebia cerveja com leite, o bom suíno) com façanhas halterofilísticas — estremecendo e grunhindo à beira de um lago em seu traje de banho de corpo inteiro que revelava, elegante, um dos ombros. O Trapp *daqui* percebeu-me de longe e, esfregando a toalha na nuca, encaminhou-se de volta para a piscina afetando despreocupação. E como se o sol tivesse sumido da brincadeira, Lo desanimou e levantou-se lentamente, ignorando a bola que o *terrier* depusera à sua frente. Quem saberá dizer que profundos desgostos não serão causados a um cachorro quando interrompemos uma brincadeira? Comecei a dizer alguma coisa, então sentei-me na grama com uma dor quieta e monstruosa no peito, vomitando uma torrente de marrons e verdes que não me lembrava de jamais ter ingerido.

Vi os olhos de Lolita, e eles me pareceram tomados mais de cálculo que medo. Ouvi-a dizer a uma senhora simpática que o pai dela estava tendo um ataque. E então, por muito tempo, fiquei estendido numa espreguiçadeira, engolindo um copinho de gim atrás do outro. E na manhã seguinte senti-me suficientemente forte para seguir viagem ao volante (fato em que, nos anos seguintes, médico algum jamais acreditou).

22

Descobrimos que o bangalô de dois quartos que tínhamos pedido na Silver Spur Court, em Elphinstone, pertencia ao tipo construído com madeira de pinho escurecida e laqueada de que Lolita gostava tanto nos dias despreocupados de nossa primeira viagem; ah, mas como agora as coisas tinham mudado! E nem me refiro a Trapp ou a qualquer outra armadilha. Afinal — é bem verdade... Afinal, senhores, ficava cada vez mais amplamente claro que todos aqueles detetives idênticos em carros prismaticamente cambiáveis eram criações da minha mania de perseguição, imagens recorrentes baseadas apenas na coincidência e em semelhanças ocasionais. *Soyons logiques*, entoava a altaneira parte gaulesa do meu cérebro — que em seguida recusava a ideia de um caixeiro-viajante ou gângster de comédia enlouquecido por Lolita, cercado de capangas patetas, empenhado em me perseguir e pregar-me peças, e extraindo a mais extravagante vantagem que podia de minhas difíceis relações com a lei. Lembro-me de ficar cantando de boca fechada para espantar o pânico. Lembro-me inclusive de ter desenvolvido toda uma explicação para o

telefonema de “Birdsley”... Mas se eu podia deixar de lado a figura de Trapp, da mesma forma como ignorara as minhas convulsões no gramado de Champion, não havia nada a fazer diante da angústia de ver Lolita tão irresistível, tão miseravelmente inatingível e amada com enlevo, à véspera de uma nova era, em que meus filtros internos diziam que logo deixaria de ser uma ninfeta, e pararia de me torturar.

Uma preocupação adicional, abominável e perfeitamente gratuita fora-me cuidadosamente preparada em Elphinstone. Lo mostrara-se amuada e silenciosa durante toda a última etapa — trezentos quilômetros montanhosos isentos da contaminação de fumarentos detetives cinzentos ou zonzos em zigue-zague. Ela mal olhou para a famosa pedra de forma estranha e rubor esplêndido que sobressaía acima das montanhas e servira como ponto de partida para o nirvana a uma temperamental estrela do mundo do espetáculo. A cidade era recém-construída, ou reconstruída, no terreno plano ao fundo de um vale de dois mil metros de altura; logo deixaria Lo entediada, esperava eu, e decidiríamos seguir para a Califórnia, até a fronteira mexicana, até angras míticas, desertos de *saguaro*, fatamorganas. José Lizzarrabengoa, como os leitores devem lembrar, planejava levar sua Carmen para os *États Unis*. Conjurei um torneio de tênis centro-americano em que Dolores Haze e várias campeãs escolares da Califórnia teriam um desempenho acachapante. Em viagens turísticas desse tipo sorridente, costuma-se eliminar a distinção entre esporte e passaporte. Por que eu imaginava que seríamos felizes no estrangeiro? A mudança de ares é falácia consagrada em que acabam acreditando os amores, e pulmões, condenados.

A sra. Hays, a viúva atarefada de ruge atijolado e olhos azuis que tomava conta do motel, perguntou-me se porventura eu seria suíço, porque sua irmã se casara com um suíço instrutor de esqui. E eu era, embora minha filha por acaso fosse meio irlandesa. Registrei-me, Hays entregou-me a chave e um sorriso cintilante e, sempre fulgurante, mostrou-me onde estacionar; Lo se arrastou para fora do carro, tremendo um pouco: o ar luminoso do entardecer estava decididamente frio. Ao entrarmos no bangalô, sentou-se numa cadeira junto a uma mesinha de jogo, enterrou o rosto na dobra do braço e disse que se sentia muito mal. Fingimento, pensei, fingimento, sem dúvida, para furtar-se aos meus carinhos; sentia-me apaixonadamente ávido; mas ela começou a choramingar com um abatimento incomum quando tentei acariciá-la. Lolita indisposta. Lolita agonizante. Tinha a pele quentíssima! Tirei sua temperatura por via oral, em seguida consultei uma fórmula que felizmente trazia comigo anotada num bloco e, depois de converter laboriosamente os graus, incompreensíveis para mim, Fahrenheit aos centígrados íntimos desde a minha infância, descobri que ela estava com 40,4 de febre, o que pelo menos fazia sentido. Pequenas ninfas histéricas, sabia eu, podiam exibir uma gama extensa de temperaturas — até mesmo excedendo as medidas fatais. Decidira dar-lhe um gole de vinho quente temperado, duas aspirinas e debelar a febre a beijos quando, ao examinar sua adorável úvula, uma das joias do seu corpo, constatei que exibia um rubro ardente. Eu a despi. Seu hálito mostrava-se agridoce. Sua rosa acastanhada sabia a sangue. Ela tremia da cabeça aos pés. Queixou-se de um rigor doloroso nas vértebras superiores — e pensei em poliomielite, como ocorreria a qualquer bom pai americano. Abandonando toda esperança de intercurso, enrolei-a num cobertor e levei-a nos braços até o carro. Entrementes, a bondosa sra. Hays alertara o médico local. “Sorte sua, isto acontecer aqui”, disse ela; pois não só Blue era o melhor médico do distrito como o hospital de Elphinstone era dos mais modernos, não obstante a capacidade limitada. Com um Erlkönig heterossexual em meu encalço, para lá me dirigi, semiofuscado por um suntuoso crepúsculo do lado das terras baixas e guiado por uma velhinha miúda, uma bruxa portátil, talvez sua filha, que a sra. Hays me emprestara e que eu nunca mais tornaria a ver. O dr. Blue, cuja sapiência, sem a menor dúvida, era infinitamente inferior à respectiva reputação, garantiu-me que ela era vítima de uma infecção por vírus, e quando aludi à gripe relativamente recente que tivera, respondeu secamente que se tratava de outro micróbio e que estava às voltas com quarenta casos iguais àquele, todos os quais lembravam as “febres” dos antigos. Perguntei-me se deveria mencionar, com uma risadinha casual, que minha filha de quinze anos tivera um ligeiro acidente ao tentar pular uma cerca com o namorado, mas consciente de que estava embriagado decidi só aludir a este fato mais tarde, em caso de necessidade. A uma secretária loura mal-humorada e desprovida de sorrisos, disse que minha filha tinha “praticamente dezesseis anos”. E enquanto eu olhava para o outro lado, minha filha foi removida da minha companhia! Em vão insisti para que me permitissem passar a noite num capacho com os dizeres “bem-vindo”, num canto qualquer daquele maldito hospital. Subi às carreiras escadarias construtivistas, tentei

rastrear minha querida para dizer-lhe que não devia dar com a língua nos dentes, especialmente quando se sentia tão aérea como àquela altura estávamos todos nós. Num dado momento, fui sem dúvida terrivelmente grosseiro com uma enfermeira muito jovem e muito atrevida, dotada de glúteos superdesenvolvidos e olhos negros faiscantes — era de origem basca, como mais tarde fiquei sabendo. Seu pai era um criador de ovelhas importado para treinar cães pastores. Finalmente, voltei para o carro e nele permaneci nem sei quantas horas, encolhido no escuro, aparvalhado por minha inédita solidão, olhando de boca aberta ora para o prédio tenuemente iluminado, muito quadrado e baixo do hospital, acoradado no centro de seu quarteirão coberto de grama, ora para cima, a fim de contemplar a noite muito estrelada e os contrafortes prateados e pontiagudos da *haute montagne* onde naquele momento o pai de Mary, o solitário Joseph Lore, sonhava com Oloron, Lagore, Rolas — *que sais-je!* — ou seduzia uma ovelha. Pensamentos errantes e fragrantos como esses sempre me serviram de consolo em momentos de tensão extrema, e só quando, a despeito de liberais libações, senti-me razoavelmente entorpecido pela noite interminável é que me ocorreu dirigir de volta até o motel. A velhinha desaparecera, e eu não estava muito seguro do caminho. Largas estradas revestidas de cascalho cruzavam sonolentas sombras retangulares. Avistei o que me parecia a silhueta de um cadafalso mas devia ser provavelmente o playground de uma escola; e em outro quarteirão praticamente deserto erguia-se sob uma cúpula silenciosa o templo desbotado de alguma seita local. Encontrei finalmente a estrada, e em seguida o motel, onde milhões de traças enxameavam em torno dos contornos em neon de “Não Temos Vagas”; e quando, às três da manhã, depois de um desses extemporâneos banhos quentes de chuveiro que, à semelhança de algum mordente, só fazem fixar o desespero e o cansaço de um homem, deitei-me em sua cama que recendia a castanhas e rosas, e hortelã-pimenta, e o perfume francês muito especial e muito delicado que ultimamente eu permitia que ela usasse, constatei-me incapaz de assimilar o fato concreto de que, pela primeira vez em dois anos, estava separado da minha Lolita. Na mesma hora ocorreu-me que aquela doença dela era de algum modo o desdobramento de um tema — conservando a mesma intenção e o mesmo tom da série de impressões associadas que me vinham intrigando e atormentando ao longo de toda a nossa viagem; visualizei aquele agente secreto, ou amante secreto, ou pregador de peças, ou alucinação, ou fosse o que fosse, rondando em torno do hospital — e a Aurora mal “aquecera suas mãos”, como dizem os colhedores de lavanda em meu país de nascença, quando me vi tentando entrar novamente naquele calabouço, batendo em suas portas verdes, sem desjejum, sem evacuar, em desespero.

Era terça-feira, e quarta ou quinta, reagindo esplendidamente como a adorável criança que era a algum preparado medicinal (esperma de estorninho ou estrume de esturjão), ela já estava muito melhor, e o médico declarou que em mais dois dias estaria de novo “aos pinotes”.

Das oito vezes que a visitei, só a última permanece gravada com nitidez na minha mente. Já fora uma façanha considerável chegar até lá, pois a infecção que a essa altura atuava também em mim deixava-me com a sensação de ser totalmente oco por dentro. Ninguém pode imaginar o esforço que representava carregar aquele ramo de flores, aquele fardo de amor, aqueles livros que eu cruzara cem quilômetros para comprar: as *Obras teatrais* de Browning, *A história da dança*, *Clowns e colombinas*, *O balé russo*, *Flores das Montanhas Rochosas*, *Antologia da sociedade dos autores teatrais*, e o livro *Tênis*, de Helen Wills, que acabara de conquistar o Campeonato Nacional Juvenil Feminino de Simples aos quinze anos de idade. Enquanto eu cambaleava até a porta do quarto particular com diária de trinta dólares da minha filha, Mary Lore, a bestial enfermeira de meio expediente que cultivara uma antipatia declarada por mim, emergiu trazendo a bandeja com os pratos vazios do desjejum, que pousou com estrépito numa cadeira do corredor e, com os fundilhos em furioso movimento, voltou disparada para o quarto — provavelmente para avisar sua pobre pequena Dolores que o velho tirano se aproximava pisando em solas de crepe, munido de livros e buquê: este último composto de flores silvestres e lindas folhas, colhidas com minhas próprias mãos enluvadas num desfiladeiro da montanha ao amanhecer (mal consegui dormir toda aquela fatídica semana).

Alimentavam bem minha Carmencita? Passei os olhos casualmente pela bandeja. Numa travessa manchada de gema havia um envelope amassado. Contivera alguma coisa, pois uma de suas bordas estava rasgada, mas não trazia endereço algum — absolutamente nada, salvo um suposto brasão de armas com o nome “Ponderosa Lodge” em letras verdes; depois disso, executei um *chassé-croisé* com Mary, que saía

novamente — impressionante como se deslocam depressa e como fazem pouca coisa, essas jovens enfermeiras cadeiradas. E contemplou com os olhos em brasa o envelope que eu pusera de volta no prato, sem amassar.

“Melhor não pegar isto”, disse ela, gesticulando direcionalmente com a cabeça. “Pode queimar sua mão.”

Abaixo da minha dignidade retrucar. Tudo que eu disse foi:

“*Je croyais que c’était* a conta do hospital — e não um bilhete amoroso.” E em seguida, entrando no quarto ensolarado, a Lolita: “*Bonjour, mon petit.*”

“Dolores”, disse Mary Lore, entrando junto comigo, à minha frente, através de mim, a marafona gorda, piscando muito os olhos, e começando a dobrar depressa um cobertor branco de flanela enquanto piscava: “Dolores, seu pai acha que são para você as cartas do meu namorado. Para mim [batendo de leve com a ponta do dedo no pequeno crucifixo de ouro que trazia ao pescoço] é que elas são. E o meu pai sabe *parlê-vu* igual ao seu.”

E deixou o quarto. Dolores, tão corada e sardenta, os lábios recém-pintados, o cabelo lustroso da escova, os braços nus apoiados na coberta bem dobrada, permaneceu inocentemente recostada, olhando em triunfo para mim ou coisa alguma. Na mesa de cabeceira, ao lado de um guardanapo de papel e de um lápis, seu anel de topázio ardia ao sol.

“Que flores tristes de funeral”, disse ela. “Obrigada assim mesmo. Mas você se incomoda muito de cortar o francês? Todo mundo se chateia.”

E de volta, em sua pressa habitual, entrou a corpulenta jovem desavergonhada fedendo a urina e alho, trazendo o *Deseret News* que sua bela paciente aceitou ansiosa, ignorando os volumes suntuosamente ilustrados que eu lhe trouxera.

“Minha irmã Ann”, disse Mary (dando uma informação que lhe ocorrera tardiamente), “trabalha nesse lugar de Ponderosa”.

Pobre Barba-Azul. A brutalidade daqueles irmãos. *Est-ce que tu ne m’aimes plus, ma Carmen?* Nunca tinha amado. Naquele momento descobri que o meu amor estava tão desenganado como sempre — e também que aquelas duas jovens eram cúmplices, conspirando em basco, ou zenfiriano, contra meu amor desenganado. E indo além, digo que Lo fazia um jogo duplo porque também ludibriava a sentimental Mary a quem dissera, imagino, preferir morar com seu divertido jovem tio do que comigo, homem cruel e melancólico. E a outra enfermeira que nunca identifiquei, o idiota da aldeia que empurrava padiolas e caixões elevador adentro, e os ridículos periquitos verdes da gaiola da sala de espera — todos eram parte da intriga, a sórdida intriga. Imagino que Mary achava que o personagem do pai na comédia, o professor Humbertoldi, planejava interferir no romance entre Dolores e seu pai-substituto, o Romeu arredondado (já que você era de fato bem pançudo, meu caro, apesar de todo o seu “brilho” e seus “alegres fluidos”).

Minha garganta doía. Aproximei-me da janela, engolindo em seco, e fiquei olhando para as montanhas, para o romântico rochedo bem alto no céu sorridente e intrigante.

“Minha Carmen”, disse eu (às vezes eu a chamava por esse nome), “vamos embora desta cidade crua e dolorosa assim que você sair da cama”.

“Aliás, eu queria as minhas roupas todas”, disse a *gitanilla*, levantando os joelhos e virando a página.

“...Porque, na verdade”, continuei, “não há razão nenhuma para ficarmos aqui”.

“Não há razão nenhuma para ficarmos em nenhum lugar”, respondeu Lolita.

Acomodei-me numa poltrona de cretone e, abrindo o atraente tratado de botânica, tentei, no silêncio do quarto que fervilhava de febre, identificar as minhas flores. O que se revelou impossível. Em seguida, uma sineta musical tocou em algum ponto do corredor.

Acho que não devia haver mais de uma dúzia de pacientes (três ou quatro eram lunáticos, como Lo me informara divertida mais cedo) naquele hospital modelar, e a equipe tinha muito tempo de sobra. Entretanto — também por tratar-se de um modelo — os regulamentos eram rígidos. É bem verdade que eu insistia em frequentar o hospital fora do horário. Não sem uma corrente secreta de *malice* sonhadora, a visionária Mary (da próxima vez, verá *une belle dame toute en bleu* pairando nos ares acima de Roaring Gulch) agarrou-me pela manga decidida a pôr-me para fora. Olhei fixo para a sua mão; que ela deixou cair. Quando comecei a

preparar-me para ir, por livre e espontânea vontade, Dolores Haze pediu-me que lhe levasse na manhã seguinte... Não se lembrava bem de onde estavam as várias coisas que ela queria... “Quero que você traga”, gritou ela (já fora das minhas vistas, a porta em movimento, fechando, fechada), “a mala cinza nova e o baú da mamãe”; mas na manhã seguinte eu tremia, e bebia, e morria na cama de motel que ela só usara por poucos minutos, e o melhor que pude fazer naquelas circunstâncias circulares que não cessavam foi enviar-lhe as duas malas através do amado da viúva, um robusto e prestativo motorista de caminhão. Imaginei Lo exibindo seus tesouros a Mary... Sem dúvida, eu delirava um pouco, e no dia seguinte ainda me sentia mais vibração que matéria sólida, pois quando olhei para o gramado adjacente pela janela do banheiro, vi a linda e recente bicicleta de Dolly ali apoiada em seu suporte, a graciosa roda dianteira apontando na direção oposta, como sempre, e um pardal pousado no selim — mas era a bicicleta da dona do motel, e sorrindo um pouco, e sacudindo minha pobre cabeça diante dos meus delírios, apressei-me em voltar para a cama, e lá fiquei deitado imóvel como um santo —

*Santo, uma ova! Dolores, cuja imagem
Ao sol era o meu tema
Com Sanchicha lia a reportagem
De uma revista de cinema —*

— representada como sempre por inúmeros espécimes onde quer que Dolores estivesse, e devia haver alguma grande festa nacional na cidade, a julgar pelos fogos de artifício e os traques, verdadeiros petardos, que explodiam o tempo todo, e aos cinco minutos para as duas da tarde ouvi o som de um assobio que se aproximava da porta entreaberta do meu bangalô, e em seguida uma batida forte nela.

Era Frank, o grandalhão. Ficou emoldurado na porta aberta, uma das mãos apoiadas na moldura, um pouco inclinado para a frente.

Olá. A enfermeira Lore estava no telefone. Queria saber se eu estava melhor e se iria hoje ao hospital.

A vinte passos de distância, Frank sempre dava a impressão de uma montanha de saúde; a cinco, como agora, revelava-se um áspero mosaico de cicatrizes — fora arremessado através de uma parede por uma explosão do outro lado do mundo; mas a despeito de ferimentos sem conta era capaz de pilotar um caminhão imenso, pescar, caçar, beber e enfrentar com entusiasmo damas de beira da estrada. Naquele dia, fosse por ser um feriado importante, ou simplesmente por desejo de distrair um homem adoentado, removera a luva que geralmente usava na mão esquerda (a que segurava o lado da porta), revelando ao fascinado paciente não só a falta completa do quarto e do quinto dedos mas também uma mulher nua, com mamilos de cinábrio e um delta índigo, encantadoramente tatuada no dorso de sua mão destruída, o indicador e o dedo médio formando as pernas enquanto o pulso ostentava a cabeça coroada de flores. Ah, deliciosa... apoiada no madeiramento da porta, como uma fada sonsa.

Pedi-lhe que dissesse a Mary Lore que eu devia passar o dia inteiro na cama, mas que entraria em contato com a minha filha amanhã em alguma hora, se me sentisse devidamente polinésio.

Ele percebeu a direção do meu olhar e fez o quadril direito dela balançar numa sugestão amorosa.

“Perfei-tamente”, cantarolou o grandão Frank desferindo um tapa no batente, e assobiando saiu de posse do meu recado. Continuei bebendo, e quando a manhã chegou minha febre tinha passado, e embora eu me sentisse mais amolecido que um sapo, vesti o roupão roxo por cima do meu pijama amarelo-milho e caminhei até o telefone do escritório. Tudo estava bem. Uma voz límpida me informou que sim, estava tudo bem, e minha filha tivera alta na véspera, em torno das duas, e que o tio dela, o sr. Gustave, tinha ido buscá-la com um filhote de *cocker spaniel*, sorrisos para todos e um Caddy Laque preto, pagando em dinheiro a conta de Dolly e mandando me dizer que não me preocupasse e cuidasse bem de mim, que iam para o rancho do Vovô conforme o combinado.

Elphinstone era, e espero que ainda seja, uma cidade muito bonitinha. Lembrava uma extensa maquete, sabem como é, com suas bem-cuidadas árvores de lâ verde e casas de telhado vermelho distribuídas pelo fundo do vale, e acho que aludi anteriormente a seus modelos em escala de templo e escola, além de seus espaçosos quarteirões retangulares, alguns dos quais, curiosamente, não passavam de pastos inesperados nos quais um único jumento ou unicórnio consumia o capim em meio ao jovem neveiro da manhã de julho. Muito interessante: numa curva fechada de cascalho muito sonoro raspei de lado num carro

estacionado mas disse a mim mesmo telegraficamente — e, telepaticamente (espero), a seu proprietário que tanto gesticulava — que voltaria mais tarde, endereço Escola Bird, Bird School, passarinho novo, o gim mantinha meu coração em vida mas confundia meu cérebro, e ao fim de elipses e lapsos comuns em sequências de sonho encontrei-me na recepção do hospital, tentando espancar o médico, berrando com pessoas refugiadas debaixo das cadeiras e clamando por Mary, que por sorte dela não estava lá; mãos ásperas se aferraram ao meu roupão, arrancando-lhe um bolso, e de algum modo parece que eu me sentara em cima de um paciente calvo de cabeça castanha confundido com o dr. Blue mas que depois de algum tempo conseguiu desvencilhar-se, observando com um sotaque grotesco: “E agora eu lhe pergunto, quem é o neurótico aqui?” — e em seguida uma enfermeira séria e delgada entregou-me sete lindos, *lindos* livros e o cobertor xadrez esplendidamente dobrado, pedindo-me um recibo em troca; e no súbito silêncio tomei consciência de um policial na entrada, para quem o outro motorista me indicava com o dedo, e assinei humilimente o recibo muito simbólico, abrindo mão por seu intermédio da minha Lolita em favor daquele bando de macacos. O que mais me restava fazer? Um pensamento simples e cabal sobressaía, e era o seguinte: “No momento, a liberdade é tudo.” Um gesto em falso — e podia ver-me obrigado a explicar toda uma vida de crimes. De maneira que simulei um despertar atordoado. Ao outro motorista paguei o que ele achava justo. Ao dr. Blue, que a essa altura me segurava pela mão, falei aos prantos da bebida que me servia para proteger com algum excesso um coração traiçoeiro mas não necessariamente avariado. Ao hospital como um todo pedi perdão com uma reverência que quase me derruba, acrescentando todavia que não me dava especialmente bem com o restante do clã dos Humbert. A mim mesmo, sussurrei que continuava de posse da minha arma, e continuava em liberdade — livre para seguir a fugitiva, livre para destruir meu irmão.

23

Mais de mil e quinhentos quilômetros de uma estrada macia como seda separavam Kasbeam, onde, até onde eu sabia, o demônio vermelho se manifestara pela última vez, e a fatídica Elphinstone que atingíramos mais ou menos uma semana antes dos festejos do 4 de Julho, Dia da Independência. A viagem tomara quase todo o mês de junho, pois raramente percorríamos mais de duzentos e cinquenta quilômetros por dia, passando o resto do tempo, num dos casos até cinco dias, em vários pontos de parada, todos também sem dúvida pré-arranjados entre eles. Era ao longo desse trecho, portanto, que o rastro do demônio devia ser procurado; e a isto me dediquei, ao cabo de vários dias indescritíveis, disparando de um lado para outro pelas estradas que se irradiavam implacáveis a partir de Elphinstone.

Tente imaginar, leitor, com toda a minha timidez, minha falta de gosto por qualquer ostentação, minha noção inerente do *comme il faut*, tente imaginar-me encobrendo o frenesi da minha dor com um trêmulo sorriso insinuante enquanto inventava algum pretexto banal para folhear o livro de registro do hotel: “Ah”, dizia eu, “tenho quase certeza de que fiquei aqui — deixe-me ver os registros de meados de junho — não, estou vendo que me enganei — que nome estranho para uma cidade, Kawtagain. Muito obrigado”. Ou: “Um cliente meu se hospedou aqui — perdi o endereço dele — será que posso...?” E de tempos em tempos, especialmente quando o gerente do estabelecimento calhava de ser um certo tipo de homem sombrio, era-me negada a inspeção pessoal dos livros.

Tenho aqui um memorando: entre 5 de julho e 18 de novembro, quando voltei a Beardsley por alguns dias, registrei-me, quando não passei de fato a noite, em 342 hotéis, motéis e pensões para turistas. Este número inclui alguns registros entre Chestnut e Beardsley, um dos quais trazia uma sombra do demônio (“N. Petit, Larousse, Ill.”); eu precisava calcular com cuidado o local e a hora das minhas pesquisas para não atrair uma atenção indevida; e deve ter havido uns cinquenta lugares onde me limitei a indagar na recepção — mas essa indagação era fútil, e eu preferia criar uma base de verossimilhança e boa vontade pagando antes por um quarto desnecessário. Meu levantamento mostrou que, dos cerca de 300 livros inspecionados, pelo menos 20 me forneceram alguma pista: o demônio ambulante tinha parado com mais frequência do que eu, ou então — coisa de que era perfeitamente capaz — criara registros adicionais só para me ocupar com indícios ridículos. Numa única ocasião ele de fato pernaitara no mesmo motel que nós, a

poucos passos do pouso de Lolita. Em alguns casos ele se hospedara no mesmo quarteirão, ou no próximo; com bastante frequência, ficara à espreita num ponto intermediário entre dois locais pré-arranjados. Com quanta clareza eu me lembrava de Lolita, logo antes da nossa partida de Beardsley, estendida no tapete da sala, estudando mapas e guias, e marcando trechos a percorrer e pontos onde iríamos parar com batom!

Descobri imediatamente que ele antevira a minha investigação e plantara pseudônimos ofensivos dirigidos especialmente a mim. Na primeira recepção de motel que visitei, a do Ponderosa Lodge, sua assinatura, entre uma dúzia de outras obviamente humanas, dizia: dr. Gratiano Forbeson, Mirandola, NY. E não tive como deixar de perceber sua referência à *commedia dell'arte*, claro. A gerente dignou-se a me informar que o cavalheiro estivera de cama por cinco dias com uma forte gripe, entregara seu carro para consertos em alguma oficina e partira de lá no 4 de Julho. Sim, uma jovem chamada Ann Lore tinha trabalhado em seu hotel, mas agora se casara com o dono de uma mercearia em Cedar City. Numa noite de lua interceptei Mary e seus sapatos brancos numa rua deserta; verdadeiro autômato, ela quase gritou, mas consegui humanizá-la com o simples ato de cair de joelhos e aos ganidos devotos implorar sua ajuda. Jurou que não sabia de nada. Quem era esse Gratiano Forbeson? Pareceu hesitar. Estalei uma nota de cem dólares. Ergueu o bilhete à luz da lua. “É o irmão do senhor”, murmurou afinal. Puxei a nota de sua mão que a lua resfriava, e cuspidando maldições em francês fiz meia-volta e fui embora correndo. E o episódio ensinou-me que só podia contar comigo mesmo. Detetive algum seria capaz de interpretar as pistas que Trapp deixara tendo em vista o meu espírito e o meu modo de ser. Não imaginei, claro, que ele jamais tivesse declarado seu nome e endereço verdadeiros; mas sempre esperava que pudesse escorregar no verniz de sua própria sutileza, ao se atrever, digamos, a incluir uma pincelada de cor mais rica e pessoal além do estritamente necessário, ou a acabar revelando muito através da soma qualitativa de partes quantitativas que, de per se, revelavam muito pouco. Uma coisa ele obteve: conseguiu enredar-me totalmente, em profunda angústia, no seu jogo demoníaco. Com uma habilidade infinita, ele oscilava, hesitava, mas acabava recuperando um equilíbrio impossível, deixando-me sempre com a esperança esportiva — se é que posso aplicar o termo a esse caso de traição, fúria, desolação, horror e ódio — de um embate seguinte em que acabasse por se entregar. O que nunca chegou a ocorrer — embora por pouco. Todos admiramos o acrobata revestido de lantejoulas que com uma graça clássica percorre meticulosamente sua corda esticada à luz magnésica; mas como é mais rara a arte do especialista na corda bamba que enverga roupas de espantalho e finge ser um bêbado grotesco! E eu bem devia saber disso.

As pistas que deixou para trás não estabeleciam sua identidade, mas refletiam sua personalidade, ou pelo menos uma certa personalidade homogênea e bem marcada; seu gênero, seu tipo de humor — pelo menos quando exibia seus lampejos —, o tom de seu cérebro tinham muito a ver comigo. Ele me arremedava e me atormentava. Suas alusões eram definitivamente cultas. Era um homem lido. Sabia francês. Mostrava-se versado em logodedia e logomania. Era amador do folclore em torno do tema do sexo. Tinha uma caligrafia feminina. Mudava de nome, mas não conseguia disfarçar, por mais que tentasse recliná-los, seus *t's*, *w's* e *l's* muito peculiares. Quelquepart Island era uma de suas residências favoritas. Não usava caneta-tinteiro, fato que, como qualquer psicanalista poderá lhes dizer, significa que o paciente é um undinista reprimido. Só podemos esperar, piedosamente, que ninfas da água existam no Estige.

Seu traço principal era a paixão tantalizante. Deus do céu, como me provocava! Desafiava sempre minha erudição. Tenho orgulho suficiente por conhecer algumas coisas para mostrar-me modesto por não saber de tudo; e confesso não ter captado todos os elementos daquela perseguição criptográfica. Que estremecimento de triunfo e horror sacudia meu frágil arcabouço quando, em meio aos nomes comuns e inocentes de um registro de hotel, seu diabólico enigma de repente ejaculava em meu rosto! E percebi ainda que, sempre que lhe parecia que as mensagens em código estavam ficando recônditas demais, mesmo para um oponente do meu porte, ele tornava a me fisgar com um enigma mais fácil. “Arsène Lupin” era óbvio para um francês que se lembrava das histórias policiais da juventude; e ninguém precisava ser exatamente um especialista em Coleridge para decifrar a adivinha banal contida em “A. Person, Porlock, Inglaterra”. De péssimo gosto, mas sugerindo basicamente um homem culto — não um policial, não um marginal comum, não um vendedor lúbrico —, eram pseudônimos como “Arthur Rainbow” — claramente um disfarce para o autor do *Bateau Bleu* — deixem-me rir também um pouco, senhores! — e “Morris Schmetterling”, famoso

por seu *L'Oiseau ivre* (*touché*, leitor!). O tolo mas engraçado “D. Orgonte, Elmira, NY”, vinha de Molière, claro, e como pouco antes eu tentara interessar Lolita numa famosa peça do século XVIII, recebi como a um velho amigo “Harry Bumper, Sheridan, Wyo”. Uma enciclopédia qualquer me informou quem era o estranhamente sonoro “Phineas Quimby, Lebanon, NH”; e qualquer bom freudiano com um nome alemão e algum interesse pela prostituição religiosa reconhecerá de imediato as implicações de “Dr. Kitzler, Eryx, Miss.”. Até aí tudo bem. Graças desse tipo eram inferiores mas no todo impessoais, e portanto inócuas. Entre os registros que me chamavam a atenção como pistas indubitáveis mas me desconcertavam quanto ao seu sentido mais fino não vou mencionar muitos, pois me sinto colidir numa fronteira brumosa com fantasmas verbais que podem transformar-se, talvez, em viajantes genuínos. Quem seria “Johnny Randall, Ramble, Ohio”? Ou seria ele uma pessoa verdadeira que só por acaso tinha uma letra semelhante à de “N. S. Aristoff, Catagela, NY”? Onde estaria o segredo de “Catagela”? E o que dizer de “James Mavor Morell, Falston, Inglaterra”? “Aristófanés”, “falso” — certo, mas que outras coisas estariam me escapando?

Uma tendência que atravessava toda essa pseudonímia me causava palpitações especialmente dolorosas quando me deparava com ela. Casos como “G. Trapp, Geneva, NY” eram sinais claros da traição por parte de Lolita. “Aubrey Beardsley, Quelquepart Island” sugeria mais nitidamente que o recado telefônico truncado que fora o ponto de partida de todo o episódio devia ser procurado ainda no leste. “Lucas Picador, Merrymay, Pa.” insinuava que minha traçoeira Carmen revelara minha paixão patética ao impostor. Terrivelmente cruel, mais ainda, era “Will Brown, Dolores, Colo.”. O macabro “Harold Haze, Tombstone, Arizona” (que em outro momento poderia ter agradado a meu senso de humor) implicava uma familiaridade com o passado da garota que, como num pesadelo, sugeria por um instante que meu perseguidor fosse um velho conhecido da família, talvez um antigo admirador de Charlotte, talvez alguém disposto a corrigir velhos erros (“Donald Quix, Sierra, Nev.”). Mas a adaga mais penetrante foi o registro de final anagramático no registro da Chestnut Lodge “Ted Hunter, Cane, NH”.

Os números embaralhados de placas de automóvel deixados por todos esses Persons e Orgontes e Morells e Trapps só me diziam que os gerentes de motel jamais verificam se os carros dos hóspedes são registrados com sua verdadeira matrícula. As referências — de registro incompleto ou incorreto — aos carros que o demônio alugara por trechos curtos entre Wace e Elphinstone eram, é claro, inúteis; a placa do primeiro conversível vermelho era um bruxuleio de algarismos em mutação, alguns transpostos, outros alterados ou omitidos, mas formando de algum modo combinações inter-relacionadas (como “WS 1564”, “SH 1616” e “Q32888” ou “CU 88322”) e no entanto criadas com tamanha sagacidade que jamais revelavam um denominador comum.

Ocorreu-me que depois de ele ter entregado aquele conversível para seus cúmplices em Wace e passado a usar o sistema de carros alternados em posta, seus sucessores poderiam ter sido menos cuidadosos e deixado em algum registro de hotel o arquétipo desses algarismos inter-relacionados. No entanto, se a procura do demônio ao longo do caminho por que eu sabia que enveredara revelava-se um empreendimento tão complicado, vago e de resultado escasso, o que eu poderia esperar de uma eventual tentativa de rastrear motoristas desconhecidos percorrendo rotas ignoradas?

24

Quando finalmente cheguei a Beardsley, no decorrer da trabalhosa recapitulação que acabo de expor com tanta minúcia, uma imagem completa já se formara em meu espírito; e recorrendo ao — sempre arriscado — processo de eliminação eu reduzira essa imagem à única fonte concreta que a cerebração mórbida e a memória letárgica podiam atribuir-lhe.

Com a exceção do reverendo Rigor Mortis (como as meninas o chamavam) e um idoso cavalheiro que lecionava alemão e latim como matérias opcionais, não havia qualquer professor regular do sexo masculino na Escola Beardsley. Mas em duas ocasiões um professor de história da arte do Beardsley College viera exhibir às alunas imagens de lanterna mágica de castelos franceses e pinturas do século XIX. Eu sempre quisera estar presente a essas projeções e palestras, mas Dolly, como era do seu feitio, pedira-me para não ir

e ponto final. Lembrei-me também que Gaston se referira àquele conferencista em particular como um *garçon* brilhante; mas era tudo; a memória se recusava a revelar-me o nome do amante de *châteaux*.

No dia marcado para a execução, atravessei a pé todo o *campus* em meio à nevasca até o balcão de informações do Beardsley College. E ali fiquei sabendo que o nome do sujeito era Riggs (nome parecido com o do reverendo), que era solteiro e que dali a dez minutos iria emergir do “Museu”, onde estava dando uma aula. No corredor do lado de fora do auditório, sentei-me numa espécie de banco de mármore doado por Cecilia Dalrymple Ramble. Enquanto esperava ali instalado, em prostrado desconforto, bêbado, privado de sono, com a mão na coroa da arma no bolso da capa de chuva, ocorreu-me bruscamente que eu estava tomado pela demência e a ponto de cometer uma estupidez. Não havia sequer uma possibilidade em um milhão de que Albert Riggs, prof. assist., estivesse escondendo minha Lolita em sua casa de Beardsley, em 24 Pritchard Road. O vilão não podia ser ele. Aquilo era uma completa insensatez. Eu estava perdendo meu tempo e o juízo. Ele e ela estavam na Califórnia, e não ali.

Em seguida, percebi uma vaga comoção por trás de algumas estátuas brancas; uma porta — não a que eu vinha fitando — abriu-se de chofre, e em meio a uma revoada de alunas uma cabeça calva e dois olhos castanhos e brilhantes se arregalavam, avançando.

Ele me era totalmente desconhecido, mas quis me convencer de que tínhamos sido apresentados numa festa ao ar livre na Escola Beardsley. Como ia minha linda filha tenista? Ele tinha outra aula. E tornaria certamente a me ver.

Outra tentativa de identificação foi resolvida com mais vagar: por meio de um anúncio numa das revistas de *Lo*, atrevi-me ao contato com um detetive particular, um ex-pugilista, e apenas para lhe dar alguma ideia do *método* adotado pelo demônio, apresentei-lhe uma amostra dos nomes e endereços que reunira. Pediu-me um depósito de monta, e dois anos — dois anos, leitor! — o imbecil levou verificando esses dados absurdos. Fazia muito que eu já rompera toda e qualquer relação monetária com ele quando me apareceu um belo dia com a informação triunfante: um índio de oitenta anos chamado Bill Brown vivia perto de Dolores, no Colorado.

25

Este livro fala de Lolita; e agora que cheguei à parte que (não fosse eu antecipado por outro mártir da combustão interna) poderia chamar-se “*Dolorès Disparue*”, não haveria muito sentido em analisar os três anos vazios que se seguiram. Embora alguns pontos pertinentes mereçam ser assinalados, a impressão geral que desejo transmitir é de uma porta lateral que se abre com estrondo em pleno voo da vida, dando entrada a um jorro negro e fragoroso de tempo que afoga, com o açoitado de seus ventos, o grito da calamidade solitária.

Uma coisa bastante singular: poucas vezes sonhei com Lolita tal como me lembrava dela — como eu a via sempre com insistência obsessiva na mente consciente, em meus devaneios de pesadelo e em minhas insônias. Mais precisamente: Lolita assombrava meu sono, mas nele aparecia sob disfarces estranhos e ridículos como Valeria ou Charlotte, ou uma combinação das duas. O complexo fantasma me aparecia, despojando-se de uma máscara atrás da outra, numa atmosfera de profunda melancolia e desgosto, e se reclinava num convite fosco em alguma tábua estreita ou banquetada desconfortável, a carne escancarada como a válvula de borracha da câmara de ar de uma bola de futebol. E eu me descobria, com as dentaduras partidas ou perdidas para sempre, em horríveis *chambres garnies* onde intermináveis sessões de vivisseção realizavam-se para meu desfrute e geralmente terminavam com Charlotte ou Valeria chorando em meus braços ensanguentados e recebendo beijos carinhosos de meus lábios fraternos numa desordem onírica de *bric-à-brac* vienense de segunda mão, compaixão, impotência e as perucas castanhas de velhas trágicas recém-assassinadas com gás.

Um dia removi do carro, e depois destruí, todo um acúmulo de revistas para adolescentes. Devem conhecer o tipo. Em matéria emocional, a Idade da Pedra; atualizada, ou pelo menos miceniana, em matéria de higiene. Uma bela e maduríssima atriz com cílios imensos e o lábio inferior carnudo e muito rubro, afirmando que usava uma certa marca de xampu. Anúncios e modas. As jovens estudantes adoram a

profusão das saias plissadas — *que c’était loin, tout cela!* É obrigação da anfitriã fornecer roupões às convidadas. Detalhes disparatados conspiram contra a animação de uma boa conversa. Todas já vimos alguma “arrancadora” — aquela garota que fica arrancando as cutículas nas festas. A menos que seja bem mais velho ou muito importante, o cavalheiro deve sempre tirar as luvas antes de tomar a mão de uma dama. Facilite um novo Romance usando o Novo Corpete para uma Barriga Lisa. Corrige a silhueta, ajusta os quadris. Tristram e o amor no cinema. Sim senhor! O enigma matrimonial entre Fulano e Beltrana vem exaurindo as línguas. Torne-se logo elegante sem gastar muito. Quadrinhos. Menina má cabelo escuro pai gordo charuto; moça boa cabelo ruivo pai bonito bigode aparado. Ou a tira repulsiva com o bandido simiesco e forte e sua mulher, uma gnômide infantilóide. *Et moi qui t’offrais mon génie...* Lembrei-me dos encantadores versos absurdos que eu escrevia para ela ainda criança: “o absurdo”, dizia ela, zombando de mim, “é a coisa certa”.

O esquilo e seu esquí, o casto e suas castanhas
Cultivam certas manias obscuras e estranhas.
Colibris se forem machos dão foguetes de primeira
E a serpente quando anda põe a mão na algibeira.

De outras coisas dela tive mais dificuldade para desistir. Até o final de 1949, guardei e adorei, manchei com meus beijos e lágrimas de tritão, um par de velhos sapatos de lona, uma camiseta masculina que ela usava, um par de *blue jeans* antiquíssimos que encontrei na mala do carro, um boné de estudante amarrotado, tesouros libertinos dessa ordem. E então, quando compreendi que minha mente estava a ponto de rachar, reuni esses pertences variados, acrescentei-lhes o que ficara guardado em Beardsley — um caixote de livros, a bicicleta, galochas e casacos velhos — e no dia do décimo quinto aniversário dela enviei tudo numa doação anônima a um lar para meninas órfãs à beira de um lago muito ventoso, na fronteira com o Canadá.

É perfeitamente possível que, tivesse eu procurado um poderoso hipnotizador, ele tivesse extraído de mim e organizado em algum padrão lógico certas memórias aleatórias que expus em meu livro com bem mais alarde do que ocorre ao meu espírito mesmo hoje, quando já sei o que procurar no passado. Naquela época, só me parecia que estava perdendo contato com a realidade; e depois de passar o restante do inverno e a maior parte da primavera seguinte num sanatório de Quebec onde já me internara antes, decidi antes de mais nada liquidar certos negócios meus em Nova York e em seguida partir para a Califórnia e de lá promover uma busca sistemática.

Eis algo que compus durante o meu retiro:

Procuo, procuro: Dolores Haze.
Cabelo: claro. Boca: flamejante.
Idade: quinze anos menos um mês.
Profissão: nenhuma, ou “figurante”.

Onde te escondeste, Dolores Haze?
Por que te escondeste, meu amorzinho?
(E desse labirinto, por minha vez,
Não sei sair, diz o estorninho.)

Para onde voaste, Dolores Haze?
Qual marca tem teu mágico tapete?
Será um Cougar creme que a satisfez?
E estará estacionado? Onde se vê-te?...

Quem é o teu herói, Dolores Haze?
Outros que o derrubem e o desarmem!
Oh, os dias lindos e o sol que fez,
Carros e mares, bares, minha Carmen!

A agulha dói e gira como um cometa.
Estão dançando sempre, menina linda?
(Os dois de jeans surrados e camiseta,
E eu no meu canto, amuado ainda.)

Feliz, feliz, McFate virulento
Percorre os States com a esposa infante,
Espeta o broto em cada cruzamento,
Em cada abrigo ou parque verdejante.

Dolores, meu delírio! Os olhos *gris*
Jamais fechavam na hora do beijo.
O cavalheiro aí conhece bem Paris?
Um bom perfume à altura do que vejo?

*L'autre soir un air froid d'opéra m'alita:
Son féfé — bien fol est qui s'y fie!
Il neige, le décor s'écroule, Lolita!
Lolita, qu'ai-je fait de ta vie?*

Eu morro, eu morro, Lolita Haze,
De ódio e de remorso eu agonizo.
A mão de monstro eu ergo outra vez,
E escuto o teu choro, nunca o riso.

Seu guarda, seu guarda, lá vão os dois —
Na chuva, ali, bem junto à luz, talvez!
Eu vi as meias soquete brancas que ela pôs,
O meu amor! Chama-se Dolores Haze.

Seu guarda, seu guarda, foram por ali —
Dolores Haze e o seu pretendente!
Puxe sua arma para os dois seguir,
E se proteja atrás deste batente.

Procuro, procuro, Dolores Haze.
Tem expressão ausente e desatenta.
Seu peso, em quilos, é quarenta e três
E sua altura só um e quarenta.

Meu carro se arrasta, Dolores Haze,
Últimas jardas, há que percorrê-las.
E caio onde toda erva se desfez,
E sobram só ferrugem e pó de estrelas.

Psicanaliticamente, este poema é a obra-prima de um maníaco. As rimas secas, rígidas e sombrias correspondem com grande exatidão a certas paisagens e figuras terríveis sem perspectiva, e a detalhes ampliados de paisagens e figuras da maneira como são desenhadas por psicopatas nos testes concebidos por seus sagazes treinadores. Escrevi muitos outros poemas. Mergulhei na poesia de outros. Mas nem por um segundo descuidei do fardo da vingança.

Eu seria um canalha se dissesse, e o leitor um idiota se acreditasse, que o choque da perda de Lolita me curara da pederose. Não havia meio de modificar minha natureza maldita, qualquer que fosse o desfecho do meu amor por ela. Em parques e praias, meu olho cansado e sorrateiro, contrariando a minha vontade, continuava a procurar o fulgor dos braços e pernas de alguma ninfeta, os sinais enviesados das colegas e damas de companhia de Lolita. Uma visão essencial em mim, porém, murchara: não mais me entregava agora às possibilidades de deleite com uma pequena donzela, específica ou sintética, em algum lugar afastado e distante; não mais minha fantasia fincava suas presas nas irmãs de Lolita, bem longe, nas grutas de ilhas evocadas. Estava tudo acabado, pelo menos por enquanto. Por outro lado, aí de mim, dois anos de indulgência monstruosa tinham-me aferrado a certos hábitos lascivos: senti medo de que o vácuo em que vivia pudesse levar-me a mergulhar na liberdade de um súbito enlouquecimento caso me visse confrontado com a tentação ocasional em alguma ruela longínqua, a meio caminho entre a escola e o jantar. A solidão me corroía, eu carecia de companhia e cuidados. Meu coração tornara-se um órgão histérico e indigno de confiança. E é aí que Rita surge em cena.

Tinha o dobro da idade de Lolita e três quartos da minha: uma adulta magra, de cabelos escuros e pele muito branca, pesando uns 45 quilos, com olhos encantadoramente assimétricos, um perfil angular definido em traços rápidos e uma fascinante *ensellure* nas costas flexíveis — creio que devia ter sangue espanhol ou babilônico. Dei-lhe carona numa tarde depravada de maio em algum ponto entre Montreal e Nova York, ou mais delimitadamente entre Toylestown e Blake, num bar que ardia nas sombras sob o signo da Mariposa-Tigre, onde ela estava simpaticamente embriagada: convencida de que tínhamos sido colegas, pousou sua mãozinha trêmula sobre a minha pata de antropoide. Meus sentidos só foram despertados muito ligeiramente, mas decidi experimentar como seria com ela; experimentei — e acabei por adotá-la como companheira constante. Ela era tão bondosa, Rita, tinha um espírito tão aberto, que me atrevo a dizer que ter-se-ia entregado a qualquer criatura ou falácia patética, uma velha árvore de tronco rachado ou um porco-espinho perdido, por pura camaradagem ou compaixão.

Quando a conheci, divorciara-se pouco antes do terceiro marido — e um pouco mais recentemente fora abandonada por seu sétimo *cavalier servant*; os outros, os mutáveis, eram numerosos e móveis demais para computar. O irmão dela era — e sem dúvida ainda deve ser — um político proeminente, de rosto impassível, envergando suspensórios e gravata estampada, prefeito e líder de sua cidade natal, onde todos jogam beisebol, leem a Bíblia e plantam cereais. Fazia oito anos que vinha pagando a sua irmã mais nova várias centenas de dólares por mês, com a condição estrita de que ela jamais voltasse a pisar na pequena Grainball City. E ela me contou, entre vagidos de surpresa, que por alguma razão misteriosa todo namorado novo que arranjava antes de mais nada decidia conduzi-la na direção de Grainball: era uma atração fatal; e antes que ela pudesse se dar conta do que acontecia, via-se capturada pela órbita lunar da cidade, percorrendo a via fartamente iluminada que a contornava — “rodando e rodando à volta dela”, como definia, “como a mariposa de um maldito bicho-da-seda”.

Ela tinha um elegante carrinho de duas portas, e nele viajamos até a Califórnia para dar um descanso a meu venerável veículo. A velocidade natural a que ela andava era 140. Querida Rita! Viajamos juntos por dois anos indistintos, do verão de 1950 ao verão de 1952, e ela sempre era a Rita mais suave, simples, gentil e idiota que se possa imaginar. Em comparação com ela, Valetchka era um Schlegel, e Charlotte, um Hegel. Não existe razão na terra pela qual eu devesse perder meu tempo com ela à margem destas memórias sinistras, mas quero dizer (olá, Rita — onde quer que esteja, bêbada ou de ressaca, Rita, olá!) que foi a companheira mais reconfortante e compreensiva que já encontrei, e que certamente me salvou do hospício. Conte-lhe que estava tentando encontrar uma garota e acabar com o sujeito que se apoderara dela. Rita aprovou solenemente meu plano — e no decurso de algumas investigações que empreendeu por conta própria (sem na verdade saber de nada), em torno de San Humbertino viu-se envolvida ela própria com um bandido bastante assustador; tive muita dificuldade em resgatá-la — gasta e pisada mas sempre atrevida. E então um dia ela propôs que jogássemos roleta-russa com minha sagrada automática; eu disse que não era possível, porque não era um revólver, e lutamos pela arma que finalmente disparou, provocando um fino e cômico jorro de água quente do buraco que abriu na parede do quarto do bangalô; lembro-me de suas gargalhadas histéricas.

A curva estranhamente pré-púbere das suas costas, sua pele da cor do arroz, seus beijos columbinos, lentos e langorosos mantinham-me a salvo de problemas mais sérios. Não são as aptidões artísticas os caracteres sexuais secundários de que falam certos xamãs e charlatães, mas justamente o contrário: o sexo é que é ancilar à arte. Um impulso um tanto misterioso, que teve repercussões interessantes, preciso assinalar. Abandonara a minha procura: o demônio encontrava-se ou no Tártaro ou queimando no meu cerebelo (chamas atizadas por meu delírio e minha dor), mas certamente não levava Dolores Haze para exibir seu tênis de campeã na Costa do Pacífico. Certa tarde, em nosso caminho de volta para o leste, num hotel horrendo, do tipo onde se realizam convenções e onde homens corados, etiquetados e gordos oscilam de um lado para outro, todos reduzidos a prenomes, negócios e álcool — a querida Rita e eu acordamos e nos deparamos com um terceiro em nosso quarto, um sujeito jovem e louro, quase albino, com cílios brancos e imensas orelhas transparentes, que nem Rita nem eu lembrávamos de jamais ter visto em momento anterior das nossas tristes vidas. Suando muito em suas roupas de baixo grossas e sujas, e ainda calçado com velhas botas do exército, ele se estendera e roncava na cama de casal para além da minha casta

Rita. Um dos seus dentes da frente tinha-se perdido, pústulas cor de âmbar cresciam em sua testa. Ritochka protegeu sua nudez sinuosa com minha capa de chuva — a primeira coisa à mão; enfiei um par de cuecas compridas riscadas de vermelho e branco; e pusemo-nos a avaliar a situação. Havia cinco copos usados, que, a serem encarados como pistas, apresentavam uma fatura embaraçosa. A porta não estava devidamente fechada. Havia um suéter e um par de disformes calças cáqui atirados no chão. Sacudimos seu proprietário e o forçamos a retornar a uma infeliz consciência. Sofria de amnésia completa. Num sotaque que Rita reconheceu como sendo puro brooklynês, insinuou em tom maldoso que de algum modo furtara sua identidade (sem valor algum). Obrigamo-lo a vestir-se às pressas e o deixamos no hospital mais próximo, percebendo no caminho que de algum modo, depois de muitos giros desatentos, estávamos em Grainball. Meio ano mais tarde Rita escreveu para o médico de lá pedindo notícias. Jack Humbertson, como ele fora batizado com evidente mau gosto, ainda se mantinha na ignorância do seu passado pessoal. Ó Mnemósine, mais doce e travessa das musas!

Eu não teria mencionado este incidente caso não tivesse desencadeado uma associação de ideias que acabou resultando na publicação por mim, nas páginas da *Cantrip Review*, de um ensaio sobre “Mimir e a Memória”, texto que sugeria, dentre outras coisas que pareceram muito originais e importantes aos benevolentes leitores daquela eminente publicação, uma teoria do tempo perceptual baseada na circulação do sangue e conceitualmente apoiada (até mais não poder) no fato de a mente ter consciência não só da matéria, mas também de si mesma, o que criava uma extensão contínua entre dois pontos (o futuro armazenável e o passado armazenado). Como resultado dessa iniciativa — e culminando com a impressão produzida por meus *travaux* anteriores —, fui convocado de Nova York, onde Rita e eu dividíamos um pequeno apartamento com vista para crianças lustrosas que se banhavam bem abaixo de nós num recanto do Central Park dotado de uma fonte, ao Cantrip College, a mais de seiscentos quilômetros de distância, para um ano de aulas. Ali me hospedei, em alojamentos especiais destinados a poetas e filósofos, de setembro de 1951 a junho de 1952, enquanto Rita, que eu preferia não exhibir, vegetava — um tanto indecorosamente, suspeito — numa estalagem de beira de estrada onde eu a visitava duas vezes por semana. E um dia desapareceu — de maneira mais compassiva que sua predecessora: um mês mais tarde reencontrei-a na cadeia local. Mostrava-se *très digne*, tivera o apêndice retirado, e conseguiu convencer-me de que as lindas peles azuladas que era acusada de ter subtraído de uma certa sra. Roland MacCrum tinham sido na realidade um presente espontâneo, embora um tanto alcoólico, do próprio Roland cujo sobrenome a dona usava. Consegui soltá-la sem apelar a seu irmão hipersensível, e pouco depois voltamos de carro para Central Park West, via Briceland, onde havíamos parado por algumas horas no ano anterior.

Uma curiosa urgência de reviver minha passagem por lá com Lolita tomou conta de mim. Iniciava-se uma fase de minha existência em que eu abandonara qualquer esperança de localizá-la e a seu sequestrador. Agora tentava retornar aos antigos cenários para resgatar o que ainda ali restava em matéria de *souvenir*, *souvenir, que me veux-tu?* O outono ressoava no ar. A um cartão-postal pedindo duas camas, o professor Hamburg recebeu pronta resposta manifestando desapontamento. Estavam lotados. Só dispunham de um quarto no porão, sem banheiro, com quatro camas, que decerto eu não desejaria. O papel da carta trazia o timbre:

Os CAÇADORES ENCANTADOS

PERTO DAS IGREJAS

NÃO ACEITAMOS CÃES

Só bebidas legais

Perguntei-me se esta última afirmação seria verdadeira. Só? Existiria por exemplo xarope de groselha adulterado? E também me perguntei se um caçador, fosse da variedade comum ou encantada, não precisaria mais de um bom perdigueiro que de um banco de igreja, e com um espasmo de dor rememorei uma cena digna de um grande artista: *petite nymphe accroupie*; mas aquele estúpido *cocker spaniel* talvez não fosse genuíno. Não — senti que não suportaria o tormento de uma nova visita àquele saguão. Havia uma possibilidade muito melhor de recuperação do tempo noutra parte, na suave, multicolor e outonal Briceland. Deixando Rita num bar, parti para a biblioteca da cidade. Uma solteirona chilreante ficou encantada de poder ajudar-me a encontrar o volume encadernado da *Briceland Gazette* correspondente a meados de

agosto de 1947 e em seguida, num nicho resguardado sob uma lâmpada nua, eu virava as enormes e quebradiças páginas de um volume negro como um caixão, quase do tamanho de Lolita.

Leitor! *Bruder!* Como era imensa a estupidez desse estúpido Hamburg! Uma vez que seu sistema hipersensível se mostrara incapaz de enfrentar o cenário real, ele achou que poderia pelo menos deleitar-se com uma parte secreta do panorama — o que nos lembra a história do décimo ou vigésimo soldado na fila do estupro, que decide cobrir o rosto branco da moça com seu xale negro a fim de não ver aqueles olhos impossíveis enquanto usufrui seu prazer militar naquela triste aldeia saqueada. O que *eu* tanto desejava era a foto impressa que por acaso fixara minha imagem passageira enquanto o fotógrafo da *Gazette* concentrava-se no dr. Braddock e em seu grupo. Apaixonadamente, esperava encontrar preservado o retrato do artista enquanto monstro mais jovem. Uma câmara inocente que me houvesse surpreendido em meu caminho sorrateiro para o leito de Lolita — que magneto para Mnemósine! Não sei explicar bem a verdadeira natureza desse meu impulso irrefreável. Estava ligado, creio, ao tipo de curiosidade vertiginosa que nos impele a examinar com uma lente as figurinhas desoladas — praticamente uma natureza-morta, e todos a ponto de vomitar — numa execução matinal, e a expressão do condenado impossível de distinguir na imagem. De qualquer maneira, eu arquejava literalmente em meu esforço para respirar, e um canto daquele livro amaldiçoado insistia em apunhalar-me o estômago enquanto eu percorria minuciosamente cada página... *Força bruta e Possessão* estreariam no domingo, dia 24, nos dois cinemas da cidade. O sr. Purdom, leiloeiro independente de tabaco, declarou que desde 1925 era fumante de Omen Faustum. Husky Hank e sua noiva *mignon* seriam recebidos pelos sr. e sra. Reginald G. Gore, na Avenida Inchkeith número 58. O tamanho de certos parasitos é de um sexto do hospedeiro. Dunquerque fora fortificada no século X. Meias para moças, 39 cents, sapatos de couro cru, 3 dólares e 98. O vinho, vinho, vinho, repetia risonho o autor de *Idade das trevas*, recusando-se a deixar-se fotografar, pode servir a algum pequeno pássaro persa, mas eu quero chuva, chuva, chuva no telhado para as rosas e a inspiração, sempre. As covinhas são causadas por aderências da pele a tecidos mais profundos. Os gregos repelem um pesado ataque de guerrilheiros — e, ah, finalmente, uma pequena figura vestida de branco, e o dr. Braddock de preto, mas qualquer que fosse o ombro espectral que roçava sua vasta silhueta, nada de mim se distinguia.

Fui ao encontro de Rita, que me apresentou, com seu sorriso de *vin triste*, a um velho truculentamente tenso e murcho, tamanho de bolso, dizendo que ela era — como era mesmo o seu nome, meu filho? — uma antiga colega de escola. Tentou agarrá-la, e na ligeira escaramuça que se seguiu machuquei meu polegar contra seu crânio duro. No parque pintado e silencioso onde a levei para passear e tomar um pouco de ar fresco, soluçou e disse que logo, logo eu iria deixá-la como todos sempre deixavam, e cantei para ela uma animada balada francesa, reunindo algumas rimas fugitivas para diverti-la:

Caçadores Encantados era o nome, e eu rumino:
Que índia tintura, Diana, dominava o vale ao sul
tornando o lindo lago antes do hotel um genuíno
banho de sangue arbóreo antes do hotel azul?

Ela disse: “Por que azul quando é branco, por que azul, em nome dos céus?” e começou novamente a chorar. Caminhei com ela até seu carro, fomos para Nova York e em pouco tempo ela se sentia de novo razoavelmente feliz, bem alto em meio ao nevoeiro na varandinha de nosso apartamento. Percebo que misturei um pouco dois eventos, minha visita com Rita a Briceland a caminho de Cantrip e nossa passagem seguinte por Briceland na volta para Nova York, mas essas efusões de cores líquidas nunca devem ser ignoradas pelo artista que rememora.

Minha caixa de correio no corredor de entrada era do tipo que permite à pessoa vislumbrar parte do seu conteúdo através de uma abertura envidraçada. Várias vezes, já, uma faixa de luz colorida que caía através do vidro sobre uma caligrafia desconhecida a transformara num arremedo da letra de Lolita, levando-me quase a desmaiar enquanto me recostava numa urna adjacente, quase a minha. Toda vez que isso acontecia

— toda vez que seus garranchos adoráveis, cheios de volutas e sinais de infantilidade, viam-se transformados na caligrafia monótona de um dos meus poucos correspondentes — eu me lembrava, achando uma graça angustiada, das ocasiões do meu passado mais sólido, pré-doloriano, em que de algum modo a luz excessiva de uma janela me desorientava e meu olho vigilante, esse periscópio sempre atento do meu vício vergonhoso, vislumbrava nela de muito longe uma ninfeta seminua congelada no gesto de pentear seus cabelos de Alice-no-País-das-Maravilhas. Revelava-se naquela silhueta de fogo uma perfeição que tornava meu prazer incontrolável também perfeito, só porque a visão estava fora do alcance, sem possibilidade de ser atingida e estragada pela consciência de um tabu que a ela se sobrepunha; de fato, bem pode ser que a própria atração que a imaturidade exerce sobre mim resida não tanto na limpidez da beleza infantil — jovem, proibida e imaculada — quanto na segurança de uma situação em que perfeições infinitas preenchem a lacuna entre o pouco que é dado e o muito que é prometido — o extenso e rosigris para-sempre-inconquistável. *Mes fenêtres!* Pendendo acima do crepúsculo ingurgitado e da noite transbordante, rilhando os dentes, eu congregava todos os demônios do meu desejo contra o parapeito de uma varanda latejante: ele se aprontava para alçar voo na noite úmida, negra e adamascada; e decolava — ao que a imagem iluminada se deslocava, revertia-se Eva a costela, e nada mais se mostrava na janela além de um homem obeso e semivestido lendo o jornal.

Como às vezes eu conseguia vencer a disputa entre o meu delírio e a realidade natural, a ilusão era uma coisa suportável. A dor começava a ultrapassar minha capacidade de tolerância quando o acaso se imiscuía na disputa e me roubava o sorriso que se me destinava. “*Savez-vous qu’à dix ans ma petite était folle de vous?*”, perguntou-me uma mulher com quem conversei num chá em Paris. A *petite* acabara de casar-se a quilômetros dali, e nem mesmo consegui lembrar-me se já reparara nela no jardim, perto daquelas quadras de tênis, uma dúzia de anos antes. E agora, do mesmo modo, a radiosa antevisão, a promessa de realidade, uma promessa a ser não só sedutoramente simulada como ainda nobremente cumprida — tudo isso, o acaso me negava —, o acaso e a troca por personagens menores da parte do autor pálido e adorado. Minha fantasia foi ao mesmo tempo proustianizada e procustianizada; pois naquela manhã em particular, num dia do final de setembro de 1952, quando descí para recolher minha correspondência, o zelador miúdo e bilioso com quem sempre me indispunha de maneira execrável começava a queixar-se do homem que trouxera recentemente Rita em casa e tinha “vomitado como um cachorro” nos degraus da entrada do edifício. No processo de ouvi-lo e lhe dar uma gorjeta, ouvindo em seguida uma versão revista e bem mais simpática do incidente, tive a impressão de que uma das duas cartas que o bendito homem me trouxera era da mãe de Rita, velhinha maluca que certa vez eu visitara em Cape Cod e que sempre escrevia para os meus vários endereços, dizendo como era magnífica a maneira como a filha dela e eu combinávamos um com o outro, e como seria maravilhoso se nos casássemos; a outra carta que abri e logo examinei no elevador vinha de John Farlow.

Muitas vezes reparei que tendemos a atribuir aos nossos amigos a estabilidade de tipo que os personagens literários costumam adquirir no espírito do leitor. Por mais vezes que possamos abrir o *Roi Lear*, jamais encontraremos o bom rei ostentando uma boa bebedeira em alto e bom som, entregando-se a largos folguedos, esquecidos todos seus tormentos, em animada reunião com as três filhas e seus respectivos cãezinhos de colo. E jamais Emma recobra as forças, reavivada pelos saís da lágrima que o pai de Flaubert deixa cair no momento perfeito. Seja qual for a evolução que este ou aquele personagem possa apresentar no universo contido entre as capas do livro, seu destino está fixado em nosso espírito, e, de maneira similar, sempre esperamos que os nossos amigos obedeçam a este ou àquele padrão lógico e convencional que fixamos para eles. Assim, X jamais haverá de compor a música imortal tão diversa das sinfonias de segunda com que nos acostumou. Y jamais cometerá um homicídio. E em circunstância alguma Z haverá de nos trair. Temos tudo bem-arrumado na mente e, quanto menos vemos uma certa pessoa, mais reconfortante nos é verificar o quanto ela segue conformada à ideia que dela temos, cada vez que nos chegam notícias suas. Qualquer desvio do destino que esperamos nos chocaria não só por ser uma anomalia, mas ainda por contrariar a ética. Preferiríamos jamais ter conhecido de todo o nosso vizinho, vendedor ambulante aposentado de cachorro-quente, se um dia ficarmos sabendo que ele acabara de produzir o maior livro de poesia de seu tempo.

Digo tudo isto a fim de explicar o quanto me deixou desorientado a carta histórica de Farlow. Soube que sua mulher tinha morrido, mas esperava que ele tivesse continuado, por toda a sua viuvez devota, o homem contido e confiável que sempre fora. E agora ele me contava que, depois de uma breve estada nos Estados Unidos, retornara à América do Sul e decidira entregar todos os negócios de que cuidava em Ramsdale a Jack Windmuller daquela mesma cidade, advogado que nós dois conhecíamos. Parecia especialmente aliviado de ver-se livre das “complicações” do caso Haze. Casara-se com uma jovem espanhola. Parara de fumar e engordara quase quinze quilos. Ela era muito jovem e campeã de esqui. Pretendiam passar as monções da lua de mel na Índia. Já estava, em suas próprias palavras, “construindo uma família”, não teria mais tempo a partir de agora para os meus negócios, que ele classificava de “muito estranhos e assaz exasperantes”. Alguns abelhudos — um comitê inteiro formado exclusivamente por gente desse tipo, ao que parece — tinham-no informado de que o paradeiro da jovem Dolly Haze era desconhecido, e que eu me amasiara com uma divorciada notória da Califórnia. O sogro dela seria conde e estupendamente rico. As pessoas que alugavam a residência Haze havia vários anos agora desejavam comprar a casa. Sua sugestão era de que eu desse um jeito de aparecer com Dolly o mais rápido que pudesse. Ele fraturara a perna. E anexava à carta um instantâneo em que ele e uma morena sorriam radiantes um para o outro em meio às neves do Chile.

Lembro-me de ter voltado para o meu apartamento e começado a pensar: Bem, pelo menos agora iremos descobrir onde eles estão — quando a segunda carta começou a falar comigo numa vozinha fraca e sensata:

PAPAI QUERIDO:

Como vai tudo? Estou casada. Vou ter um bebê. Acho que ele vai ser grande. E vai nascer bem a tempo do Natal. Esta carta é difícil de escrever. Estou enlouquecendo porque não temos dinheiro para pagar as dívidas e sair daqui. Prometeram a Dick um bom emprego no Alasca exatamente na especialidade dele em mecânica, é só o que eu sei a respeito mas parece que é coisa grande. Desculpe eu ter escondido até hoje o nosso endereço de casa mas você ainda pode estar furioso comigo, e não quero que Dick saiba de nada. Esta cidade é uma coisa. Só o neveiro é que salva a pessoa de se ver cercada de idiotas. Por favor, mande um cheque, Papai. Trezentos ou quatrocentos já ajudavam, ou até menos, qualquer coisa é bem-vinda, você pode vender todas as minhas coisas velhas, porque depois que chegarmos lá a grana vai começar a entrar de verdade. Escreva, por favor. Passei por muitas tristezas e dificuldades.

Na expectativa, a sua

a
expe
ctativ
a, a
sua

N

28

Novamente eu estava na estrada, novamente ao volante do antigo sedã azul, novamente sozinho. Rita ainda estava morta para o mundo quando li a carta e precisei combater as montanhas de agonia que ela despertava dentro de mim. Olhei para ela, sorrindo no sono, beijei sua testa úmida e a deixei para sempre, com um bilhete de doce *adieu* que preendi com esparadrapo ao seu umbigo — pois de outro modo ela poderia não tê-lo encontrado.

“Sozinho”, disse eu? *Pas tout à fait*. Levava comigo meu amiguinho retinto, e assim que cheguei a um local discreto ensaiei a morte violenta do sr. Richard F. Schiller. Encontrara um suéter cinza meu muito velho e muito sujo na traseira do carro, e pendurei-o num galho, numa campina silenciosa que alcançara por um caminho de lenhadores que partia da já distante estrada. A execução da sentença foi um pouco empanada pelo que me pareceu uma certa dureza do gatilho, e perguntei-me se deveria obter algum óleo para aquele misterioso objeto, decidindo todavia que não tinha tempo a perder. De volta para dentro do carro foi o velho suéter morto, agora com perfurações adicionais, e tendo recarregado o quente Amigo, continuei minha jornada.

A carta era datada de 18 de setembro de 1952 (estávamos no dia 22 de setembro), e o endereço que trazia era “Posta Restante, Coalmont” (não “Va.”, nem “Pa.”, nem “Tenn.” — e nem era Coalmont, tampouco; camuflei tudo, meu amor). Minhas investigações mostraram que se tratava de uma pequena comunidade industrial a cerca de 1.200 quilômetros de Nova York. Num primeiro momento, planejei passar o dia todo e mais a noite inteira dirigindo, mas depois pensei melhor e em torno do amanhecer descansei por algumas horas num quarto de motel, poucos quilômetros antes de chegar à cidade. Eu já resolvera que o demônio, esse Schiller, devia ser um vendedor de carros que talvez tivesse conhecido minha Lolita dando-lhe carona em Beardsley — no dia em que um pneu de sua bicicleta furou a caminho da srta. Emperor — e que tivera alguns problemas depois disso. O cadáver do suéter executado, por mais que eu mudasse os seus contornos estendido no banco traseiro do carro, insistia em exibir vários traços de

Trapp-Schiller — a vulgaridade e a bonomia obscenas do seu corpo, e para contrabalançar esse seu gosto pela corrupção grosseira resolvi que me poria especialmente elegante e bonito no instante em que pressionei o mamilo do meu despertador antes de sua explosão na hora prevista das seis da manhã. E então, com a meticulosidade austera e romântica de um cavalheiro a caminho de um duelo, verifiquei a ordem dos meus papéis, banhei e perfumei meu corpo delicado, raspei meu rosto e meu peito, escolhi uma camisa de seda e calças limpas, enverguei transparentes meias de seda bege e congratulei-me por trazer na mala do carro algumas roupas excelentes — um colete com botões de nácar, por exemplo, uma gravata clara de *cashmere* e assim por diante.

Não consegui, infelizmente, manter meu desjejum no estômago, mas não dei importância a essa manifestação física, simples contratempo trivial; limpei a boca com um lenço rendado que retirei da manga e, com um bloco de gelo azul no lugar do coração, uma pílula na língua e a morte sólida no bolso traseiro da calça, entrei numa cabine telefônica de Coalmont (Ah-ah-ah, disse a portinhola), de onde liguei para o único Schiller — Paul, móveis — que encontrei no catálogo surrado. O rouco Paul revelou-me que conhecia de fato um Richard, filho de um primo seu, e o endereço onde ele morava era, deixe eu ver, 10 Killer Street (não estou me esforçando muito na busca dos meus nomes falsos). Ah-ah-ah, disse a portinhola da cabine.

O número 10 da Killer Street era uma casa dividida em pequenos apartamentos, e ali entrevistei várias criaturas idosas e desoladas, além de duas ninfetas incrivelmente sujas de longos cabelos ruivos bem claros (distraidamente, só por esporte, o antigo monstro em mim continuava olhando em volta à procura de alguma criança pouco vestida que pudesse apertar contra o meu corpo por um minuto que fosse, depois que acabasse a matança, nada mais fizesse diferença e tudo me fosse permitido). Sim, Dick Skiller tinha morado ali, mas se mudara depois de casado. Ninguém sabia o endereço novo. “Pode ser que saibam na loja”, disse uma voz de baixo profundo emergindo de uma escotilha aberta perto da qual eu por acaso me postara junto às duas meninas de braços finos e pés descalços e suas avós desbotadas. Entrei na loja errada e um negro velho e cansado sacudiu a cabeça antes mesmo que eu pudesse perguntar-lhe qualquer coisa. Atravessei para uma deprimente mercearia do outro lado da rua e lá, convocada por um cliente a meu pedido, uma voz de mulher vinda de

algum abismo de madeira abaixo do piso, contrapartida da escotilha, exclamou: Hunter Road, a última casa.

A Hunter Road ficava a quilômetros dali, numa área ainda mais desolada, toda valão e despejo de lixo, e hortas roídas de lagartas, e barracões e chuva fria e cinzenta, e lama vermelha, e várias chaminés que fumegavam à distância. Estacionei à frente da última “casa” — um barraco de compensado, próximo a duas ou três habitações semelhantes um pouco mais distantes do leito da rua, e à toda volta uma extensão de ervas murchas. Sons de martelo vinham da traseira da casa, e por vários minutos fiquei sentado imóvel em meu velho carro, velho e frágil ao cabo da jornada, bem perto de alcançar o gasto sonho: *finis*, meus camaradas, *finis*, meus demônios. Era em torno das duas. Meu pulso bateu quarenta vezes num minuto e cem no minuto seguinte. A chuva fina crepitava no capô do carro. Minha arma migrara para o bolso direito da calça. Um vira-lata sem qualquer marca singular surgiu dos fundos da casa, estacou surpreso e começou a latir simpaticamente para mim com os olhos apertados e a barriga pendente toda enlameada. Então deu mais uns poucos passos e emitiu mais um latido grosso.

29

Desci do carro e bati a porta. Como aquele barulho soou rotineiro, como soou comum no vazio daquele dia sem sol! *Ruuuf*, comentou o cachorro para não ficar sem dizer nada. Apertei o botão da campainha, e ela vibrou por todo o meu sistema. *Personne. Je resonance. Repersonne*. De quais profundezas viriam aqueles redisparates? *Ruuf*, disse o cachorro. E a porta se abre com um áspero sussurro.

Uns cinco centímetros mais alta. Óculos de armação cor-de-rosa. Novo penteado com o cabelo todo para cima, orelhas novas. Quanta simplicidade! Aquele momento, aquela morte que eu vinha conjurando havia três anos, tinha a singeleza de uma lasca de lenha seca. Estava franca e imensamente grávida. Sua cabeça parecia menor (só dois segundos tinham-se passado na verdade, mas deixem-me conferir-lhes toda a duração de árvore que a vida puder comportar), suas faces pintadas de sardas pálidas estavam encovadas, e suas canelas e seus braços à mostra tinham perdido o bronzeado, de

maneira que a penugem aparecia nítida. Ela usava um vestido marrom de algodão sem mangas e desajeitados chinelos de feltro.

“O-oo-ora!”, exalou ela ao cabo de uma pausa, com toda a ênfase da surpresa e das boas-vindas.

“O marido está?”, coaxei, punho no bolso.

Eu não poderia matá-la, *a ela*, claro, como alguns podem ter imaginado. O fato é que eu a amava. Tinha sido amor à primeira vista, à última vista, às vistas de todo o sempre.

“Entre”, disse ela com um tom de veemente animação. Contra a madeira morta e cheia de farpas da porta, Dolly Schiller achatou-se o melhor que podia (chegando a erguer-se um pouco na ponta dos pés) para deixar-me passar, e ficou por um momento crucificada, de olhos baixos, sorrindo para o umbral, as faces encovadas e as *pommettes* redondas, seus braços brancos como leite agüado bem abertos na madeira. Passei sem encostar em seu bulboso bebê. O cheiro de Dolly, com um ligeiro acréscimo de fritura. Meus dentes chacoalhavam como os de um cretino. “Não, você fica fora” (para o cachorro). Ela fechou a porta e entrou atrás de mim e de sua própria barriga na sala de visitas da casa de boneca.

“Dick está ali”, disse ela, apontando com uma raquete invisível de tênis, convidando meu olhar a viajar do despojado quarto-sala onde estávamos, através da cozinha e da porta de trás até onde, num panorama bastante primitivo, um jovem desconhecido de cabelos escuros e vestindo um macacão, com a pena instantaneamente comutada, empoleirava-se de costas para mim numa escada, consertando alguma coisa próxima ou em cima do barraco do vizinho, um sujeito mais gordo que ele com um braço só, que do chão acompanhava seu serviço.

Este padrão ela explicou de longe, em tom de desculpas (“Sabe como são os homens”); queria que ela o chamasse?

Não.

De pé no meio desse aposento fora de esquadro, emitindo “hums” em tom interrogativo, produziu com os pulsos e as mãos os gestos javaneses que me eram bem conhecidos, propondo-me, numa breve demonstração de cortesia bem-humorada, que escolhesse entre uma cadeira de balanço e o divã (que era a cama do casal depois das dez da noite). Digo “conhecidos” porque um dia ela me recebera com a mesma dança dos pulsos na festa que demos em Beardsley. Sentamo-nos ambos no divã. Curioso: embora na

verdade sua beleza houvesse desbotado, percebi com clareza definitiva, num momento tão irremediavelmente tardio, como ela lembrava — e sempre tinha lembrado — a Vênus arruivada de Botticelli: o mesmo nariz suave, a mesma beleza de traços um tanto indistintos. No meu bolso os dedos mansamente soltaram e rearrumaram um pouco a ponta, dentro do lenço em que estava aninhada, da minha arma sem uso.

“Ele não é o sujeito que estou procurando”, disse eu.

O olhar difuso de boas-vindas desapareceu dos olhos dela. Sua testa franziu-se como nos velhos dias de amargura.

“Não é quem?”

“Onde ele está? Diga logo!”

“Escute”, disse ela, inclinando a cabeça e balançando-a de um lado para outro nessa posição. “Escute, você não vai me falar desse assunto.”

“Claro que vou”, disse eu, e por um momento — estranhamente o único momento piedoso e tolerável de toda a conversa — encaramo-nos totalmente eriçados, como se ela ainda fosse minha.

Garota sensata, ela controlou-se.

Dick não sabia nada de toda aquela confusão. Achava que eu era o pai dela. Acreditava que ela fugira de uma família de classe alta só para ir lavar pratos numa lanchonete. Acreditava em qualquer coisa. Por que eu queria dificultar tudo ainda mais revirando aquele lodo?

Mas, respondi, ela precisava ter juízo, precisava ser uma garota ajuizada (com aquele tambor nu por baixo do fino tecido marrom), ela precisava entender que, se esperava a ajuda que eu viera trazer-lhe, eu precisava pelo menos entender claramente a situação.

“E então, o nome dele!”

Ela achava que eu tivesse adivinhado muito antes. Era (com um sorriso malicioso e melancólico) um nome tão sensacional. Eu nunca iria acreditar. Ela mesma mal conseguia acreditar.

O nome dele, minha ninfa do outono.

Era tão desimportante, disse ela. E sugeriu que eu esquecesse tudo. Eu aceitava um cigarro?

Não. O nome dele.

Ela sacudiu a cabeça com grande resolução. Sabia que era tarde demais para criar um caso, e que eu nunca iria acreditar no inacreditavelmente inacreditável —

Eu disse que precisava ir embora, tudo de bom, tinha sido um prazer estar com ela.

Ela disse que não adiantava, que jamais diria nada, mas por outro lado, no fim das contas — “Você quer mesmo saber quem era? Pois bem, era —”

E em voz baixa, num tom confidencial, arqueando as finas sobrancelhas e franzindo os lábios ressecados, emitii, com uma expressão um tanto zombeteira e um pouco entediada, não desprovida de alguma ternura, numa espécie de assobio mudo, o nome que o leitor astuto já deve ter adivinhado há muito tempo.

À prova d’água. Por que um relance do Lago da Ampulheta atravessou minha consciência? Eu também sabia, sem saber, desde sempre. E não senti choque ou surpresa. Silenciosamente, a fusão se completou e tudo se encaixou na devida ordem, no padrão da ramagem que fui entrelaçando ao longo destas memórias com a finalidade expressa de fazer o fruto maduro cair no momento certo; sim, com a finalidade expressa e perversa de reproduzir — ela continuava a falar, mas eu me dissolvia sentado em minha paz dourada —, de reproduzir aquela paz dourada e monstruosa por força da conclusão lógica e satisfatória, que mesmo o leitor mais refratário agora também há de estar experimentando.

Ela, dizia eu, continuava a falar. E agora tudo corria num fluxo sereno. Ele era o único homem por quem ela tinha sido louca. E Dick? Ah, Dick era um amorzinho, eram muito felizes juntos, mas ela estava falando de outra coisa. E *eu* nunca tinha contado, é claro?

Ela me examinou como se captasse pela primeira vez o fato inacreditável — e de algum modo tedioso, confuso e desnecessário — de que o quarentão valetudinário de quarenta anos vestido de veludo a seu lado, distante, elegante e esguio, conhecera e adorara cada poro e folículo de seu corpo pubescente. Nos olhos dela, de um cinza lavado, e debaixo daqueles óculos estranhos, nosso pobre romance por um momento se viu refletido, ponderado e descartado como uma festa tediosa, como um piquenique estragado pela chuva ao qual só os mais chatos tinham vindo, como um exercício monótono, como uma lasca de lama seca colada à casca da sua infância.

Mal consegui esquivar a tempo meu joelho de um esboço de tapinha — um dos gestos que ela tinha adquirido.

Recomendou-me que deixasse de ser idiota. O que passou, passou. Eu tinha sido um bom pai, achava ela — pelo menos *isso* ela me concedia. Prossiga, Dolly Schiller.

Bem, e eu sabia que ele conhecera a mãe dela? Que era praticamente um velho amigo? Que tinha passado um tempo na casa do seu tio em Ramsdale? — ah, anos atrás — e dado uma palestra no clube da Mamãe, e que aí tinha agarrado e puxado ela, Dolly, pelo braço nu para o seu colo na frente de todo mundo, e dado um beijo no rosto dela, que tinha dez anos e ficou furiosa? Sabia que tinha me visto com ela na estalagem justamente quando escrevia a peça que ela acabaria ensaiando em Beardsley, dois anos mais tarde? E eu sabia — Fora horrível da parte dela induzir-me a erro levando-me a crer que Clare era mulher e de uma certa idade, talvez parente ou ex-esposa dele — e oh, como tinha sido por pouco quando o jornal de Wace publicara uma foto dele!

Mas a *Gazette* de Briceland não. Pois é, tudo muito engraçado.

Pois é, disse ela, este mundo é mesmo uma bola; se alguém fosse contar a vida dela por escrito, ninguém jamais iria acreditar.

A essa altura, ouvimos repentinos sons caseiros vindo da cozinha, que Dick e Bill tomaram de assalto à procura de cerveja. Pela porta perceberam o visitante, e Dick passou para a sala de visitas.

“Dick, este é o meu pai!”, exclamou Dolly numa voz estentórea e violenta que me pareceu totalmente desconhecida, e nova, e animada, e velha, e triste, porque o jovem, veterano de uma guerra distante, ficara com problemas de audição.

Árticos olhos azuis, cabelos pretos, rosto áspero, queixo por barbear. Trocamos um aperto de mãos. Discreto, Bill, que se orgulhava visivelmente de operar prodígios com uma única mão, trouxe as latas de cerveja que abrira. Fez menção de retirar-se. A suprema cortesia da gente simples. Obrigaram-no a ficar. Um anúncio de cerveja. A bem da verdade, eu, tanto quanto os Schiller, preferia assim. Transferi-me para a frágil cadeira de balanço. Mascando com avidez, Dolly me mantinha abastecido de *marshmallows* e batatas *chips* de pacote. Os homens contemplavam seu frágil, *frileux*, diminuto, europeu, ainda jovem mas adoentado, pai em seu paletó de veludo e colete bege, quem sabe um visconde.

Julgaram que eu viera para ficar, e Dick, com um imenso franzir de sobrolhos que denotava uma certa lentidão de raciocínio, sugeriu que Dolly

e ele poderiam dormir na cozinha, num colchão extra. Acenei com a mão leve e disse a Dolly, que transmitiu a informação para Dick num grito específico, que só estava de passagem a caminho de Readsburg, onde amigos e admiradores prepararam-me uma recepção. Nesse momento, ficou claro que um dos poucos polegares que restavam a Bill (nem tão prodigioso assim, no fim das contas) estava sangrando. Como era matronal e de certa forma inédita a sombreada divisa entre seus seios pálidos quando ela se debruçou sobre a mão daquele homem! E conduziu-o para reparos na cozinha. Por alguns minutos, três ou quatro breves eternidades decididamente transbordantes de uma calidez forjada, Dick e eu ficamos a sós. Ele, sentado numa cadeira dura, esfregando seus braços e franzindo os olhos. Tive um impulso caprichoso de extrair os cravos das asas de seu nariz suado com minhas compridas garras de ágata. Era dono de belos olhos tristes com lindos cílios, e dentes muito brancos. Seu pomo-de-adão era imenso e peludo. Por que não se barbeiam melhor, esses jovens musculosos? Ele e a sua Dolly haviam-se amado desenfreadamente naquele sofá ali, pelo menos umas cento e oitenta vezes, talvez bem mais; e antes disso — fazia quanto tempo que se conheciam? Sem qualquer ressentimento. Engraçado — sem nenhum ressentimento, nada além de náusea e da dor da perda. Agora ele esfregava o nariz. E tive a certeza de que, quando finalmente abrisse a boca, diria (sacudindo de leve a cabeça): “Ah, ela é uma garota e tanto, sr. Haze. Sem a menor dúvida. E vai dar uma excelente mãe.” Dick abriu a boca — e tomou um gole de cerveja. O que lhe deu a compostura necessária — e continuou tomando seus goles até começar a espumar pela boca. Era um amorzinho. E tomara em suas mãos os seios florentinos dela. Tinha as unhas dos dedos pretas e quebradas, mas as falanges, todo o carpo, o punho forte e bem formado eram muito, muito superiores aos meus: já machuquei demais um excesso de corpos com minhas pobres mãos retorcidas para orgulhar-me delas. Epítetos franceses, nós dos dedos de um camponês de Dorset, as pontas dos dedos chatas como um alfaiate austríaco — eis Humbert Humbert.

Bom. Se ele ficava calado eu também sabia ficar calado. Na verdade, bem que eu precisava de um pouco de descanso naquela cadeira de balanço submissa e morta de medo, antes de seguir para onde fosse o covil daquele monstro — e então arregaçar o prepúcio da pistola e entregar-me ao orgasmo do gatilho esmagado: sempre fui um fiel modesto seguidor do bom

curandeiro vienense. Mas agora estava com pena do pobre Dick, que, por algum efeito hipnotóide, impedi brutalmente de pronunciar a única frase que ele conseguira construir (“Ela é uma garota e tanto...”).

“E então”, disse eu, “vocês vão para o Canadá?”.

Na cozinha, Dolly ria de alguma coisa que Bill dissera ou fizera.

“E então”, gritei, “vocês vão para o Canadá? Não o Canadá” — regritei — “quero dizer o Alasca, é claro”.

Ele ninou calmamente o seu copo e, assentindo com a cabeça sensata, replicou: “Bem, acho que deve ter cortado na tampa da lata. Ele perdeu o braço na Itália.”

Lindas amendoeiras cor de malva em flor. Um braço surrealisticamente arrancado pendendo da malva pontilhista. A tatuagem de uma garota na mão. Dolly reapareceu, Billy remendado com um curativo. Ocorreu-me que sua beleza ambígua, castanha e pálida excitava o aleijado. Dick, com um sorriso de alívio, levantou-se. Achava que era hora de ele e Bill voltarem para o serviço e acabarem logo de dar um jeito naqueles fios. Achava que o sr. Haze e Dolly deviam ter muito o que conversar. E achava que tornaria a me ver antes de eu ir embora. Por que essas pessoas acham tanto e se barbeiam tão pouco, e cultivam tanto desprezo pelos aparelhos de surdez?

“Sente-se”, disse ela, batendo audivelmente em seus próprios quadris com as palmas das mãos. Tornei a desabar na cadeira de balanço.

“Quer dizer que você me traiu? E para onde vocês foram? Onde ele está agora?”

Ela pegou um instantâneo côncavo e brilhante na prateleira acima da lareira. Uma velha vestida de branco, corpulenta e baixa, radiante, de pernas tortas e vestido curto demais; um velho em mangas de camisa, bigode pendente, corrente de relógio. Seus sogros. Que viviam em Juneau com a família do irmão de Dick.

“Tem certeza que não quer fumar?”

Ela própria estava fumando. Primeira vez que eu a via fumar. *Streng verboten* sob o tacho de Humbert o Terrível. Graciosamente, cercada de uma neblina azul, Charlotte Haze ascendeu de sua cova. Eu sempre poderia encontrá-lo através do tio Ivor, se ela não cooperasse.

“Traí você? Não.” Ela apontou o dardo do seu cigarro, freneticamente cutucado pelo indicador, na direção da lareira exatamente como a mãe, e então, precisamente como a mãe, ó Deus, descolou e removeu com a unha

um fragmento de papel do lábio inferior. Não. Ela não me traía. Eu estava entre amigos. Edusa lhe avisara que Q gostava de garotas novas, e quase fora preso por isso uma vez, na verdade (e que bela verdade), e ele sabia que ela sabia. Sim... Cotovelo na palma, baforada, sorriso, emissão de fumaça, gesto dardejante. Contornos reminiscentes. Ele via — sorrindo — através de tudo e todos, porque não era igual a mim ou a ela, mas um gênio. Muito boa-praça. Agradável e engraçado. Rolara de rir quando ela lhe contara o que acontecia entre mim e ela, bem que ele tinha desconfiado. E não havia problema nenhum, naquelas circunstâncias, em contar para ele...

Pois bem, Q... — todo mundo o chamava de Q —

A colônia de férias dela cinco anos antes. Curiosa coincidência — ...levou-a para um rancho a mais ou menos um dia de carro de Elephant (Elphinstone). O nome? Ah, um nome idiota — Duk Duk Ranch — sabe, uma dessas besteiras sem sentido — mas agora não fazia diferença, porque o lugar tinha desaparecido e se desintegrado. O que ela queria contar é que eu não faço ideia de como aquele rancho era luxuoso, tinha de tudo, mas tudo mesmo, até uma cachoeira dentro de casa. Eu me lembrava do sujeito ruivo com quem nós (“nós” era muito bom) jogamos tênis daquela vez? Pois o rancho era do irmão do Ruivo, mas estava emprestado ao Q até o fim do verão. Quando Q e ela chegaram, os outros celebraram uma verdadeira cerimônia da coroação — com mergulho e tudo, como no momento em que o navio cruza a linha do Equador. *Você sabe como é.*

Seus olhos giravam de resignação sintética.

“Continue, por favor.”

Pois bem. O combinado era que ele a levaria em setembro para Hollywood e arranjaria um teste para ela, uma ponta na cena do jogo de tênis de um filme baseado numa peça dele — *Segundo serviço* —, e ela talvez até aparecesse formando uma dupla com uma das sensacionais jovens estrelas na quadra feericamente iluminada. Infelizmente, as coisas nunca chegaram a esse ponto.

“E onde o porco se enfiou?”

Ele não era um porco. Em muitos sentidos era um ótimo sujeito. Mas eram bebida e drogas o tempo todo. E ainda por cima, claro, era completamente aberrante em matéria de sexo, e os amigos dele eram seus escravos. Eu não conseguiria imaginar (eu, Humbert, seria incapaz de

imaginar!) as coisas que eles faziam naquele rancho. Mas ela se recusou a participar porque estava apaixonada por ele, e ele a pôs para fora.

“Que coisas?”

“Ah, coisas bizarras, imundas, delirantes. Quer dizer, ele e mais duas meninas e dois garotos, com mais três ou quatro homens, e a ideia era que aos poucos todo mundo se misturasse sem roupa enquanto uma velha filmava tudo.” (A Justine de Sade tinha doze anos no início.)

“Que coisas, exatamente?”

“Ah, coisas... Ah, eu — na verdade, eu” — e ela emitiu o último “eu” como um gemido estrangulado enquanto rememorava a fonte da dor, e por falta de palavras abriu os cinco dedos de sua mão que se movia angularmente para cima e para baixo. Não. Empacou, e se recusava a entrar naqueles detalhes com o bebê dentro da barriga.

Fazia sentido.

“Agora não tem mais importância”, disse ela, socando uma almofada cinzenta com o punho e depois se recostando, com a barriga empinada, no divã. “Coisas loucas, coisas sujas. Eu disse não, *eu* não vou [e usou, na verdade com total despreocupação, um asqueroso termo chulo americano que, em tradução literal para o francês, seria *souffler*] esses garotos nojentos, porque quero só você. E aí ele me pôs para fora.”

Não restava muito mais a contar. Naquele inverno de 1949, Fay e ela tinham encontrado emprego. Por quase dois anos ela só — bem, só ficara de um lado para outro, trabalhando em restaurantes de cidades pequenas, e então conhecera Dick. Não, não sabia onde o outro estava. Nova York, talvez. Claro, era tão famoso que seria muito fácil encontrá-lo, se quisesse. Fay tentara voltar para o rancho, mas não existia mais — tinha queimado completamente num incêndio, e não sobrara *nada*, só um montículo de lixo calcinado. Era tão *estranho*, tão *estranho* —

Ela fechou os olhos e abriu a boca, apoiando-se de novo na almofada, um dos pés calçados de feltro em contato com o chão. O piso de madeira era um tanto inclinado, e uma bolinha de aço teria rolado para dentro da cozinha. Eu já ouvira tudo que queria saber. Não tinha qualquer intenção de torturar minha querida. Para além do barraco de Bill, um rádio depois do expediente começara a cantar sobre o destino e a dor, e lá estava ela com a beleza arruinada e as estreitas mãos adultas de veias engrossadas, os braços brancos arrepiados, e as orelhas rasas, e as axilas malcuidadas, lá estava ela

(minha Lolita!), definitivamente acabada aos dezessete anos, com aquele bebê que já sonhava dentro dela com um destino de riqueza e a aposentadoria lá por 2020 d.C. — e eu não conseguia parar de olhar para ela, e soube tão claramente como sei agora, que estou prestes a morrer, que a amava mais que tudo que já vi ou imaginei na Terra, ou esperei descobrir em qualquer outro lugar. Ela era só um eco de aroma tênue de violeta e folhas mortas da ninfeta sobre quem eu rolara no passado com tantos gritos; um eco à beira de uma ravina rubra, com um arvoredor esparso sob um céu branco, folhas castanhas entupindo o leito do riacho, e um último grilo perdido em meio à relva ressecada... mas graças a Deus não era só esse eco que eu adorava. O que antes eu acalentava nos cipós emaranhados do meu coração, *mon grand pêché radieux*, minguara de volta à sua essência: o vício estéril e egoísta, tudo *aquilo* eu cancelava e maldizia. Podem rir de mim, podem ameaçar esvaziar o tribunal, mas enquanto não me amordaçarem e garrotearem insistirei em proclamar minha pobre verdade. Faço questão de que o mundo saiba o quanto amei minha Lolita, *aquela* Lolita, pálida e poluída e prenhe de um filho alheio, mas com os olhos ainda cinzentos, os cílios ainda fuliginosos, ainda acaju e amêndoa, ainda Carmencita, ainda minha; *Changeons de vie, ma Carmen, allons vivre quelque part où nous ne serons jamais séparés*; Ohio? As matas de Massachusetts? Não fazia diferença, mesmo que os olhos dela desbotassem transformando-se em peixes míopes, que seus mamilos inchassem e rachassem e seu jovem e delicado delta de veludo se corrompesse e se rasgasse — mesmo assim eu sempre enlouqueceria de ternura à mera visão de seu querido rosto muito branco, ao mero som de sua voz jovem e rouca, minha Lolita.

“Lolita”, disse eu, “pode não fazer nenhum sentido mas preciso lhe dizer. A vida é muito curta. Daqui até o velho carro que você conhece bem devem ser vinte ou vinte e cinco passos. Uma caminhada bem curta. Dê esses vinte e cinco passos. Agora. Agora mesmo. Venha assim mesmo do jeito que está. E vamos viver felizes para sempre”.

Carmen, voulez-vous venir avec moi?

“Está querendo dizer”, disse ela, abrindo os olhos e soerguendo ligeiramente o corpo, a serpente pronta para o bote, “que só vai nos dar [*nos dar*] o dinheiro se eu for com você a um motel. É isso que você quer dizer?”

“Não”, respondi, “você entendeu errado. Quero que você deixe esse seu Dick incidental, e esse buraco horrendo, e venha viver comigo, e morrer

comigo, e tudo comigo” (ou outras coisas com o mesmo sentido).

“Você é louco”, disse ela, os traços do rosto convulsionados.

“Pense bem, Lolita. Não estou pedindo nada em troca. Só, talvez — bem, não importa.” (Um indulto, pensei em dizer, mas não disse.) “De qualquer maneira, mesmo se você recusar eu lhe darei o seu... *trousseau*.”

“Falando sério?”, perguntou Dolly.

Entreguei-lhe um envelope com quatrocentos dólares em dinheiro e um cheque de mais três mil e seiscentos.

Hesitante, incerta, ela pegou *mon petit cadeau*, e em seguida sua testa adquiriu um lindo matiz rosado. “Quer dizer”, perguntou ela, com uma ênfase angustiada, “que você vai nos dar *quatro mil dólares*?” Cobri meu rosto com a mão e prorrompi nas lágrimas mais quentes que jamais verti. Eu as sentia correr entre os meus dedos e pelo meu queixo, queimando, e meu nariz ficou entupido, e não consegui parar, e então ela tocou em meu pulso.

“Se você me tocar eu morro”, disse eu. “Tem certeza de que não vem comigo? Nenhuma esperança de vir? Só me responda isso.”

“Não”, disse ela. “Não, meu amor, não.”

Ela nunca me havia chamado antes de meu amor.

“Não”, disse ela, “está totalmente fora de questão. Nesse caso, eu voltaria antes para o Q. Quer dizer —”.

Parou à procura das palavras. E eu as forneci mentalmente (“*Ele* partiu meu coração. *Você* só devastou a minha vida”).

“Acho”, continuou ela — “oops” — o envelope escorregou para o chão — ela o pegou — “acho totalmente *incrível* da sua parte nos dar todo esse dinheiro. Resolve todos os nossos problemas, assim podemos partir na semana que vem. Pare de chorar, por favor. Você precisa entender. Deixe eu buscar mais uma cerveja para você. Ah, pare de chorar, desculpe por eu ter mentido tanto, mas as coisas são assim mesmo”.

Enxuguei o rosto e os dedos. Ela sorria para o *cadeau*. Estava exultante. Queria chamar Dick. Retruquei dizendo que eu precisava ir embora em seguida, e que não queria vê-lo de novo, nem de longe. Esforçamo-nos para imaginar algum tema de conversa. Por algum motivo, eu não conseguia tirar da cabeça — a imagem estremecia com um brilho de seda em minha úmida retina — uma garota radiosa de doze anos, sentada junto à porta de uma casa, atirando pedrinhas numa lata vazia. E quase disse

— tentando encontrar alguma observação casual — “Às vezes me pergunto o que terá acontecido com a menina dos McCoo; será que melhorou?” —, mas parei a tempo, antes que ela pudesse retrucar: “Às vezes me pergunto o que terá acontecido com a menina dos Haze...” Finalmente, reverti a questões monetárias. Aquela soma, disse eu, representava mais ou menos o aluguel líquido da casa da mãe dela; perguntou-me: “Mas não foi vendida anos atrás?” Não (admito que na verdade dissera a ela que sim, na intenção de cortar toda e qualquer ligação com R.); o advogado iria enviar-lhe em seguida uma detalhada prestação de contas de toda a situação financeira, que era satisfatória; alguns dos modestos papéis que sua mãe comprara tinham subido muito. Sim, estava certo de que precisava ir embora. Precisava ir embora, e encontrá-lo, e destruí-lo.

Como jamais teria conseguido sobreviver ao toque dos lábios dela, recuei o tempo todo, numa dança exagerada, a cada passo que ela e sua barriga davam a meu encontro.

Ela e o cachorro me levaram até a porta. E fiquei surpreso (é uma figura de retórica, na verdade não fiquei) quando a visão do velho carro em que ela viajara menina e ninfeta a deixou tão de todo indiferente. Tudo que ela observou foram os sinais de que ele estava chegando ao fim da vida útil. Lembrei que o carro era dela, eu podia pegar o ônibus. Ela me disse para deixar de ser bobo, que eles dois iam voar para Júpiter e comprar um carro lá mesmo. Respondi então que compraria aquele carro dela por quinhentos dólares.

“A esse ritmo, daqui a pouco estaremos milionários”, disse ela ao cão em êxtase.

Carmencita, lui demandais-je... “Uma última coisa”, disse eu em meu inglês horrivelmente cuidadoso, “tem mesmo certeza total de que — bem, não amanhã, é claro, nem depois de amanhã, mas — bem — um dia, qualquer dia, você não quer vir viver comigo? Crio um Deus novo em folha, a quem agradecerei com uivos lancinantes, caso você me dê a mais microscópica esperança” (ou palavras parecidas).

“Não”, disse ela sorrindo, “não”.

“Para mim faria toda a diferença”, disse Humbert Humbert.

Então puxei a minha automática — quer dizer, esse é o tipo de bobagem que um leitor podia imaginar que eu fiz. Pois a ideia nem me passou pela cabeça.

“Ade-eeus!”, entoou ela, meu doce e imortal finado amor americano; pois ela está morta e é imortal no momento em que leem estas palavras. Quero dizer, este é o acordo formal com as ditas autoridades.

Então, enquanto eu me afastava no carro, ouvi-a gritar com voz vibrante para seu Dick; e o cachorro ainda galopou por um tempo ao lado do carro como um golfinho gordo, mas estava pesado e velho demais, e logo desistiu.

E agora eu dirigia sob a chuva densa do dia moribundo, os limpadores de para-brisa em plena ação mas incapazes de dar conta das minhas lágrimas.

30

Partindo de Coalmont como parti em torno das quatro da tarde (pela Rodovia X — não me lembro do número), poderia ter chegado a Ramsdale ao amanhecer do dia seguinte, não tivesse sido tentado por um atalho. Precisava tomar a Estrada Y. Meu mapa, muito gentilmente, mostrava que logo em seguida a Woodbine, aonde cheguei ao cair da noite, era possível abandonar o asfalto da Rodovia X e alcançar o asfalto da Y por meio de uma transversal de terra. Que só teria uns 65 quilômetros, segundo o meu mapa. De outro modo, seria necessário percorrer a X por mais 150 quilômetros antes de enveredar pelas curvas suaves de Z para chegar a Y e ao meu destino. Entretanto, o atalho em questão foi ficando cada vez pior, mais e mais esburacado, mais e mais enlameado, e quando tentei fazer meia-volta ao cabo de uns dez quilômetros de avanço tortuoso, a passo de tartaruga e quase às cegas, meu velho e enfraquecido Melmoth atolou num trecho de barro fundo. Tudo estava escuro, pegajoso e perdido. Meus faróis persistiam em mostrar uma larga vala cheia de água. A região campestre que me circundava, se posso dizer assim, era um deserto negro. Tentei libertar-me, mas minhas rodas traseiras limitavam-se a gemer de tanta água e angústia. Amaldiçoando minha sorte, tirei minhas roupas elegantes, enfiei um par de calças comuns, vesti o suéter furado de balas e vadeei pela lama por mais de cinco quilômetros até chegar à entrada de uma propriedade. Começara a chover no caminho, mas faltaram-me forças para voltar em busca de uma capa. Incidentes como este me convenceram de que meu

coração é basicamente saudável, a despeito do que dizem diagnósticos recentes. Em torno da meia-noite, um trator livrou meu carro do atoleiro. Naveguei de volta até a Rodovia X e segui viagem. Um cansaço absoluto derrotou-me uma hora mais tarde, numa anônima cidadezinha. Encostei no meio-fio e, no escuro, revigorei-me com fartos goles de um refrescante frasco de bolso.

A chuva fora cancelada quilômetros antes. A noite era quente e escura, em algum ponto da região dos Apalaches. De tempos em tempos um carro passava, as luzes traseiras vermelhas recuando, as luzes brancas avançando, mas a cidade estava morta. Ninguém passeava e ria pelas calçadas como teria sido o lazer costumeiro dos locais na doce, branda e apodrecida Europa. Pude aproveitar sozinho a noite inocente e meus terríveis pensamentos. Um receptáculo de metal na esquina descrevia com extrema minúcia os tipos de conteúdo que se dispunha a aceitar: Folhas. Papel. Detritos Não. Letras luminosas de um vermelho-cereja assinalavam uma loja de fotografia. Um termômetro imenso com o nome de um laxativo residia silencioso na fachada de uma drogaria. A Joalheria Rubinov tinha um letreiro em que diamantes artificiais se refletiam num espelho rubro. Um relógio verde e iluminado flutuava nas profundezas de roupa limpa da Lavanderia Jiffy Jeff. Do outro lado da rua, uma oficina falava no sono — lubricidade genuflecta; e se corrigia, Gulflex Lubrificantes. Um aeroplano, também incrustado de gemas por Rubinov, atravessou, rugindo, os céus de veludo. Quantas cidadezinhas na calada da noite eu não tinha visto! E aquela ainda não seria a minha derradeira.

Deixem-me perder um pouco mais de tempo, ele já estava praticamente destruído. Em algum ponto do outro lado da rua, as luzes de neon pulsavam duas vezes mais devagar que meu coração: a forma que contornava o letreiro de um restaurante, uma cafeteira imensa, transbordava, mais ou menos a cada segundo, de vida cor de esmeralda e, cada vez que se extinguia, era sucedida por letras cor-de-rosa dizendo Servimos Refeições, mas a essa altura a cafeteira ainda podia ser percebida como uma sombra latente que tentava preservar a atenção do olho até sua próxima ressurreição esmeraldina. Capturamos impressões de sombras. Aquele burgo furtivo não ficava longe dos Caçadores Encantados. Eu chorava novamente, intoxicado com o passado impossível.

Nessa solitária pausa para restauração entre Coalmont e Ramsdale (entre a inocente Dolly Schiller e o jovial Tio Ivor), passei meu caso em revista. Com suprema simplicidade e clareza agora eu via a mim mesmo e ao meu amor. Tentativas anteriores pareciam fora de foco em comparação. Poucos anos antes, orientado por um inteligente confessor de língua francesa a quem, num momento de curiosidade metafísica, decidira apresentar meu ateísmo despojado de protestante na esperança de alguma ultrapassada cura papista, eu me esforçara para deduzir a existência de um Ser Supremo a partir da minha noção intuitiva de pecado. Nessas frígidas manhãs da Quebec rendilhada de gelo, o bom sacerdote dedicara-se a trabalhar-me com suas mais profundas ternura e compreensão. Sinto-me infinitamente grato a esse homem e à grande Instituição que ele representava. Entretanto, ai de mim, fui incapaz de transcender o fato simples e humano de que qualquer que fosse o consolo espiritual que eu pudesse encontrar, ou por mais que me acenassem com a promessa de eternidades litofânicas, nada poderia levar minha Lolita a esquecer a perversa luxúria que eu lhe impingira. A menos que consigam provar-me — a este que sou agora, hoje, com meu coração, minha barba e minha putrefação — que a prazo infinito não faz diferença alguma que uma menina-moça americana chamada Dolores Haze tenha sido privada de sua infância por um maníaco, a menos que isso possa ser provado (e, se esta prova for possível, a vida não passa de uma piada), não vejo tratamento algum para o meu padecimento além da melancolia e do paliativo muito parcial da arte articulada. Para citar um antigo poeta:

Entre os mortais, o senso moral é o imposto
Pago para sentirmos do belo o mortal gosto.

Houve o dia da nossa primeira viagem — nosso primeiro círculo do paraíso — em que, a fim de poder entregar-me em paz aos meus delírios, decidi com firmeza ignorar o que não tinha como deixar de perceber, o fato de que era para ela não um namorado, não um galã sedutor, não um companheiro,

nem mesmo exatamente uma pessoa, mas só dois olhos e um palmo e meio de carne entumescida — para só mencionar o mencionável. Houve o dia em que, tendo retirado a promessa funcional que lhe fizera na véspera (a vontade ocasional do seu curioso coraçõzinho — um ringue de patinação com algum piso plástico especial, ou uma sessão vespertina de cinema a que queria ir sozinha), captei por acaso do banheiro, através de uma combinação acidental de espelho enviesado e fresta da porta, uma expressão em seu rosto... uma expressão que não sei descrever exatamente... uma expressão tão perfeita de desamparo que parecia converter-se numa máscara da inanidade quase confortável, só porque era o limite extremo da injustiça e da frustração — e todo limite pressupõe alguma coisa além de si —, daí a iluminação neutra. E quando levamos em conta que aqueles sobrolhos erguidos e aqueles lábios afastados pertenciam a uma criança, podemos avaliar melhor quais profundezas de carnalidade calculada, quanto desespero refletido, me impediram de atirar-me a seus amados pés e dissolver-me em lágrimas humanas, sacrificando meu ciúme ao prazer que Lolita porventura esperasse obter misturando-se a crianças sujas e perigosas num mundo exterior que para ela era real.

E ainda tenho outras memórias menos distintas, que agora se desdobram em monstros desmembrados da dor. Certa vez, numa rua de Beardsley que desembocava no poente, ela virou-se para a pequena Eva Rosen (eu levava as duas ninfetas a um concerto, e caminhava tão próximo atrás das duas que quase roçava nelas com a minha pessoa), ela se virou para Eva e, com ar muito sério e sereno, em resposta a alguma coisa que a outra disse sobre preferir a morte a ter de ouvir Milton Pinski, algum estudante local que ela conhecia, falar sobre música, minha Lolita observou:

“Sabe, o pior da morte é que deixa você completamente só”; e fui tomado de assalto, enquanto meus joelhos de autômato continuavam a mover-se, pela ideia de que simplesmente não sabia de nada sobre o que pensava a minha querida, sendo bastante possível que, por trás dos horrendos clichês juvenis, existisse nela um jardim e um recanto à meia-luz, e o portão de um palácio — regiões adoráveis de luz branda que por acaso eram lúcida e absolutamente interditas a mim, com meus farrapos poluídos e convulsões infelizes; pois muitas vezes reparei que vivendo como vivíamos, ela e eu, num mundo totalmente regido pelo mal, éramos

tomados de um estranho constrangimento sempre que eu tentava falar sobre uma conversa que poderia ter ocorrido entre ela e uma amiga mais velha, ou entre ela e os pais de alguém, ou com um namorado realmente saudável, ou entre mim e Annabel, ou entre Lolita e um sublime, depurado, analisado e divinizado Harold Haze — em torno de alguma ideia abstrata, de um quadro, dos detalhes de Hopkins ou do dilaceramento de Baudelaire, de Deus ou Shakespeare, de qualquer coisa verdadeira. Boa vontade! Ela protegia sua vulnerabilidade com a armadura da impertinência e do tédio sistemáticos, enquanto eu, empregando para os meus comentários desesperadamente distantes um tom de voz artificial que produzia uma aflição extrema até no último dos meus dentes, só despertava na minha ouvinte rasgos de tamanha grosseria que tornavam impossível qualquer sequência na conversa, ó minha pobre, maltratada criança.

Eu te amava. Não passava de um monstro pentápode, mas te amava. Fui desprezível e brutal, e torpe, e tudo o mais, *mais je t'aimais, je t'aimais!* E houve momentos em que eu sabia como te sentias, e a consciência disso era um inferno, minha pequena. Garota Lolita, brava Dolly Schiller.

Lembro-me de certos momentos, vamos defini-los como *icebergs* no paraíso, em que depois de faltar-me dela — depois de esforços fabulosos e insanos que me deixavam exangue e barrado de azul — eu a tomava em meus braços com, finalmente, um gemido gentil de ternura humana (sua pele cintilando à luz de neon que vinha do pátio asfaltado através das frestas nas persianas, seus cílios fuliginosos embaraçados, seus sérios olhos cinzentos mais vazios do que nunca — para todos os efeitos uma pequena paciente ainda confundida pela anestesia depois de uma cirurgia importante) —, e essa ternura se aprofundava em vergonha e desespero, e eu embalava e ninava minha leve e solitária Lolita em meus braços de mármore, e murmurava em seus cálidos cabelos, acariciava a criança aleatoriamente e pedia mudo sua bênção, e no auge dessa ternura humana, desprendida e agônica (em que minha alma praticamente pairava à volta de seu corpo nu, pronta a arrepender-se), inesperadamente, ironicamente, horrivelmente, o desejo tornava a ganhar corpo — e “ah, *não*”, dizia Lolita com um suspiro para os céus, e no momento seguinte a ternura e o azul-celeste — tudo aquilo se despedaçava.

As ideias de meados do século XX a respeito da relação entre pais e filhos foram consideravelmente maculadas pela parolagem acadêmica e a

simbologia padronizada do aparato psicanalítico, mas espero estar-me dirigindo a leitores sem ideias preconcebidas. Certa vez, quando o pai de Avis buzinará na rua em frente para assinalar que papai tinha vindo levar sua pequena para casa, senti-me obrigado a convidá-lo a entrar na sala, e ele sentou-se por um minuto; enquanto conversávamos, Avis, uma criança pesada e afetuosa desprovida de atrativos, aproximou-se dele e acabou por empoleirar-se rechonchuda em seu joelho. Agora, não me lembro se mencionei que Lolita sempre tinha um sorriso perfeitamente encantador para desconhecidos, semicerrando os olhos com meiguice e exibindo um ar penugento, uma disposição radiosa de todos os seus traços que evidentemente nada significava mas era tão linda, tão irresistível que ficava difícil reduzir toda aquela ternura apenas à magia de um único gene que acendesse automaticamente seu rosto como um remanescente atavístico de algum antigo ritual de boas-vindas — o ritual da prostituição por hospitalidade, poderia dizer o leitor mais tosco. Pois lá estava ela de pé enquanto o sr. Byrd girava o chapéu e falava, e — sim, vejam como sou idiota, deixei de fora a característica mais importante do famoso sorriso de Lolita, a saber: enquanto a luminosidade afetuosa e neotárea exibia suas covinhas, nunca se dirigia ao convidado presente, mas pendia na floração de seu próprio vácuo remoto, por assim dizer, ou vagava aleatoriamente, com uma indistinção de míope, de objeto em objeto —, e era isso que acontecia agora: enquanto a gorda Avis se aproximava de lado do seu papai, Lolita pôs-se a irradiar mansamente o seu sorriso na direção de uma faca que tocava com a ponta dos dedos na beira da mesa, na qual ela estava apoiada a muitos quilômetros de mim. De repente, quando Avis se agarrou ao pescoço e à orelha do pai ao mesmo tempo que, com um braço casual, o homem envolveu sua vasta e informe descendente, vi o sorriso de Lolita perder toda a luz e reduzir-se a uma pequena sombra congelada de si mesmo, enquanto a faca escorregava da mesa e acertava-lhe com o cabo de prata uma pancada no calcanhar que a fez prender a respiração, inclinar a cabeça para a frente e então, pulando numa perna só, o rosto enfeado pela careta preparatória que as crianças costumam sustentar até que as lágrimas brotem, bateu em retirada — sendo imediatamente seguida e consolada na cozinha por Avis, que tinha um pai tão bom e corado, um irmãozinho rechonchudo e uma irmãzinha bebê novinha em folha, e um lar, e dois cachorros sorridentes, enquanto Lolita não tinha nada. E lembro uma cena

que faz um *pendant* claro com esta — igualmente num cenário de Beardsley. Lolita, que lia perto da lareira, espreguiçou-se e então perguntou, o cotovelo para cima, com um grunhido: “Mas onde ela está enterrada afinal?” “Quem?” “Ah, você sabe, minha mãe assassinada.” “E você *sabe* onde fica o túmulo dela”, respondi contido, dizendo em seguida o nome do cemitério — na saída de Ramsdale, entre a estrada de ferro e Lakeview Hill. “Além do mais”, acrescentei, “a tragédia de um acidente como esse fica bem vulgarizada pelo epíteto que você escolheu usar. Se quiser realmente obter um triunfo espiritual sobre a ideia da morte —”. “Está bem”, disse Lo saindo lânguida da sala, e por longo tempo fiquei com os olhos lacrimejantes fixos no fogo. Em seguida peguei o livro que ela estava lendo. Era algum lixo desses para jovens. Havia uma garota melancólica, Marion, e sua madrasta que, contra todas as expectativas, era descrita como uma ruiva jovem, alegre e compreensiva que explicava a Marion que sua mãe morta fora na verdade uma heroína, pois decidira dissimular seu grande amor pela filha por estar perto da morte, não querendo que Marion sentisse demais a sua falta. Não corri para o quarto dela clamando nada. Sempre preferi a higiene mental de evitar a interferência. Agora, enquanto me debato e argumento com a minha memória, lembro que, nessa e em ocasiões semelhantes, sempre tinha o hábito e o método de ignorar os estados mentais de Lolita enquanto me dedicava a reconfortar minha própria vileza. Quando minha mãe, num úmido e lívido vestido, sob um denso nevoeiro (assim a imaginava sempre com toda a nitidez), corra arquejante de êxtase, subindo aquele rochedo acima de Moulinet para lá ser atingida por um raio, eu era apenas um bebê, e em retrospecto nunca pude localizar nenhuma ânsia de saudade do tipo aceito em qualquer momento dos meus primeiros anos, por mais selvagemmente que psicoterapeutas me tenham interrogado em meus períodos posteriores de depressão. Mas admito que um homem com meu poder de imaginação não pode alegar desconhecimento das emoções universais. Posso também ter confiado além da conta nas relações anormalmente frias entre Charlotte e sua filha. Mas a finalidade terrível de todo este argumento é a seguinte. Ficou gradualmente claro para minha convencional Lolita, ao longo de nossa coabitação singular e bestial, que mesmo a mais miserável das vidas em família era melhor que aquela paródia de incesto que, a longo prazo, era o melhor que eu podia oferecer àquela criança perdida.

Ramsdale revisitada. Cheguei à cidade pelo lado do lago. O meio-dia ensolarado era todo olhos. Enquanto trafegava em meu carro salpicado de lama, podia distinguir as cintilações adamantinas da água em meio aos pinheiros distantes. Entrei no cemitério e vaguei em meio a monumentos de pedra curtos e compridos. *Bondjour*, Charlotte. Em algumas das sepulturas havia desbotadas, transparentes bandeirinhas americanas desarmadas no ar sem vento à sombra dos pinheiros. Geralmente, Ed, é melhor esperar pela sorte — em referência a G. Edward Grammar, trinta e cinco anos, gerente de um escritório em Nova York, recém-acusado do assassinato de sua mulher de trinta e três, Dorothy. Tendo planejado o crime perfeito, Ed dera uma pancada na cabeça da mulher e a pusera no carro. O caso tinha vindo à luz quando dois policiais do interior, numa ronda, viram passar o Chrysler azul novo da sra. Grammar, um presente que seu marido lhe dera no aniversário de casamento, despencando a uma velocidade louca morro abaixo bem na divisa da sua jurisdição (Deus abençoe nossos bons policiais!). O carro raspou num poste, subiu um barranco coberto de relva, morangos silvestres e cinco-folhas, e capotou. As rodas ainda giravam mansamente ao sol brando quando os policiais retiraram dele o corpo da sra. G. Parecia em princípio um acidente rotineiro. Infelizmente, o corpo maltratado da mulher não se coadunava com os estragos apenas ligeiros sofridos pelo carro. Eu tivera melhor sorte.

Segui caminho. Era curioso tornar a ver a esguia igreja branca e os olmos enormes. Esquecendo que numa rua dos subúrbios da América um pedestre solitário é muito mais conspícuo que um motorista sozinho num carro, deixei o meu na avenida para passar andando disfarçadamente pela frente do número 342 da Lawn Street. Antes da grande carnificina, eu bem merecia um pequeno alívio, um breve espasmo catártico de regurgitação mental. Fechadas estavam as persianas brancas da mansão Sucata, e alguém prendera uma fita de veludo qualquer na placa branca com os dizeres À VENDA que se inclinava para a calçada. Nenhum cão latiu. Nenhum jardineiro telefonou. Nenhuma Srta. Defronte se sentava na varanda com as trepadeiras — na qual, para contrariedade do pedestre solitário, duas jovens de rabo de cavalo e idênticos aventais de bolinhas pararam o que estavam

fazendo para fitá-lo: ela morrera havia muito, sem dúvida, e aquelas duas podiam ser suas sobrinhas gêmeas da Filadélfia.

Deveria entrar em minha antiga casa? Como num conto de Turguêniev, uma torrente de música italiana saía por uma janela aberta — a da sala de estar: que alma romântica estaria tocando piano onde nenhum piano plangente soara antes naquele domingo enfeitado em que o sol banhava as adoradas pernas dela? Percebi de imediato que, postada no gramado que eu já aparara, uma ninfeta bronzeada de cabelos castanhos com nove ou dez anos de idade e vestindo short branco contemplava-me com um fascínio sem disfarce em seus grandes olhos de um negro azulado. Eu lhe disse alguma coisa simpática, sem qualquer má intenção, algum comentário elogioso comum no Velho Mundo, que lindos olhos os seus, mas ela recuou às pressas, a música parou abruptamente e um sujeito moreno de aparência violenta, lustroso de suor, assomou à porta e fitou-me com olhos em fúria. Já estava a ponto de me identificar quando, com uma pontada do tipo de vergonha que sentimos nos sonhos, me lembrei das minhas calças de brim cobertas de lama, do meu suéter imundo e rasgado, do meu queixo por barbear, dos meus olhos injetados de vagabundo. Sem dizer palavra, fiz meia-volta e retornei a penosos passos na direção de onde viera. Uma flor anêmica que lembrava um áster crescia numa fenda na calçada de que me lembrava bem. Silenciosamente ressurrecta, a Srta. Defronte surgiu empurrada em sua cadeira pelas sobrinhas até a varanda, como se tudo fosse um palco e eu o astro do espetáculo. Rezando para que não se dirigisse a mim, apressei-me em voltar para o meu carro. Que ruazinha íngreme. Que avenida profunda. Uma multa vermelha se exibia entre o limpador e o para-brisa; rasguei-a com o máximo cuidado em dois, quatro, oito pedacinhos.

Sentindo que perdia meu tempo, assumi o volante com energia e dirigi-me para o hotel do centro aonde eu chegara com a mala novinha mais de cinco anos antes. Pedi um quarto, marquei dois encontros por telefone, barbeei-me, banhei-me, vesti roupas pretas e desci até o bar para uma bebida. Nada mudara. O bar ainda ostentava a mesma luz tênue e num tom impossível de rubi que na Europa de outrora sempre assinalava redutos duvidosos, mas aqui significava um lugar com muita personalidade num hotel estritamente familiar. Sentei-me à mesma mesa onde nos primeiros dias da minha estada, imediatamente depois de ter-me tornado pensionista de Charlotte, julgara adequado festejar a ocasião compartilhando com ela

meia garrafa de elegante champanhe, o que conquistara inevitavelmente seu pobre e borbulhante coração. Como naquele momento, um garçom de cara de lua arrumava agora com minúcia estelar cinquenta taças de xerez numa bandeja redonda para uma festa de casamento. Dessa vez, unindo Murphy e Fantasia. Faltavam oito para as três. Enquanto atravessava o saguão, precisei contornar um grupo de mulheres que com *mille grâces* despediam-se umas das outras depois de um almoço. Com uma áspera exclamação de reconhecimento, uma delas arremeteu contra mim. Era uma senhora baixa e socada vestindo cinza-pérola, com uma pluma comprida, cinzenta e fina fincada em seu chapuzinho. Era a sra. Chatfield. E atacou-me com um sorriso falso, reluzente de curiosidade malévola. (Teria eu feito com Dolly, talvez, o que Frank Lasalle, um mecânico de cinquenta anos, fizera com Sally Horner, uma menina de onze, em 1948?) Em pouquíssimo tempo eu tinha aquela ávida animação sob controle. Ela achava que eu estaria na Califórnia. Como tinha sido —? Com extremo prazer, informei-lhe que minha enteada acabara de casar-se com um jovem e brilhante engenheiro de minas com um emprego confidencial no noroeste. Ela disse que não aprovava esses casamentos precoces, e que jamais deixaria a sua Phyllis, que tinha agora dezoito anos —

“Ah, sim, claro”, respondi em voz contida. “Eu me lembro bem de Phyllis. Phyllis e a colônia de férias do Campo Q. Sim, claro. Aliás, alguma vez ela lhe contou como Charlie Holmes abusava lá das pequenas hóspedes da mãe dele?”

O sorriso já partido da sra. Chatfield desintegrou-se por completo.

“Tenha vergonha”, exclamou ela, “tenha vergonha, sr. Humbert! O rapaz acaba de ser morto na Coreia”.

Perguntei se ela não concordava que a fórmula “*vient de*”, seguida do infinitivo, exprimia acontecimentos recentes muito mais claramente que, em inglês, o passado acompanhado de “*just*”, como no *just died* que ela *venait de me dire*. Mas eu precisava partir imediatamente, lembrei.

Dois quarteirões apenas me separavam do escritório de Windmuller. Cumprimentou-me com um aperto de mão muito lento, muito envolvente, forte e inquisitivo. Achava que eu estaria na Califórnia. Eu não passara algum tempo morando em Beardsley? Sua filha acabara de entrar para o Beardsley College. E como estava —? Dei-lhe todas as informações

necessárias sobre a sra. Schiller. Tivemos um agradável encontro de negócios. E saí ao sol quente de setembro pobre e satisfeito.

Agora que tudo fora posto em ordem, podia dedicar-me integralmente à principal finalidade de minha visita a Ramsdale. Da maneira metódica como sempre me orgulhei de proceder, eu vinha mantendo o rosto de Clare Quilty oculto nas sombras do meu calabouço, onde só lhe restava aguardar minha chegada na companhia do barbeiro e do sacerdote: “*Réveillez-vous, Laqueue, il est temps de mourir!*” Não tenho tempo para discutir agora a mnemônica da fisionomização — a caminho da casa do tio dele, ando a passos rápidos —, mas posso arrematar aqui às pressas algumas ideias: eu preservara aquele rosto batráquio no álcool da memória enevoada. Após alguns olhares de relance, percebera sua ligeira semelhança com um comerciante de vinhos muito animado e um tanto repulsivo, parente meu na Suíça. Com seus halteres e seu pulôver malcheiroso, além dos braços gordos e peludos, da calva e da criada-concubina com cara de porco, meu primo no fim das contas era um velho patife inofensivo. Inofensivo demais, a bem da verdade, para ser confundido com o meu alvo. No estado de espírito em que eu me encontrava àquela altura, perdera todo o contato com a imagem de Trapp. Ela fora totalmente absorvida pelo rosto de Clare Quilty — da forma como era representado, com precisão artística, por uma fotografia sua de estúdio que se via na mesa de seu tio.

Em Beardsley, nas mãos do encantador dr. Molnar, submettera-me a um tratamento dentário de relativa seriedade, conservando apenas uns poucos dentes frontais superiores e inferiores. Os substitutos dependiam de um sistema de placas com um inconspícuo dispositivo metálico que corria ao longo do alto das minhas gengivas. O arranjo todo era uma obra-prima de conforto, e minhas presas ostentavam uma saúde perfeita. Entretanto, a fim de produzir um disfarce plausível para minha finalidade secreta, expus ao dr. Quilty que, na esperança de aliviar uma certa nevralgia facial, decidira arrancar a totalidade dos meus dentes. Quanto custariam dentaduras duplas? Quanto tempo levaria o processo todo, supondo que marcássemos a primeira consulta para algum momento de novembro? Onde residia agora o seu famoso sobrinho? Seria possível arrancá-los todos numa única e dramática sessão?

Um homenzinho grisalho de avental branco, com os cabelos cortados à moda militar e o longo rosto retilíneo de um político, o dr. Quilty sentou-se

apoiado na quina de sua mesa, com um pé a balançar sonhadora e sedutoramente enquanto alçava voo em gloriosos planos de longo prazo. Primeiro ele me guarneceria de placas provisórias até que as gengivas cicatrizassem. E então me faria uma dentadura permanente. E queria examinar essa minha boca. Usava sapatos de duas cores com furinhos. Não visitava o mandrião desde 1946, mas achava que ele ainda podia ser encontrado na residência de seus ancestrais, na Grimm Road, não muito longe de Parkington. Seu sonho era nobre. Seu pé balançava, tinha o olhar inspirado. O tratamento completo me custaria em torno de seiscentos dólares. E sugeriu que já devia começar a tirar medidas, encomendando desde logo as primeiras placas antes de começar as operações. Minha boca lhe parecia uma caverna esplêndida, cheia de tesouros sem preço, mas neguei-lhe acesso.

“Não”, disse eu. “Pensando melhor, vou fazer o serviço todo com o dr. Molnar. O preço dele é mais alto, mas evidentemente é um dentista muito melhor que o senhor.”

Não sei se algum dos leitores jamais terá a oportunidade de dizer palavras como essas. É uma deliciosa sensação de sonho. O tio de Clare permaneceu sentado à beira da mesa, ainda com seu ar sonhador, mas seu pé interrompeu o movimento com que embalava o berço de uma rósea antecipação. Por outro lado, sua enfermeira, uma jovem desbotada e magra como um esqueleto, com os olhos trágicos das louras malogradas, saiu correndo atrás de mim para poder bater a porta com estrondo no meu rastro.

Enfiar o pente na coronha. Fazer pressão até ouvir ou sentir o encaixe da lingueta do pente. Deliciosamente preciso. Capacidade: oito cartuchos. De metal azulado. Ansiosos pela descarga.

34

Um atendente do posto de gasolina em Parkington explicou-me com grande clareza como chegar à Grimm Road. Querendo me certificar de que Quilty estaria em casa, tentei ligar para ele mas descobri que seu telefone particular fora cortado havia pouco. Teria ele ido embora? Parti na direção da Grimm Road, uns vinte quilômetros ao norte da cidade. Àquela altura a noite eliminara a maior parte da paisagem, e enquanto eu percorria a

rodovia estreita e cheia de curvas, uma série de pilares baixos, fantasmagoricamente brancos, munidos de olhos-de-gato, tomavam de empréstimo a luz dos meus faróis para indicar uma ou outra curva. Era possível distinguir um vale escuro de um lado da estrada e encostas arborizadas do outro, e à minha frente, como flocos de neve desgarrados, mariposas emergiam do negrume para rodear minha aura móvel. Ao vigésimo quilômetro, como previsto, uma curiosa ponte coberta embainhou-me por um momento e, para além dela, uma pedra caída assomou à direita, e um pouco mais à frente, do mesmo lado, saí da estrada e enveredei pelo macadame da Grimm Road. Por alguns minutos tudo era floresta, escura, úmida e densa. Em seguida, Pavor Manor, uma casa de madeira com um torreão, despontou numa clareira circular. Suas janelas brilhavam amarelas e vermelhas; a entrada da casa estava engarrafada com meia dúzia de carros. Parei sob a proteção das árvores e extingui meus faróis a fim de ponderar com calma meu movimento seguinte. Ele estaria cercado por seus asseclas e concubinas. Não consigo evitar descrever o interior daquele castelo festivo e depredado nos termos de “Adolescentes com Problemas”, uma história que lera numa das revistas dela, como vagas “orgias”, adulto sinistro com charuto pênele, drogas, guarda-costas. Pelo menos ele estava em casa. Eu voltaria na manhã letárgica.

Regressei bem devagar até a cidade, no meu carro velho e fiel que continuava serena, quase alegremente, a me prestar serviço. Minha Lolita! Ainda havia um rolinho de cabelo dos que ela usava, três anos depois, nas profundezas do porta-luvas. Ainda havia aquela torrente de pálidas mariposas aspiradas para fora do negrume pelo brilho dos meus faróis. Celeiros apagados ainda se erguiam aqui e ali à beira da estrada. As pessoas ainda iam ao cinema. Enquanto procurava abrigo para a noite, passei por um *drive-in*. Num brilho selênico, genuinamente místico em seu contraste com a noite espessa e sem lua, numa tela gigantesca que formava um ângulo com a estrada em meio a sonolentas plantações, um pequeno fantasma ergueu uma arma, tanto ele quanto seu braço reduzidos a um trêmulo fio de água pelo ângulo oblíquo daquele mundo que se afastava recuando de mim — e no momento seguinte uma aleia de árvores encobriu o resto da gesticulação.

Deixei a *Insomnia Lodge* na manhã seguinte em torno das oito e passei algum tempo em *Parkington*. Visões de fracasso na execução não me saíam da cabeça. Pensando que os cartuchos na automática talvez tivessem perdido a validade ao cabo de uma semana de inatividade, retirei-os e os troquei por uma nova safra. Dei um banho de óleo tão sistemático no *Amigo* que agora não conseguia limpá-lo. Envolvi-o numa atadura de pano, como um braço ferido, e usei outro pano para embrulhar um punhado de balas de reserva.

Uma tempestade me acompanhou por quase todo o caminho de volta até a *Grimm Road*, mas quando cheguei a *Pavor Manor* o sol era novamente visível, ardendo como um homem, e as aves berravam nas árvores ensopadas que emitiam nuvens de vapor. A casa elaborada e decrépita parecia emergir de uma espécie de nevoeiro, o que refletia por assim dizer meu estado interior, pois não pude deixar de perceber, quando meus pés fizeram contato com o solo esponjoso e inseguro, que me excedera em meus estímulos alcoólicos.

Um silêncio irônico e contido foi a resposta quando toquei a campainha. A garagem, contudo, estava ocupada pelo carro dele, àquela altura um conversível preto. Tentei a aldrava. Reninguém. Com um esgar petulante, empurrei a porta da frente — e, lindamente, ela se abriu como num conto medieval. Tendo-a fechado sem ruído atrás de mim, avancei por um saguão de entrada muito espaçoso e feio; espiei numa saleta adjacente; percebi grande quantidade de copos usados que brotavam do tapete; concluí que o dono da casa ainda estaria adormecido no quarto principal.

De maneira que subi lentamente as escadas. Minha mão direita aferrava-se ao *Amigo* agasalhado em meu bolso, minha esquerda apoiava-se no pegajoso corrimão. Dos três quartos que inspecionei, um fora obviamente ocupado naquela noite. Havia uma biblioteca cheia de flores. Havia um aposento quase nu com espelhos amplos e profundos e uma pele de urso polar no piso escorregadio. E havia ainda outros aposentos. E ocorreu-me um pensamento feliz. Se e quando o dono da casa voltasse de seu passeio reconstituente pelos bosques, ou emergisse de algum covil secreto, podia ser de bom alvitre para um atirador pouco firme com muito trabalho pela frente evitar que seu companheiro de folguedo se trancasse

num dos quartos. Consequentemente, passei pelo menos cinco minutos — lucidamente insano, loucamente calmo, um caçador encantado e ébrio — tirando cada chave da respectiva fechadura, e guardando todas no bolso com a mão esquerda livre. A casa, sendo antiga, tinha mais recursos planejados de privacidade que as glamorosas caixas da moda, onde o banheiro, a única peça trancável, precisava ser usado para os fins furtivos do planejamento familiar.

E por falar em banheiros — preparava-me para inspecionar o terceiro quando o dono da casa avultou à sua porta, deixando uma breve cachoeira atrás de si. O canto de uma passagem não me escondia totalmente. Com o rosto cinzento e olheiras inchadas, os cabelos escassos penugentemente despenteados na calva em progresso, mas perfeitamente reconhecível, ele passou por mim envergando um roupão roxo muito parecido com o que eu tinha. Ou bem não reparou em mim ou bem resolveu definir-me como uma simples alucinação familiar e inócua — e, exibindo-me as canelas peludas, continuou andando como um sonâmbulo na direção do andar de baixo. Guardei no bolso minha última chave e fui atrás dele até o saguão de entrada. Ele entreabriu a boca e a porta da frente para espiar através de uma fresta ensolarada, como alguém que julgasse ter ouvido um visitante inseguro tocar e desistir. E então, ainda ignorando o fantasma de capa de chuva que se detivera a meio caminho da escada, o dono da casa seguiu para um acolhedor *boudoir* do lado do saguão oposto à sala de visitas, através da qual — procedendo com toda a calma, sabendo que estava em segurança — eu agora afastei-me dele e, numa cozinha adornada com um bar, desenrolei cuidadosamente o Amigo untado, tomando cuidado para não deixar qualquer mancha de óleo nas superfícies cromadas — acho que usei o produto errado, que era preto e produziu uma sujeira terrível. A meu modo habitualmente meticuloso, transferi o Amigo agora nu para um local limpo, e avancei para o pequeno *boudoir*. Meus passos, como já disse, eram animados — animados demais, talvez, para o sucesso. Mas meu coração batia forte com uma alegria de tigre, e esmaguei um cálice debaixo dos meus pés.

O dono da casa veio ao meu encontro na sala de visitas oriental.

“Mas quem é você?”, perguntou numa voz alta e rouca, as mãos enfiadas nos bolsos do roupão, os olhos fixos num ponto a nordeste da minha cabeça. “Por acaso você é Brewster?”

A essa altura, ficara evidente para todos que estava confuso, e totalmente à minha suposta mercê. Eu podia me divertir um pouco.

“Isso mesmo”, respondi em tom suave. “*Je suis Monsieur Brustère*. Vamos conversar um pouco antes de começarmos.”

Ele pareceu gostar da ideia. Seu bigode indistinto tremia. Tirei a capa de chuva. Estava usando um terno preto, camisa preta, sem gravata. Sentamo-nos em duas poltronas.

“Sabe”, disse ele, coçando ruidosamente seu rosto cinzento áspero e carnudo, exibindo seus dentes miúdos de pérola num sorriso torto, “você não tem *nada* do Jack Brewster. Quer dizer, a semelhança não é muito forte. Alguém me disse que ele tinha um irmão na mesma companhia telefônica”.

Tê-lo encurralado, depois daqueles anos de raiva e remorso... Olhar para os pelos pretos das costas de suas mãos gorduchas... Percorrer com cem olhos sua seda roxa e seu peito hirsuto prefigurando as perfurações, e as manchas, e a música da dor... Saber que aquele embusteiro infra-humano e apenas semidesperto que sodomizara a minha querida — ah, minha querida, era uma felicidade intolerável!

“Não, infelizmente eu não sou nenhum dos dois Brewster.”

Ele inclinou a cabeça, com o ar mais satisfeito do que nunca.

“Tente adivinhar de novo, Polichinelo.”

“Ah”, respondeu Polichinelo, “quer dizer que você não veio me aborrecer por causa daqueles interurbanos?”

“Você costuma ligar para longe às vezes, não é?”

“Como disse?”

Eu disse que tinha achado que ele tinha dito que nunca —

“As pessoas”, disse ele, “as pessoas em geral, não estou acusando você, Brewster, mas você sabe que é um absurdo a maneira como as pessoas invadem esta maldita casa sem nem bater na porta. Usam o *vaterre*, usam a cozinha, usam o telefone. Phil liga para Filadélfia. Pat liga para a Patagônia. Eu me recuso a pagar. O senhor tem um sotaque estranho, capitão”.

“Quilty”, disse eu, “você se lembra de uma garotinha chamada Dolores Haze, Dolly Haze? Dolly chamada Dolores, Colo.?”

“Claro, pode ter sido ela quem fez as ligações, claro. Para qualquer lugar. Paradise, Wash., Hell Canyon. E alguém se incomoda?”

“Eu me incomodo, Quilty. Sabe, eu sou o pai dela.”

“Bobagem”, disse ele. “Não pode ser. Você é algum agente literário estrangeiro. Um francês traduziu a minha *Proud Flesh* como *La fierté de la chair*. Um absurdo.”

“Ela era a minha menina, Quilty.”

No estado em que se encontrava ele nem tinha como chocar-se com nada, mas seus modos tempestuosos não eram propriamente convincentes. Uma espécie de intimação alerta emprestou a seus olhos a centelha de um simulacro de vida. E imediatamente tornou a se apagar.

“Eu pelo meu lado gosto muito de crianças”, disse ele, “e incluo os pais delas entre os meus melhores amigos”.

Ele virou a cabeça para o outro lado, à procura de alguma coisa. Apalpou os bolsos. Tentou levantar-se da sua cadeira.

“Sentado!”, disse eu — aparentemente muito mais alto do que pretendia.

“Não precisa gritar comigo”, queixou-se ele com sua estranha postura feminina. “Eu só queria um cigarro. Estou morrendo de vontade de fumar.”

“Está morrendo, seja como for.”

“Ah, droga”, disse ele. “Você está começando a me deixar aborrecido. O que você quer? O senhor por acaso é francês? Wule-wu-bu-ar? Vamos até o bar preparar um —”

Ele viu a pequena arma preta pousada na minha palma como uma oferenda para ele.

“Ora veja!”, disse ele, arrastando as palavras (imitando agora o cretino do submundo nos filmes), “que linda arma o senhor me trouxe. Quanto o senhor quer por ela?”.

Desferi um tapa em sua mão estendida e ele conseguiu derrubar uma caixa na mesinha baixa que tinha a seu lado, a qual cuspiu um punhado de cigarros.

“Ah, estão aqui”, disse ele alegremente. “O senhor se lembra de Kipling: *une femme est une femme, mais un Caporal est une cigarette?* Agora precisamos de fogo.”

“Quilty”, disse eu. “Você precisa se concentrar. Você vai morrer daqui a poucos momentos. O além, pelo que sabemos, pode ser um estado eterno de dilacerante insanidade. Você já fumou seu último cigarro, ontem. Agora se concentre. Tente entender o que está acontecendo a você.”

Ele desmanchava em pedaços um cigarro Drome, e mastigava os fragmentos.

“Estou disposto a tentar”, disse ele. “Mas o senhor ou é australiano ou um refugiado alemão. Precisa mesmo falar comigo? Esta é a casa de um góí, sabia? Talvez seja melhor o senhor ir embora já. E pare de me exhibir essa arma. Eu tenho uma antiga Stern-Luger na sala de música.”

Apontei o Amigo para seu pé calçado de chinelo e apertei o gatilho. Ouvi um clique. Ele olhou para o próprio pé, para a pistola, novamente para o seu pé. Fiz outro esforço medonho e, com um som ridiculamente fraco e pueril, a arma disparou. A bala penetrou no espesso tapete cor-de-rosa e tive a paralisante impressão de que se limitara a mergulhar lentamente entre as fibras, das quais podia reemergir a qualquer momento.

“Está vendo o que eu quero dizer?”, disse Quilty. “O senhor devia ser um pouco mais cuidadoso. Me dê essa coisa aqui, pelo amor de Deus.”

E esticou-se para pegar a arma. Empurrei-o de volta para a sua cadeira. Minha extrema alegria se dissipava. Estava mais que na hora de destruí-lo, mas antes ele precisava entender por que estava sendo destruído. O estado dele me contagiava, a arma me parecia flácida e desajeitada em minha mão.

“Concentre-se”, disse eu, “na lembrança de Dolly Haze, menina que você sequestrou —”.

“Sequestrei coisa nenhuma!”, gritou ele. “O senhor está longe da verdade. Eu só fiz salvar a menina de um monstro pervertido. Mostre aqui o distintivo, em vez de ficar atirando no meu pé, seu gorila. Onde está o seu distintivo? Não sou responsável por estupros alheios. Que absurdo! Admito que aquela viagem foi um truque sujo, mas depois ela voltou para você, não foi? Vamos tomar alguma coisa.”

Perguntei como ele preferia a execução, sentado ou de pé.

“Ah, preciso pensar um pouco”, disse ele. “Não é uma pergunta fácil de responder. A propósito — eu errei. Do que me arrependo sinceramente. O fato é que não me divertia com Dolly. Sou praticamente impotente, para contar a triste verdade. E proporcionei a ela férias esplêndidas. Ela conheceu pessoas notáveis. O senhor sabe por acaso quem é —”

E com um salto tremendo atirou-se em cima de mim, o que fez a pistola voar para baixo de uma cômoda. Felizmente ele tinha mais ímpeto do que força, e não me foi muito difícil empurrá-lo de volta para sua cadeira.

Ele bufou e cruzou os braços sobre o peito.

“Agora o senhor passou da conta”, disse ele. “*Vous voilà dans de beaux draps, mon vieux.*”

Seu francês estava cada vez melhor.

Olhei em volta. Talvez, se — Talvez eu pudesse — De gatinhas? Me arriscar?

“*Alors, que fait-on?*”, perguntou ele, observando-me atentamente.

Debrucei-me. Ele não se mexeu. Inclinei-me mais para a frente.

“Meu caro senhor”, disse ele, “deixe de leviandade com a vida e a morte. Sou um dramaturgo. Escrevi tragédias, comédias, fantasias. Fiz filmes amadores baseados em *Justine* e outras obras eróticas do século XVIII. Sou autor de cinquenta e dois roteiros de sucesso. Conheço todos os truques. Deixe-me cuidar deste caso. Deveria haver um atiçador de lareira em algum lugar, por que não vou pegar para alcançarmos o seu objeto?”.

Atarefado, nervoso, artiloso, tornara a levantar-se enquanto falava. Eu tateava debaixo da cômoda, tentando ao mesmo tempo não perdê-lo de vista. De repente, percebi que ele percebera que eu parecia não ter percebido o Amigo projetando-se debaixo do outro lado da cômoda. Caímos novamente em luta. Rolamos pelo chão, nos braços um do outro, como dois meninos desamparados e crescidos demais. Ele estava nu e caprino por baixo do roupão, e senti-me sufocar quando rolou para cima de mim. Rolei para cima dele. Rolamos para cima de mim. Rolaram para cima dele. Rolamos para cima de nós.

Em sua forma publicada, este livro está sendo lido, imagino, nos primeiros anos da década de 2000 d.C. (1935 mais oitenta ou noventa, uma vida longa, meu amor); e os leitores mais idosos certamente se recordarão, a essa altura, da sequência obrigatória em todo faroeste da sua infância. Nossa briga, contudo, carecia daqueles socos capazes de derrubar um boi, das mesas e cadeiras cruzando os ares. Ele e eu éramos dois bonecos enormes, recheados de trapos e algodão sujo. Era uma briga silenciosa, macia e informe da parte de dois *litterati*, um dos quais completamente desorganizado por uma droga e o outro incapacitado por deficiências cardíacas e o excesso de gim. Quando finalmente me apossei da minha preciosa arma, e o roteirista reinstalou-se em sua poltrona baixa, ofegávamos os dois como o vaqueiro e o pastor de ovelhas jamais ofegam depois das suas batalhas.

Decidi inspecionar a pistola — nosso suor podia ter estragado alguma coisa — e recuperar o fôlego antes de dar início ao principal evento do programa. A fim de preencher a pausa, propus que ele lesse sua própria sentença — na forma poética que eu lhe dera. O termo “justiça poética” pode ser usado com toda a propriedade nesse caso. Entreguei-lhe um papel limpamente datilografado.

“Isso”, disse ele, “excelente ideia. Deixe-me ir pegar meus óculos de leitura” (e tentou levantar-se).

“Não.”

“Como você quiser. É para eu ler em voz alta?”

“É.”

“Então vou começar. Estou vendo que são versos.”

Porque você tirou vantagem de um pecador
porque você tirou vantagem
porque você tirou
porque você tirou vantagem da minha desvantagem...

“Muito bom, sabia? Muito bom mesmo.”

...quando eu me encontrava nu como Adão
perante uma lei federal e suas estrelas pontiagudas

“Ah, excelente!”

...Porque você tirou proveito de um pecado
quando eu, indefeso, úmido na muda, e vulnerável
esperava pelo melhor
sonhando um matrimônio num estado das montanhas
até com uma ninhada de Lolitas...

“Essa parte eu não entendi.”

Porque você tirou vantagem de minha essencial
inocência interior
porque me roubou —

“Um pouco repetitivo, não é? Onde é que eu estava?”

Porque me roubou minha redenção
porque roubou a

ela numa idade em que os meninos
mesmo brincando erguem as suas torres

“Começando a falar sujo, hein?”

uma pequena penugenta ainda usando guirlandas
ainda comendo pipoca ao brilho colorido
onde índios de pele castanha matavam agricultores pagos
porque você a roubou
de seu protetor de rosto de cera e porte digno
cuspiendo em seu olho de pálpebras pesadas
rasgando sua toga flava e ao amanhecer
deixando o porco rolar em seu novo desconforto
o horror do amor e de violetas
desespero e remorso enquanto você
fazia em pedaços uma bela boneca
e jogava fora sua cabeça
por causa de tudo que fez
por causa de tudo que não fez
você precisa morrer

“Meu amigo, sem dúvida o seu poema é bom. O melhor que o senhor já escreveu, na minha opinião.”

Dobrou o papel e devolveu-o a mim.

Perguntei-lhe se tinha alguma coisa séria a declarar antes de morrer. A automática estava novamente pronta para o uso em sua pessoa. Olhou para ela e emitiu um suspiro fundo.

“Escute aqui, camarada”, disse ele. “Você bebeu e eu estou passando mal. Vamos adiar essa história toda. Preciso de sossego. Preciso tratar da minha impotência. Estou esperando uns amigos agora de tarde; vão me levar a um jogo. Essa farsa com a pistola em punho está ficando desagradável. Somos homens do mundo, em tudo — sexo, versos brancos, tiro ao alvo. Se você tem contas a acertar comigo, estou pronto a lhe dar a mais completa satisfação. Mesmo um *rencontre* à moda antiga, com espada ou pistola, no Rio ou onde for — não está excluído. Minha memória e minha eloquência não estão hoje no seu melhor, mas francamente, meu caro sr. Humbert, o senhor não era exatamente um padrasto ideal, e eu não forcei sua pequena *protégée* a vir comigo. Foi ela quem me pediu que a transferisse para um lar mais feliz. Esta casa não é tão moderna quanto o rancho que dividimos com alguns amigos próximos. Mas é espaçosa, fresca no verão e no inverno, e numa palavra confortável, e assim, como pretendo

aposentar-me para sempre na Inglaterra ou em Florença, posso sugerir que você se mude para cá. A casa é sua, a título gratuito. À condição de que o senhor pare de me apontar esta arma [e aqui disse um repelente palavrão]. Aliás, não sei se o senhor tem um gosto pelo bizarro, mas se tiver, posso lhe oferecer também, igualmente grátis, como mascote doméstica, uma pequena aberração muito excitante, uma jovem menina com três seios, um deles portentoso, uma rara e deliciosa maravilha da natureza. Ora, *soyons raisonnables*. O senhor só conseguirá ferir-me da maneira mais pavorosa, e depois irá apodrecer na cadeia enquanto me recupero em algum cenário tropical. Eu lhe garanto, Brewster, aqui você será feliz, com a adegas magnífica e a íntegra dos direitos autorais da minha próxima peça — agora não tenho muito no banco, mas sempre posso contrair um empréstimo —, sabe, como dizia o Bardo, com aquele nariz congestionado, emprestar, emprestar, emprestar. Mas existem outras vantagens. Temos uma faxineira muito confiável e extremamente subornável, a sra. Vibrissa — nome curioso —, que vem do povoado duas vezes por semana, infelizmente hoje não, e ela tem filhas, netas, e uma ou duas coisinhas que sei sobre o chefe de polícia transformaram-no em meu escravo. Sou dramaturgo. Já fui chamado de o Maeterlinck americano. Maeterlinck que se dane, é o que eu lhe digo. Ora, francamente! Tudo isso é muito humilhante, e não sei bem se estou fazendo a coisa certa. Nunca misture herculanita com rum. Agora solte essa pistola, como um bom sujeito. Conheci superficialmente sua querida esposa. O senhor pode usar o meu guarda-roupa. Ah, mais uma coisa — o senhor vai gostar disso. Tenho uma coleção absolutamente única de obras eróticas. Só para mencionar um dos itens: a edição de luxo in-fólio de *Bagration Island*, da exploradora e psicanalista Melanie Weiss, uma senhora notável, uma obra notável — solte esta arma — com as fotografias de oitocentos e tantos órgãos masculinos que ela examinou e mediu em 1932 em Bagration, no Mar de Barda, imagens muito esclarecedoras, captadas com amor sob céus agradáveis — solte esta arma —, e além disso posso conseguir para você entrada para assistir a execuções, nem todo mundo sabe que a cadeira elétrica é amarela —”

Feu. E dessa vez acertei em alguma coisa dura. Alvejei o encosto de uma cadeira de balanço preta, não muito diferente da de Dolly Schiller — minha bala atingiu a parte de dentro de seu encosto, o que a fez começar a balançar na mesma hora, tão depressa e com tamanha energia que qualquer

recém-chegado àquela sala ficaria embasbacado com o duplo prodígio: a cadeira balançando em pânico por conta própria, e a poltrona onde meu alvo roxo antes se encontrava agora vazia de ocupante humano. Remexendo os dedos no ar, com um rápido tranco da anca, saiu correndo a toda na direção da sala de música e, no segundo seguinte, forcejávamos e arquejávamos dos dois lados da porta cuja chave eu deixara de recolher. Venci mais uma vez, e com um novo movimento abrupto Clare, o Imprevisível, sentou-se diante do piano e executou vários acordes atrocemente vigorosos, fundamentalmente histéricos e plangentes, com as faces trêmulas, as mãos abertas mergulhando tensas, as narinas emitindo os bufos de trilha sonora até então ausentes do nosso entrevero. Ainda entoando essas sonoridades impossíveis, fez uma tentativa baldada de abrir com o pé uma espécie de baú de marinheiro próximo ao piano. Minha bala seguinte atingiu-o em algum ponto do flanco, e ele se ergueu do banco cada vez mais alto, como um Nijinski velho, grisalho e louco, como o gêiser Old Faithful, como algum antigo pesadelo meu, culminando a uma altitude fenomenal, ou pelo menos assim me pareceu, enquanto cortava o ar — ainda trêmulo da música sombria e sonora —, a cabeça atirada para trás num uivo, a mão apertando a testa, e a outra mão pressionando a axila como se tivesse sido mordido por um maribondo, pousando finalmente de pé e, novamente homem normal de roupão, saindo em disparada para o saguão da casa.

Eu me vejo a persegui-lo através do saguão com uma espécie de duplo, triplo, salto de canguru, muito ereto nas pernas esticadas enquanto dava dois saltos em seu encaixe, e então com mais um pulo postando-me entre ele e a porta da frente, um salto rígido que lembrava um balé com a finalidade de cortar seu caminho, pois a porta não estava bem fechada.

Subitamente dignificado e um tanto soturno, ele encetou a escalada lenta dos largos degraus e, mudando minha posição mas sem segui-lo escada acima, disparei três ou quatro vezes em rápida sucessão, atingindo o alvo a cada descarga; e cada vez que eu o alvejava, que eu o alvejava desse modo horrível, seu rosto se retorcia absurdamente como o de um palhaço, como se exagerasse a sua dor; reduzia a velocidade, rolava os olhos semicerrados e produzia um “ah!” feminino, estremecia a cada bala que o atingia como se eu lhe fizesse cócegas, e toda vez que eu o atingia com essas minhas balas lentas, desajeitadas e cegas ele dizia baixinho, com um

sotaque britânico mal imitado — o tempo todo se retorcendo, tremendo e se encolhendo horrivelmente, mas no geral usando um tom curiosamente distante e até amigável: “Ah, essa doeu, cavalheiro, já chega! Ah, meu senhor, a dor é francamente atroz. Devo pedir-lhe que desista. Ah — muito doloroso, verdadeiramente muito doloroso... Deus! Hah! Que coisa abominável, o senhor realmente não —” Sua voz foi-se apagando quando ele chegou ao andar de cima, mas continuou em frente apesar de todo o chumbo que eu já alojara em seu corpo inchado — e tomado pelo desconcerto, pelo desânimo, entendi que, longe de matá-lo, vinha injetando doses de energia no pobre homem, como se minhas balas fossem cápsulas em que dançasse um poderoso elixir.

Recarreguei a coisa com as mãos pretas e ensanguentadas — encostara em alguma coisa que ele besuntara com seu sangue espesso. E em seguida fui ao seu encontro no andar de cima, as chaves chacoalhando em meus bolsos como dobrões de ouro.

Ele zanzava de quarto em quarto, sangrando majestosamente, tentando encontrar uma janela aberta, sacudindo a cabeça e ainda tentando convencer-me a não matá-lo. Fiz pontaria em sua cabeça e ele se retirou para o quarto principal com uma explosão de púrpura real no lugar onde antes ficava sua orelha.

“Vá embora, vá embora daqui”, disse ele tossindo e cuspidando; e num pesadelo de incerteza, vi aquela pessoa ensopada de sangue mas ainda enfática entrar na cama e enrolar-se no caos de suas cobertas. Eu o alvejei de muito perto através das roupas de cama, e então ele se estendeu de costas e uma imensa bolha cor-de-rosa com conotações juvenis formou-se em seus lábios, cresceu até o tamanho de uma bolinha de brinquedo e se desfez.

Posso ter perdido o contato com a realidade por um ou dois segundos — ah, nada do tipo do eu-simplesmente-perdi-a-noção-das-coisas que os criminosos comuns costumam simular; ao contrário, quero enfatizar que fui plenamente responsável por cada gota derramada do seu sangue borbulhante; mas sucedeu em mim uma espécie de deslocamento momentâneo, como se aquela fosse a cama conjugal e fosse Charlotte doente na cama. Quilty era um homem muito doente. Levantei na mão um dos seus chinelos no lugar da pistola — eu me sentara em cima da pistola. E então me acomodei com um pouco mais de conforto na poltrona ao lado da cama, e consultei meu relógio de pulso. Perdera sua tampa de cristal, mas

ainda funcionava. Toda aquela triste confrontação durara mais de uma hora. Finalmente ele ficara imóvel. Longe de sentir qualquer alívio, um fardo mais pesado ainda que aquele de que antes esperava livrar-me recaiu em mim, sobre mim, por cima de mim. Não fui capaz de tocá-lo para verificar se estava mesmo morto. Era o que parecia: um quarto do seu rosto tinha desaparecido, e duas moscas estavam fora de si diante daquela sorte incrível. Minhas mãos não se mostravam propriamente em condição melhor que as dele. Lavei-me o melhor que pude no banheiro adjacente. Agora podia ir embora. Quando emergi no patamar do térreo, fiquei pasmo de descobrir que o zumbido insistente que eu vinha ignorando e atribuindo a algum tinido em meus ouvidos era na realidade a combinação de vozes e música de rádio na sala de visitas do térreo.

E lá encontrei um grupo de pessoas que parecia ter acabado de chegar mas já sorvia alegremente as bebidas de Quilty. Havia um gordo numa poltrona; e duas beldades jovens, pálidas e de cabelos negros, sem dúvida irmãs, uma alta e a outra menor (quase uma criança), recatadamente sentadas lado a lado num divã. Um rapaz de rosto rubro e olhos azul-safira estava em pleno ato de pegar dois copos na cozinha que lembrava um bar, na qual duas ou três outras mulheres tagarelavam e tiravam gelo das bandejas. Parei na porta e disse: “Acabei de matar Clare Quilty.” “Parabéns”, disse o rapaz rubicundo enquanto oferecia uma das bebidas à mais velha das irmãs. “É uma providência que alguém já devia ter tomado há muito tempo”, comentou o gordo. “O que ele disse, Tony?”, perguntou uma loura desbotada do bar. “Está dizendo”, respondeu o rapaz enrubescido, “que matou Q”. “Bem”, disse outro homem não identificado levantando-se num canto onde se acorara para inspecionar os discos, “acho que todos nós devíamos fazer a mesma coisa um dia desses”. “De qualquer maneira”, disse Tony, “espero que ele desça logo. Não podemos ficar esperando muito mais se quisermos chegar ao jogo a tempo”. “Alguém pegue uma bebida para esse senhor”, disse a pessoa gorda. “Quer uma cerveja?”, perguntou uma mulher de calças compridas, exibindo-a de longe para mim.

Só as duas meninas do divã, ambas vestidas de preto, a mais nova mexendo em algum objeto brilhante que trazia preso ao pescoço branco, só elas não disseram coisa alguma, continuando apenas a sorrir, tão jovens, tão lúbricas. A música fez uma pausa e ouviu-se um rumor súbito na escada.

Tony e eu fomos até o saguão. Quilty, imaginem só, tinha conseguido arrastar-se até o alto da escada, e pudemos vê-lo lá em cima, agitando os braços e entregue a convulsões, e depois desabando, dessa vez para sempre, num amontado de panos roxos.

“Vamos logo, Q”, disse Tony com uma risada. “Acho que ele ainda está —” Voltou para a sala de visitas e a música afogou o resto da sua frase.

Este, disse a mim mesmo, era o fim da engenhosa peça que Quilty encenara para mim. Com o coração pesado, deixei a casa e atravessei o brilho variegado do sol até meu carro. Dois outros carros tinham sido estacionados junto aos seus flancos, e tive alguma dificuldade em me espremer para fora de lá.

36

O resto é um pouco repetitivo e descolorido. Lentamente dirigi morro abaixo, e em seguida me vi avançando ao mesmo ritmo preguiçoso numa direção oposta a Parkington. Eu deixara minha capa de chuva no *boudoir*, e o Amigo no banheiro. Não, não me agradaria nem um pouco morar naquela casa. Perguntei-me por puro ócio se algum cirurgião de gênio não poderia dar uma guinada em sua carreira, e talvez em todo o destino da humanidade, revivendo o liquidado Quilty em retalhos, o obscuro Clare. Não que para mim fizesse alguma diferença; só queria esquecer toda aquela imundície — e quando finalmente soube com segurança que ele estava morto, a única satisfação que tirei disso foi o alívio de saber que não precisaria acompanhar mentalmente por muitos meses uma convalescença dolorosa e repulsiva, entrecortada por todo tipo de cirurgias imencionáveis e penosas recaídas, e talvez até uma visita dele, em que eu teria problemas para racionalizar que não se tratava de um fantasma. Sem dúvida são Tomé tinha razão. É estranho que o sentido do tato, tão infinitamente menos precioso para os homens que a visão, em momentos críticos se transforme em nosso principal, se não único, canal de comunicação com a realidade. Eu estava coberto de Quilty — trazia a sensação de quando rolamos pelo chão antes que ele começasse a sangrar.

A estrada agora se estendia reta em meio a um campo aberto, e ocorreu-me — não à guisa de protesto, não como símbolo ou nada parecido,

mas meramente como uma experiência inédita — que, como eu transgredira todas as leis da humanidade, podia transgredir também as leis do trânsito. De maneira que tomei a pista da esquerda para ver qual era a sensação, e a sensação foi boa. Era um agradável fervilhamento no diafragma, com elementos de tutilidade difusa, tudo realçado pela ideia de que nada podia chegar mais perto de eliminar as leis fundamentais da física do que dirigir propositalmente pela contramão. De certo modo, respondia a um anseio muito espiritual. Suavemente, sonhadamente, nunca excedendo trinta quilômetros por hora, continuei a dirigir naquele extravagante lado do espelho. O tráfego era leve. Os carros que de vez em quando me ultrapassavam, usando a pista que eu lhes abandonara, buzonavam brutalmente para mim. Os carros que vinham na minha direção oscilavam um pouco, desviavam-se e berravam de medo. Em seguida constatei que me aproximava de localidades povoadas. Ignorar o sinal vermelho era como um gole do Borgonha proibido quando era menino. Enquanto isso, complicações se manifestavam. Eu vinha sendo seguido e escoltado. Depois, à minha frente, vi dois carros colocarem-se de lado, bloqueando meu caminho por completo. Com um movimento gracioso, deixei o leito da estrada e, após dois ou três grandes saltos, subi uma rampa relvada em meio a vacas perplexas, e no alto parei com um suave movimento de balanço. Uma espécie de refletida síntese hegeliana ligando duas mulheres mortas.

Logo eu seria retirado do carro (Olá, Melmoth, muito obrigado, meu velho) — e estava, na verdade, ansioso por render-me a muitas mãos, sem fazer nada para cooperar, enquanto eles se moviam e me carregavam, relaxado, confortável, numa entrega preguiçosa de paciente, extraindo um prazer bizarro da minha falta de energia e do apoio absolutamente confiável que me proporcionavam os policiais e o pessoal da ambulância. E enquanto eu esperava que eles chegassem em sua corrida até onde eu me encontrava no alto da encosta, evoquei uma derradeira miragem de espanto e desamparo. Um dia, logo depois que ela desapareceu, um ataque de náusea abominável forçara-me a estacionar no acostamento do fantasma que restara de uma antiga estrada da montanha, que ora acompanhava, ora atravessava, uma rodovia nova em folha, com sua população de ásteres banhando-se ao calor indiferente de uma tarde azul-clara de fim de verão. Depois de me virar do avesso à força de tanto tossir, descansei um pouco encostado numa pedra, e em seguida, achando que o ar fresco podia fazer-me bem, caminhei

um pouco até um parapeito baixo de pedra do lado em que a estrada dava para o precipício. Grilos miúdos saltavam em meio às ervas ressecadas da beira da estrada. Uma nuvem muito clara abria seus braços e se deslocava na direção de outra um pouco mais substancial, pertencente a um sistema mais lento, mais carregado. Ao aproximar-me do receptivo abismo, adquiri consciência de uma unidade melodiosa de sons que se erguia como um vapor de uma pequena localidade de mineiros que se estendia aos meus pés, num dos braços do vale. Era possível distinguir a geometria de suas ruas entre os blocos de telhados vermelhos e cinzentos, os pequenos borrões verdes das árvores, um ribeirão serpentino, e o brilho intenso, sugerindo minério, do depósito de lixo da cidade e, para além da cidade, estradas cortando a colcha de retalhos de campos claros e escuros e, para mais além de tudo aquilo, imensas montanhas cobertas de árvores. Entretanto, ainda mais nítida que essas cores que se rejubilavam em silêncio — pois há cores e sombras que parecem ter prazer na boa companhia —, mais nítida e ainda mais sonhadora ao ouvido do que elas ao olho, era a vibração vaporosa dos sons somados que não cessava um momento sequer enquanto se elevava até a plataforma de granito onde eu me postara, limpando a minha boca vil. E logo percebi que todos esses sons eram da mesma natureza, que som algum além deles subia das ruas da cidade transparente, onde as mulheres estavam em casa e os homens não. Leitor! O que eu ouvia era apenas a melodia de crianças brincando, nada mais, e tão límpido era o ar que em meio ao vapor daquelas vozes combinadas, majestosas e mínimas, remotas e magicamente próximas, reveladoras e divinamente enigmáticas — podia-se ouvir de tempos em tempos, como que desprendido, um jorro quase articulado de riso animado, ou a pancada de um bastão na bola, ou o estrépito contido de um carrinho de brinquedo, mas na verdade tudo estava longe demais para que o olho conseguisse distinguir qualquer movimento nas ruas riscadas de leve no solo. Fiquei ouvindo aquela vibração musical da minha encosta distante, esses relances de exclamações isoladas com uma espécie de murmúrio contido a lhes servir de fundo, e então percebi que a coisa desesperadamente dolorosa não era Lolita ausente do meu lado, mas a voz dela ausente de toda aquela harmonia.

Esta, portanto, é a minha história. Acabei de relê-la. Tem fragmentos de medula agarrados aqui e ali, um pouco de sangue e lindas moscas de um verde reluzente. Nesse ou naquele ponto da narração senti que eu próprio

escorregava e me perdia de mim, mergulhando em águas mais profundas e escuras do que pretendia sondar. Camuflei o que pude para não causar dano a ninguém. E experimentei muitos pseudônimos para mim mesmo antes de chegar a uma escolha especialmente feliz. Em minhas anotações há “Otto Otto”, “Mesmer Mesmer” e “Lambert Lambert”, mas por algum motivo acho que minha escolha exprime melhor minha malevolência.

Quando comecei, cinquenta e seis dias atrás, a escrever *Lolita*, primeiro na ala de observação de psicopatas e depois nessa reclusão bem aquecida embora um tanto tumular, achava que iria usar a íntegra destas anotações no meu julgamento, para salvar não a minha cabeça, é claro, mas a minha alma. Com a composição em pleno andamento, porém, compreendi que não devia exibir a presença viva de Lolita. Pode ser que ainda use partes destas memórias em sessões secretas, mas sua publicação precisará ser adiada.

Por motivos que podem parecer mais óbvios do que na verdade são, oponho-me à pena capital; atitude que haverá de ser, tenho certeza, compartilhada pelo juiz encarregado de definir minha sentença. Comparecesse eu perante mim mesmo, condenaria Humbert a pelo menos trinta e cinco anos por estupro, negando provimento às demais acusações. Ainda assim, o mais provável é que Dolly Schiller sobreviva a mim por muitos anos. E a decisão que se segue, tomo com todo o impacto legal e o apoio de um testamento assinado: desejo que estas memórias só sejam publicadas depois que Lolita não estiver mais viva.

Assim, nenhum de nós dois está vivo no momento em que o leitor abre este livro. Mas enquanto o sangue ainda pulsa na minha mão que escreve, você ainda é tão parte da abençoada matéria quanto eu, e ainda posso dirigir-me a você entre aqui e o Alasca. Seja fiel ao seu Dick. Não deixe que outros homens toquem em você. Não fale com desconhecidos. Espero que você venha a amar o seu bebê. Espero que seja um menino. Esse seu marido, espero, sempre haverá de tratá-la bem, porque de outro modo meu espectro virá à sua procura, na forma de uma fumaça negra ou de um gigante demente, e haverá de dilacerá-lo nervo por nervo. E não sinta piedade de C. Q. Era preciso escolher entre ele e H. H., e eu queria que H. H. continuasse a existir pelo menos por mais alguns meses, de modo a permitir-lhe fazê-la viver nas mentes de futuras gerações. Estou pensando em auroques e anjos, no segredo dos pigmentos duráveis, nos sonetos

proféticos, no refúgio da arte. E essa é a única imortalidade que você e eu podemos compartilhar, minha Lolita.